GÁLI

PUBLICAÇOM INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

números 77|78 1º Semestre 2004

nº. 77|78 1º 2004

director:

Carlos Quiroga

conselho de redacçom:

Carlos Garrido Rodrigues, Carmen Villarino Pardo, Isaac Alonso Estraviz, Isabel Morám Cabanas, J. Henrique Peres Rodrigues, Joám Manuel Araújo, José António Souto Cabo, José Luís Rodríguez, José-Martinho Montero Santalha, Mário Herreo Valeiro, Oscar Diaz Fouces, Paulo Valério.

conselho científico:

(Galiza) **Alberto Garcia Vessada, Aurora Marco, Carlos Campoy, Cláudio Lôpez Garrido, Felisindo Rodríguez, Higino Martínez Estêvez, Joám Trilho Pêrez, José Agrelo Ermo, José Posada, Luís Gonçales Blasco, Manuela Rivera Cascudo, Marcial Gondar Portasany, Maria das Dores Rei Teixeiro, Ramom Nogueira Calvo, Ramom Reimunde Norenha, Xavier Vilhar Trilho /** *(Brasil)* **Gilda da Conceição Santos, Júlio Barreto Rocha, Leodegário A. de Azevedo Filho, Márcio Ricardo Coelho Muniz, Raúl Antelo, Reynaldo Valinho, Yara Frateschi Vieira /** *(Moçambique)* **Fátima Mendonça /** *(Portugal)* **Albano Martins, Álvaro Iriarte Sanromám, Amadeu Torres, Benjamim Moreira, Carlos Assunção, Inocência Mata, José Luís Pires Laranjeira, Mário Gomes dos Santos, Óscar Lopes /** *(Estados Unidos)* **Onésimo Teotónio de Almeida.**

N O T A D A R E D A C Ç O M

1. *AGÁLIA* reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.
2. A revista nom se responsabiliza da devoluçom de originais.
3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.
4. Os trabalhos publicados aparecerám na normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego*), ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais supom a aceitaçom desta norma.
5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a revista com os respectivos pontos de vista.
6. Os trabalhos publicam-se na ordem alfabética do primeiro nome da autora ou autor.

Assinatura anual da Revista

30 € *Estado Espanhol*
34 € *Europa*
37 € *resto do mundo*

Arranjo Gráfico: Carlos Quiroga
Imprime: *LITONOR* artes gráficas
Santiago de Compostela
litonor@corevia.com

Dep. Legal: C-250-1985
ISSN: 1130-3557

R E C E P Ç O M D E O R I G I N A I S E A S S I N A T U R A S

Apartado dos Correios 453 - 32080 OURENSE (Galiza)

Fax: 986 438 856

agalia@agal-gz.org ♦ fgtinta@usc.es

www.agal-gz.org

S U M Á R I O

MEMENTO ***José Augusto Seabra***

9 **A pegada de Parménides no rio de Heraclito**
Luís G. Soto

27 **Carta da Galiza**
José Augusto Seabra

29 **Sampaio Bruno e a Galiza**
Anjo Gonçález Vicente

ESTUDOS

35 **Sistemas eleitorais e paridade homens-mulheres nos parlamentos**
Aurora Marco

57 **O nome de lugar *Restrepo*, na freguesia de Parámios da Veiga de Riba d'Eu**
Crisanto Veiguela Martins

73 **A proximidade tipológica entre o (galego-)português e o espanhol e o seu relevo para a prática e para o ensino da tradução**
J. Henrique P. Rodrigues

87 **A Bahia e a Galiza unidas por um mesmo poeta**
Maria Auxiliadora de J. Ferreira

105 ***Desafio Venturoso*, de António Barbosa Bacelar: aspectos da estrutura e da significação**
José André Porto

125 **A visom masculina da mulher em António Barbosa Bacelar**
Susana Sánchez Arines

135 **Os gêneros líricos no cancioneiro das cantigas de amigo**
Paulo Roberto Sodré

165 **Aves e pássaros a voarem nos céus hispânicos e lusitânicos**
Salvador Mourelo

175 **Um ambivalente amor: análise da canção "O quereres" de Caetano Veloso**
Wilberth Claython F. Salgueiro

POESIA ITALIANA

189 Adriana Sartor
190 Marina Stroili
191 Ludovica Cantarutti
192 Gianni Cadorin

CRÓNICA

195 **Irlanda: mudando a modo**
António Allegue Leira

ENTREVISTA

205 **José David Santos Araújo**
por Xavier Vasques Freire

NOTAS

223 **A língua portuguesa e a UE alargada**
J. Chrys Chrystello

225 **A "gorjeta" de Freixeiro Mato**
Luís Gonçales Blasco

271 **Documentos medievais galegos (2)**
José-Martinho Montero Santalha

231 **Reintegracionistas com ortografia espanhola ou como querem vender-nos gato por lebre**
Maurício Castro

239 RECENSONS
Carlos Quiroga
Joel R. Gômez
Salvador Mourelo

257 PERCURSO
Comissom Lingüística da AGAL / O sítio na rede da AGAL / Falares sem cancelas em Rádio Alhariz / Jornadas da Língua em Vilar de Santos / casar em galego / na nossa língua o livro mais vendido em 2003 / dicionário de dicionários / Galician People speak Portuguese / aparece Gentalha do Pichel / Agir polo galego / teatro de Joel Gomes / Luviám em galego / Fórum da Língua/ proposto o Instituto Castelao / A norma RAG instala-se / Morreu Luísa Villalta / X ediçom Ponte... nas ondas! / campanha associativa agálica / ao Parlamento castelhano-leonês / Mesa pede galego aos eurodeputados / Portugal Indymedia / retrocesso do galego na Galiza: substituiçom linguística em andamento / manifestaçom unidade da língua / Reintegracionismo Letras 2004/ Raquel Bello, prémio Carvalho 2004

271 ESTANTE RECENTE
Livros e Revistas, por Carlos Quiroga

FOTOGRAFIAS de **Gianni Cadorin**
(Capas e páginas 7, 56, 72, 187, 193, 194, 203, 204, 220-221, 230, 236-237, 255, 256)

MEMENTO

José Augusto Seabra

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 009 - 026 / ISSN 1130-3557

A pegada de Parménides no rio de Heraclito[1]

Luís G. Soto

(Universidade Santiago de Compostela)

29 de maio de 2004

Hoje despertei cedo, as luzes do amanhecer chegavam ao meu quarto. Vejo-as como hai quase vinte anos, quando passava as noites a redigir a minha tese de doutoramento sobre Roland Barthes. Daquela, a trabalhar, gostava da chegada do amanhecer, como agora, em plena primavera. Mas, hoje o que me despertou, o que nom me deixava dormir, nom foi o trabalho, senom a morte de José Augusto Seabra, a quem conhecera, hai dezoito anos, precisamente com ocasiom das minhas pesquisas sobre Barthes.

O rio da vida

Com umha obra reputada em Portugal, e com dimensom internacional, Seabra era umha figura plurifacetada: escritor, político, intelectual, professor, investigador. Simplificando as cousas poderia dizer-se que era um home de pensamento (um professor e investigador literário) e de acçom (um político profissional, um moralista cívico). Mas, isso seria nom fazer justiça à sua complexa personalidade, ao modo como ele projectava a sua pessoa nessas actividades diversas, mesmo divergentes, que desenvolvia. Concebia-as e realizava-as muito autonomamente, ainda que nom deixassem de existir vasos comunicantes, necessariamente, ao ser um e o mesmo sujeito, José Augusto Seabra, quem as concebia e as realizava. Ora, esse sujeito cultivava o pluralismo e a disseminaçom. Ademais, segundo pode apreciar-se nas suas publicaçons, reduzia a sua biografia a uns poucos dados biográficos. No entanto, a sua peripécia pessoal é digna dum personagem de romance.

Oriundo de Penafiel, de família ligada ao ensino, nasceu, por causa do trabalho familiar, em Vilarouco, umha aldeia do Alto

(1) Seabra, J.A., "Três glosas de Eduardo Pondal", *Anto nº 2*, Amarante, 1997, pp. 87-89.

Douro, em 1937. Viveu a sua infância em Quintã (em Peroselo, nas proximidades de Penafiel), mas o liceu (em concreto, os chamados "segundo" e "terceiro" ciclos) já o cursou no Porto, cidade à qual, entre exílio e exílio, ficaria ligado de por vida. Depois, começou os estudos de Direito em Coimbra, que, devido a motivos políticos, haveria de concluir em Lisboa. Polas suas actividades de oposiçom ao Estado Novo, foi detido em 1954 e, julgado em 1956, condenado a dez meses de prisom e à perda de direitos políticos por cinco anos. Cumpriu a condena em 1957 e, a seguir, prosseguiu os seus estudos em Lisboa, finalizando a carreira em 1961. Dada a sua situaçom, viu-se na necessidade de exilar-se, partindo esse mesmo ano para Paris, onde acabaria por se estabelecer. Mas, antes, polas suas actividades políticas oposicionistas, viajou por vários países, entre eles, nomeadamente, a URSS e Argélia. De regresso à França, instalou-se em Paris. Ali, continuou os seus estudos, doutorando-se em Letras, com umha tese sobre Fernando Pessoa dirigida por Barthes, lida em 1971. Também ali exerceu o ensino: no momento do seu retorno a Portugal, com o 25 de abril de 1974, estava a trabalhar como professor de Português na universidade de Nanterre (Paris X).

Estabelecido no Porto, participou activamente na vida política democrática nacional, como deputado na Assembleia da República e, finalmente, como ministro, à frente da pasta de Educaçom (1983-1985). Digo "finalmente", nom porque aí concluísse a sua carreira ou actividade política, senom porque, desde a saída do ministério, desenvolveu a sua acçom no âmbito da política internacional, realizando as funçons de embaixador na Unesco, em Nova Deli, Bucareste e Buenos Aires. O seu campo de acçom, dito sumariamente, foi a educaçom e a cultura. Como ministro, tentou relançar o "ensino científico-técnico" (aproximadamente, a nossa "formaçom profissional") e introduziu no sistema educativo a "educaçom cívica" (equivalente, mais ou menos, à nossa "ética") e o Galego na universidade portuguesa. Também como embaixador, o seu labor estivo vinculado à educaçom e, mais amplamente, à cultura. Chefiou as embaixadas na Unesco, entre 1986 e 1993, e em Nova Deli, a seguir e por pouco tempo. Em profunda discrepância com o governo português, nom só se demitiu deste cargo senom que, voluntariamente, se afastou da carreira diplomática, à qual retornou mais tarde, com ares políticos favoráveis, para se encarregar das embaixadas de Portugal na Romênia e a Argentina. Estivo,

pois, em Bucareste, de 1997 a 1999 (ou inícios de 2000), e, a seguir, em Buenos Aires. Neste último destino, reformou-se em 2002, achando-se a partir de entom numha espécie de "reserva activa". Na sua vida política, militou em diversas associaçons, movimentos e partidos, professando como actor destacado na política institucional da democracia portuguesa umha ideologia ou, melhor dito, um ideário de orientaçom social-democrata (ou socialista democrática), muito amplamente entendida. Antes, durante o Estado Novo, fora um destacado oposicionista, membro e animador de numerosos movimentos da resistência democrática.

Também com o seu regresso a Portugal, após o 25 de abril, ingressou na faculdade de Letras da universidade do Porto, onde leccionou nos anos setenta e oitenta, sucessivamente como professor auxiliar, professor extraordinário e catedrático de Literatura. Ainda que, devido às ocupaçons políticas, em 1983 passasse à excedência da sua cátedra do Porto, sempre ficou ligado ao mundo universitário. E nom só, pois a meados dos anos noventa, entre 1993 e 1997, afastado (e afastando-se ele voluntariamente) da carreira diplomática, voltou a trabalhar como docente e investigador em diversas universidades francesas, entre elas a Sorbonne Nouvelle (Paris IV) e Nanterre (Paris X). As suas liçons versavam sobre as letras portuguesas. Sempre foi assíduo participante em colóquios e congressos, assim como organizador ou impulsor de muitos deles, sobre temas da sua especialidade e interesses. Estivo, pois, em permanente contacto com o mundo universitário, em especial em Portugal, França e Brasil. Estes tres países constituírom o espaço privilegiado do espalhamento da sua produçom científica. Nela, Pessoa detém um lugar destacado. Na universidade de Santiago de Compostela, foi professor visitante em Novembro de 2003, mas já a visitara como conferencista havia mais de vinte anos, com Ricardo Carvalho Calero. Desta vez, o seu hóspede foi José Luís Rodríguez. Na nossa universidade, impartiu um curso sobre "Fernando Pessoa, do modernismo ao classicismo", no quadro dos estudos de doutoramento da faculdade de Filologia.

Constante na sua vida é a dedicaçom à escrita: poesia, ensaio, jornalismo. Cultivou estes tres géneros com dilatada intensidade. A sua vocaçom literaria despontara muito cedo, publicando já na adolescência. Como poeta, o seu primeiro livro é *A Vida Toda*, publicado no Porto, em 1961. A esse título seguírom mais dumha

quinzena, até à apariçom de *Sete Tangos Mentais*, em Amarante, em 2002. Fôrom saindo um pouco por onde passou (e/ou quijo ficar): Lisboa, Ponta Delgada, Málaga, Coimbra, Macau, Porto Alegre, Bucareste, Brasília. Além disso, os seus ensaios repartem-se, quanto à ediçom, por Brasil, Portugal e França, o espaço privilegiado da sua difusom e divulgaçom. Os seus trabalhos constituem umha referência nos estudos pessoanos.Por outra parte, a sua actividade jornalística decorreu, que eu saiba, abrumadoramente na imprensa portuguesa, com destaque para a portuense. Nos últimos tempos, começara a escrever a sua autobiografia: a princípios de maio, ele próprio apresentou no Porto o primeiro volume, sob o título *De Exílio em Exílio. I- Resistências e Errâncias (1953-1963)*. Com a sua morte, a finais desse mesmo mês, ficou interrompido o projecto. Mas, polo que sabemos, redigira já (quando menos, numha primeira versom) mais dous volumes.

Dezembro de 1985, Junho de 2004

Pessoalmente, conhecim-no em Dezembro de 1985, quando viajei ao Porto para entrevistar-me com ele, na sua casa de Vila Nova de Gaia, com a ideia de lhe propor que formasse parte do júri que avaliaria a minha tese, "Una lectura de Barthes". A ideia era um tanto ousada, porque o professor Seabra, que até havia uns meses fora ministro e havia pouco saíra eleito deputado, tinha abundantes cousas em que pensar e que fazer como para se ocupar da minha tese. Mas, confirmando as minhas esperanças, ele aceitou vir, ficando sujeita a data da leitura, claro está, às suas disponibilidades. A razom da sua vinda nom foi, obviamente, o meu trabalho, que lhe entreguei naquele momento e ele folheou, nem tampouco a longa conversa que mantivemos durante umhas quantas –bastantes– horas. Foi algo mais simples e mais profundo: que na minha tese e a sua defesa confluíam "dous amores da sua vida: o Barthes e a Galiza". Ambos unidos à experiência do exílio, que o professor Seabra conhecera, desde 1961, até o 25 de abril de 1974.

Barthes dirigira, em Paris, a sua tese de doutoramento "Analyse structurale des hétéronymes de Fernando Pessoa: du poèmodrame au poètodrame". E na Galiza, nom podendo entrar em Portugal, era onde se reunia com familiares e amigos. Como consequência dessas estadas, possuía abundantes livros galegos, que ademais

lia, tendo dentre os nossos clássicos particular estima por Pondal, que até mesmo glossou poeticamente[2]. Nessas glossas, ao nosso entender, brilha a finura da sua leitura e, como nom, o seu talento poético. Essas duas referências, Barthes e Galiza, balizárom a nossa relaçom, que daquela se iniciou, e foi umha amizade frutífera ao longo de todos estes anos.

As mais das vezes, encontrámo-nos no Porto, muitas delas na sua casa de Vila Nova de Gaia, quase sempre a horas intempestivas. Era entom quando, no trafego das suas ocupaçons políticas, dispunha de tempo para falarmos com vagar. Algumha vez, no meio desse trafego, tem feito um oco para me receber e tratar de empresas comuns. Empreendimentos que, na verdade, eram conjuntos pola sua generosidade: porque ele me somara a algum seu ou porque algum meu ele o figera seu. Assi aconteceu com o meu livro *Outramente Barthes* (Nova Renascença, Porto, 1988), editado com prefácio seu e sob os seus auspícios. E, pouco depois, em 1990, incorporei-me, como "correspondente", à equipa da revista *Nova Renascença*. Com ele, coordenei, encarregando-me dos contributos espanhóis, o número da revista consagrado a Barthes, publicado em 1994[3].

Nessa época, e até 1997 em que estivo afastado do *cursus honorum*, houvo ocasiom para mais frecuentes e variadas coincidências. Sobretodo, no Porto: em actos culturais (no Centro Unesco, na livraria Lello, no Ateneu,...) ou por actividades ligadas ao funcionamento da revista (também no Ateneu, na Fundação Eng. António de Almeida). Mas nom só, pois também compartilhamos a apresentaçom do número sobre Barthes: em Paris, em Dezembro de 1994, e em Lisboa, em Fevreiro de 1995. Esse mesmo ano, passei o mês de Março em Paris, trabalhando sob a sua direcçom, sobre Pessoa, na Sorbonne Nouvelle (Paris IV). E, em Abril, coincidimos um fim de semana em Bayonne, no ciclo "Rendez-vous avec Roland Barthes". E, esse ano, ainda nos encontrámos em Madrid, pois ele interveu num seminário sobre "Filosofia e Literatura", no Instituto de Filosofia do C.S.I.C., no que eu participava desde 1993. Depois, até a sua visita a Santiago em 2003, os encontros sucedérom-se no Porto.

(2) Seabra, J.A., "Três glosas de Eduardo Pondal", *Anto nº 2*, Amarante, 1997, pp. 87-89.
(3) *Nova Renascença 54/55*, "O regresso de Barthes / Le retour de Barthes", Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1994.

Que Seabra estivesse afastado da política institucional nom significava, nem muito menos, que estivesse inactivo ou que, quando menos, tivesse modificado os seus ritmos e hábitos de trabalho. Com algo mais de vagar, certamente, continuava fiel ao estilo de vida que, desde o início da nossa relaçom, eu lhe conhecera: actos fora de horas (e nos mais variados lugares), mudanças imprevistas e imprevisíveis, urgências e atrasos inesperados, etc. A título de exemplo, lembro umha conferência sua, no Ateneu do Porto, celebrada além da meia-noite. No Ateneu, encontrámo-nos bastantes vezes, durante o seu ostracismo político e também após a sua reincorporaçom, em 1997, à carreira diplomática. Dessa época é o projecto da *Nova Renascença* sobre Galiza, que apareceria em 2001[4]. Outra vez estivem, com ele, na apresentaçom do número, no seio dum congresso na Universidade Católica, no quadro das celebraçons do Porto 2001.

Provavelmente, depois dessa ocasiom em Setembro de 2001 e antes da sua estadia em Santiago, encontrámo-nos mais algumha vez no Porto. Mas, nessa altura, em que estava como embaixador em Buenos Aires, como antes quando o era em Bucareste, os nossos encontros (coincidentes com as suas visitas a Portugal) fórom mais espaçados. Mantivemos, como sempre, contacto telefónico e epistolar (este, por fax, meio do que ele gostava –tinha o seu particular, na sua casa de Paris e nos seus destinos– e no qual se mantivo, a pesar da minha insistência em que mudasse ao correio electrónico, do qual, obviamente, dispunha nas embaixadas). A diferença horária repercutiu nas comunicaçons: provocou que os seus telefonemas pudessem produzir-se a horas nada habituais, algumha vez no meio da noite, ou que as suas mensagens chegassem às vezes a destempo.

Vimo-nos com frecuência na sua estada em Santiago, em Novembro de 2003, e até mesmo estivo um fim de semana na Corunha. Esta visita a Galiza foi para ele muito gratificante e produtiva. Desfrutou com o seu trabalho (o curso e as conferências que impartiu), com os contactos e amizades e, além disso, pudo perceber em vivo e em directo a realidade galega. A este respeito, creio que captou melhor, afundando nas suas impressons anteriores, o que Galiza tinha de frustraçom e possibilidade. Cousa que

(4) *Nova Renascença 72/73*, "Homenagem à Galiza", Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 2001.

ele mesmo apontou na apresentaçom, em Santiago, da *Nova Renascença* sobre Galiza. Barthes também estivo presente nas nossas conversas e projectos. Um pormenor que o alegrara fora achar, nos arquivos de Barthes, com ocasiom da exposiçom "R/B. Roland Barthes" (celebrada no Centro Pompidou, do 27 de novembro de 2002 ao 10 de março de 2003), o texto que este escrevera em defesa da sua tese de doutoramento.

A nossa comunicaçom habitual epistolar, telefónica, por meio de amigos comuns, foi bruscamente interrompida pola sua súbita doença e falecimento em fins de Maio. Ele continuava a residir em Paris, mas mudara recentemente de vivenda (como comentara que ia fazer na sua visita à Corunha). Esta circunstância motivou que as exéquias fossem no Porto umha semana mais tarde. Fum até ali; nom queria deixar de saudar a Norma, a sua esposa, a quem conhecia também desde Dezembro de 1985, e os amigos comuns, como Alfredo Ribeiro dos Santos e os demais da *Nova Renascença*. "Génio e figura": o velório foi passada a meia-noite, quando chegou de Paris, e o enterro (que previamente se anunciara que seria em Penafiel, logo em Vila Nova de Gaia e, finalmente, no Porto) foi ao dia seguinte no Porto, mas a última hora num cemitério diferente. Nom pudem fazer-me com o livro que ele vinha de lançar a inícios de Maio, pois entom, nos primeiros dias de Junho, estava já esgotado.

Seabra, Barthes, Pessoa

Se eu tivesse que caracterizar a Seabra, faria-o, de entrada, com as palavras com que ele me tem caracterizado a Barthes: generosidade e honestidade. Seabra ficara impressionado, em ambos os sentidos, polo seu mestre: com a sua generosidade, ao acolhê-lo –ele, já umha grande figura intelectual– a ele, que nom era ninguém (ou menos que ninguém: um exilado-emigrante português); e com a sua honestidade, pois Barthes, entom já com umha obra de projecçom internacional, em nengum momento pretendia passar polo que nom era, aparentando ou dissimulando o que nom sabia. Ao meu ver, Seabra reunia estes dous traços em demasia: com o seu trabalho, nele, era extraordinariamente generoso e absolutamente honesto.

Por todas as partes por onde passou (e mesmo por muitas onde nom passou) deixou provas da sua imensa disponibilidade. Na

nossa relaçom, já desde o começo, e noutras com outros amigos seus que também conhecim, hai enormes mostras dessa generosidade. Mas, creio que talvez o que melhor pode ilustrá-la é a seguinte anedota. Hai pouco, em Fevreiro de 2004, fum até Lalim, para visitar Emílio Araúxo, professor meu de estética na carreira de Filosofia, a quem nom via praticamente desde entom. Ali, Emílio Araúxo dirige e edita a revista *Amastra-n-gallar*, publicaçom nom venal que ele próprio espalha. Pois bem, no número que a revista lhe dedicou a Pessoa, aparece um artigo de Seabra. Simplesmente, Araúxo escreveu-lhe e propujo-lhe colaborar, já que era um reputado especialista sobre Pessoa. E Seabra colaborou[5].

Outro tanto, no mesmo sentido, caberia salientar a respeito da sua honestidade intelectual, bem expressa nos seus trabalhos sobre Barthes e Pessoa. Hai que ler, por exemplo, estes últimos, os seus estudos pessoanos, e ver que longe estám do encapsulamento teórico e o encastelamento intelectual: na sua leitura do poeta, nas suas leituras ao longo dos anos, ele, alheio ao solipsismo teórico e a soberba intelectual, vai incorporando críticas, introduzindo matizaçons, reconhecendo contributos... enfim, como ele próprio diria, tecendo um texto com outras vozes, com muitas vozes[6]. Com maior proximidade e pormenor, podo dizer isso mesmo dos seus trabalhos sobre Barthes, onde nom poupávamos as nossas confluências e divergências.

Seabra assumia plena e orgulhosamente a sua condiçom de trabalhador intelectual e, em consonância, gostava de ser chamado "professor", ainda que muita gente, em geral, dirigia-se a ele e tratava-o como "Sr. Embaixador". Fora ambas as duas cousas: primeiro, já no exílio francês, antes do 25 de abril, professor de liceu e de universidade, da qual em adiante, dumha ou doutra maneira, nom se desvincularia nunca; depois, também em Paris, embaixador perante a Unesco, entre 1986 e 1993, e, mais tarde, em Bucareste e Buenos Aires.

Pola minha parte, sempre lhe chamei "Professor Seabra", "Sr. Professor", e, em mais dum sentido, para mim foi-no verdadeiramente, mesmo efectivamente, ainda que na época em que o conhecim, dedicado como estava à política, já nom exercia como docen-

(5) Seabra, J.A., "Fernando Pessoa politicamente incorrecto", *Amastra-n-gallar nº 3*, Lalín, 2002, pp. 55-58.
(6) Um bom exemplo é a revisom, entre as ediçons brasileira (1974) e portuguesa (1988), de *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, com o intermédio d'*O Heterotexto Pessoano* (1985). E o mesmo vale dizer para as suas publicaçons posteriores.

te. Encontrava-se, entom, em excedência. Ao seu regresso a Portugal com o 25 de abril, incorporara-se como professor de Literatura à universidade do Porto. Ali, daquela, dera –dava– aulas multitudinárias. Como professor dispunha dum verbo torrencial (junto com umha notável resistência física), mas era muito claro nas suas explicaçons, qualidades que conservou na sua dilatada vida docente, como pudérom comprovar os seus alunos de doutoramento na universidade de Santiago de Compostela, no passado novembro, neste mesmo curso 2003-2004.

Ora, a sua docência, naqueles anos, só me chegou a través da sua obra. Por primeira vez assistim a umha das suas aulas em Dezembro de 1994, na Sorbonne Nouvelle (Paris IV), e ali fum aluno seu, em Março de 1995, que passei o mês a realizar, sob a sua direcçom, umha investigaçom sobre "Filosofia e poesia em Fernando Pessoa". Para mim, pois, foi, sobretodo, um professor investigador, um director de investigaçom. Nom me refiro só a essa experiência concreta na Sorbonne Nouvelle, em Março de 1995, senom também, e a maior abundamento, ao seu magistério escrito (a começar, com os seus trabalhos sobre Barthes). Mas, este seu magistério tivo para mim umha outra dimensom: aprender a escrever (é óbvio que do resultado, no que tem de limitado, só eu som responsável). Rematada a minha tese, mentres a redigia, enfrentei-me ao facto de que nom sabia escrever e com a necessidade de aprender a fazê-lo. Em adiante, segundo compreendim, nom ia dispor para escrever (e veria-me nessa necessidade) do tempo de que dispugera para redigir a tese. Tivem a sorte de dar, naqueles anos, com mestres impagáveis: entre eles, Ricardo Carvalho Calero e o próprio Seabra. Em consequência, procurei aprender, nom só do fundo, senom também da forma dos seus escritos. Incluo nisto, nom só os seus ensaios, senom, mas as suas intervençons e artigos jornalísticos.

A atençom às formas (à escrita, o modo de escrever) nom me afastou do interesse polo fundo (o escrito, os conteúdos): seguim pois cuidadosamente o seu ensino, essencialmente as suas pesquisas sobre Barthes e Pessoa, cuja qualidade está fora de dúvida, mas que, em qualquer caso, nom me corresponde a mim avaliar. Ademais, nom estaria em condiçons de o fazer, excepto no tocante a Barthes; cousa que já figem[7] e, felizmente, temos falado ambos

(7) Em especial, no meu artigo "Leituras de Barthes IV. A miragem da escrita, o resplendor do texto" (*Agora 14-1*, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago, 1995, pp. 19-35)

repetidas vezes. De todas as maneiras, nom é precisa nengumha competência para coligir umha reconhecida evidência, para lembrar um simples facto: que a obra de Seabra constitui umha referência iniludível nos estudos pessoanos a escala universal. Ele contribuiu, significativamente, a engrandecer a magna obra do poeta: primeiro, como investigador, prolongando com as suas análises e interpretaçons, com as suas propostas exegéticas e hermenêuticas, a letra e o espírito do texto pessoano; mas também, como editor e, ainda, como divulgador da obra de Pessoa.

Renascença Portuguesa

Ora, Seabra nom teria sido um "homem universal" se nom tivesse, à par, cultivado "a arte de ser português", por dizê-lo com palavras de Teixeira de Pascoaes. O seu retorno a Portugal, à queda da ditadura, brindou-lhe a ocasiom para renascer português: para apostar por um renascimento pessoal, comprometendo-se na procura dum renascimento colectivo. E colocou esta empresa sob o signo e na esteira da "Renascença Portuguesa", o movimento cultural surgido no Porto a inícios do século XX.

Por isso, capítulo à parte na sua trajectória merece a revista *Nova Renascença*, que aliás, com mais de setenta números publicados, vem sendo umha síntese (ou umha mostra concentrada) de todo o seu trabalho. Com efeito, nas suas páginas, achamos a Seabra em praticamente todas as suas manifestaçons, quer dizer, naquelas facetas que ele cultivou: poeta, estudioso, tradutor, polemista, divulgador, político,... O próprio projecto da revista, pensado em continuidade com o labor da "Renascença Portuguesa", é muito representativo do ideário e o quefazer de Seabra: o activismo cívico-cultural ao serviço dumha causa, a "modernizaçom", entendida, ao modo de Pascoaes, como umha sábia combinaçom de *traditio* e *revolutio*. Sob esta divisa, e com essa vocaçom, reuniu um acervo impressionante de colaboraçons de todos os cantos do mundo, projectando, ao longo de mais de vinte anos, a cultura universal na portuguesa e a cultura portuguesa na universal. Em 2001, saiu o último número publicado, precisamente sobre a Galiza, e desde entom Seabra pensava em iniciar umha "segunda série" da revista, publicando talvez antes o que deveria ser o derradeiro número da primeira série, consagrado ao Porto. Ele fundara-a colegiada-

mente em 1980 e, desde entom, sempre a dirigiu, também colegiadamente, mas com a impregnaçom libérrima do seu selo pessoal.

Ora, na minha opiniom, esse é nele um carácter essencial: em mais dum sentido, Seabra era um espírito livre, que se deixava atar por muitas poucas cousas. Exercia essa liberdade, manifestamente, nas suas colaboraçons na imprensa: por suposto, quando versava sobre cultura, mas também quando tratava de política. Defendia a independência da cultura com respeito à política e, sem deter-se a explicitar nem a justificar essa premissa, actuava em consequência. Ora, o seu labor jornalístico nom se circunscrevia ao âmbito cultural: boa parte incidia sobre assuntos políticos, mormente encarados desde umha perspectiva cívica, antes que estritamente política. Também nestes pontos mantinha o seu critério, mas gardando as formas em caso de discrepância com as linhas oficiais, quando a elas estava institucionalmente vinculado: quer dizer, procurando que o seu posicionamento estivesse em coerência ou, polo menos, em equilíbrio com a sua própria posiçom política institucional (designadamente, como embaixador). Porém, quando estivo afastado da política oficial (da qual, na verdade, ele próprio se afastara), escrevia os seus artigos exercendo a crítica como cidadao responsável, indo contra a corrente e tencionando mudar o seu rumo.

Ao meu ver, esses som os traços gerais das suas intervençons jornalísticas, condizentes com o espírito e o projecto renascente. Devo advertir, porém, que essa sumária caracterizaçom é feita desde a lembrança: é só no recordo que conservo um leve pouso dos seus artigos, lidos sempre de passagem nos meus deslocamentos e estadias em Portugal. O que caía nas minhas maos em hoteis, bares, restaurantes. Como, principalmente, me movim polo Norte, pudem sobretodo seguir as suas colaboraçons na imprensa portuense (que também foi na que mais escreveu): desde os tempos da sua presença nas páginas culturais d'*O Comércio do Porto*, a finais dos oitenta, até estes últimos anos nas d'*O Primeiro de Janeiro*, passando pola sua dilatada trajectória no *Jornal de Notícias*. Nestes últimos anos, com a viragem do século, lim-no mais que antes nos meios lisboetas: os jornais *Público* e *Diário de Notícias*, no semanário *Expresso*, no *Jornal de Letras*. Nom sei se é que ele escreveu mais neles ou que simplesmente as minhas leituras coincidírom assim. Porque, insisto, som leituras feitas ao acaso, ao sabor das circuns-

tâncias: numha esplanada com as últimas horas do dia, numha paragem durante umha viagem, após a sobremesa ou como sobremesa, etc. De facto, com ele só falei, repetidamente, dos seus trabalhos n'*O Comércio do Porto*, no *Jornal de Notícias* e n'*O Primeiro de Janeiro*. Só algumha vez comentamos cousas publicadas alhures, por exemplo, e sobretodo, no *Jornal de Letras*.

"Homem terrível", homo politicus

Seja como for, nos seus artigos jornalísticos, assim como no seu labor com a *Nova Renascença*, transparecia a sua irredutível –e mesmo, ou melhor, indómita– liberdade. Isto fazia atractiva a sua personalidade no contacto pessoal, mas tornava difícil a relaçom contínua, excepto a amizade. Seabra era imprevisível e surpreendente, aparecia e desaparecia subitamente, mudava projectos, lançava propostas inesperadas e aparcava iniciativas avançadas. Quem o conhecesse só pontualmente, podia fazer-se dele umha falsa imagem: primeiro, via-o como um torvelinho, em constante actividade e cheio de projectos; depois, ao pouco, via-o com novas empresas, outras iniciativas, novas ideias; em consequência, pensava que de todo aquilo ia sair pouco ou até mesmo que quase todo ia acabar em quase nada. Pois bem, esta impressom é completamente errónea: Seabra era umha pessoa de compromissos firmes, que punha todo o seu empenho em levá-los a efeito[8]. Só que procedia à sua maneira, que era o modo de agir de alguém imerso, curtido e destro na acçom política. Por isso, ainda nom tratando-se de política senom de cultura (mas aqui é também imprescindível o saber-fazer político: unha certa política cultural), sabia encontrar os modos e as fórmulas, os tempos e os momentos, para melhor sacar, realizar e rentabilizar um projecto. Assim, a minha experiência de trabalho com ele tivo resultados esplendorosos. Estou a pensar, em concreto, nos números da *Nova Renascença* dedicados a Barthes e a Galiza.

Na verdade, quando o conhecim, Seabra, como político, era já umha figura institucional, consagrado, como diplomata, à política

(8) Num "dossier" que, em Fevereiro de 1994, lhe dedicou a revista *Letras & Letras* figuram sob o rótulo "obras a publicar" dez títulos (*Letras & Letras nº105*, Porto, 1994, p. 34): dez anos depois, em 2004, apareceram sete (e se especulamos com possíveis mudanças de título, nove). Entre aqueles projectos, sob a epígrafe "memorialismo", está o que começava a concretizar-se com a publicaçom, em 2004, do primeiro volume da sua autobiografia.

de estado, relativamente alheio ao dia a dia da cena política partidária e governamental portuguesa. Tivem, por ele mesmo e por outros, conhecimento da sua experiência política anterior, na resistência ao salazarismo e o posterior exílio, com a sua passagem pola URSS e o seu estabelecimento em França. No entanto, pouco a pouco, logo mesmo dalguns anos, fum vendo como aquele personage, aquele diplomata cauto e sagaz, conservava os reflexos e tinha a sabedoria dum político forjado na luita, desde a clandestinidade e a rua até o parlamento e o gabinete, desde a agitaçom e a maquinaçom até o discurso e o programa. Ao meu ver, Seabra estava excelentemente dotado para a política, desde a maquiavélica (como a que conhecera e, sem dúvida, praticara sob e contra a ditadura) até a kantiana (como a cosmo-política cultural que, como embaixador, procurou desenvolver no plano internacional). Possuía umha memória potente e umha inteligência penetrante, sempre em funcionamento, com que "fichava" (analisava e classificava) todo quanto acontecia ao seu redor[9]. Estas qualidades suas, assim como o seu permanente estado em alerta política, podiam passar despercebidos a quem a ele se achegasse ou com ele estivesse, dada a tendência de Seabra à hiperactividade, à exuberância discursiva,... com o qual podia parecer que nom escuitava (e que tampouco ouvia), que nom mirava (e que tampouco via)... nem mesmo a si próprio. E, no entanto, Seabra era um notabilíssimo estratega, a curto, médio e longo prazo. Ora, eu nom seguim (senom de muito longe) a sua trajectória política. Falo, pois, a partir dessa visom na distância e dalguns pormenores significativos.

Contodo, na sua actividade política no plano internacional, atreveria-me a apontar, a salientar, dous eixos: a língua portuguesa e a política cultural. Som vectores próximos, mesmo muito interligados. Dumha parte, pensava que a política cultural (e máxime num país como Portugal) era um componente fundamental da política internacional. E, por outra, estimava que o capital e activo fundamentais portugueses, além do próprio povo, era a sua língua. Boa parte dos seus esforços fôrom neste sentido: desocultar, firmar e projectar a língua portuguesa. Entendia-a de modo universalista, mas sendo respeitoso com as diferenças. Para ele, a lusofonia constituía um espaço de encontro, no qual, havendo umha clara hegemonia, a procura da harmonia nom devia conduzir ao esma-

(9) Cousa que hai que vincular, quiçá, ao hábito de levar um diário.

gamento das diferenças. Um dos seus empenhos, no qual conseguiu dar, ou que se dessem, importantes passos, foi o reconhecimento e, sobretodo, a promoçom internacional da língua portuguesa, nomeadamente nos organismos internacionais, como na Unesco, onde batalhou, unindo forças com os países lusófonos, polo estabelecimento do português como "língua de trabalho". O seu realismo levava-o a outorgar, nestas empresas lingüísticas, um papel preponderante ao Brasil. Por outra parte, ele ligava estreitamente língua e cultura portuguesas, de tal maneira que entendia a política cultural nom só como projecçom dumha imagem própria no exterior (ou seja, de Portugal no mundo), senom também como atençom aos residentes no exterior, quer dizer, aos emigrantes portugueses. Ao seu ver, eles tinham que ser os primeiros destinatários da cultura portuguesa, a começar (e eminentemente) polo veículo que lhes abriria as portas dela e que lhes permitiria converter-se nos seus beneficiários: a língua.

Quanto à política cultural, Seabra pensava que o estado tinha que apoiar a cultura, mas sem pretender orientá-la nem ocupar o lugar da sociedade, quer dizer, os sujeitos particulares, individuais e colectivos, produtores da cultura. Era, pois, absolutamente contrário a qualquer dirigismo estatal em matéria de cultura, mas também ao monopólio (ou domínio) exercido por intituiçons privadas. Contodo, o apóio estatal considerava-o básico, sobretodo em tempos, como na sua opiniom os actuais, de crise cultural. A este respeito, a sua visom radicalizou-se, quando se viu obrigado, polas suas convicçons, a afastar-se da carreira política. Já antes falava de crise cultural, mas com o seu ostracismo político, a meados dos anos noventa, pudo percebê-la com maior agudeza ou fundura. O certo é que depois, quando voltou à carreira diplomática, já nom variou o seu diagnóstico da situaçom cultural. Ora bem, a pesar de considerá-la calamitosa, mantinha umha actitude optimista, ainda que a verdade é que nom via umha pronta saída. Humoristicamente, dizia, nestes últimos tempos, que no Porto a única instituiçom cultural que havia era o clube de futebol. O seu proverbial optimismo e a sua propensom à actividade levavam-no, porém, à acçom resistente e, sobretodo, construtiva, ainda que fosse, polo menos aparentemente, clamar no deserto.

A pegada da escrita

Umha tarde, no Verao de 1996, na sua casa em Vila Nova de Gaia, falando do futuro, encarava os anos vindouros como a ocasiom, em especial quando atingisse a sua reforma, para ter umha maior dedicaçom à escrita. De facto, nom estava só a pensar no porvir com satisfaçom, senom já celebrando umha vantagem que lhe reportara o seu ostracismo político: tinha mais tempo para si e para a escrita. Ora, nem nessa época, nesses anos entre 1993 e 1997, nem depois de reformado, a partir de 2002, Seabra foi capaz de subtrair-se à actividade política, que praticava, essencialmente, sob a forma dumha sorte de moralizaçom cívica. Cousa que fazia, mormente, por escrito ou acabava por ficar na escrita. O que vinha enriquecer a sua actividade de escritor: poeta, ensaísta, intelectual, mas também tradutor e editor.

De todo isto, ou quase, fomos falando até aqui, aludindo-o pontualmente ou em geral, mas é chegado o momento de oferecer umha imagem global, de dar umha ideia aproximada do volume da sua escrita, reflectindo a sua obra numha bibliografia. Ora, esta deve ir, ao nosso entender, mais alá dos capítulos, "poesia" e "ensaio", que ele habitualmente contemplava ao dar conta das suas publicaçons. Por isso, agregamos estoutras epígrafes: "ediçom", "memória", "intervençom" e "traduçom". Mas, em qualquer caso, limitamos o registo aos livros, com a excepçom da revista *Nova Renascença* (que, por suposto, nom é a única publicaçom que dirigiu e, muitíssimo menos, a única em que colaborou), dada a sua singular relevância.

Pois bem, ao confeccionar a que ele talvez chamaria a sua "bibliografia essencial", queremos atender, da maneira mais completa possível ou –quando menos– de forma significativa, a essa pluralidade de registos. Em concreto, procuraremos achegar-nos à completude nas epígrafes: poesia, ensaio, memória e, mesmo, traduçom. Atendo-nos, claro está, só aos livros. Mesmo assim, contentaremo-nos, porém, com oferecer umha mostra significativa no tocante à intervençom e a ediçom. Neste ponto, por exemplo, pense-se que só as ediçons de Pessoa, em que colaborou dumha ou outra maneira, passam da dúzia. Nom as incluímos, nem tampouco as obras doutros autores editadas, sob os seus auspícios, com a

chancela das Edições da Nova Renascença. E, por outra parte, no capítulo das "intervençons", recolhemos só pequenas publicaçons em forma de livro, um elenco delas, omitindo os seus numerosos prefácios, introduçons, apresentaçons, contributos, etc.

Scripta manent? Talvez como "a pegada de Parménides no rio de Heraclito". Ora, como é essa inscriçom do ser parmenídeo no devir heraclíteo: como a pedra que cai e fai umhas breves ondas? como a folha que flutua e leva a corrente? como a água do rio? Desde os tempos remotos desses dous filósofos, a resposta ham dá-la aqueles para os quais, como diria Parménides, "o mesmo é pensar que ser" e que, porém, como diria Heraclito, "nom podem banhar-se duas vezes no mesmo rio". Ou seja, que agora é a nós que nos toca responder.

Bibliografia

I. POESIA

A Vida Toda, Porto, 1961.

Os Sinais e a Origem, Portugália, Lisboa, 1967.

Tempo Táctil, Portugália, Lisboa, 1972.

Desmemória, Brasília Editora, Porto, 1977.

O Anjo, Nova Renascença, Porto, 1980.

Gramática Grega, Nova Renascença, Porto, 1985; Motiv, Cluj-Napoca, 1999 (ed. bil. português/romeno)[10].

Do Nome de Deus , Instituto Cultural de Macau, Macau, 1990 (ed. bil. português/chinês).

Fragmentos do Delírio, Signo, Ponta Delgada, 1990[11].

Epígrafes, Editora Ángel, Málaga, 1991.

Enlace, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1993 (Em colaboraçom com Norma Backes Tasca).

Sombras de Nada, Quetzal, Lisboa, 1996.

Amar a Sul, Movimento, Porto Alegre, 1997.

(10) Hai também traduçons em francês, italiano e neerlandês.
(11) Hai também traduçom para o francês.

Conspiração da Neve, Minerva, Coimbra, 1999; Cartea Românească, Bucareste, 1999 (ed. bil. português/romeno).

O Caminho Íntimo para a Índia, Macau, 1999.

Oxímoros, Granito, Porto, 2001.

Antologia Pessoal, Thesaurus Editora, Brasília, 2001.

Sete Tangos Mentais, Edições do Tâmega, Amarante, 2002 (ed. bil. português/espanhol).

II. ENSAIO

Fernando Pessoa ou o Poetodrama, Perspectiva, São Paulo 1974, 1982; *Fernando Pessoa ou le poètodrame*, José Corti, Paris, 1988; *Fernando Pessoa ou o Poetodrama*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1988 (Nova ediçom revista).

Poiética de Barthes, Brasília Editora, Porto, 1980[12].

O Heterotexto Pessoano, Dinalivro, Lisboa, 1985; Perspectiva, São Paulo 1988.

Cultura e Política ou a Cidade e os Labirintos, Vega, Lisboa, 1986.

Poligrafias Poéticas, Lello & Irmão, Porto, 1994.

O Coração do Texto / Le Coeur du Texte, Cosmos, Lisboa, 1996 (ed. bil. português/francês).

Rostos Europeus do Porto, Fólio, Porto, 2003.

III. EDIÇOM

Nova Renascença. Revista Trimestral de Cultura, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1980-2001 (Director literário).

PESSOA, F., *Mensagem. Poemas Esotéricos*, edição crítica, col. Archivos, Madrid, 1993 (Coordenador).

VV.AA., *Poetas portugueses y brasileños. De los Simbolistas a los Modernistas (1890-1940)*, edición bilingüe, Thesaurus Editora, Brasília, Buenos Aires, 2002 (Coordenador).

IV. MEMÓRIA

A Luz de Creta (Diário poético: 1986-97), Cosmos, Lisboa, 2000.

De Exílio em Exílio. I- Resistências e Errâncias (1953-1963), Fólio, Porto, 2004.

(12) Recentemente, em 2002 ou 2003, foi reeditado no Brasil em versom actualizada. Nom disponho, porém, da referência bibliográfica.

V. INTERVENÇOM

Portugal face à Europa: um Horizonte Cultural, Athena, Porto, 1977.

Alexandre Herculano ou a Cicatriz do Exílio, Athena, Porto, 1977.

Cultura Cívica, Comissão Cívica Independente, Porto, 1980.

Um Romântico no Porto, Faculdade de Letras, Porto, 1982.

Mors-Amor (Paixão de Barthes), Nova Renascença, Porto, 1982.

A Pátria de Pessoa ou a Língua Mátria, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Porto, 1985.

O Discurso Cultural de D. António: um Diálogo entre a Fé e a Cultura, Fundação Eng. António de Almeida Porto, 1990.

SÁ CARNEIRO, F., *O ideário Político de Francisco Sá Carneiro (Antologia Breve)*, Simão Guimarães Filhos, Porto, 1990 (Apresentaçom e selecçom).

Norton de Matos e "O Primeiro de Janeiro", Porto, 1997.

O Porto e o Republicanismo (A Geração do 31 de Janeiro), Associação Cívica Cultural "31 de Janeiro" - Centro de Estudos Republicanos "Sampaio Bruno", Porto, 2004.

VI. TRADUÇOM

PESSOA, F. et al., *Le retour des dieux: manifestes du modernisme portugais*, Champ Livre, Paris, 1973.

BARTHES, R., *Mitologias*, Edições 70, Lisboa, 1973, 1976, 1978, 1984, 1988, 1997; Círculo de Leitores, Lisboa, 1987.

SOLZHENITSYN, A. I., *Agosto, 1914*, Dom Quixote, Lisboa, 1973 (v.I), 1974 (v.II); Círculo de Leitores, Lisboa, 1974. (Em colaboraçom com Francisco Augusto Ferreira).

SOLZHENITSYN, A. I., *Arquipélago de Gulag*, Bertrand, Amadora, 1975 (Em colaboraçom com Francisco Augusto Ferreira e Maria M. Llistó).

BARTHES, R., *Discurso, Escrita, Texto*, Espaço, Braga, 1979.

MALLARMÉ, S., *Poemas Lidos por Fernando Pessoa*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1998.

SENGHOR, L. S., *A Negritude e a Saudade*, Centro Internacional de Latinidade Léopold Sédar Senghor, Coimbra, 2002.

Carta da Galiza (*)

José Augusto Seabra

Numa Galiza ainda abalada pelo traumatismo da "maré negra", um ano depois do naufrágio junto às sua costas do "Prestige", aqui evocado estes dias sob a palavra de ordem de "*Nunca Mais*", procuro detectar os sinais de alguma esperança para este povo tão castigado pela história, desde a emigração endémica ao isolamento e ao abandono pelo poder central espanhol.

Esses sinais anunciam-se de quando em quando: uma vez não é costume... Um deles, o mais recente, foi a notícia, saída da cimeira luso--espanhola, de que iria ser aberta até 2009 uma linha férrea de alta velocidade entre o Porto e Vigo. Houve um regozijo imediato da opinião pública galega, cuja afeição por Portugal é profunda, como país irmão em língua. Isso significa que as ligações nos dois sentidos passarão a ser mais fáceis, incentivando as relações económicas, sociais e culturas futuras.

Por isso mesmo foi com perplexidade que aqui a imprensa noticiou algumas reacções negativas de certos meios políticos e empresariais portugueses, que puseram reservas e até abjecções à decisão tomada, em termos de prioridade relativamente a outros percursos de ligação com a Espanha. Quaisquer que sejam as razões ou motivações de tais reacções circunstanciais, que não estão em sintonia com as das populações no seu todo, elas são interpretadas como um reflexo de preconceitos atávicas quanto às relações galaico-portuguesas.

Cita-se o precedente de um projecto de linha férrea que deveria ter ligado Barcelona, Vigo e o Porto, proposto pelo Conde de Rens ao governo português em 1857, tendo então a "oposição da burguesia lisboeta" –como escreve um colaborador de *El Correo Gallego*– levado que se desse prioridade à ligação através de Badajoz, o que contribuía para o atraso do noroeste peninsular...

Espera-se que, hoje, como as condições históricas mundanas, as ligações rápidas de Porto e Vigo (pouco mais de meia hora!) constituam, na opinião do mesmo autor, "um bom pilar para o progresso da euroregião". A aprovação pela Comissão Europeia da decisão tomada é considerada de bom augúrio. Calcula-se que dela beneficiarão mais de 2 milhões de utentes por

(*) Artigo redigido por José Augusto Seabra aquando a sua estadia como professor visitante na Universidade de Santiago de Compostela, em Novembro de 2003, e enviado na altura para um jornal português.

ano, permitindo nomeadamente um mais fácil acesso ao aeroporto Francisco Sá Carneiro, que trará enormes vantagens para o Porto e região Norte.

Oxalá que se não repita o fracasso do projecto de 1857, por qualquer pressão deste ou daquele grupo. Nessa época, A Galiza era desprezada pelos meios dirigentes de Portugal, como o denunciou por exemplo Sampaio Bruno, que, como os republicanos do Porto, sobretudo após o 31 de Janeiro de 1891, cujos exilados foram por ela acolhidos, se tornaria um defensor estrénuo da aproximação entre galegos e portugueses. A Primeira República promoveria exemplarmente essa aproximação, tendo mesmo enviado uma embaixada cultural encabeçada por Leonardo Coimbra à Galiza. E Teixeira de Pascoaes tornar-se-ia o patrono conhecido da "terna irmã", de Portugal, ao lado de Rosália Castro, dedicando-lhe o seu livro *Marânus*.

Oxalá nesta Segunda República lhes sigamos os passos. É o que tem defendido a *Nova Renascença*, que dedicou à Galiza o último número da sua 1ª série. Ele será apresentado na próxima semana em Santiago de Compostela, sob os auspícios de sua Universalidade, onde me encontro a reger um seminário de literatura portuguesa. Aí estarei, a levar o abraço fraterno do Porto à Galiza, para que novos projectos de cooperação cultural sejam empreendidos, sob o signo da *Nova Renascença*, como os que no *Rexurdimento* foram concebidos pelas gerações de *Nós* e da *Renascença Portuguesa*, unidas nos seus ideais de renascimento cívico republicano.

Lançamento do número especial da *Nova Renascença* dedicado à Galiza e Homenagem a Teixeira de Pascoaes. Compostela, Sala Sargadelos, 19-11-2003. Luís Garcia Soto, senhora, José Luís Rodríguez, José Augusto Seabra e Carlos Quiroga.

Sampaio Bruno e a Galiza(*)

José Augusto Seabra

Agora que está de novo na ordem do dia a aproximação entre Portugal e a Galiza, com a renascença, mesmo difícil, da democracia dos dois lados da fronteira, propiciando uma cooperação entre as regiões do noroeste peninsular, reforçada pela sua abertura à Europa mais evoluída, é oportuno lembrar que foram os republicanos de há um século que começaram a dar um impulso ao movimento de solidariedade de ambos os povos, ligados por uma língua originária comum mas separados pelas vicissitudes da história política. As relações estreitas entre os vultos relevantes do nosso republicanismo e do nacionalismo galego viriam a consolidar-se durante a Primeira República, nomeadamente através da "Renascença Portuguesa", sob a égide da figura carismática e tutelar de Teixeira de Pascoaes, tendo outro dos seus principais expoentes, Leonardo Coimbra, membro do Partido Republicano, encabeçado então uma visita oficial de amizade, sob o signo da Educação e da Cultura, à Galiza irmã.

É menos conhecida, entretanto, a forma como desde antes da implantação do regime republicano em Portugal alguns dos seus mentores promoveram a revalorização da imagem da Galiza, tanto no plano político como social e cultural. Essa missão foi particularmente assumida pelos republicanos do Porto, após a revolução do 31 de Janeiro de 1891. Alguns exilados desta passaram então pela Galiza, antes de ganharem Madrid e depois Paris, tendo ficado marcados pelo acolhimento recebido, que se devem em larga parte aos contactos de Guerra Junqueiro com personalidades regionalistas galegos, como Curros Enriquez, cujas afinidades com os republicanos portugueses eram profundas.

Um desses emigrados políticos foi Sampaio Bruno, que nas suas *Notas do Exílio* (1893) descreve em termos comovidos a sua travessia do Rio

(*) Texto da conferência proferida na Faculdade de Filologia por José Augusto Seabra, aquando a sua estadia como professor visitante na Universidade de Santiago de Compostela, Novembro de 2003.

Minho, após a trágica jornada da breve proclamação da República no Porto, em demanda de asilo além-fronteiras. Não mais ele esqueceu a forma como foi recebido. E viria mais tarde a consagrar à Galiza algumas das melhores páginas do seu livro *Os Modernos Publicistas Portugueses*, publicado em 1906.

Aí Bruno discorre longamente acerca da tão controversa questão ibérica, que deu lugar a acesas polémicas entre partidários de uma "Federação" ou mesmo de uma "União" com a Espanha, que se seguiram ao surto do movimento das nacionalidades provocado pela revolução francesa de 1848. Essa questão teve entre nós grande acuidade após a tradução em português do livro *A Ibéria*, do espanhol Sinibaldo de Mas, em 1852, com um prefácio de Latino Coelho, jovem republicano e socialista. Ela repercutiu-se num semanário lançado esse mesmo ano no Porto, *A Península*, antes de ter eco em Lisboa, em 1855, na *Revista Peninsular*, bilingue, onde o iberismo conheceu melhor fortuna.

O periódico portuense, mais reservado quanto a tal movimento, pois só um dos seus colaboradores era "ibérico", como releva Bruno, teve porém o mérito de chamar a atenção para a necessidade de "fazer conhecida entre nós a literatura espanhola" como se lê era na sua apresentação. E o filósofo comenta, a propósito: "Não é de espantar que então se não conhecesse a literatura do país vizinho, quando ainda hoje Portugal não conhece a Espanha. E de admirar não é que se não conheça em Portugal a Espanha, quando já nem sequer a próxima, afim Galiza se conhece. Nem mesmo, pois, da casa ibérica, aquela residência que mais, moralmente, nos devia interessar."[1]

Sampaio Bruno enfatizava, nas suas disquisições, o que chamava o "absurdo etnológico e moral" a que levou a separação política dos dois povos português e galego, dado que "o complemento natural de Portugal é a Galiza"[2]. A sua tese abona-se em historiadores com Alberto de Sampaio, Basílio Teles ou Oliveira Martins, entre outros. Mas fundamenta-se, sobretudo na "estrita afinidade" linguística entre o português e o galego, ao pôr em evidência que "nos séculos XIII e XIV os dialectos falados na Galiza divergiam muito pouco", tendo depois sucedido que "a língua da Galiza parou, enquanto a de Portugal evoluiu". Daí conclui Bruno, referindo-se às investigações de Adolfo Coelho, que "português e galego foram diferenciando-se, cada um de seu lado, de modo que cada

(1) Sampaio Bruno, *Os Modernos Publicistas Portugueses*, Porto, 1906, p. 97.
(2) *Idem*, p. 100.

um se topa em face do outro como um dialecto perfeitamente definido, não porque o português seja um dialecto do galego ou o galego um dialecto do português, mas porque português e galego saíram duma base comum, a língua galécio-portuguesa dos séculos XII a XIV."[3]

A partir daí, segundo Bruno, "a mesma Galiza se olvida a ela mesma", a tal ponto que "para se apreciar em devido montante os esforços envidados por aquela enérgica e fecunda geração que veio à luz pública em 1854, houve o historiador moderno da Galiza, Manuel Murguia, de escrever o volumezinho eloquente acerca de *Los Precursores* (Faraldo, Aguirre, Rosalia de Castro, Avendaño, Viccetto, etc.", que estiveram na origem do *Rexurdimento* galego[4]. E entre as personalidades cimeiras deste, ele põe em evidência Curros Enriquez, "amigo de Guerra Junqueiro e dos emigrados portugueses, homem de génio e homem de desgraça, alto pelo espírito e pela bondade, uma das mais belas figuras da nossa estirpe"[5].

Sampaio Bruno releva, entretanto, o facto de a literatura galega ter começado a ser melhor conhecida pela inclusão de poetas modernos no *Parnaso Português Contemporâneo*, de Teófilo Braga, havendo também um "eco simpático" no livro de João Verde, *Aires da Raya*.

Mas é sobretudo na situação política, económica e social do povo galego, devido à dependência da Espanha castelhana, que Bruno põe a tónica: "Pobre e explorada Galiza! Como o seu exemplo nos adverte... Queixa-se, com efeito, a Galiza, de longa data, e bem, bem amargamente das condições, que capitula de desastrosas, em que a conservam os governos de Madrid. Daí, um verdadeiro êxodo, saída, emigração"[6]. Essa é a tragédia principal da Galiza, que está bem patente na poesia da Rosália de Castro, que cita com unção:

"Este vaise y aquel vaise
E todos, todos se van;
Galicia, sin homes quedas
Que te poidam traballar.
Tês en cambio orfoe e orfas
E campos de soledad.
E mais que no téñen fillos
E fillos que no teñen pais.

(3) *Idem*, p. 101.
(4) *Idem*, pp. 101-102.
(5) *Idem*, p. 102.
(6) *Idem*, p. 221.

E tés corazones que sufren
Longas ausências mortás
Viudas de vivos e mortos
Que ninguen consolará."[7]

Mostrando conhecer bem a literatura galega, Bruno cita outros poetas e escritores como Pondal, Condon, Sánchez Deus, António de la Iglesia, etc. Para ele todos são o sinal de que a Renascença Galega está em mancha: "Parece que Galicia desperta", dizia uma proclamação do *Rexurdimento*. O filósofo portuense faz votos por essa "*regeneracion*", que os republicanos tanto desejavam: "*Oxalá! Oxalá*", escreve ele, num arroubo de solidariedade, que diz bem da fraternidade que, ao lado da liberdade e da igualdade, era o lema sagrado da República.

(7) *Idem*, pp. 221-222.

José Augusto Seabra

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 035 - 055 / ISSN 1130-3557

Sistemas eleitorais e paridade homens-mulheres nos parlamentos

Anjo Gonçález Vicente

(Compostela)

Justificaçom e delimitaçom do problema de investigaçom

O problema que me disponho a estudar insere-se nos que Inglehart define como pós-materialistas e consiste, especificamente, na preocupaçom feminista a respeito da equiparaçom quantitativa[1] entre homens e mulheres no âmbito laboral. Mais concretamente, vou analisar a equiparaçom no âmbito político, para o que estudarei a presença proporcional das mulheres nos parlamentos[2], tentando comprovar a incidência de determinadas características críticas dos sistemas eleitorais em tal presença parlamentar feminina. Dessarte, viso contribuir para encaminhar aquelas políticas orientadas a buscar umha maior igualdade quantitativa homem-mulher no âmbito político e, em concreto, no âmbito parlamentar. A utilidade de contribuir para o aperfeiçoamento das políticas encaminhadas a umha maior eqüidade entre géneros deriva-se de que podem dar-se circunstâncias em que quem tenha o poder preciso poda desejar atingir um certo equilíbrio entre homens e mulheres: em todos os âmbitos, no âmbito político mais concretamente ou no âmbito parlamentar de maneira ainda mais específico.

O quadro teórico

Os estudos que relacionam o tipo de sistema eleitoral dum país com a maior ou menor eqüidade na proporcionalidade homens/mulheres nos parlamentos venhem, desde meados dos anos oitenta (Pipa Norris, 1985),

(1) Estou consciente de que as reivindicaçons feministas vam além da igualaçom quantitativa, buscando também igualdade em termos qualitativos; mas o objectivo essencial aqui é ir especificando o problema de investigaçom a tratar.

(2) Tomarei como parlamentos as câmaras os legislativos unicamerais e as câmaras baixas dos legislativos bicamerais.

sustentando a tese de que os sistemas eleitorais proporcionais contribuem para umha maior eqüidade, enquanto que os maioritários constituem barreiras que implicam umha menor chegada das mulheres aos parlamentos e os sistemas mistos levam a resultados intermédios. Esta tese é a que referiremos, daqui em diante, como tradicional ou clássica.

Quando tentam explicar por que isto é assim, em geral, coincidem em que o factor essencial é o tamanho do distrito, segundo seja uninominal ou plurinominal, e em que, dentro dos plurinominais, seriam relevantes os tipos de listas. Alguns chegam a ementar a pertinência de outros elementos dos sistemas eleitorais, como pode ser a barreira eleitoral (Richard E. Matland, 1998).

Nom obstante, antes de tomar estes factores dos sistemas eleitorais como variáveis independentes e proceder a contrastá-las empiricamente, costumam conformar-se com subsumi-las nas três categorias clássicas (nom por isso unívocas e consensuadas[3] de sistemas eleitorais: maioritário, proporcioal e misto. Com o que, a meu ver, cometem os seguintes erros:

a) Por umha parte, assumem quase umha ligaçom necessária e suficiente entre sistema maioritário e distrito uninominal nas suas hipóteses, enquanto que por outro lado, tal como operacionalizam a categoria "maioritário", incluem tipos de sistemas eleitorais que nom som uninominais. Deste modo, nas suas contrastaçons empíricas nom acabam de comprovar a incidência do tamanho do distrito de maneira precisa.

b) Incluem na categoria dos proporcionais tanto as listas abertas como as fechadas, com o que nom se acaba de comprovar a relevância deste factor a respeito do problema estudado.

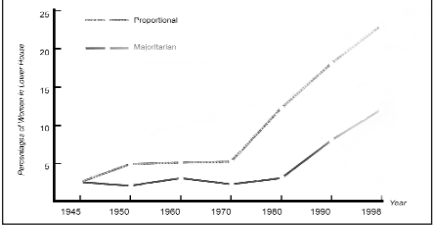
c) Acrescentam outros factores dos sistemas eleitorais que, se bem que sejam relevantes para outras realidades, como pode ser a existência ou nom de segunda volta para o tipo de sistemas de partidos (Duverger, 1950), fôrom previamente ignorados ou rejeitados por eles mesmos como irrelevantes para o problema concreto que nos ocupa.

Dessarte, encontramos dados pouco explicativos como estes (Richard E. Matland, 1998):

(3) Ver, por exemplo, Jones, Alastair, 1997, *The classification of electoral systems: towards a Multi-Dimensional Approach*, em http://www.psa.ac.uk/cps/1997/jonesa.pdf

Que sim dam a razom ao autor (defensor da hipótese clássica, explicada acima), mas que pouco nos dizem dos factores essenciais dos sistemas eleitorais que estám a incidir, e que refere o próprio autor como explicativos realmente destes resultados: tamanho do distrito, tipo de listas e nível de barreira eleitoral.

FIGURE 2. Percentages of Women in Parliament Majoritarian vs. PR Systems



Ou encontramos dados tam confusos como estes abaixo (Pipa Norris, 2003), dos que a autora conclui que confirmam a sua hipótese (coincidente com a clássica) ao tomar unicamente as médias de cada umha das três grandes categorias, deixando um pouco à parte a grande heterogeneidade que se evidencia entre as subcategorias de cada categoria e que, na minha opiniom, se desprendem precisamente de nom ter categorizado os sistemas eleitorais conforme aos seus factores críticos para o problema de estudo que nos ocupa, quer dizer, a maior ou menor eqüidade parlamentar entre homens e mulheres.

Table 8.2: Women's representation by type of electoral system, 2000

	% Of women in the lower house of parliament, 2000	Number of nations
All Majoritarian	**8.5**	**91**
Alternative Vote	11.2	2
Block vote	7.1	9
2nd Ballot	9.6	24
First-Past-The-Post	8.5	54
All Combined	**11.3**	**29**
Combined Independent	8.7	21
Combined Dependent	18.0	8
ALL Proportional	**15.4**	**64**
Single Transferable Vote	10.6	2
Party List	15.6	62
TOTAL	**11.7**	**182**

Note: The percentage of women in the lower house of national parliaments 2000, 182 nations worldwide. For the classification of electoral systems see chapter 2.

Source: Calculated from Inter-Parliamentary Union. 2000. '*Women in Parliament Database*.' <www.ipu.org>

Do quadro teórico concluo, enfim, que:

1) Nom há muitos trabalhos científicos[4] neste campo de estudo politológico, e que

2) Os que há nom procedem a umha proposta de hipóteses fundamente explicativas do problema, ou

3) Deixam tais hipóteses sem contrastar empíricamente ao tomar como variável independente o sistema eleitoral no seu conjunto.

Por estas razons, este trabalho procurará apontar um novo caminho no estudo da influência dos sistemas eleitorais na eqüidade parlamentar entre sexos.

(4) Aparecem, nom obstante, abundantes documentos que recolhem a necessidade de modificar o sistema eleitoral para lograr a paridade e que parecem nom estar encostados por trabalho científico qualquer.

Factores constantes

Antes de proceder à deduçom de hipóteses contrastáveis a partir das nossas variáveis independentes, considero conveniente explicitar três constantes que subjacerám à deduçom e explicaçom das hipóteses.

Constante 1: racionalidade

Assumo que os sujeitos tendem a actuar e decidir buscando obter a maior satisfacçom/utilidade possível de tais actuaçons ou decisons (Anthony Downs, 1957; Mancur Olson, 1965).

Constante 2: machismo

Que entenderei como a tendência para eleger um homem no lugar de umha mulher, sempre e quando a pessoa que deve decidir nom se sinta pressionada/incentivada para obrar de maneira contrária, tal como se verá na Constante 3. Deriva-se da própria racionalidade dos actores, sejam estes os gatekeepers[5] ou o eleitorado (Pipa Norris, 2003):

a) *Gatekeepers*: como actores racionais, tentarám que os candidatos do seu partido sejam os eleitos polos votantes, pois isto redundará numha melhor situaçom do partido em diversos níveis (economia, prestígio...), o que repercutirá positivamente em toda a militância do partido, dentro da qual estarám os gatekeepers. Dessarte, tentarám escolher candidatos que considerem sérios aspirantes a ser eleitos para o/s assento/s do distrito.

Por isto, tenderám para seleccionar, em primeira instância, aquelas pessoas que já ocupárom um assento[6] no parlamento, devido a que serám candidatos mais conhecidos pola populaçom do distrito, mais facilmente localizáveis para os meios de comunicaçom, terám mais experiência em matéria parlamentar e, muito possivelmente, certa influência dentro do partido, com o que excluí-los da candidatura poderia ser mesmo negativo para os gatekeepers em questom.

Ao passo que vimos dum tempo em que os deputados parlamentares eram unicamente homens, e ao passo em que na actualidade em todos os parlamentos do mundo a maioria dos deputados

(5) Os gatekeepers som as pessoas que decidem que candidato/s apresenta o partido no distrito. A eleiçom da palavra anglo-saxónica deriva-se do facto de a prática totalidade da documentaçom consultada estar na língua inglesa e desconhecer o termo exacto com o que a politologia galegófona designa estes actores.

(6) Assim, por exemplo, desde finais dos 70 até meados dos 90 (s. XX) um 85% dos membros da câmara baixa dos Estados Unidos fôrom sucessivamente re-eleitos (Pipa Norris, 2003).

continuam a ser homens, o exposto redundará numha vantagem evidente para o sexo masculino (M. Laver e Y. Galligan, 1999); mais ainda, materializar-se-á numha tendência para o conservadorismo na selecçom dos candidatos e nos posteriores resultados eleitorais.

Aliás, ali onde nom haja precedente parlamentar, quer dizer, ali onde nom tivesse sido eleito um candidato do partido previamente ou ali onde os parlamentários eleitos previamente nom sejam suficientes para ocupar a candidatura toda que o partido deve apresentar, os *gatekeepers* buscarám candidatos que se pareçam com o perfil dos deputados que ocupárom a câmara em legislaturas anteriores. Esse perfil costuma coincidir com as seguintes características: homem, de mediana idade, de profissom liberal e pertencente ao grupo étnico dominante (Pipa Norris, 2003). Dessarte, acentuar-se-á a tendência para perpetuar o sexo masculino nos parlamentos, em detrimento do feminino.

b) Votantes: buscarám obter a maior rendibilidade do seu voto, polo que, quando tenham possibilidade de escolher, elegerám candidatos que considerem com mais possibilidades de obter um assento, dentre os que estejam dentro das suas preferências ideológicas. Isto tenderá para favorecer notavelmente aos homens, por razons análogas às anteriormente explicadas para os *gatekeepers*. A tendência machista nom tem por que ser consciente nos *gatekeepers* ou nos votantes, o que, se cabe, confere maior poder ainda a esta constante.

Constante 3: consciência do "politicamente correcto"

Consideraremos "politicamente correcta" aquela acçom ou decisom que tende para respeitar o sistema de valores predominante na sociedade em que se insere o indivíduo que a protagoniza (Mc Phee et al. 1963).

Para o nosso problema de investigaçom o importante desta constante radica no facto de o sistema de valores das sociedades ocidentais ou ocidentalizadas (que, como veremos, serám as que estudaremos neste trabalho) recolhe como desejável a tendência para a equiparaçom homem-mulher. Isto empurrará os sujeitos, sejam gatekeepers ou votantes, a seleccionar algumha mulher entre as diversas opçons disponíveis quando percebam que a sua selecçom machista pode redundar nalgum tipo de sançom social e, portanto, nom ser racional.

É evidente que entre as constantes machismo e consciência do politicamente correcto se produz umha tensom. Habitualmente a constante

mais poderosa será o machismo, por ser potencialmente mais rendível dum ponto de vista racional, tal qual foi visto. Isto mudará quando o sujeito perceba a possibilidade de algum tipo de sançom social considerável. Neste último caso o racional será ter em conta a opçom politicamente correcta.

Variáveis a controlar

Nom vai ser a minha pretensom proceder a um controlo exaustivo de todas as potenciais variáveis estranhas, dadas as fortes constriçons materiais e temporais com que devo defrontar esta investigaçom, polo que me conformarei com algumhas tidas por relevantes para o problema de investigaçom desde o quadro teórico da investigaçom.

1. Nível de desenvolvimento.

Estudos prévios tenhem demonstrado umha correlaçom positiva entre o nível de desenvolvimento e o nível de chegada das mulheres ao parlamento (Pipa Norris, 2003).

2. Intensidade da sensibilidade social arredor das reivindicaçons feministas.

Umha especial sensibilidade no eleitorado e nos gatekeepers para as reivindicaçons feministas de eqüidade, poderiam constituir incentivo suficiente para que a tensom entre a constante machista e a consciência do politicamente correcto se resolvesse maioritariamente em favor desta última, já que se veria claramente reforçada.

3. Direitos políticos femininos.

Parece evidente que ali onde as mulheres nom podam votar nem apresentar-se como candidatas as nossas hipóteses carecerám de sentido.

Estas variáveis serám controladas no momento da selecçom da amostra, já que seleccionaremos umha série de Estados homogéneos entre si no que diz respeito à variável 3, fortemente homogéneos no que diz respeito à variável 1 e presumivelmente homogéneos no que diz respeito à variável 2.

Selecçom da amostra

Para a selecçom da amostra recorremos ao Índice de Desenvolvimento Humano[7], que estimo suficientemente completo[8] e, portanto, adequado para as nossas necessidades. Tal índice pode tomar como valor qualquer número entre o 0 e o 1, onde 0 seria um nulo desenvolvimento do país e 1 seria um absoluto desenvolvimento.

Pois bem, vamos tomar como casos da amostra aqueles Estados que superarem o 0.9 de desenvolvimento, polas seguintes razons:

a) Som um total de 21 países, quantidade que considero assumível, embora admita como insuficiente para chegar a conclusons gerais suficientemente contrastadas.

b) Entre o mais desenvolvido, Noruega (0.939), e o menos desenvolvido, Espanha (0.908), tam só há três décimas de diferença, estando ambos e todos os que medeiam entre os qualificados pola ONU como de "Alto Desenvolvimento Humano". Polo que cabe presumir a homogeneirade no desenvolvimento económico que buscávamos com a variável de controlo 1.

c) As mulheres tenhem em todos estes países direito a votar e ser votadas[9], o que cumpre com o requisito da variável de controlo 3.

d) No que atinge à variável de controlo 2, o controlo efectivamente exercido será[10] menos forte. Esse controlo consistirá em: seguindo a Inglehart, os valores pós-materialistas, entre os que se encontram as reivindicaçons feministas, surdem em sociedades desenvolvidas economicamente (Inglehart, 1977), polo que assumo que cabe esperar que tenham calado tais valores, e em concreto os feministas, entre os 21 países mais desenvolvidos do planeta segundo o IDH.

Deduçom e comprovaçom de hipóteses

Como já se ementou com anterioridade, a fim de lograr umha mais profunda e exacta explicaçom da incidência dos sistemas eleitorais na

(7) Dados de 1999 proporcionados pola ONU em http://www.undp.org/hdr2001/spanish.

(8) O IDH é umha síntese dos seguintes indicadores: esperança de vida ao nascer; taxa de alfabetizaçom de adultos; taxa bruta de matriculaçom primária, secundária e terciária combinadas; PIB per cápita; índice de esperança de vida; índice de escolaridade; índice de PIB.

(9) Dados obtidos da IPU, em www.ipu.org.

(10) O facto de nom controlar melhor esta variável deve-se às fortes constriçons temporais com que devo defrontar esta investigaçom. Estou consciente, nom obstante, da importante eiva que supom para este trabalho nom ter efectivado um controlo mais forte sobre esta variável.

maior ou menor presença parlamentar feminina, imos tomar por separado duas características críticas dos sistemas eleitorais (variáveis independentes) para o problema de estudo: o tipo de distrito (Hipótese 1) e o tipo de listas (Hipótese 2). Estas som recolhidas do próprio quadro teórico, onde se tende para rejeitar ou ignorar outras características dos sistemas eleitorais.

Hipótese 1. O distrito uninominal prejudica a chegada de mulheres ao parlamento.

Como é sabido, os distritos uninominais caracterizam-se por ser aqueles em que só se elege um parlamentar. Nom importa a quantidade de candidatos que eventualmente tivesse apresentado cada partido ou que os votantes tivessem tido a possibilidade de emitir vários votos, a diversos candidatos, ou até ordenando as suas preferências. Para os nossos efeitos, o verdadeiramente relevante é que, finalmente, apenas um dos candidatos passará a fazer parte da câmara baixa. Por que é isto o único que nos importa? Razoá-lo-emos no seguimento.

Num distrito uninominal dá-se um jogo de soma 0, quer dizer, um candidato ganha todo (o assento, neste caso) e os outros perdem todo. Isto deriva em que, no que aos sexos respeita, só pode ganhar um homem ou umha mulher, polo que, embora julguemos desejável a igualdade entre géneros, e já que aqui é impossível lograr essa igualdade, nom consideraremos umha falta o facto de ser escolhido um homem e nom umha muler para o posto. A populaçom do distrito nom tomará isto como umha prova de desigualdade de oportunidades, polo que será desprezível o efeito que poda ter a consciência do politicamente correcto. Neste contexto, a tendência será para emitir um voto machista.

Isto nom acontece do mesmo modo nos distritos plurinominais, onde cada partido deve propor diversos candidatos, de entre os que podem ser eleitos vários deles. Parece evidente que se o partido tem de apresentar umha lista de dez candidatos e os dez som homens, o efeito da consciência do politicamente correcto será perceptível e tomará forma de penalizaçom eleitoral: umha parte importante dos potenciais votantes deste partido considerará esta decisom do partido como agravo suficiente como para mudar o seu voto. Neste contexto, os gatekeepers terám incentivos suficentes para superar um pouco o machismo, tendo em conta a consciência do politicamente correcto, o que os impulsionará a proceder a um balancing, quer dizer, a buscar um certo equilíbrio na can-

didatura no que diz respeito aos géneros. Assim, algumhas mulheres entrarám dentro das opçons possíveis de eleiçom.

Dessarte, segum a hipótese, deveria haver percentualmente mais mulheres nos parlamentos cujo sistema eleitoral esteja baseado em distritos[11] plurinominais, do que naqueles baseados em distritos uninominais. Contodo, nom podemos ficar aí, pois som muitos os sistemas eleitorais que combinam ambos os tipos de distrito: os denominados sistemas eleitorais mistos ou combinados.

Pois bem, tendo em conta isto, a nossa categorizaçom vai-se basear na percentagem de assentos eleitos através do distrito uninominal. Tomaremos unicamente três categorias por causa do pequeno número de casos que constituem a nossa amostra.

a) Sistemas baseados no distrito uninominal (Uninominais): aqueles em que os 75% ou mais do total de assentos som eleitos através do distrito uninominal.

b) Sistemas baseados no distrito misto (Mistos): aqueles em que entre os 26 e os 74% dos assentos som eleitos através do distrito uninominal.

c) Sistemas baseados no distrito plurinominal (Plurinominais): aqueles em que apenas os 25% ou menos dos assentos som eleitos através do distrito uninominal.

Assim, a nossa hipótese enunciada de maneira empiricamente testável, fica como segue:

Quanto maior seja a percentagem de assentos eleita através do distrito uninominal, menor será a percentagem de mulheres no parlamento.

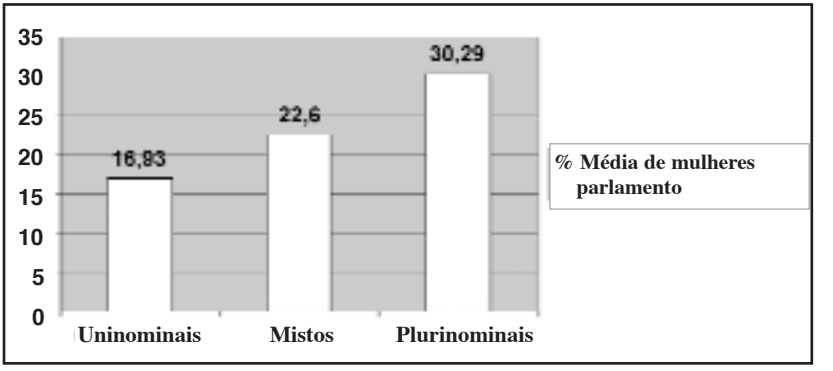
Vejamos o que nos dim os dados:

Tabela 1

Tipo Sistema	% média de mulheres parlamento	Desviaçom Típica (S)	Total Casos
Uninominais	16.93	4.94	6
Mistos	22.6	10.94	3
Plurinominais	30.29	8.69	12
Totais	24.9		**21**

(11) Isto será enquanto colhamos todos os sistemas com distrito multimembro juntos, pois como se verá na segunda hipótese haverá determinados sistemas com distrito multimembro que tenderám para comportar-se de maneira semelhante aos uninominais.

Gráfico 1



LEITURA DOS DADOS

Dumha primeira vista de olhos à Tabela 1 e, nomeadamente, ao Gráfico 1 poderíamos inferir que os dados estám a dar contundentemente a razom à Hipótese 1. Nom obstante, cabe fazer algum matiz (para além do excessivamente reduzido número de casos considerado) que nos levará a tomar com maior cautela esta primeira estimaçom. Vaiamos categoria a categoria:

- Uninominais: esta é a categoria que com maior clareza outorga a razom à nossa hipótese, pois existe umha tendência geral e mais bem uniforme para que se dê umha escassa participaçom das mulheres nos parlamentos. De facto, em mais dos 80% dos casos estudados (5 de 6) as mulheres nom chegam a conformar nem sequer os 21% da câmara; o que é o mesmo, na grande parte dos sistemas baseados no distrito uninominal, as mulheres apenas chegam a ser 1/5 do total de pessoas nos parlamentos.
- Mistos: se bem que a sua média, ao situar-se entre as médias dos Uninominais e os Plurinominais, parece responder tal como cabia esperar a partir da nossa hipótese, o certo é que a Desviaçom Típica dá conta claramente da existência dumha forte heterogeneidade dentro desta variável. Essa heterogeneidade é, em grande medida, devida ao caso do Japom, com apenas uns 7,29% de mulheres, resultado que vem a ser até mais baixo do que o de qualquer sistema Uninominal considerado. Este comportamento do caso japonês pode dever-se a um profundo sentimento machis-

ta[12] da sociedade japonesa, o que eliminaria o efeito do políticamente correcto nas actitudes de votantes e gatekeepers, explicando dessarte tam exagerada preferência polo voto a homens. Em todo o caso, ao ter considerado unicamente três casos nesta categoría (um deles, como se viu, presumivelmente excepcional), nom parece que podamos tirar conclusons demasiado válidas.

- Plurinominais: também encontramos umha forte heterogeneidade dentro desta categoria (que, em parte, procuraremos explicar com a hipótese 2). No entanto, a diferença respeito dos sistemas Uninominais é notável: em mais dos 80% dos casos, as mulheres ocupam mais do 1/5 do parlamento. Afinando mais, em quase uns 60% dos casos as mulheres superam o 1/3 do parlamento.

Vou submeter esta Hipótese 1 a umha outra prova estatística, a dos Resíduos Ajustados. Para tal fim deverei proceder a umha grande simplificaçom dos casos estudados, classificando-os em apenas 4 categorias, duas por cada variável. Isto devo fazê-lo porquanto, ao invés, a precária significatividade estatística com que vou trabalhar seria ainda agravada.

Tabela 2

			Proporçom mulheres parlamento		
			1/5 ou mais	Menos de 1/5	Total
Tipo escanos predominante	PLURINOMINAIS (menos do 50% dos assentos som eleitos uninominalmente)	Frqüência observada	11	2	13
		Resíduos ajustados	2,2	-2,2	
	UNINOMINAIS (50% ou mais dos assentos som eleitos uninominalmente)	Frqüência observada	3	5	8
		Resíduos ajustados	-2,2	2,2	
Total		Frqüência observada	14	7	21

(12) Para fazer-se umha ideia da intensidade do machismo na sociedade japonesa, consultar, por exemplo: Wright, Erik. 1997, *Class Counts: comparative studies in class analysis*. C.U.P., Cambridge.

Tabela 3

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Chi-Quadrado Pearson	4,947	1	,026

O Chi-Quadrado de Pearson (Tabela 3) indica que parece haver ligaçom entre as variáveis, ao ser inferior ao 0,05, enquanto os Resíduos Ajustados (Tabela 2) venhem a fornecer mais informaçom a respeito dessa ligaçom. Em concreto, desse índice estatístico podemos tirar que todos os cruzamentos de variáves som significativos (por ser superiores a 1,96 ou inferiores a –1,96) ou, por outras palavras, podemos dizer que:

i. Parece existir umha tendência para que nos sistemas eleitorais predominantemente plurinominais haja os 20% ou mais de mulheres no parlamento.

ii. Parece existir umha tendência para que nos sistemas eleitorais predominantemente uninominais haja menos dos 20% de mulheres no parlamento.

Evidentemente, estes índices estatísticos apontam para umhas tendências absolutamente coerentes com a Hipótese 1; mas cabe destacar que o número de casos empregado nom é suficiente para poder tirar qualquer conclusom firme destes dados.

Conclusons Hipótese 1

a) O único que podemos concluir com relativa segurança, dado o número de casos considerado e a homogeneidade da categoria, é que os sistemas Uninominais tendem para supor umha considerável barreira à chegada de mulheres aos parlamentos, em comparaçom com o resto de categorias, nomeadamente com a dos sistemas plurinominais.

b) Parece existir umha tendência para a heterogeneidade nas categorias nom baseadas em distritos uninominais. Essa tendência poderia despreender-se da outra variável crítica do sistema eleitoral considerada neste estudo: o tipo de listas usadas. A comprovar isto dedicaremos a Hipótese 2.

Hipótese 2. As listas abertas prejudicam a chegada das mulheres ao parlamento.

Como acabamos de ver na Hipótese 1, entre os sistemas Plurinominais existe umha forte heterogeneidade; a que pode dever-se isto? Nesta hipótese 2 imos procurar contribuir para afirmar ou descartar umha possível resposta: a heterogeneidade observada entre os sistemas Plurinominais pode dever-se ao tipo de listas eleitorais empregado. Assim, as listas fechadas e bloqueadas dariam lugar a resultados mais favoráveis para as mulheres do que as listas abertas. Vejamos isto mais devagar.

a. Listas Fechadas e Bloqueadas (Listas Fechadas): o partido propom umha série de candidatos numha ordem determinada, e os votantes efectivam um voto à lista como é porposta polo partido, sem poder alterá-la. Neste caso, os candidatos e candidatas irám sendo eleitos para ocupar os assentos segundo o lugar em que figurem na lista, até completar o total de assentos que lhe corresponde ocupar a essa lista, em funçom do número de votos obtidos.

Nesta situaçom, a responsabilidade de que cheguem mais ou menos mulheres ao parlamento será facilmente atribuível ao partido, pois nom será complicado entender que umha lista em que nom haja candidatas ou em que as candidatas estejam em postos tam atrasados da lista que a probabilidade de que sejam escolhidas diminua notavelmente, será umha lista claramente prejudicial para as mulheres. Dessarte, visando evitar um "castigo eleitoral" o partido, e mais concretamente os seus gatekeepers, tenderám para estimar que a opçom racional consiste em ser sensíveis ao politicamente correcto, com o que incluirám algumha mulher em postos de-provável-eleiçom da lista. Deste modo, a lista fechada e bloqueada deveria incidir positivamente na chegada das mulheres ao parlamento.

b. Listas Abertas: neste trabalho entenderemos por listas abertas aquelas cuja ordem final dos candidatos depende dos votantes e nom dos partidos. Nom nos interessará o facto de os votantes dever ordenar umha lista concreta de candidatos propostos por um partido, ou que podam escolher entre candidatos de diversos partidos, configurando umha lista própria (o que se conhece como panachage).

Neste caso, cada partido deve seguir propondo umha lista de candidatos (nom ordenados). Em caso de que o partido propugesse umha lista composta só de homens, seguiria expondo-se a umha penalizaçom eleitoral por ser facilmente perceptível esta decisom como obstaculizadora da chegada de mulheres ao parlamento e, portanto, como claramente

contrária ao politicamente correcto. Polo que sempre haverá algumha mulher nessa lista.

A diferença com o tipo de listas anteriores está em que a ordem final dos candidatos nas listas e, portanto, as suas possibilidades reais para ocupar um assento dependem do eleitorado. Nesta situaçom a responsabilidade de nom respeitar o politicamente correcto dilui-se na totalidade do eleitorado, polo que dificilmente essa constante condicionará os votos. Nestas circunstâncias a tensom entre machismo e consciência do politicamente correcto resolver-se-á maioritariamente em favor do machismo.

c. Opçom mista: existem sistemas eleitorais em que se produz umha soluçom mista. Quer dizer, o partido propom umha lista de candidatos ordenados segundo as preferências dos gatekeepers do partido, mas os votantes, para além de poder efectivar um voto a essa lista (vota a lista fechada e bloqueada, portanto), também podem alterá-la segundo as suas próprias preferências (voto a lista aberta).

Nos sistemas eleitorais nos que encontremos esta opçom mista a chave do resultado final das eleiçons para efeitos de presença feminina no parlamento dependerá do tipo de voto empregado maioritariamente. Dessarte, por exemplo, se num Estado de opçom mista umha clara maioria do eleitorado escolhe geralmente efectivar um voto à lista tal como é confeccionada polo partido, caberia esperar resultados similares aos dos sistemas eleitorais de listas fechadas e bloqueadas. Para poder predizer, pois, os resultados para esta categoria, deveríamos contar com algum tipo de indicador que nos deixasse claro qual é o comportamento eleitoral habitual no que atinge às listas. No entanto, nom conseguim encontrar um indicador deste tipo no tempo de que dispugem para preparar este trabalho polo que, a priori, o comportamento desta categoria é umha incógnita desde o modelo teórico. Em qualquer caso, vou incluir esta categoria por quanto, invessamente, deixaria um número importante de casos fora do exame, e porque quiçá à luz dos dados se poda apontar algumha eventual explicaçom.

Assim, a Hipótese 2 enunciada de maneira empiricamente testável fica como segue:

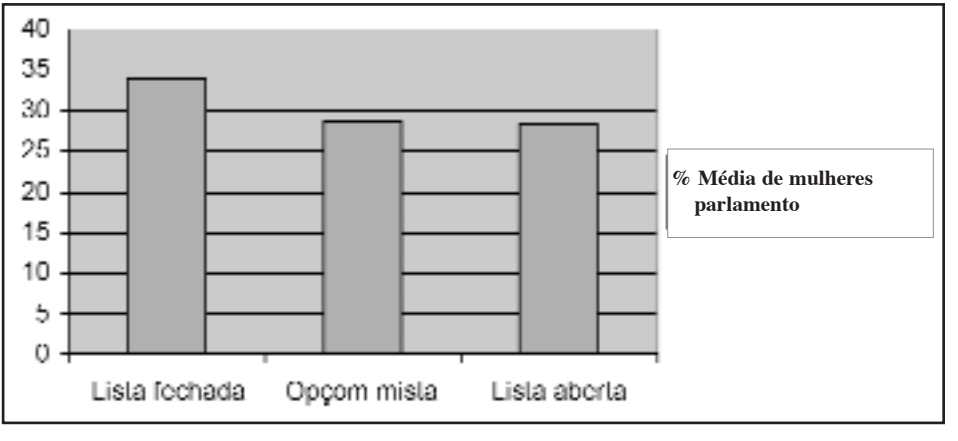
Encontraremos maior presença feminina em sistemas eleitorais de listas fechadas e bloqueadas do que naqueles em que as listas sejam abertas. Nos sistemas com opçom mista, o resultado final dependerá do uso que os eleitores fagam das listas, tal como acaba de ser explicado (isto último, como fica indicado, nom imos poder comprová-lo).

Vejamos o que nos dim os dados:

Tabela 4

Tipo Lista	% média de mulheres parlamento	Desviaçom Típica	Total Casos
Listas fechadas	33.91	3.3	4
Opçom mista	28.65	9.76	5
Listas abertas	28.21	10.68	3
Totais	30.29		**12**

Gráfico 2



Leitura dos dados

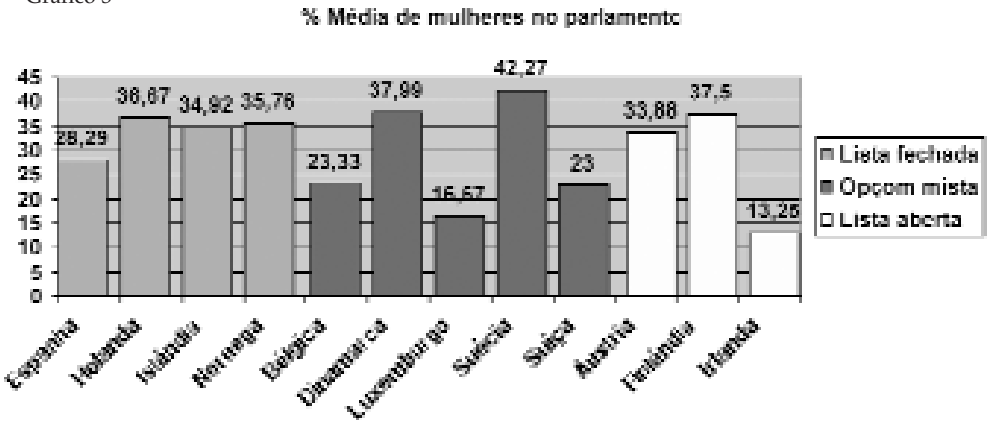
Um primeiro elemento a ter em conta reside no facto de contarmos agora com menos casos totais, polo que também contamos, em geral, com categorías mais reduzidas, o que intensifica a cautela com que devemos tomar as afirmaçons que fagamos no seguimento.

Quanto ao resto, o tipo de listas eleitorais empregado parece ter incidência significativa só na categoria de Lista Fechada, onde observamos que os 4 casos que a conformam som extraordinariamente homogéneos (ver Gráfico 3) entre si, havendo menos de 2 pontos de diferença entre a Holanda (36,67%), a Noruega (35,76%) e a Islândia (34,92%), e resultando o caso mais "extremo" a Espanha, com 28,29%.

Nas outras duas categorias observamos umha grande heterogeneidade interna. Cabe ressaltar a grande heterogeneidade observada na cate-

goria de Lista Aberta, que nos leva a admitir que parece evidenciar a ausência de ligaçom significativa entre a Lista Aberta e a maior ou menor presença feminina nos parlamentos; fazendo notar, mais umha vez, que estamos a falar unicamente de 3 casos.

Gráfico 3



Conclusons Hipótese 2

a) O único que podemos afirmar (com extremada prudência, conste) a partir dos dados expostos para esta Hipótese 2 é que os sistemas eleitorais plurinominais de Listas Fechadas e Bloqueadas parecem tender para garantir umha presença feminina relativamente abundante nos parlamentos.

b) Assim pois, com esta Hipótese 2 parece que certamente conseguimos afinar um tanto a nossa capacidade preditiva dos resultados eleitorais a partir do sistema eleitoral, mas apenas numha categoria.

Conclusons gerais

A partir dos dados considerados parece que tam só podemos concluir três cousas com certo grau de plausibilidade: os distritos uninominais parecem tender para prejudicar a chegada das mulheres aos parlamentos¸ enquanto os distritos plurinominais com listas eleitorais fechadas e bloqueadas parecem ser mais benignos para a chegada de mulheres aos parlamentos (ver Gráfico 4); no resto das categorias consideradas nom encontramos evidência que demonstre a incidência das variáveis independentes consideradas. Cabe algumha leitura desde o nosso modelo

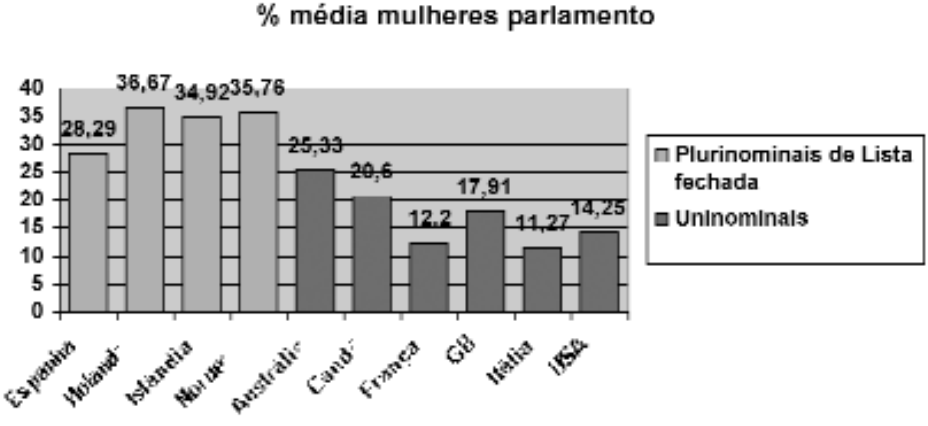
teórico destas três conclusons? Considero que sim, mas advirto, mais umha vez, do alto nível de incerteza no que nos movemos devido ao escasso número de casos considerado, às poucas variáveis controladas e ao fraco controlo efectivado sobre elas. Vejamos, em todo o caso, umha eventual explicaçom, desde o modelo teórico empregado, para os resultados obtidos.

As três conclusons propostas parecem indicar, por um lado, que estava no certo quanto às previsons sobre o comportamento dos gatekeepers e, por outro, que nom estava no certo quanto às previsons sobre o comportamento dos votantes.

-Os gatekeepers nos sistemas Uninominais: é preciso que os gatekeepers proponham mulheres como candidatas para que podam ser eleitas polo eleitorado. Dessarte, no caso dos sistemas Uninominais o filtro que suponhem os gatekeepers é definitivo, pois se maioritariamente proponhem homens como candidatos, nunca poderám sair eleitas mulheres. Pois bem, tal como se explicou na Hipótese 1 cabia esperar que os gatekeepers propugessem maioritariamente homens, e assim parece acontecer na realidade a partir dos dados examinados.

-Os gatekeepers nos sistemas Plurinominais de Lista Fechada e Bloqueada: aquí os gatekeepers tenhem também um papel crucial: eles decidem realmente que candidatos vam a ter opçons reais de fazer parte do parlamento. Pois bem, nestas circunstâncias, tal como víamos na Hipótese 2, cabia esperar que os gatekeepers garantissem umha presença

Gráfico 4



relativamente ampla de mulheres (ao ver-se presionados pola constante do politicamente correcto); e isto também parecem confirmá-lo os dados examinados.

-Os votantes: finalmente, naquelas categorais em que previa maior protagonismo por parte dos votantes na configuraçom final do parlamento no que atinge a sexos, observamos umha grande heterogeneidade interna, quando eu previa também certos comportamentos que deviam ser relativamente homogéneos, polo que devo concluir que nom fum capaz de fazer previsons acertadas de tais comportamentos. Quiçá para o eleitorado a chave esteja na Intensidade da sensibilidade social arredor das reivindicaçons feministas, que muito provavelmente nom foi controlada de maneira adequada.

Em todo o caso, desde esta investigaçom parece que podemos fazer previsons relativamente acertadas naqueles casos em que o comportamento dos gatekeepers seja definitivo para o resultado final das eleiçons no que diz respeito à composiçom final do parlamento no que atinge aos sexos. No entanto, nom parece ser um bom modelo para explicar o comportamento dos votantes e, portanto, os resultados daqueles sistemas eleitorais em que o eleitorado tenha um papel protagonista na configuraçom final dos parlamentos no que atinge aos sexos.

Assim, para terminar, proponho estas três conclusons/reflexons desde esta investigaçom:

1. Os distritos Uninominais parecem prejudicar a chegada de mulheres ao parlamento.

2. Os sistemas de distrito Plurinominal e Listas Fechadas parecem garantir, em geral, presenças femininas abundantes no parlamento.

3. Para o resto de categorias, o modelo parece nom ser acertado. Se bem que

4. para poder virar as três conclusons/reflexons anteriores em verdadeiras CONCLUSONS científicas, seria preciso recorrer a um número de casos bastante mais elevado e a umha selecçom que garantisse verdadeiramente o controlo das variáveis de controlo propostas acima, nomeadamente, no que diz respeito à intensidade e sensibilidade social respeito das reivindicaçons feministas.

5. Finalmente, cabe indicar que os resultados recolhidos nas conclusons/reflexons 1 e 2 parecem confirmar a inexactitude, anunciada no

Quadro Teórico deste relatório, da hipótese clássica à hora de relacionar sistema eleitoral e configuraçom do parlamento: nom todos os sistemas proporcionais parecem claramente favoráveis às mulheres.

Bibliografia consultada

DOWNS, Anthony, 1992, "Teoría económica de la acción política en una democracia" em *Diez textos básicos de ciencia política*, recopilación de Albert Batlle, Ariel, Barcelona.

ERIK LANE, Jan e ERSSON, Svante O., 1998, *Política europea: una introducción*, Istmo, Madrid.

FERRARA, Federico, *Introduction to electoral systems*, em http://people.ku.edu/~fed/150ies.doc.

G. CARMINES, Edward e HUCKFELDT, Robert, 1996, "Comportamiento político: una visión general", em *Nuevo manual de Ciencia Política*, de Goodin, Robert e Klingemann, Hans-Dieter, Istmo, Madrid: 329-373.

JONES, Alastair, 1997, *The classification of electoral systems: towards a multidimensional approach*, em http://www.psa.ac.uk/cps/1997/jonesa.pdf.

LEIJENAAR, M., 2000, "Un sistema electoral común para el Parlamento Europeo: ampliar al máximo el acceso de las mujeres", em *La democracia paritaria en la construcción europea*, dirigido por Saavedra Ruiz, Paloma. Em http://www.celem.org/prog_europeos/demo_paritaria2000/pdfs/capitulo03.pdf.

MATLAND, Richard E., 1998. "Enhancing women's political participation: legislative recruitment and electoral systems". Em *Women in parliament: beyond numbers*. IDEA. Suécia: 65-88.

NORRIS, Pipa, 2003. *Electoral engineering: voting rules and political behavior*. Trabalho a publicar por Cambridge University Press, e disponível en http://ksghome.harvard.edu/~.pnorris.shorenstein.ksg. Capt. 2, "Classifying electoral systems" e Capt. 8, "Women's representation".

OLSON, Mancur, 1992, "La Lógica de la acción colectiva" em *Diez textos básicos de ciencia política*, compilaçom de Albert Batlle, Ariel, Barcelona.

RULE, Wilma, 1994, "Parliaments of, by, and for the People: Except for Women?", em *Systems in Comparative Perspective; Their Impact on Women and Minoroties de Rule*, Wilma e Zimmerman, Joseph F. Greenwood Press. USA: 15-30.

VALLÉS, Josep M. e BOSCH, Agustí, 1997, *Sistemas electorales y gobierno representativos*, Ariel Ciencia Política. Barcelona.

Tabelas de dados

Considero oportuno incluir alguns dos dados e classificaçons utilizados para garantir a facilidade de réplica e controlo da investigaçom realizada. Todos eles fôrom tirados de www.ipu.org e das páginas web dos diversos parlamentos, cujas ligaçons podem também achar-se na página da IPU.

Dados Hipótese 1

Países	% assentos uninominais
Noruega	0
Austrália	100
Canadá	100
Suécia	0
Bélgica	0
Holanda	0
USA	100
Islândia	0
Japom	62.5
Finlândia	0.5
Suíça	2.5
Luxemburgo	0
França	100
Gram Bretanha	100
Dinamarca	0
Áustria	0
Alemanha	49.6
Irlanda	0
Nova Zelândia	57.5
Itália	75
Espanha	4

% média de mulheres nos parlamentos segundo o distrito

	Uninominais		Mistos		Plurinominais
Itália	11,27	Japom	7,29	Irlanda	13,25
França	12,2	Nova Zelândia	28,33	Luxemburgo	16,67
USA	14,25	Alemanha	32,17	Suíça	23
GB	17,91	DESTIP	10,94	Bélgica	23,33
Candá	20,6	MÉDIA	19,6825	Espanha	28,29
Austrália	25,33	$(Xi-Y)^2$	358,813867	Áustria	33,88
DESTIP	4,94			Islândia	34,92
MÉDIA	15,21428571			Noruega	35,76
$(Xi-Y)^2$	146,5801333			Holanda	36,67
				Finlândia	37,5
				Dinamarca	37,99
				Suécia	42,27
				DESTIP	8,86
				MÉDIA	30,2941667
				$(Xi-Y)^2$	941,196292

Dados Hipótese 2

	Lista pechada		Opçom mista		Lista aberta
Espanha	28,29	**Luxemburgo**	16,67	**Irlanda**	13,25
Islândia	34,92	**Suíça**	23	**Áustria**	33,88
Noruega	35,76	**Bélgica**	23,33	**Finlândia**	37,5
Holanda	36,67	**Dinamarca**	37,99	MÉDIA	28,21
MÉDIA	33,91	**Suécia**	42,27	DESTIP	10,68
DESTIP	3,3	MÉDIA	28,652	$(Xi-Y)^2$	342,2546
$(Xi-Y)^2$	43,6446	DESTIP	9,76		
		$(Xi-Y)^2$	476,48528		

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 057 - 071 / ISSN 1130-3557

O nome de lugar *Restrepo*, na freguesia de Parámios da Veiga de Riba d'Eu

Crisanto Veiguela Martins

Restrepo é nome de umha aldeia da considerada polos naturais "montanha da Veiga", onde se entende por tal a zona montuosa do interior do término municipal da Veiga de Riba d'Eu, concelho que assim foi chamado originalmente, se bem hoje se denomina de maneira oficial "Vegadeo"[(1)]. O nome e a realidade geográfica som apenas parcialmente contraditórios, posto que a capital do concelho assenta, com efeito, no ponto em que o rio Suarom junta o seu caudal ao da foz do rio Eu no início da Ria de Riba d'Eu. Embora o Eu seja rio mais importante do ponto de vista comarcal ou regional, a maior parte das terras do concelho da Veiga de Riba d'Eu se acham mormente vinculadas a ambas as beiras do rio Suarom, cuja bacia é um conjunto alternado de montes e pequenas várzeas onde desde antigo sedia a maior parte da povoaçom do concelho.

O nome de lugar Restrepo tem adquirido merecida fama mercê a que foi levado por antigos nativos da zona entre os rios Eu e Návia às Américas nos passados séculos. Onde maior fortuna fizo foi em

(1) O concelho data apenas de 1836, nascendo oficialmente *Vega de Ribadeo* (*Vegadeo* na actualidade desde 1916), é dizer, Veiga de Ribadeu, se utilizarmos a denominaçom inicial banida de verniz castelhano. O nome originário no nascimento do município indica que se tratou de reflectir a realidade lingüística e social (com a forma castelhanizada *Vega*, como nom podia ser de outra maneira nessa altura), de umha zona que o povo conhecia sobretudo por "a Veiga", a série de terras baixas e férteis que mesmo sofriam de periódicos alagamentos com ocasiom das crescidas do rio que as atravessa, conjunto geográfico que na época medieval recebia o nome de *Honor do Suarom*. Porém, para entender que se lhe desse em época relativamente recente aquela denominaçom inicial, devemos pensar que desde antigo a maior parte da regiom compreendida entre os rios Eu e Návia se chamava *Terra de Ribadeu*. Este nome Riba d'Eu, antes *Ribadeuve*, é claro que nom fazia referência ao que hojé é apenas a vila (burgo no medievo) de Riba d'Eu mas a umha ampla comarca que seguia o curso do rio Eu desde o seu começo até a sua chegada ao mar, traspassando sucessivamente o que hoje som limites administrativos entre as províncias de Lugo e Astúrias. Posteriormente, antes de ter decorrido um século, o concelho muda o seu nome para um "neutro" Vegadeo, perante umha realidade político-administrativa e social diferentes às históricas e onde certamente deverom primar interesses de carácter localista por parte da incipiente burguesia da capital do concelho, em concorrência e rivalidade crescente com a mais velha burguesia da vila vizinha do outro lado da ria, Riba d'Eu, por história capital económica regional, o que é hoje ainda realidade perceptível.

Colómbia, onde umha rama dos Restrepo adquiriu notabilidade até chegar inclusive a alcançar um dos seus membros a Presidência da República e constituir-se em clã influinte na política daquele país sul-americano. Desde há muitos anos no canal 1 da TV espanhola é freqüente olharmos nos telejornais um correspondente de nome Juan Restrepo oferecendo as novas colombianas. Na véspera de entregar este artigo ao Director da Agália soubo-se que a escritora e política colombiana Laura Restrepo era galardoada na Espanha com o VII Prémio de Novela Alfaguara pola sua narraçom "Delírio".

Tal apelido ou sobrenome foi aplicado no passado aos originários da aldeia de Restrepo, pertencente hoje em dia à freguesia de Parámios, as terras que se situam mais ao sul do concelho da Veiga de Riba d'Eu. A linha colombiana procede de Restrepos que parece ser gozavam já de umha boa posiçom na sociedade da época. Mas se pesquisarmos atrás no rasto dessa linagem que em Colómbia prendeu, chegariamos provavelmente a humildes antepassados de um lugar daquela quase remoto e felizmente hoje bem comunicado. Tal tarefa, de nom estar feita já, fica para os historiadores.

A nós interessa-nos aqui a possível etimologia do topónimo que, para começo, nom parece das mais difíceis. Tudo indica ser nome de procedência latina e, portanto, nom antigo em demasia. Porém, há ocasiões em que a explicaçom fácil tem mais de aparência que de realidade e na medida em que se aprofunda no desentranhamento da verdadeira razom de ser dos nomes surgem as dificuldades.

A toponímia é matéria que se ocupa do estudo lingüístico e histórico das origens dos nomes próprios dos lugares. Um lugar é, em fim de contas, umha porçom de terra, e pois que a terra foi (e ainda em parte continua a sê-lo) o substrato primigénio do que o Home tirou o seu sustento, parece lógico que grande parte dos topónimos façam referência aos usos da terra, desse elemento nutrício ao que se tivo de enfrentar, castrando-a da vegetaçom brava, amansando-a e domando-a com os sucessivos labores de cultivo, até arrancar dela o fruto, a colheita.

Sabemos que nom todas as terras possuem as mesmas qualidades, hánas melhores e piores, mais férteis e mais pobres, duras e moles, lamacentas, pedregosas, argilosas, arenosas, pesadas e ligeiras, mais negras, mais pardas, avermelhadas e alvacentas... Todas estas circunstâncias ou condições da terra deixarom o seu reflexo na toponímia; cada povo foi em cada sua língua chamando a terra pola sua característica mais relevante.

Também o tipo de vegetaçom brava ou espontânea que nela predominava, ao igual que o cultivo que a ela se ajeitou fixou a sua lembrança nos topónimos.

A primeira hipótese que se nos antolhou plausível ao pensarmos no possível significado do nome com que forom baptizadas as terras da aldeia de Restrepo foi a de que estas teriam sido no passado lugar de restrolho, restreva ou restrevo, quer dizer, leiras que durante um tempo permaneciam sem cultivo permitindo que nelas medrassem as plantas espontâneas. É inegável a grande semelhança de alguns desses termos com o topónimo, o que fai a hipótese muito atractiva como, aliás, é habitual nesta matéria; contudo, cumpre nom esquecermos que isto leva muito freqüentemente a enganos.

A razom que justificaria a nossa conjectura haveria-mo-la procurar na mais que provável escasa fertilidade dessa área já de montanha, submetida, além do mais, a umha meteorologia adversa para as plantas mansas ou domesticadas, sempre delicadas e precisadas de melhores condições, com o que se faria muito trabalhoso lograr delas umha colheita de cereal todos os anos.

Usando de alguns dos dicionários galego-portugueses aginha se chega a dar com os termos da família léxica de que poderia provir, segundo tal teoria, o topónimo “Restrepo”.

O dicionário “Xerais da Língua” (vulgarmente “Xerais”) diz-nos, consoante ao termo “restreba”:

Restreba → [Do lat. restipa]. S. f. 1. Restos dos cereais que quedan no leiro despois de segar; restrollo, restroballo. 2. Leiro segado. 3. Segunda ou terceira colleita que dá unha roza. ‖ Terra de resteba: Dise da leira sen cultivar, deixando que nela medren as plantas espontáneas. Palla resteba: restos de palla que quedan trala recolleita e malla. Fam.: Restrebar, restrebeira, restrebo. [Fam. indica "da mesma família léxica"; o sublinhado é nosso para ressaltarmos assim os termos ao nosso juízo mais significativos para o topónimo que estamos a considerar].

O Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (abreviado “Aurélio"), na sua versom electrónica, dá por seu lado para este verbete:

Resteva → (ê)[Do lat. vulg. *restipa | stipa, 'palha, colmo']. S. f. E remetenos a restolhal ("terreno em que há restolho", ou restrolho). ["Restrolho" é palabra utilizada ainda no âmbito rural da zona que

nos ocupa, como recolhe José-António F. Vior, no seu Vocabulário da Veiga[2], com o significado de "rastrojo, restos de la caña de la mies después de segada"].

Para "restrollo", o Xerais oferece-nos também a seguinte definiçom:

Restrollo → [Lat. vulg. restrupulu < restupulare = arrinca-lo restrollo < stipula = restrollo]. s.m. Pallas ou canas que quedan estradas polo chan da leira despois da sega; restreba.

O dicionário da Língua Galega do padre Alonso Estraviz (conhecido popularmente por "Estraviz") colige acepções semelhantes às vistas anteriormente, e também para "restebo" e "restrevo" o significado "clase de millo de cor negra", "milho seródio", o que para este caso nom achamos relevante.

Nos dicionários de espanhol, por exemplo o da Real Academia Espanhola (D.R.A.E.), definem-se os termos equivalentes nessa língua:

"**Rastrojo**. De restojo → 1. m. Residuo de las cañas de la mies, que queda en la tierra después de segar. 2. El campo después de segada la mies y antes de recibir nueva labor. 3. pl. Residuos que quedan de una cosa. Expr. Sacar a uno de los rastrojos. 1. fr. fig. y fam. Sacarle de estado bajo o humilde."

E para "restojo":

"**Restojo** → Del lat. re-stipula, caña de cereal."

Numha primeira vista de olhos reparamos em que seria factível acharse o étimo do topónimo Restrepo no latim *restipa/restipo*, na sua variante *restripa/restripo*, da mesma maneira que há *rastro* e *rasto*, *rostro* e *rosto*, *restra* e *resta*, *madrastra* e *madrasta*, *congostra* e *congosta*, *orquestra* e *orquesta*, entre outros. A respeito do som "r" nom etimológico[3] (chamado cor-

(2) FERNÁNDEZ VIOR, J.A., op. cit. p. 282, verbete "restroyo". Trata-se do corpus lexicográfico que acompanhou o trabalho da sua tese de doutoramento, dada a lume en volume independente daquela como umha segunda parte. Acrescentar que o autor une à qualidade de filólogo sua condiçom de natural da capital do concello. Vid., tb. da mesma autoria, *El Habla de Vegadeo (A Veiga y su Concejo)*, pp. 38 e 39, primeira parte da tese de doutoramento mencionada. Indicar, todavia, que neste trabalho o autor escolheu reflectir o moderno processo de deslateralizaçom do fonema lateral palatal sonoro /ʎ/ (grafias -ll- e -lh-), mediante o uso da letra "y", grafema usado antigamente no galego-portugués mas hoje excluído deste idioma (é substituído regularmente por "i"), aparecendo apenas en vocábulos de origem foránea. Tal fenómeno é dialectal e geral hoje em dia no âmbito do nosso domínio lingüístico, mormente nos mais novos (vid. FERREIRO FERNÁNDEZ, M., *Gramática histórica galega*, vol. I: pp. 174, §109b; 190, §125). En mapa junto de elaboraçom própria do Prof. Vior pode-se observar por onde transcorre a isoglossa que caracteriza o fenómeno no seu passo pola geografia municipal.

(3) Vid. FERREIRO FERNÁNDEZ, M., op. cit., p. 141, §86c.

rentemente "r epentético", entre outras denominações), é fenómeno relativamente freqüente no grupo consonántico *-st*, ainda que nom sempre de fácil explicaçom; caso muito conhecido é o de "estrela" (lat. STELLA, it. *stella*, fr. *étoile*)", e, além dos exemplos já citados, podemos acrescentar: "*registro/regis*to (que procede em definitivo do lat. REGESTA), a forma medieval *celestre* (aqui com provável influxo de *terrestre*), e as variantes populares *hastra/hasta* (castelhanismos óbvios e modernos) e *listra* (variante de *lista*)[4].

A mais abundamento, quanto à hipótese considerada, indicarmos também que na contorna em que tem assento a aldeia de Restrepo a palavra que se usa é "restrebo", variante dialectal alternativa de restreba/resteba/resteva (que é mencionada, como vimos, em alguns dicionários galegos, como o Xerais), tal e como também recolheu o Prof. Vior[5], neste caso na acepçom de "segunda cosecha que da una roza; la cosecha era de peor calidad" (compare-se com a definiçom 3 do Xerais assinalada acima).

Ora bem, tentar derivar o topónimo em estudo de um mesmo étimo comum com "restrebo" levanta a questom de porquê o som bilabial oclusivo surdo /*p*/ se mantivo sem sonorizar-se em /*b*/, como seria esperável desde *RESTIPA (de RE + STIPA). Tal mudança teria sido de regra no caso de partir o topónimo de um termo latino que contivesse a consoante oclusiva geminada surda -PP- (ex.: CAPPA>capa, PAPPA>papa,...)[6]. Por isso, para continuar com a defesa desta hipótese caberia pensar na possível influência de outro vocábulo similar, que junte à característica etimológica recém apontada formar parte da mesma realidade em que se deveu originar o nome do lugar. Com efeito, existe umha palavra muito parecida ao étimo do que os filólogos dam por certo se formou *resteba/restreba* (e, portanto, *restrebo*), ou seja, *RESTIPA; este vocábulo é *estepa*[7], que se refere a "planta pequena de 12 a 15 centímetros de altura; medra nos tojais e montes baixos; é semellante à carpaça, só se diferencia dela na cor" (dic. Xerais); este termo provém do latim vulgar hispánico tardio STIPPA[8]; por

(4) Agradeço particularmente ao Professor Dr. e amigo J. Martinho M. Santalha a sua disponibilidade para opinar sobre um rascunho deste texto, ele forneceu-me alguns destes exemplos. Mas especialmente lhe agradeço que me estimulasse a publicar este trabalho.

(5) Vid. FERNÁNDEZ VIOR, J.A., *Vocabulario da Veiga*, p. 282. Vid. tb. do mesmo autor Notas etnolingüísticas del conceyo da Veiga, p.46.

(6) Vid. FERREIRO FERNÁNDEZ, M., op. cit. p. 103, §50c.

(7) Palavra homónima de outra hoje seguramente mais conhecida que nos entrou do ruso stepi, através do francês steppe, definindo-se como "formazón vexetal própria de rexións de climas temperados continentais caracterizada polo predomínio de herbáceas, gramíneas e bulbosas" e "rexión con esa vexetazón" (seguimos aqui o dicionário Estraviz); de facto, é utilizada amiúde con referência à estepa rusa.

(8) Vid. SEGURA MUNGUIA, S., *Diccionario Etimológico Latino-Español*, p. 695. Este dicionário fai derivar de STIP(P)A, o espanhol *estepa*, arbusto, e data no século VII o testemunho escrito do vocábulo.

outro lado, o "Diccionario Cumio da Língua Galega" ("Cúmio"), similar ao Xerais, fornece o nome científico, técnico ou botánico da planta, *Cistus albinus*, o qual, no que nós sabemos, será erro por *Cistus albidus* L., e sempre supondo ter acertado o dicionário na correspondência de nomenclaturas vulgar e científica[9].

O interesse em conhecermos o mais exactamente possível que espécie de planta corresponde a tal ou qual denominaçom[10] deve-se, no nosso caso, a que a palavra "estepa" (e a sua variante como era de esperar "estrepa"[11]) parece ter servido tanto em galego-portugués como em espanhol, e mormente neste por razões fitogeográficas óbvias, para nomear diferentes espécies do género *Cistus*, grupo de plantas característico da geografía de clima mediterrâneo. Destarte, o facto de tratar-se de espécies mais abundantes quanto mais nos aproximamos do Mediterrâneo, por gostarem de clima mais cálido e seco do que no ponto estudado, fai com que devamos considerar com reservas a possibilidade de que no pasado algumha delas chegasse a proliferar nos montes de nosso até o ponto de intervir de algumha maneira na caracterizaçom de umha terra pola sua causa. Todavia, se bem que tal possibilidade parece pouco provável, isto nom tem porque pejar o intento de aprofundarmos desde essa perspectiva no assunto que nos ocupa.

Diremos que da consulta dos dicionários de que dispomos tiramos a sensaçom de que desde o mesmo étimo do latim tardio STIPPA se pudo gerar mais de umha soluçom na deriva às falas romances. Pois para designar algumhas espécies de *Cistus* (estepas e xaras) tanto em espanhol como em galego-português topamos ao menos com dous termos: o mais primitivo, e mais asemelhado portanto ao étimo original, estepa<STIPPA, e outro, com maior transformaçom: esteba<STIPA<STIPPA. Isto talvez poda explicar a aparente confusom que se observa nos dicionários. Assim, seguindo-os, chegaremos à conclusom de que ambos os termos, "estepa"

(9) De todas as maneiras, as medidas que facilitam tanto o Xerais como o Cúmio nom se correspondem com as desta espécie, que apresenta um porte de arredor de 30 cm, podendo abranger em dadas condições aproximadamente 1 m de altura.

(10) Sempre que falamos de plantas e vegetaçom (como de outras realidades que mergulham no âmbito da ciência e da técnica) é da maior importância o conhecimento do nome especializado com que a comunidade científica concorda designar essa realidade viva, porquanto apenas este nos permite a identificaçom unívoca da espécie e, nos casos mais rigorosos, subespécie, variedade, etc. Muitos dicionários pecam de incompletos ou fanados quando só se limitam a incluir vagas referências ao ser ou ao objecto que na teoria tratam de definir. É sobejamente sabido que sobretudo no entorno natural (em que o Home houvo procurar a sua sobrevivência) se produz nas línguas umha grande diversidade dialectal, umha rica sinonímia que ao variar de umha zona a outra ocasiona nom pouca confusom; daí que por falta de recursos materiais e humanos, pola deficiência destes ou por mera ignorância muitas obras viram obscuras, ficando tolhidas para os usos ou necessidades que declaram servir.

(11) Vid. Diccionario de la Real Academia Española (D.R.A.E.), verbete "estrepa".

e "esteba" têm sido na prática sinónimos para designar ao menos duas espécies de *Cistus* e provavelmente algumhas outras do mesmo tipo ou semelhantes a elas, mesmo de outras famílias botânicas.

Para nom nos estendermos demais nom vamos transcrever aqui os resultados que para um e outro termo fornecem os dicionários. Apenas algumhas resenhas exemplificadoras limitando-nos a seguir os dous de talvez maior uso na actualidade: o Xerais, adaptado à norma ortográfica oficial vixente na Comunidade autónoma "Galícia", e o Estraviz, em normativa chamada "de mínimos" e filosofia regeneracionista ou de reintegraçom à grafia comum com os outros países lusófonos. Enquanto o Xerais (já o vimos) define "estepa" mas nom "esteba", o Estraviz, polo contrário, define "esteva" (apenas variante gráfica de "esteba") mas nom "estepa". No primeiro nom se identifica cientificamente a espécie botânica a que fai referência, embora si o faga o dicionário Cúmio peró com incorrecçom gráfica; entretanto, o Estraviz dá o nome científico para "esteva", *Cistus ladaniferus*[12] e junta, também, o seu sinónimo "xara"[13]. O Xerais, ao tentar definir a estepa fala-nos da "carpaza", da que nos diz que só se desassemelha na cor (da planta ou da flor?) e indo a "carpaza" achamos que para este termo nom abastece nome técnico nengum, apenas o dado de pertencer também à família das Cistáceas (acrescentemos da nossa parte que esta família tem por volta de 165 espécies[14]) e que possui flores amarelas; o nome técnico para a carpaça dá-no-lo o "Estraviz": *Cistus hirsutus*, planta que na verdade tem as pétalas das suas flores brancas, com o interior, isso sim, amarelo.

Da consulta de alguns outros dicionários, entre eles o da Real Academia Espanhola (que nom fornece nomes científicos) e o "Diccionario de Usos del Español de Maria Moliner" (que o fai com algumha regularidade), podemos concluir que certamente o termo "estepa" coincidia nas línguas romances hispánicas em designar preferentemente (mas nom só) a espécie *Cistus albidus* L.; assim parece que acontece tanto em castelhano como em galego-português e em catalám. No primeiro destes idiomas é conhecida como *estepa*, *estepilla*, *estepa blanca*, *jara*

(12) Hoje considera-se mais correcto *ladanifer* para o segundo nome específico; contudo, muitas obras especializadas recolhem *C. ladaniferus*, vid., vg., a conhecida clave botánica BONNIER, G. *Flore complète portative de la France, de la Suisse et de la Belgique*, p. 34. ou outros dicionários como MARIA MOLINER, *Diccionario de Uso del Español*, na entrada "jara".

(13) É muito pouco provável que fosse esta planta, a xara, a responsável de umha interferência ou influência no nome Restrepo, pois nom é característica do nosso clímax nem o deveu ser na altura de formaçom do topónimo.

(14) Vid. HEYWOOD, V.H., *Las plantas con flores*, p. 104.

estepa ou *jara blanca*[15]. Em galego-portugués, dentro de umha relativa confusom, chama-se-lhe *estepa* e *esteva/esteba*, embora este segundo se aplique também, junto com *xara* e *chougaço* à *C. ladanifer*[16]. Em catalám é vulgar *estepa blanca*[17].

Parece, pois, que de entre as espécies de *Cistus* consideradas, e atendendo também a razões fitoclimáticas, a *C. albidus* seria com maior probabilidade a responsável de influir de algumha maneira no topónimo em estudo, sem também nom devermos pôr de parte a carpaça e a xara macho.

Ora bem, polo que sabemos delas, caso de que tenham sido mais vulgares naquelas terras do que o som agora, nem as suas características morfológicas as fariam particularmente difíceis de extirpar na roça do monte nem o seu potencial aproveitamento (apenas para lenha ou estrume) suporia qualquer aspecto proeminente, ao nosso entender, para chegar a fixar ou condicionar o nome do lugar.

A importância de indagarmos por volta das tais plantas obedece a que, se se pudo produzir para o nome destes vegetais duas diferentes evoluções (ou dous graus de evoluçom paralela), quer dizer, "estepa" e "esteba/esteva" a partir do mesmo étimo STIPPA, coubera talvez a possibilidade de que a partir de RE+STIPA se dessem "restepa" e "resteba", com as correspondentes variantes no masculino e "r" epentético. Naturalmente, aceitando um reforçamento pola existência do termo "estepa".

Se é razoável pensar num uso agrícola dessas terras restrito ou limitado a umha colheita cada dous ou mais anos e o resto do tempo de obrigado descanso ou servindo apenas de pasto para o gado, um barbeito ao cabo de contas, também podemos pensar que o nome do topónimo tenha a sua origem nas mesmas práticas culturais destinadas à preparaçom do monte, prévias ao seu posterior uso cerealístico. Neste sentido, a génese

(15) Vid. MARIA MOLINER, op. cit., verbetes "estepa", "estepilla", "jara" (dentro deste, "jara blanca") e "ojaranzo" [neste dicionário, "estepa" serve de genérico a todos os Cistus ao igual que "jara estepa" e reserva os termos "estepilla" e "jara blanca" para a C. albidus, mas sem proceder a umha descriçom da planta]. Vid. tb. D.R.A.E., os mesmos verbetes mencionados anteriormente e, também, "jaguarzo"; este segundo dicionário nom fornece nomes científicos, polo que non é simples identificar a espécie de Cistus que descreve sob o termo "estepa"; "jara estepa" sim parece referir-se a C. hirsutus, carpaça comun; parece reservar, por enquanto, a denominaçom "estepilla", "estepa blanca" ou "jara blanca" para a C. albidus; de outra parte, com a denominaçom "jara" ou "jara negra" cremos que nomea a xara ou esteba/esteva, Cistus ladanifer L. (a máis popular das xaras ibéricas), entanto "jara macho", "jara cerval" ou "jara cervuna", e possivelmente "ojaranzo", se referem à C. populifolius L., ou xara macho, e "estepa negra" ou "jaguarzo" ficam para a C. monspeliensis Lam., abundante somente na área mediterrânica.

(16) Vid., a este respeito, v. gr., LOSADA CORTIÑAS, E. et al. Manual de Nomenclatura Vernácula da Flora Vascular Galega, Xunta da Galiza, p. 73, fam. Cistaceae.

(17) Vd. PAÑELLA BOÑASTRE, J. Las plantas de jardín cultivadas en España, p. 60, género Cistus.

podemo-la buscar no verbo latino *exstirpāre*[18], que deriva do latim *ex* + *stirps* (*ex-*, prefixo com o significado de "fora", "separaçom"; *stirps, stirpis*[19] "raiz, tronco, talo ou pé de umha planta"); naturalmente reforçado com mais outro prefixo, o "re-" inicial (do latim re- com o significado de "repetiçom"), que o converte finalmente em *rexstirpāre* (*re* + *exstirpāre*), isto é, "arrancar outra vez, extirpar de novo". *Restrepo* formaria-se destarte como um deverbal, quer dizer, teria sido substantivo para exprimir a acçom do verbo "arreigar novamente, volver arrancar".

Folheando nos dicionários, ora de galego, ora de espanhol, encontramo-nos com a palavra "estivada", que polo geral nom vem acompanhado da correspondente etimologia ou quando sim está é, ao nosso juízo, errónea[20]. Este termo tem várias acepções em galego-português[21], reflectimos as mais significativas para o nosso caso: "Operazon de cavar un monte ou terreno inculto, xuntando a broza e facendo borralleiras ou borreas[22]", "terreno en que se fixo unha roza e logo as borreas", "monte que se cultiva só un ano para trigo ou centeio, deixando-o despois desta primeira colleita a toxo ou a piñeiros", "distribuizon que os viciños fan de un monte comunal para aproveitá-lo entre eles durante dous ou máis anos", "campo que, despois de recoller o centeio ou trigo, se traballa para semear millo", "trigo que se semea após unha roza",...

O Prof. Dr. Elígio Rivas Quintas, numha obra da sua autoria dedica umha epígrafe completa a tratar do termo "estibada"[23]. Dela vamos entressacar algumhas considerações que este etimólogo fai, por nos parecerem muito esclarecedoras, nom só para este termo concreto, ainda para muitos outros que deixarom o seu rasto na toponímia. E diz assim o

(18) Vid. SEGURA MUNGUIA, S., op. cit, p. 264: de exstirp_, exstirp_re, exstirp_vi, exstirp_tum, tr. "arrancar de raiz, extirpar; desarraigar".

(19) Deste mesmo étimo também procede, por via culta, o substantivo actual "estirpe" 'origem, raça, linhagem, ascendência, família, cepa' (vid. ibid. p. 695).

(20) Acontece tal para o verbete "estivada" no D.R.A.E., que cita apenas: "Monte o terreno inculto cuya broza se cava y quema para ponerlo en cultivo." ou no Maria Moliner: "Terreno inculto del que se quema la maleza para ponerlo en cultivo." Por seu lado, o Xerais oferece o étimo latino st_va, que, atendendo aos dicionários latinos, non sabemos qual pode ser a relaçom com a "pieza corva y trasera del arado" que estes traem referenciada. É o mesmo étimo ofertado polo Estraviz para a variante sinónima "estiva" entanto para "estivada"(!) aventura a hipótese de proceder do também latino *aest_va (?), propriamente adjectivo e referido ao estio, ao verão. Tudo indica que os dicionários espanhóis forom mais prudentes nom aventurando a origem.

(21) Colhemos aqui as dadas polo dic. do Prof. Estraviz, já que a única do Xerais parece imitaçom da dos dicionários de espanhol, mas menos completa e inteligível.

(22) "Barroeiras" ou "borreas" na fala do galego de Astúrias.

(23) Vid. RIVAS QUINTAS, E., Labranza e ferramenta manual, p.127. Esta obra fai parte de umha série que conta con outros títulos já publicados e que parece foi ideada como un compêndio etimológico dos diferentes aspectos da vida rural na área do Noroeste peninsular. [Os fragmentos seleccionados forom adaptados à acentuaçom gráfica que se emprega neste artigo].

Professor: "O uso multissecular desta verba na economia rural, afectada de múltiples vivéncias, fixo, neste coma noutros temas sinónimos, que a sua semántica variase irregularmente nos distintos lugares. (...) As palabras están, coma as persoas que as expresan, expostas a mil avatares nesa loita pola vida. (...) *estibada* é 'anaco[24] de monte rozado, queimado e sachado, para sementar o centeo'. Seguindo esa "loita pola vida" pódese ver como *estibada* chega naturalmente dende 'terra labrada' deica unha 'terra a monte', pasando por *barbeito*. E foi asi pola evolucion da realidade a que serve. O proceso cíclico levaba o que era 'monte a ermo' a labradio mediante as *roteas* que se preparaban estirpando ou arrincando a raiceira. Mais estas *estibadas* (exstirpatas) de novo tornavam a monte. Asi é polo que *estibada*[25] se pode definir algunha vez polo contrário, mesmo ò revés de *barbeito* que, de 'monte', chega nalgures a 'terra de cultivo'." Mais em diante, das suas procuras em outras fontes bibliográficas[26] como nas antes citadas obras de D. Dámaso, o Prof. Rivas sinala: "Temos novas tamén de que ò longo da conca do Eo se estibaba de xeito semellante. Concretamente nos ss. XVII-XIX o costume era acoutar un anaco de monte cada ano, partir e dividir para ter cada lume unha chousa de estibo[27], mais aqui, por ter 'cortas labranzas' estas xá cerradas, amiúdo ficaron de propiedade particular. Nos Oscos, Ast. oc., *pan de estibo* ou *pan estibo* é o cultivado nas terras de labor permanente, oposto ò *pan de vedro* que é labrado no 'monte'. Este pan (centeo) no *vedro* ou *siara* labrado, botáselle ainda outro ano: *pan de restr*eba, coma *restreba* era a terra e *restrebar* 'labrar segunda vez ou botar segunda vez o pan no mesmo sitio do monte'. Ainda nos provê R. Quintas mais dados de interesse que nos ajudam ajeitadamente a voltar compreensível o topónimo que nos ocupa, e assim, quando realiza umha análise léxica do tema *estibada* assegura: "Trátase doutra palabra xurdida no latin seródio da nosa terra para nomear a laboura de romper monte e poñelo a *manso*. En realidade, un sinónimo preciso de *arrincar/arrancar*, *romper/roturar*, *rozar*, *britar*,... Trátase do latin **silva exstirpata*[28] *Æ stirpata, estibada*, con influxo inme-

(24) "Anaco", naco ou pedaço.

(25) R. Quintas fai aqui referência ao grande mestre Dámaso Alonso, filólogo e literato, vinculado por ascendência à regiom eu-naviega e bom conhecedor dela, à que dedicou parte da sua prolífica obra. Ele tratou este mesmo assunto. Vid. ALONSO, Dámaso, Obras Completas, vol. I. Gredos, Madrid, 1972.

(26) Concretamente nos Cuadernos de Estudios Gallegos (CEG), Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Santiago de Compostela, 1944 s.

(27) "Cada lume unha chousa de estibo", é dizer, cada lar, cada casa ou família um cerrado ou parcela acoutada para o cultivo do centeio.

(28) S_lva em latim significava 'bosque, monte, mata' e tamén 'árvores, arbustos, plantas; mato, matorral, maranha'. Deste termo provêm os actuais "selva" (floresta, bosque tropical), "silva" (sarça, arto, Rubus sp., arbusto espinhento abundantíssimo sobretudo no N. peninsular, que produz as amoras), e os seus derivados "silveiro e silveira", "silveiral", "silvedo", etc. Na toponímia (e na onomástica) é onde ficam os restos do significado primitivo mais genérico de 'monte, bosque'.

diato do latin *stipes* 'talo' que fixo desaparecer o *-r* xá el ben endeble. O latin *stirpem* 'arbusto, brabádego' dá, na Idade Média palabras coma *stirpare*, *stirpere*, *strepare* 'arrincar'; *stirparium* 'estripo ou estrepeiro[29]'; monte rozado é *silva estirpata* 'mato arrincado'; [xuntamente] con *stipa* 'árbore pequena, tropeza', *stipalia* 'tropeza, retoño'. En *silva exstirpata* temos a orixe do tema: unha (terra) *estibada* ou 'arrincada' que logo se sustantivou. *Estibo* é xá deverbal de estibar." [O sublinhado é nosso].

Ao nosso entender, o Prof. Quintas fornece-nos as claves que explicam o nome Restrepo. De umha ou outra maneira lugar que foi destinado ao cultivo do "pan de restreba ou de restrebo", é dizer, onde se reiterou o uso da "estiba" ou "estibada"; é significativo, a este respeito, que na comarca vizinha dos Ozcos fosse recolhida a equivalência "pan de estibo". Os mesmos dados fornecidos por Quintas abonam a hipótese de que a origem deste topónimo deveu de estar no verbo *strepāre* com um influxo de *stipes*. Os termos de ambas as famílias houverom de se influenciar uns em outros, e do mesmo modo que *stipes* contribuiu para debilitar a presença do *-r* epentético até o fazer esmorecer (e daí "estibar" e logo "estibo"), a acçom do verbo *strepāre* também bem pudo levar a que se produzisse um deverbal **strepo* "estrepo" com similar significado a "estibo" mas com a permanência do som surdo /p/ face ao sonoro /b/. A repetiçom da prática da estibada ou *estripada/estrepada*[30] nesse lugar também seguramente levou à forma final "restrepo" (*re-* + **strepo*), fosse esta originada, quer nas dificudades de amansamento do terreno de monte, quer polo retorno ao cultivo após um tempo sem se ter este realizado.

(29) Refere-se ao arbusto ou pequena árvore da família das Rosáceas de nome científico Crataegus monogyna Jacq. Na comarca do Eu é conhecido por "espim" ou "espieiro" como ben lembramos da nossa infância. O Prof. Vior também colige ambos os termos no sou Vocabulário da Veiga, ainda que sen identificá-los claramente; porém, parece reservar o primeiro para a espécie por nós mencionada, no entanto dá "espieiro" como sinónimo de "escambrón" (nome que, com efeito, existe en galego para nomear o C. monogyna), mas indicando que este seria "cambrón, árbol que da ciruelas negras o brunos" (o DRAE, que parece seguir Vior, non dá para o termo "cambrón" tal acepçom, senom a de diferentes arbustos da família das Ramnáceas ou mesmo a sarça ou silva); o Prof. parece querer-se referir ao abrunheiro, Prunus spinosa L., abundante e popular na zona, e que em outras áreas se denomina "cambroeira". Numha comarca próxima desta mesma regiom aparecem recolhidos "espín" e "espieiro" como sinónimos por DIAZ LÓPEZ, J. e GARCIA SÁNCHEZ, M., Vocabulario d'A Roda (Tapia de Casarego), também sem identificar a espécie; isto sim o fai, mas somente para "espín" (único termo que anota) SUÁREZ FERNÁNDEZ, X.M. no sou Vocabulario de Mántaras (Tapia). Tamém é provável que se conheçam, quando menos na área ocidental, as correspondentes variantes nasais "espinho" e "espinheiro", as mais estendidas. No que sabemos, non se dam pola comarca as variantes "estrepo/estripo", "estrepeiro/estripeiro" com_es em outras zonas e que som localismo também en Portugal, onde é utilizado mais "pilriteiro/pirliteiro". En qualquer caso, a origem das formas estrepo, estrepeiro e semelhantes podem estar no latim stirpe(m) 'tronco' através das formas antigas "esterpe/estrepe", e todas de stirps, stirpis.

(30) Vid. no D.R.A.E. o verbete "estrepada".

O facto de nom haver qualquer referência histórica do lugar estudado (sempre dentro do que sabemos) nem hoje se advirta naquelas terras[31] qualquer característica que nos faga pensar que entranhasse umha particular dificuldade a eliminaçom da vegetaçom brava diferente da de outras áreas vizinhas da comarca, fai com que a hipótese pola que o topónimo teria exclusivamente a ver com labores repetidos de extirpaçom da vegetaçom resulte incompleta de nom considerarmos ao mesmo tempo que as labouras de roça, arreigada, estivada, estrepada, arroteia, etc. perseguiam o fim último de pôr o terreno em cultivo cerealístico.

Parece claro o parentesco terminológico evidente entre os diferentes vocábulos de que nos ocupamos neste artigo, que se deduz da maranha das suas relações, seja qual tivesse sido aquela em definitivo:

stippa>*stipa*>*estipa[>*estepa>*estiba/*estiva>**estibo/estivo**(>**esteba/esteva**)]>*estripa[>estripo(>estripeiro)?]>**estrepa**>[estrepo(>estrepeiro)?];

re+stipa>**restipa*>(>*restepa>**resteba/resteva**>**restebo/restevo**)>>*restripa>(*restrepa>**restreba/restreva**)>*restripo>*restrepo>**restrebo/restrevo**;

stĭpŭla, stĭpŭlae > (*re+stĭpŭla=restĭpŭla*) > *restupulare > *restŭpŭlu (>*res-trŭpŭlu) > *restŭcŭlu (> *restrŭcŭlu) > **restolho/restollo** (> **restrolho/restrollo**)[32];

stĭpĭs, stĭpĭtis > *stĭpĭs, estĭpe(m)* > **estipe**;

stirps, stirpis > *stirpes, stirpe(m)* > **estirpe** [(>estirpeiro > **estripeiro/estrepeiro** > estripo/estrepo)?];

ex+stirps >**exstirpata* > *stirpata* >*estirpada >*estripada (>estrepada > *estribada) >*estipada (>**estibada/estivada**),...

Em algum momento da trama da língua viva, romance, surgiu o nosso **Restrepo**, como 'terreno de monte inculto que foi amansado para cultivo', 'terra que se dedicou a restrebo', 'terra de pan de restrebo ou de estibo', acompanhando no nome o matiz de renovaçom ou reiteraçom dessa prática agrícola.

(31) As terras da aldeia de Restrepo nom diferem das outras vizinhas do seu contorno, estando hoje dedicadas aos cultivos habituais na zona, com predomínio de pastiçal nos arredores e monte a maior altura.

(32) E também, obviamente, a variante meramente gráfica *restoyo* (>*restroyo*), se quigermos aproximar a grafia da castelhana e afastar-nos do galego-portugués.

Apesar de termos o convencimento de ser esta a explicaçom mais razoável para o topónimo, antolha-se-nos curiosa a aparente ausência de outros topónimos iguais ou muito assemelhados ao que nos ocupa. A explicaçom talvez esteja no carácter lingüisticamente arcaizante da regiom, ao tempo área de percurso de diferentes isoglossas. Também admira que formas de nomear hábitos muito freqüentes da vida quotidiana dos homes e mulheres no passado, bem como das realidades naturais que lhes eram relevantes, fossem capazes de deixarem pegada numha terra concreta enquanto em outra onde essa mesma realidade se produzia ou as pessoas agiam as mesmas acções, o nome nom prosperou. A razom escapa-se-nos porque pertence à história, irrecuperável como em definitivo o é a maior parte do passado individual e colectivo. O mais provável é que haja que pensar numha justificaçom de carácter muito local, pois os nomes antigos criarom-se as mais das vezes em resposta a umha necessidade ou a um costume de grupos escasos de povoadores. Assim sendo poderemos aceitar sem mais reserva ou estranheza que apenas num lugar da nossa terra, dos muitos que no passado forom acomodados para a prática da estivada ou da resteva no cultivo tradicional do centeio, subsista hoje este recordativo na freguesia eu-naviega de Parámios.

Curioso é pensarmos que um nome aparentado com estirpe, ou seja, ascendência, linhagem, tronco, e com o significado primitivo de desarraigar, desbravar ou amansar e, também, pôr a cultivo umha segunda ou terceira vez o monte para obter o pam da subsistência diária, fosse efectivamente extirpado do sou terreno mátrio, transplantados esgalhos para terras longínquas e bem diferentes, onde os talos prenderom, novas raizes se desenvolverom e continuarom a estirpe, o cultivo e a obtençom de novos frutos.

Significativa é a expressom espanhola que mais acima vimos que recolhia o dicionário: *sacar a uno de los rastrojos* ('sacarle del estado bajo o humilde'). Destarte, de umha humilde aldeia de montanha, por força pobre até mesmo ser baptizada polos nossos antepassados de fala latina com um nome indicador de escaseza, sairom homens com espírito de aventura, empreendedores e colonizadores para além do oceano. Talvez umha metáfora de que em muitos casos a verdadeira grandeza é inseparável da modéstia.

Bibliografia consultada

ALONSO ESTRAVIZ, I., 1995. *Dicionário da Língua Galega*. Sotelo Blanco Edicións, Santiago de Compostela.

BONNIER, G. et DE LAYENS, G., 1983. *Flore Complète Portative de la France, de la Suisse et de la Belgique*. Libraire générale de l'enseignement, Paris.

BUHARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A.1994. *Dicionário Aurélio Electrónico*, V.1.4. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

DIAZ LÓPEZ, J e GARCÍA SÁNCHEZ, M., 1994. *Vocabulario d'A Roda (Tapia de Casariego)*. Serviciu de Publicaciones de la Conseyería d'Educación, Cultura y Deportes del Principáu d'Asturies, Colecc. Documentos, Uviéu.

FEIXÓ, X et col, 1986. *Diccionario Cumio da Lingua Galega* (edic. electr.). Edicións do Cumio, Vigo.

FERNÁNDEZ VIOR, J.A., 1997. *El habla de Vegadeo (A Veiga y su concejo)*. Academia de la Llingua Asturiana, Uviéu.

FERNÁNDEZ VIOR, J.A., 1997. *Notas etnolingüísticas del conceyo da Veiga*. Xeira, Llaboria 2, A Caridá.

FERNÁNDEZ VIOR, J.A., 1998. *Vocabulario da Veiga*. Academia de la Llingua Asturiana. Preseos, Uviéu.

FERREIRO FERNÁNDEZ, M., 1995. *Gramática histórica galega I*. Edicións Laiovento, Santiago de Compostela.

GARCIA ARIAS, X.Ll., 2000, 2ª ed. *Pueblos asturianos. El porqué de sus nombres*. Alborá Llibros, S.L., Xixón.

HEYWOOD, V. H., 1985. *Las plantas con flores*. Editorial Reverté, S.A., Barcelona.

HUMPRIES, C.J., Press, J.R. et Sutton, D.A., 1996. *Árvores de Portugal e Europa. Guia FAPAS*. Fundo para a protecção dos animais selvagens e Câmara Municipal do Porto, Porto.

LOSADA CORTIÑAS, E. et al., 1992. *Nomenclatura vernácula da flora vascular galega*. Servicio de Estudios e Publicacións da Conselleria de Agricultura, Ganderia e Montes. Xunta de Galicia, A Coruña.

MOLINER, M., 1996. *Diccionario de Uso del Español* (edic. electr.).

PAÑELLA BONASTRE, J., 1991. *Las Plantas de Jardín cultivadas en España. Catálogo general y nombres populares*. Floraprint España, S.A., Barcelona.

RIVAS QUINTAS, E., 1997. *A ferramenta e a labranza manual. Léxico rural do noroeste hispano*. Editorial Grafodos, Ourense.

RUIZ DE LA TORRE, J. e Cerra, E., 1984. *Árboles y arbustos de España*. Salvat Editores, S.A., Barcelona.

SEGURA MUNGUIA, S., 1985. *Diccionario Etimológico Latino-español*. Ediciones Generales Anaya, Madrid.

SUÁREZ FERNÁNDEZ, X.M., 1996. *Vocabulario de Mántaras (Tapia). Aportaciois al léxico del gallego-asturiano*. Xeira, Llaboria 1, A Caridá.

VV.AA., 1986. *Diccionario Xerais da Lingua*. Edicións Xerais de Galicia, Vigo.

VV.AA., 1995. *Diccionario de la Real Academia Española* (edic. electr., vers. 21.1.0). Espasa Calpe, S.A., Madrid.

[*Nota do autor*: Este artigo foi escrito no Verão de 2002 na vila de Nóia e enviado para a sua publicaçom à revista ***A Freita***, da *Mesa para a Defensa do Galego de Astúrias e da Cultura da Comarca (MDGA)*. Devido à que parece ser a interrupçom definitiva dessa publicaçom, aquela versom, redigida numha das variantes locais eu-naviegas, nom chegou a ver a luz.]

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 073 - 086 / ISSN 1130-3557

A proximidade tipológica entre o (galego-)português e o espanhol e o seu relevo para a prática e para o ensino da tradução

J. Henrique P. Rodrigues

(Universidade de Vigo)

1. Proximidade tipológico-estrutural entre o espanhol e o português

Desde um primeiro momento é preciso reconhecermos que a tradução entre o português e o espanhol é mui peculiar e a razão não é outra que a grande proximidade estrutural entre ambas as línguas, o que acabará determinando de modo essencial qualquer método destinado a organizar e planificar a sua docência. Queixa-se, por exemplo, o grande filólogo Carvalho Calero na sua conhecida *Gramática del Gallego Común* da afirmação do romanista B. E. Vidos, autor que defendia que se o português conseguiu manter-se diferenciado do castelhano foi somente graças à independência política de Portugal. Carvalho (1974: 68-69) não encontra, com razão, nenguma explicação lógica pola qual haveria que supor tão pouca personalidade ao português em comparação com línguas como o catalão que, tendo sido submetidas a tais condições, nos mostram o contrário. Ainda caberia situar o caso do galego como demonstração mais evidente do erróneo das suposições de Vidos, pois, embora seriamente interferido polo castelhano, este conseguiu manter, no essencial, a sua personalidade própria durante um período histórico ainda mais dilatado.

Porém, a verdade é que, como bem demonstram muitos autores, a distância estrutural entre o português e o espanhol é o suficientemente pequena como para ser ultrapassada pola que apresentam certos dialectos italianos frente ao padrão[1], ou inclusive os dialectos bascos entre si e frente ao *euskara batua*. O caso do alemão suíço poderia ser ainda mais ilustrativo a respeito (*vid*. Wyler, 1996: 73-90)[2]. É mui possível, de facto,

(1) Do calabrês, por exemplo, tem-se mencionado que está tipologicamente mais afastado do italiano padrão que o próprio romeno.

(2) Deve ser mencionado, no entanto, que estes casos são mui especiais. Na Itália, país que, como a Alemanha, surgiu mediante um processo de unificação operado no séc. XIX, têm-se considerado muitas vezes dialectos italianos verdadeiras línguas (cfr. Salvi, 1996).

que não só a proximidade tipológica, mas também a subordinação política de Portugal ao Reino Espanhol no período 1580-1640, bem como a dependência cultural subsequente, prolongada até o século XVIII (*vid*. Vázquez Cuesta, 1988), estejam também na origem desta, em ocasiões surpreendente, proximidade entre os códigos do português e do espanhol. De todos os modos, convém não se deixar arrastar por uma falsa sensação de paralelismo ou de biunivocidade que seria claramente exagerada. É mui provável que os critérios empregados para a classificação tipológica tenham muito a ver também com os resultados obtidos. Assim, enquanto é inegável que o português se encontra mais próximo do espanhol que o catalão no que se refere às estruturas básicas da língua, já seria mais comprometido afirmar o mesmo com relação ao léxico geral ou a certos aspectos que têm uma origem mais moderna.

2. O galego, uma variedade portuguesa interferida polo castelhano

Contudo, embora o mais sensato pareça ser admitirmos que o português e o espanhol são línguas diferentes, embora relativamente próximas, a situação complica-se com a entrada em cena do galego. É possível, efectivamente, que razões de ordem política tenham influído na consideração tradicional do português como língua independente a respeito ao castelhano (ou vice-versa), como queria Rubin (1976) ou como se depreende do trabalho de Fernando Vázquez Corredoira, autor que sugere uma elaboração do português por oposição ao castelhano, chegando a observar-se o galego como "exemplo a contrário" (Vázquez Corredoira, 1997). Também é possível que essas mesmas razões de ordem política tenham influído historicamente, provocando a proximidade estrutural entre uma e outra língua, como assinalamos. Mas, no entanto, no que diz respeito ao galego é óbvio que qualquer decisão encaminhada a considerá-lo como língua “independente” é de tipo político, polo menos no que concerne à sua relação com o português.

Situado tipologicamente entre o português e o espanhol, embora muito mais perto do primeiro, o galego é amostra precisamente do que poderia ter acontecido ao português se Portugal não tivesse conseguido conservar a sua independência política no século XVII nem tivesse podido garantir-se uma certa “autonomia” avalizada pola existência de uma burguesia nativa, como aconteceu na Catalunha. O galego conservou-se até aos nossos dias como língua empregada unicamente polas classes mais populares da Galiza (camponeses, pescadores, classes proletá-

rias...), devido sem dúvida às condições de atraso econômico que secularmente padeceu o país galego desde a sua incorporação à Coroa da Castela e devido também ao início do processo de "doma y castración del Reino de Galicia" de que falava Alonso de Zurita, cronista dos Reis Católicos. Isto impediu até mui recentemente qualquer oportunidade de ascensão social dentro da nossa sociedade às classes mais humildes e, em consequência, até finais do século XIX o castelhano era uma língua completamente minoritária na Galiza, empregada unicamente por uma reduzida élite dirigente situada nas cidades. Essa situação de privilegiada marginalidade não lhe impediu, contudo, ter submetido o galego a toda classe de influxos, muitos deles descaracterizadores. E é nesta secular penetração de estruturas e, sobretudo, de léxico exógeno no galego, devida às duras condições sociais e culturais padecidas pola quase totalidade dos seus falantes durante polo menos três séculos, os *Séculos Obscuros*, onde temos que situar a origem de quase todos os traços que opõem hoje em dia o galego e o português luso-brasileiro[3].

A restituição do galego como língua de cultura, culminação de um processo de dignificação linguística e cultural iniciado a meados do século XIX, impulsionado de modo determinante polos três grandes escritores de finais de século (Rosalia de Castro, Curros Enríquez e Eduardo Pondal) e continuado durante todo o século XX por numerosos intelectuais, escritores, artistas e pessoas comprometidas tanto na Galiza como na diáspora (durante o franquismo), conduziu-nos actualmente a uma situação peculiar num certo sentido, pois no seio desse movimento galeguista houvo sempre duas tendências enfrentadas quanto a como deveriam ser restituídos os registros cultos que o galego tinha perdido ao ficar marginalizado ao papel de língua rural e familiar. E embora virtualmente todas as grandes figuras do galeguismo (Castelão, Murguia, Pondal, Viqueira, ...) manifestarom sempre o seu desejo de aproximar-se do luso-brasileiro, as difíceis condições em que tivo que desenvolver-se nos seus inícios a cultura galega surgida do *Ressurgimento*, com o analfabetismo generalizado da maioria da população e a ausência de um público leitor que não tivesse sido escolarizado em espanhol, determinou que se gerasse uma tradição escrita que consagra uma variedade de língua mista ou híbrida que, sem perder os numerosos traços comuns com o português, se baseia sobretudo no castelhano para a improvisação dos registros cultos. Isto, unido especialmente ao uso da ortografia castelhana, provocou

(3) Contudo, não devemos esquecer que o galego é a variedade de português mais antiga, o núcleo donde surgirom justamente todas as restantes variedades modernas do português. Portanto, apresenta também peculiaridades legítimas não imputáveis a influxos externos.

que para algumas pessoas seja justificado falar de uma língua galega diferente do português.

Quando de novo a democracia nos anos setenta trouxo consigo a cooficialização do galego na Comunidade Autónoma da Galiza (também é a língua própria de comarcas limítrofes de Astúrias, Leão e Samora onde ainda a sua oficialidade não é reconhecida), o debate em torno do modelo de língua culta cobra novos brios, pois as novas condições (entrada no ensino como matéria obrigatória e início de um processo de normalização linguística) já permitem finalmente o velho sonho galeguista de aproximação ao português, com todas as consequências de internacionalização, prestígio e abertura de possibilidades de intercâmbio cultural que isso traria consigo. Nestes anos tem lugar um intenso debate entre ***isolacionistas***, partidiarios de criar uma língua independente a meio caminho entre português e castelhano, e ***reintegracionistas***, partidários de consolidar a velha ideia da reintegração no diassistema do galego-português. Este debate pretendeu ser resolvido de um modo expedito e um tanto escuro por parte das autoridades autonómicas no ano 1982 mediante a oficialização por decreto (*vid*. p. ex. Henríquez Salido, 1995) de uma proposta normativa surgida da primeira das tendências[(4)]. No entanto, nos anos posteriores o debate em vez de extinguir-se passou a converter-se em verdadeiro enfrentamento, com ataques dialécticos entre uns e outros, desqualificações mútuas, numerosos actos de protesto e a culminação do que não pudera ser realizado nas etapas precedentes: a consolidação de uma tradição e de um padrão culto galego em ortografia galego-portuguesa paralelo ao promovido pola Administração Autonómica e que situa o galego como uma variedade linguística autónoma da língua portuguesa (ou galego-portuguesa), ao mesmo nível que o brasileiro. Por parte da administração autonómica sobretudo, e também de alguns poucos nacionalistas, como o escritor Méndez Ferrín, existiu desde o primeiro momento uma atitude de menosprezo e uma política de silenciamento face à opção reintegracionista. Inclusive forom denunciadas por estes perseguições ideológicas ante o Parlamento Europeu (Henríquez Salido, 1995: 323). Não aconteceu o mesmo, porém, com a Administração de Justiça que, apesar de ter ignorado frequentemente estes factos, procedeu a reconhecer finalmente numa sentença emitida polo Tribunal Superior de Justiça da Galiza a validade oficial da norma reintegracionista do galego (em sentença do

(4) Ante esta situação de marginalização não faltou quem reagiu 'refugiando-se' directamente no uso do padrão lisboeta, oficial no país vizinho.

ano 1998/1998). Também a maior parte da intelectualidade galega, usuária eventual de uma ou outra normativa, se manifestou a favor da aproximação ao português luso-brasileiro num debate que tivo ocasião de manifestar-se ao longo de vários meses nas páginas centrais dos principais jornais galegos no ano 1999 (*vid*. na rev. *Agália*, nº59 e nº60 uma ampla selecção daqueles artigos).

Mui recentemente acaba de produzir-se um acordo entre os partidários das tendências reintegracionistas mais "moderadas" (normalmente chamadas *mínimos* e paralelas dos *máximos*, ou reintegracionismo "pleno") e os defensores do isolacionismo linguístico. O resultado parece ser uma versão de galego mui próximo tipologicamente do isolacionismo mas que, no entanto, pode cumprir funcionalmente um papel equivalente ao que desenvolviam os *mínimos*. Corresponderá ao tempo dizer se este acordo poderá acelerar o fim do debate normativo (em qualquer das duas direcções) ou se, polo menos, é capaz de encarreirá-lo por outras vias, favorecendo o reconhecimento mútuo e a complementaridade das normas numa situação de convívio normativo planificado, situação que a nosso ver parece o mais desejável na situação actual.

3. A tradução entre o português galego e o português luso-brasileiro: a propósito da tradução interlingual e intralingual

É interessante a diferença que propõe Elena García entre a tradução interlingual e intralingual: "La traducción intralingüística ... estaría exenta de la problemática que conlleva el manejar dos lenguas y dos culturas diferentes, como ocurre en el caso de la 'traducción interlingüística', llamada también 'traducción intercultural" (Elena, 1990: 13). Acreditamos, desenvolvendo este ponto de vista, que não existe entre ambos os tipos de tradução um limite suficientemente claro. A tradução entre duas línguas mui afins tenderá, numa certa medida, a ver-se também isenta da dificuldade que supõe a tradução entre línguas (e culturas) tipologicamente mais afastadas entre si. É provável que devamos pensar num *continuum* de maior ou menor proximidade ou distância entre as diversas línguas/variedades, antes do que numa divisão claramente estabelecida entre dous modos de tradução. De facto, a tradução entre línguas tão próximas entre si como podem ser as línguas nórdicas ou certas línguas eslavas pode apresentar muitas características da tradução intralingual.

O caráter intralingual ou interlingual da tradução dependerá, em qualquer caso, do que entendermos por língua e por variedade linguísti-

ca (ou dialecto). Estes são conceitos que devem ser esclarecidos de modo geral no âmbito da sociologia da linguagem e, para cada caso concreto, no seio da linguística tipológica e universalista (Moreno, 1997: 13). Sobre eles nada relevante nos pode proporcionar o campo dos estudos de tradução nem, em princípio, a própria prática da actividade.

Num trabalho anterior tínhamos defendido a possibilidade da tradução intralingual (Peres, 2000) destacando, contudo, o perigo que supunha a sua existência quando não era totalmente necessária. Referíamo-nos fundamentalmente à tradução lusitano/brasileiro > galego, e preferíamos a solução da anotação ou explicação das possíveis dificuldades. Acontece que não devemos pensar, de facto, que o papel deste tipo de traduções seja neutral no 'conflito' que mencionamos na epígrafe anterior. Muito polo contrário, a sua existência cria uma situação mui *curiosa* cujo estudo seria de grande interesse para os teóricos da tradução. Se a denominada por Nord (1996: 93) tradução exotizante (embora de modo geral toda a tradução) parece cumprir o papel de aproximar sociedades mediante a ilusão da queda (ou relaxação, nos casos em que surge o "terceiro código", *vid*. Frawley, 1984) das fronteiras linguísticas; no entanto, no caso em que a tradução é realizada dentro da mesma língua ou, polo menos, entre códigos por definição mutuamente inteligíveis[5], a tradução passa a cumprir o papel contrário. O reconhecimento por parte do receptor do autor e das condições de produção do texto original fão que a chegada às suas mãos do produto traduzido crie, porém, uma sensação de afastamento entre o código e a cultura fontes, por um lado, e o código e a cultura alvos, por outro. Isto é uma demonstração mais de como influem os factores contextuais no sentido final da tradução e no próprio polissistema cultural da sociedade de recepção. Neste sentido coincidimos basicamente com as conclusões de Baxter a respeito deste tipo concreto de traduções:

> quan s'eleva el fenomen de la traducció *intralingüística* al rang d'una traducció aparentment *interlingüística*, l'existència de traduccions del português al gallec justifica la traduïbilitat entre totes

(5) O galego e o português luso ou brasileiro são perfeitamente intercompreensíveis, polo menos nos seus registros formais. Na língua escrita a compreensão é praticamente total, o que não impede que, porém, alguns portugueses achem mais fácil a leitura em espanhol que em galego *isolacionista*. Isto acontece, entre outros factores, por causa do abuso que fai o galego isolacionista do grafema <x>, pola sua tendência à aglutinação dos pronombres pessoais ao verbo, formando conglomerados gráficos que exigem um modo de leitura mui analítico ou independente (*vid*. Peres, 1999); pola tendência a representar também as chamadas segundas formas do artigo soldadas às formas verbais e a outros factores concorrentes.

> dues, reforçant en el públic receptor la idea que es tracta de llengües *Abstand* independents, en comptes de co- lectes mútuament intel·ligibles que formen part d'una mateixa *Abstandsprache* denominada gallegoportuguès (Baxter, 2002: 180).

Contudo, não podemos concordar de modo absoluto com a sua aberta hostilidade a respeito da tradução interlingual, que ele só vê justificada "... no caso de se tratar de um acto de intercâmbio entre sistemas diferentes e já não puramente sistemas linguísticos diferentes, ao se mudarem os elementos, já não apenas linguísticos, mas também 'culturais' do mesmo sistema" (Baxter, 2004: 133)[6]. Do nosso ponto de vista, polo contrário, existe um campo aberto actualmente para a tradução intralingual na Galiza, no campo da padronização. O aproveitamento nas escolas e por parte da população galega do *corpus* literário existente, gerado em diversas normativas e/ou caracterizado por uma extrema heterogeneidade, implicará num futuro, sem dúvida, a necessidade de realizar-se traduções de tipo intralingual padronizador, e para isto será preciso definir previamente de um ponto de vista teórico como deve ser realizada tal actividade. O carácter literário da maior parte destes textos aconselhará provavelmente soluções de compromisso situadas a meio caminho entre a simples transliteração/transcodificação e as técnicas próprias da tradução interlingual.

4. A proximidade linguística português-espanhol e a sua trascendência para a tradução entre ambas as línguas.

Na década de oitenta, como consequência tanto dos avanços registrados em diversas ciências relacionadas com a atividade humana (entre elas a própria linguística) como das limitações inerentes à concepção linguística ou "teórica" da tradução, tivo lugar uma mudança generalizada de perspectiva, do modo reclamado e preconizado por Bassnett (1980), em que se passarom a situar epistemologicamente os estudos de tradução entre as ciências da comunicação verbal, como área de conhecimen-

(6) Em boa medida, cabe afirmar que se deixa ver actualmente uma certa visceralidade no debate acerca do carácter inter-/intralingual da tradução português-galego, um debate que nasce como consequência directa do conflito normativo e que parece que começa a aflorar nuns momentos em que o debate propriamente linguístico parece encontrar-se algo mais relaxado. Assim, enquanto a única pessoa que se tem dedicado de modo significativo ao estudo teórico de tal (suposta) combinação linguística, da Universidade de Vigo, intitula desta maneira um dos temas do seu programa docente: "A falacia do concepto '*traución intralingüística*' aplicado á combinación lingua portuguesa - lingua galega"; o já mencionado artigo de Baxter, por seu lado, incorpora no seu título o seguinte enunciado: "...a nec(ess)idade da tradução intralingüística: o caso do galego-português" (Baxter, 2004).

to independente da linguística. Surge assim um novo enfoque, funcional ou sócio-pragmático, em que se vai passar a valorar especialmente os factores paralinguísticos que incidem no sentido final dos actos comunicativos. A tradução deixa de ser considerada uma operação entre códigos linguísticos para passar a ser concebida como uma operação entre textos, procurando-se alcançar uma equivalência de tipo comunicativo entre eles (*vid*. p. ex. Lvóvskaya, 1997: 44).

Interessa assinalar que na tradução comunicativa, embora efectivamente se consiga a equivalência funcional entre os textos, confia-se exclusivamente às próprias capacidades do mediador a qualidade expressiva do texto-alvo. Isso poderá ser até desejável nalguns casos (menos em outros), quando trabalharmos com traduções realizadas entre línguas tipologicamente distantes e/ou com textos de tipo pragmático. Mas no caso de que a tradução for de tipo literário, com a intervenção de factores de tipo estético, haverá que procurar outras soluções, pois em nengum caso poderia admitir-se tal perda de qualidade. Uma possível solução, desejável em qualquer caso embora talvez insuficiente, será o treinamento e o desenvolvimento das capacidades expressivas do tradutor[7].

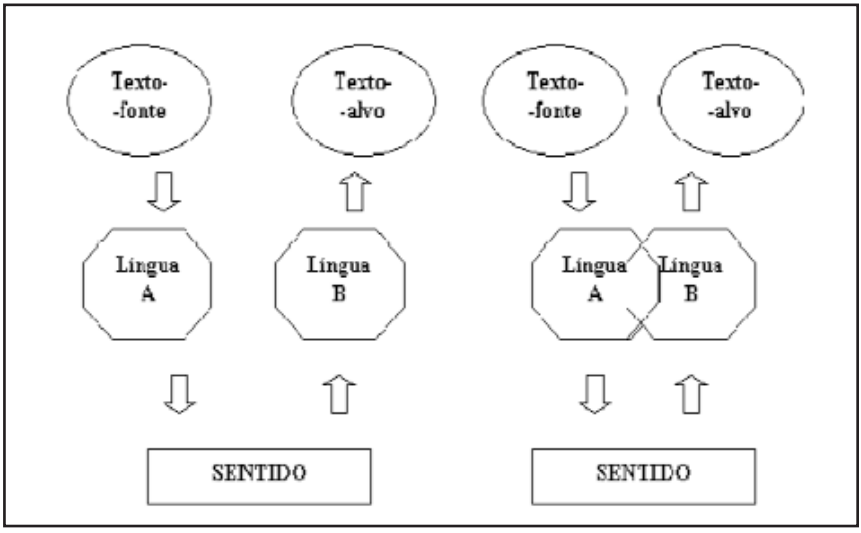
No entanto, no caso de línguas tipologicamente próximas, como é o caso do galego-português e do espanhol, uma certa fidelidade não dogmática ao texto original pode chegar a ser, sem dúvida, a melhor garantia de que o texto-alvo será equivalente não só comunicativamente, mas também estética e expressivamente. Isso será de grande importância no caso dos textos literários, mas também em todo tipo de textos. Nos textos de tipo pragmático, além disso, costuma ser possível a realização de uma tradução linguística entre português e castelhano, dada a grande afinidade cultural entre umas e outras sociedades e culturas. Tenha-se em conta, além disso, que o processo de desverbalizar uma mensagem e proceder a reverbalizá-la posteriormente de modo completamente autónomo e ao tempo correcto, é algo difícil e provavelmente "antieconómi-

(7) De facto, uma concepção da tradução como operação exclusivamente comunicativa, sem nengum tipo de equivalência formal entre os códigos implicados, converte o tradutor num "artista" (polo menos no caso da tradução literária), quer dizer, um indivíduo dotado de faculdades criativas especiais e com habilidades destacadas para re-produzir ou re-criar a literariedade de um texto-fonte numa língua diferente. A qualidade literéria da tradução dependeria então exclusivamente do seu bom fazer como escritor. Talvez isso seja certo e necessário no caso de certos tipos textuais e/ou certos pares de línguas, ainda que não (normalmente) entre português e espanhol. Isso não significa que não haja casos em que a tradução linguística se revele impossível, de igual modo que tampouco entre línguas mais afastadas entre si é em todos os casos inviável a tradução linguística. Pensamos que deve ser a probabilidade estatística de conseguir-se a equivalência comunicativa mediante a tradução linguística a que determine a conveniência de levar em conta a equivalência linguística no momento de (ensinar a) traduzir.

co" quando o código empregado na formulação da mensagem original possui paralelos evidentes no código da língua-alvo. É um contexto especialmente propício para a aparição do tradutês (*translationese*) (Santos, 1995; Schmied & Schäffler, 1996) e de todo tipo de interferências. Parece mais rentável, nestes casos, "partir do comum para chegar ao diverso", quer dizer, proceder a realizar traduções linguísticas (não necessariamente traduções literais nem palavra-por-palavra) como primeiro passo no processo de tradução[8]. Contudo, os alunos devem estar a par de que **o objectivo principal que persegue a tradução é a equivalência comunicativa**, de modo que se a tradução linguística entre estas línguas não conduzisse a uma tradução comunicativa, teriam que separar-se do texto original para consegui-la. Os procedimentos técnicos da tradução (*vid*. p.ex. Barbosa, 1990) proporcionam algumas pistas por onde o tradutor poderá começar a explorar nessa busca, embora não contemplados, certamente, como um leque de possibilidades entre as quais tem que escolher a cada momento, mas melhor como uma série de procedimentos que terá assimilado de modo prático na sua formação como tradutor e que lhe permitirão agilizar a procura de modos alternativos de expressão quando por diversos factores a tradução linguística não for viável.

Em resumo, pois, consideramos que, com efeito, é preciso que o tradutor "desverbalize" o texto original, que capte o seu sentido e a sua finalidade, mas pensamos que o processo de "reverbalizar" ou construir o texto-alvo não pode ser desenvolvido facilmente de modo completamente autónomo ou independente, desligado da forma do texto original, quando as estruturas das línguas implicadas são mui próximas. Por isso, acreditamos que é mais adequado nestes casos que os primeiros passos da reverbalização se efectuem tomando como modelo a forma do texto original para, posteriormente, comprovar a sua equivalência comunicativa. Estatisticamente falando teremos acertado na maior parte dos casos e, como recompensa a esta fidelidade, teremos obtido provavelmente um texto dotado das mesmas ou parecidas potencialidades expressivas que possuía o texto original.

(8) Evidentemente, este tipo de tradução requer por parte do tradutor um bom conhecimento dos aspectos contrastivos que afectam o par de línguas implicado.



Esquematização de um processo de tradução entre línguas tipológicamente distantes e entre línguas próximas.

5. Repercussões para o ensino da tradução português-espanhol

O ensino da tradução português-espanhol deverá guiar-se polos princípios gerais que se aplicam ao ensino da tradução entre línguas próximas, destinados a prevenir as numerosas interferências que se produzem nestes casos e que se resumem na possibilidade de reduzir em grande medida os elementos de linguística contrastiva, em atenção às numerosas estruturas comuns que apresentam as duas línguas[9], passando preferivelmente a insistir justamente nos elementos comuns que o são somente por aparência. Estes elementos enganosos, precisamente, são os responsáveis pola maior parte das dificuldades que podem surgir e consistem essencialmente nos elementos mencionados por Abderrahim Elamane (1996).

falsos amigos: São expressões (sobretudo de tipo lexical) que coincidem ou tendem a coincidir formalmente nas duas línguas, mas cujo significado varia até o ponto de originar fáceis (e às vezes divertidas)

(9) Existem estudos no campo da neurolinguística que demonstram como a organização dos conhecimentos linguísticos no cérebro de falantes bilíngues está estruturada de diferente maneira segundo a distância tipológica entre as línguas. Quando o falante domina duas línguas próximas, como por exemplo o espanhol e o catalão, as áreas do cérebro usadas para processar ambos os códigos a miúdo apresentam zonas que se sobrepõem. Isso é muito mais infrequente no caso de as línguas conhecidas polo falante bilíngue serem mais distantes, como por exemplo o inglês e o chinês, ou o espanhol e o basco (*vid*. Die, 2000: 138).

confusões. O número de falsos amigos depende fundamentalmente da proximidade existente entre o par de línguas implicadas. São também mui frequentes entre variedades da mesma língua, como acontece entre o português europeu e o português americano (p.ex. 'bicha', 'rapariga' ...) ou entre o espanhol europeu e o ibero-americano: (p.ex. 'concha', 'agarrar'...)

decalques: São construções que têm sua origem na aceitação dos mecanismos empregados pola outra língua como modelo.

empréstimos: Têm lugar entre todo tipo de línguas. No caso das línguas próximas, em qualquer caso, é mais fácil o transvase. São adoptados, em geral, porque referem realidades da cultura origem para as quais não existe designação na língua de destino. Assim entrarom historicamente em espanhol numerosas palavras procedentes do português relacionadas com produtos vindos do Oriente, tais como *biombo*, *bambú*, *catre*, *carambola*, *cacatúa*, *pagoda*...; com a realidade americana (através do português brasileiro), como *garimpeiro*, *repartición*, *safado*, *fañoso*, *yacaré*...; com a realidade africana (através, fundamentalmente, do português falado polos escravos no Brasil), como *candomblé*, *macumba*, *ñame*, *quilombo*...; ou com conceitos culturais ligados à cultura galego-portuguesa, como *saudade*, ou especificamente portuguesa, como *fado* (*vid*. Álvarez Martínez, 1997).

traduções literais: A tradução entre línguas próximas caracteriza-se sobretudo, como vimos, porque o processo de reverbalização pode produzir frequentemente sequências linguísticas relacionáveis mediante determinadas regras de transmutação com as sequências linguísticas respectivas do texto original, prévias ao processo de desverbalização. Quer dizer, em muitos casos poderia-se prescindir teoricamente dos processos de desverbalização e reverbalização, aplicando unicamente regras de transmutação linguística. Esta última possibilidade é o que conhecemos como tradução literal, que seria: "...aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando porém a morfossintaxe às normas gramaticais da LT [língua da tradução]" (Barbosa, 1990: 65).

Estamos de acordo com García Yebra (1983: 407) quando afirma que este método de tradução costuma ser o melhor quando é possível levá-lo a cabo, polo menos no que tem a ver com a tradução entre espanhol e português, mas discordamos de que seja sempre aconselhável realizá-lo como trâmite prévio à tradução final, como propõe este autor. Acreditamos que a possibilidade de acertar em muitos casos se se apli-

carem regras de transmutação não poderá servir como desculpa para a adequada compreensão do texto original e para conseguir uma expressão aceitável no contexto e cotexto correspondentes ao texto-alvo. A tradução deve, pensamos, iniciar-se sempre na compreensão global do texto original. Só ao elaborar o texto-alvo poderemos valorizar especialmente a possibilidade de fazermos uso de recursos linguísticos ou estilísticos paralelos ou equivalentes aos presentes no texto-fonte quando isso for possível. Tal procedimento pode ser útil, sobretudo, para diminuir as interferências produzidas nas traduções polo idiolecto do tradutor (*vid*. Santos, 1995) e também, no que pudermos apreciar esta possibilidade, para obter uma maior fidelidade ao original.

hipnose da língua original: Consistiria nas interferências produzidas, inconscientemente, na língua do texto-alvo por influxo da língua do texto-fonte. Parece-nos oportuno ampliar esta categoria, proposta por Elamane, para alcançar as influências de tipo estilístico. Desse modo podemos fazer este termo equivalente do que denominamos *tradutês*. Um exemplo de interferência estilística na tradução português-espanhol, motivada pola "hipnose" do texto original, poderia ser o uso sistemático no texto-alvo das expressões "por um lado / por outro lado", que traduzem correctamente as respectivas expressões portuguesas "por un lado / por otro lado", esquecendo que em espanhol é bastante mais frequente "por una parte / por otra parte", formas de uso mui restrito em português.

Em qualquer caso, parece lógico pensar que a docência da tradução entre duas línguas próximas demanda uma atenção diferente da que corresponde a línguas tipologicamente mais afastadas. A respeito disso seria conveniente também um maior grau de flexibilidade nos planos de estudos para atender estes aspectos (cfr. Berenguer, 1998: 10-11). A modo de exemplo podemos dizer que na atualidade todas as línguas C ministradas na titulação de tradução e interpretação da Universidade de Vigo recebem o mesmo tratamento, e são línguas tão diferentes como o alemão, o inglês (opcional para os alunos que tenham escolhido francês como língua B), o francês (opcional para os alunos que tenham escolhido inglês como língua B) e o português. No caso desta última língua não seria desatinado, em absoluto, reduzir os conteúdos de tradução directa em favor da tradução inversa, pois a proximidade do português a respeito do espanhol permite, com uma certa dedicação, um desempenho aceitável na prática da tradução espanhol-português por parte dos alunos, ao tempo que estatisticamente a tradução português-espanhol consiste em grande medida (embora nem sempre, e isto não deve ser

esquecido) em simples processos de transformação linguística pouco motivadores. A prática da tradução inversa suporia também uma grande vantagem para os alunos à hora de acederem ao mercado profissional. Esta mesma proposta, como é lógico, seria impensável no caso de línguas como o alemão, o inglês ou inclusive o francês.

6. Bibliografia

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, Mª Ángeles; "Portugués y español: aspectos léxicos", in *Cuadernos Hispanoamericanos*, nº 570, 1997, pp. 16-29.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves; *Procedimentos Técnicos da Tradução*, ed. Pontes, Campinas, 1990.

BASSNETT, Susan; *Translation Studies*, ed. Routledge, Londres, 1980.

BAXTER, Robert Neal; "El paper de la traducció en la consolidació de la percepció social del gallec com a Abstandspracheî, *Quaderns. Revista de traducció* 7, 2002, pp. 167-181.

BAXTER, Robert Neal; "'Não te falo como um irmão' ou a nec(ess)idade da tradução interlinguística: o caso do galego-português", in Garrido, Carlos (org.); *Ferramentas para a Traduçom*, Associaçom Galega da Língua, Ourense, 2004.

BERENGUER, Laura; "Didáctica de segundas lenguas en los estudios de traducción", in *La enseñanza de la traducción* (ed. de Hurtado Albir, Amparo), Castelló, Univesitat Jaume I, 1996, pp. 9-30.

CARVALHO CALERO, Ricardo; *Gramática Elemental del Gallego Común*, ed. Galaxia, Vigo, 1974.

DIE, Amelia, "Las lenguas del mundo", *Muy Interesante*, nº 235, 2000, pp. 129-148.

ELAMANE, Abderrahim; "Problemas particulares en la traducción entre parejas de lenguas cercanas y parejas de lenguas de origen diferente", in Edo, M. (ed.) *Actes del I Congrès Internacional sobre Traducció*, Universitat Autónoma de Barcelona, Bellaterra, 1996, pp. 253-264.

ELENA, Pilar; *Aspectos Teóricos y Prácticos de la Traducción General*, Universidad de Salamanca, Salamanca, 1990.

FRAWLEY, William.; *Translation, Literary, Linguistic & Philosophical Perspectives*, Newark, 1984.

GARCÍA YEBRA, Valentín; *En torno a la traducción*, Madrid, Gredos, 1983.

HENRÍQUEZ SALIDO, Maria do Carmo; "Língua e Direitos Lingüísticos na Galiza", *Agália*, nº 43, 1995, pp. 229-327.

HURTADO ALBIR, Amparo (ed.); *La enseñanza de la traducción*, Universitat Jaume I, Castelló, 1996.

MORENO CABRERA, Juan Carlos; *Introducción a la lingüística. Enfoque tipológico y universalista*, ed. Síntesis, Madrid, 1997.

NORD, Christiane; "El error en la traducción: categorías y evaluación", in *La enseñanza de la traducción* (ed. de Hurtado Albir, Amparo), Castellón, Universitat Jaume I, 1996, pp. 91-108.

PERES RODRIGUES, José Henrique; "Especificidades do Galego-português como Língua-alvo da Traduçom na Galiza", in Rodríguez, José Luís (ed.); *Estudos Dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Parlamento da Galiza - Universidade de Santiago de Compostela, Compostela, vol. I, 2000, pp. 759-769.

RUBIN, Joan, "Language and Politics from a Sociolinguistic Point of View", in O'Barr, W. & O' Barr, F. (eds.); *Language and Politics*, ed. Mouton, Haia.

SANTOS, Diana; "On the Use of Parallel Texts in the Comparison of Languages", *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 2-4 de Outubro de 1995), pp. 217-239.

SCHMIED, Josef & Schäffler, Hildegard; "Approaching Translationese through Parallel and Translation Corpora", in Carol E. Percy et al. (eds.), *Synchronic Corpus Linguistics: Papers from the Sinteenth International Conference on English Language Research on Computerized Corpora* (ICAME 16), ed. Rodopi, Amsterdam-Atlanta, 1996, pp. 41-56.

VÁZQUEZ CORREDOIRA, Fernando; *A Formação Histórica do Português frente ao Castelhano: o Galego como Exemplo a Contrário*, ed. Laiovento, Compostela, 1997.

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar; *A Língua e a Cultura Portuguesas no Tempo dos Filipes*, Publicações Europa-América, Mira-Sintra, 1988.

WYLER, Alfred; "Dialecto e Língua Padrom na Suíça de Fala Alemã", *Agália*, nº 45, pp. 73-90.

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 223 - 234 / ISSN 1130-3557

A Bahia e a Galiza unidas por um mesmo poeta

Maria Auxiliadora de J. Ferreira

(Universidade Federal da Bahia - Brasil)

Enlaçam-se por um segredo
Que é milagre de poesia
O verso de Godofredo
E o fascínio da Bahia

Carlos Drummond de Andrade(1)

Situada a nordeste do país, a Bahia é um estado brasileiro cuja importância reside no fato de que aí se concentra parte da história e dos costumes brasileiros, pois foi nestas terras, há quinhentos e dois anos, que primeiro se fixaram e tomaram fisionomia os traços, os valores, as tradições portuguesas, indígenas e africanas que constituem o Brasil de hoje.

Neste ano de 2004 a Bahia comemora o centenário de um dos grandes nomes das letras baiana e brasileira. Nascido a 26 de abril de 1904 na cidade de Feira de Santana (Bahia), Godofredo Rebelo de Figueredo Filho foi um homem que viveu intensamente os seus oitenta e oito anos. Toda a sua história de vida pessoal e profissional pode ser recontada através dos inúmeros registros por ele deixados, e que hoje se encontram dispostos em um dos três arquivos integrantes do Acervo de Manuscritos Baianos (AMB) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. O arquivo do poeta foi adquirido por esta Universidade em dezembro de 1995. Ele representa um período de acumulação de documentos produzidos e recebidos entre 1904 e 1992. A formação progressiva e natural corresponde ao ciclo de vida do titular, ou melhor, à cronologia biobliográfica godofrediana. Além de ser considerado como a mais completa fonte de referências existente sobre o autor, este arquivo possibilita, ainda, a realização

(1) Primeira estrofe do poema escrito por Carlos Drummond de Andrade (um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos) dedicado a Godofredo Filho.

de estudos genéticos, históricos e culturais, uma vez que nele também se encontra um retrato da sociedade baiana e brasileira de quase todo o século XX.[2]

O espólio desse poeta possui uma grande quantidade e uma enorme variedade de espécies documentais: correspondências diversas (com a família, amigos, escritores, intelectuais, etc.), diplomas, cartões, convites, cardápios de restaurantes, rolhas e rótulos de vinhos, originais de poemas manuscritos e datiloscritos (com várias versões) publicados e inéditos, anotações biográficas, cadernos de viagens, recortes de jornais com reportagens as mais diversas, diários, material iconográfico (desenhos, croquis, fotografias), livros autografados pelo/para o titular[3] e que compõem a sua biblioteca pessoal, e demais objetos de significação estritamente pessoal como, por exemplo, o chapéu que ele costumava usar e até cachos do próprio cabelo.

O meu contato com esse precioso acervo documental teve início no ano de 1998. À medida que fui me familiarizando com os documentos desse arquivo, fui também descobrindo as inúmeras faces desse homem e a pluralidade de ações por ele desenvolvidas. Nesse arquivo encontramos o escritor-poeta, o conservador do patrimônio histórico, o representante de instituições culturais e da história da Bahia, o enólogo, o humanista, o arquivista, o pai de família, o amigo, dentre outros.

Foi em 1916, aos 12 anos de idade, que Godofredo Filho teve seu primeiro trabalho "Festa das Árvores", publicado no jornal *Folha do Norte*. Cinco anos depois, em 1921, escreveu seus primeiros poemas: "Minha mãe" e "Olhos verdes". Em 1922, ano da realização em São Paulo da *Semana de Arte Moderna* brasileira, que culminou com a explosão do movimento modernista no Brasil, movimento esse que objetivava renovar o estilo de arte brasileira, o mesmo era então citado por importantes críticos literários do país como um dos precursores desse movimento na Bahia.

Aos 22 anos de idade, escreveu um dos seus trabalhos mais conhecidos até hoje, o *Poema da Feira de Sant'Ana*[4], uma homenagem a sua cidade natal, que só seria publicado em 1977:

(2) Godofredo Filho organizou quase todo o seu arquivo. Preparou alguns dossiês com seus primeiros livros e outros com alguns objetos pessoais. Preparou também pacotes com documentos familiares, de interesse profissional, fotografias, e outros.
(3) Parte da biblioteca pessoal do escritor também se encontra neste arquivo.
(4) Grafia antiga do termo. Atualmente se escreve "Feira de Santana".

"Feira de Sant'Ana
(...)
minha terra boa
minha terra minha
é lá que eu quero dormir ao acalento daquele céu tão manso
dormir o meu grande sono sem felicidades ou tortura de sonho
muito longo muito longo
dentro do enorme coração vermelho
do chão florido".

Depois deste poema, seguiram-se muitos outros, organizados por séries e que contam um pouco do ser Godofredo Filho: angustias, medos, alegrias, tristezas, amores, paixões e desejos. São eles: **A Flauta Pânica** (composto de 13 poemas); **Luz Submersa** (14 poemas); **Giramundo** que traz em si algumas sub-séries, *Giramundo* (6 poemas), *Samba Verde* (13 poemas), *Poema de Ouro Preto*, e o já mencionado *Poema da Feira de Sant'Ana*; **Sombra no Rosto**, com *A Porta Escura (4 poemas), Poemas da Rosa e Balada da Dor de Corno;* **Poemas Volúveis**, com *Portulano* (5 poemas), *Ínsula* (6 poemas), *Musa Gallega* (9 poemas), *Canções de Acalento* (25 poemas) *Portulano* (5 poemas), Poesia dos Outros (14 poemas); **Os Sonetos**, com *Sonetos* (15 poemas), *Solilóquio* (7 poemas) e *Sete Sonetos do Vinho*; **Poemas do Pretérito Imperfeito**, com *Lamento da Perdição de Enone, Ladeira da Misericórdia, Canto Cruel* (29 poemas), *Retrato (*24 poemas)[5] e outros muitos que ainda permanecem inéditos.

Dos poemas anteriormente mencionados, os que compõem a série "Sete Sonetos do Vinho" despertam grande interesse nos leitores, sobretudo por se saber que Godofredo Filho, um enólogo, sempre foi apaixonado por essa bebida, sendo um dos seus preferidos, o vinho do Porto. Alguns amigos seus costumavam descrever uma cena, segundo eles, muito comum na época: Godofredo Filho caminhando pelas ruas calmas da cidade de Salvador com seu traje branco, também branco era o chapéu que ele levava na cabeça, e em uma das mãos a garrafa de um bom vinho que, com toda a certeza, deve ter-lhe servido de inspiração em alguns momentos e, sobretudo, durante a escritura do seu "**Hino ao vinho**":

Por mais que o meu desejo em ti procure
Apaziguar a sede de ventura,

(5) Todos os poemas mencionados neste parágrafo estão presente na coletânea do autor intitulada *Irmã Poesia*. Tempo Brasileiro; Salvador: Secretaria de Estado da Educação e Cultura da Bahia; Academia de Letras da Bahia, 1986.

A ventura não vem e a sede aumenta
Cada vez que te somes do meu copo.

Esvazio outras taças: do ambarino
E áureo, ao violáceo e quase purpurino,
E então é que te sinto no meu sangue,
Em lume transmudado e em verso ardente.

Contigo Hafiz e Omar Kháyyám viveram
A saudade aromal daquela "poeira
Da rosa machucada por seus pés";

E enquanto a flor em cinza se desfaz,
Ressurges no clarão das madrugadas
E no riso escarlate das Amadas!

Um apaixonado pelas artes. Assim era Godofredo Filho, um homem que dedicou longos anos de sua vida ao estudo da cultura brasileira, sobretudo da baiana. Neste campo, exerceu inúmeras atividades intelectuais e profissionais. Foi perito em Belas Artes no Ministério da Educação e Cultura e professor de História da Arte Brasileira da Faculdade de Filosofia da UFBA, recebendo em 15 de dezembro de 1942 o título de Professor Catedrático de História da Arte Bizantina. Em Novembro de 1959 passa a ocupar a cadeira de nº 19 na Academia de Letras da Bahia. Foi também membro da União Baiana de Escritores e do Centro de Estudos Baianos (Ala de Letras). Destacou-se, ainda, como dirigente de algumas instituições, entre elas, o DPHAN - Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – por aproximadamente 38 anos. Conhecia como poucos a Arquitetura baiana, tendo escrito uma série de oito artigos, para o jornal "A Tarde" (um dos principais jornais época e da atualidade), intitulados "Arquitetura Civil Baiana da Belle Époque".

Revelando uma consciência crítica e atuante no que dizia respeito à sua cidade, ao seu tempo, ao valor histórico e cultural do patrimônio e das artes, escrevia (em um dos jornais de maior circulação) artigos que demonstravam toda a sua preocupação quanto à necessidade de preservação e restauração dos aspectos tradicionais da sua terra: suas igrejas, seus palácios, seus fortes (principais elementos de defesa da capital colonial do Brasil), o centro histórico da cidade, também conhecido como Pelourinho, considerado como o maior conjunto arquitetônico colonial da América Latina, e tantos outros, numa tentativa de mobilizar o seu povo em socorro das tradições autênticas da cidade, legadas pelos cinco sécu-

los de história. Talvez o título de "Guardião da Cidade do Salvador" não lhe fosse nenhum exagero, dada sua admiração, dedicação, amor e, sobretudo, sua preocupação por esta cidade. Em um desses artigos escreveu: "*Ah, Bahia difícil de ser tratada! Bahia que deverá ter no bronze, em praça pública, para execração póstuma, também o nome dos que destruíram, mutilaram ou defraudaram suas riquezas arquitetônicas, fosse por maldade ou por burrice, o que em certos casos, é maldade dobrada ou posta ao cubo*".

Como escritor, era um homem muito preocupado com a forma. Alguns dos seus textos e poemas possuem inúmeras versões, sendo essa uma das partes do seu arquivo que mais nos chama atenção. Vale ressaltar que Godofredo Filho não gostava de publicar seus poemas, e quando o fazia, era com edições limitadas, as quais ele presenteava aos seus amigos mais íntimos. As razões, não se sabe ao certo. Talvez o medo das críticas que poderiam vir diante de tal exposição, uma vez que Godofredo Filho era rigoroso na avaliação dos próprios versos e sempre manifestou muita timidez ante a possibilidade de publicar seus trabalhos. Uma autocensura, que o levou a queimar alguns originais, e que lhe valeu o título de "*poeta engavetado*", dado por um grande poeta brasileiro e amigo pessoal seu, Manuel Bandeira.

No entanto, Godofredo Filho não era muito de falar sobre o seu processo de criação, sobre a sua escritura verbal. Gostava mesmo era de escrever. Vivia rodeado de livros. A sua prosa é marcada por textos diversos. Vale destacar, além daqueles em defesa do Patrimônio Histórico, outros em que ele descreve a história e cultura de algumas cidades brasileiras[6], entre elas, Feira de Santana (cidade onde nasceu); Ouro Preto (situada no estado de Minas Gerais), marcada pela sua arquitetura barroca do século XVIII e a cidade de Cachoeira, considerada monumento nacional por ainda manter fortes traços do período colonial brasileiro.

Tinha uma grande facilidade de transformar palavras em poesia, até mesmo quando escrevia em forma de prosa. Era o que se poderia chamar de "*artista da palavra*". Um grande exemplo disso pode ser visto em um manuscrito de uma aula que foi preparada pelo poeta para seus alunos da disciplina História da Arte Brasileira. Nessa aula ele menciona a visita que o mesmo faria com seus alunos à histórica cidade de Cachoeira. Seguem dois pequenos trechos dessa aula: "*Dir-se-á que viajaremos hoje, no tempo, com a memória, com a imaginação, com a inteligência; e amanhã, viajarão no*

(6) Godofredo Filho costumava dizer que por trás de toda grande metrópole há um certo lirismo espalhado por sobre as suas fachadas.

espaço, com os olhos acessos, sobretudo, porque a busca, quase que unicamente do sentido plástico da beleza que se há de deparar". Em outro trecho escreve ainda: "... *poderão pisar (e peço que o façam com leveza, para que os passos nas velhas calçadas não acordem de todo o silêncio, o silêncio que é a alma das cidades* mortas".

Foi também através da sua escritura, mais precisamente da sua poesia, que Godofredo Filho trouxe aos brasileiros a literatura, a cultura e os costumes galegos. O contato pessoal do poeta com a Galiza data de 1956. Nesse ano, o poeta fez uma viagem por alguns países da Europa, dentre eles, França, Portugal e Itália. No entanto, foi a viagem à Espanha, mais precisamente à Galiza, que deixou registros muito mais sólidos, os seus nove poemas galegos –"Noiturnio en Santiago"; "Canzón que Xurde da lúa"; "Romeiría"; "D'o Ermo"; "Canzón do Mar de Vigo"; "Auga e Tempo"; "Maino, Chove en Santiago"; "Canto Gratulatório ó Padre Ignacio Dominguez Gonzalez pola sua festa de Presbisterado a 29.06.1967, en Vigo" e "Choiva gallega"–, agrupados sob o título de ***Musa Gallega*** e depois publicados em seu livro de poemas intitulado *Irmã Poesia*.

O período em que o poeta esteve na Espanha foi, durante muitos anos, uma verdadeira incógnita. Estudos anteriormente realizados por outros pesquisadores do poeta sempre deixaram uma grande interrogação quanto à data exata em que Godofredo Filho teria realizado essa viagem, e se o mesmo teria estado na Galiza. Em uma pesquisa por mim realizada durante uma viagem à Galiza, nada foi descoberto a esse respeito. A primeira referência concreta foi encontrada no arquivo do poeta, em uma pasta organizada por ele e intitulada "*Viagem à Europa*", onde constava um recorte do jornal A Tarde, datado de uma sexta-feira, 13 de julho de 1956, no qual aparecia a seguinte informação: "*Com destino à Espanha, onde participará das comemorações do centenário de Menendez y Pelayo, a convite do Instituto de Cultura Hispânica, seguiu para a Europa, no dia 08 do fluente, o Prof. Godofredo Filho, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nesta capital". A*inda em seu arquivo, foram encontrados muitos outros documentos que testemunham a passagem do poeta pela Espanha, e que fizeram aumentar a expectativa de que o mesmo também tivesse visitado a Galiza, como, por exemplo, o folder com toda a programação do Congresso e uma pasta com o nome de Godofredo Filho, também do evento, além de crachá personalizado. Depois, através do seu diário de viagem, tivemos a certeza de que Godofredo teria estado na Galiza entre os dias 18 e 20 de julho do ano de 1956. As primeiras impressões do poeta

teriam sido estas, segundo notas do seu diário de viagem: "*campos verdes da Galiza. Lembro os versos da Rosalia*" -. As cidades por ele visitadas foram Vigo (no dia 18 de julho, tendo chegado às 18:30), da qual faz os seguintes comentários: "*A ria é muito bela*"; "*muitas roseiras campestres vermelhas e amarelas. Os pardais em rebanho traziam sua alegria [....]*[7] *de céu azul e sol. No entanto a temperatura não excedeu de 15º*"; e Santiago de Compostela (nos dias 19 e 20 do mesmo mês), demonstrando por esta última um profundo encantamento, mencionando tal fato em seu diário: (19 de julho de 1956, quinta-feira): "*Santiago. Impressionante. É uma flor de poder. Passeio à tarde e à noite pelas ruas meio desertas. Frio. Luar...*"; (20 de julho de 1956, sexta-feira): "*Manhã... O sol a custo rompe a névoa. Visito a Catedral de Santiago [...] Oração. Emoção*".

Mas sempre se questionou o fato de como Godofredo Filho teria assimilado tão rápida e facilmente (até onde se sabe, o poeta só teria feito uma única e rápida viagem a Galiza) a língua e a cultura desse povo. Como ele teria captado o tempo, o espaço, os símbolos e mitos de uma cultura que não a sua? Talvez a explicação esteja no simples fato de que Godofredo Filho, antes mesmo dessa viagem, já era um admirador e leitor dos velhos cancioneiros galego-portugueses, leitor de Martín Codax, de Eladio Rodríguez González, de Rosalía de Castro, de Curros Enríquez, de Francisco Pondal, Luís Amado Carballo, Manuel Antonio, entre outros, utilizando versos desses poetas como epígrafes em poemas seus. Em seu arquivo, em uma série de documentos por ele organizados sob o título de "Estudos Históricos e Literários", foi encontrada uma pasta com uma divisória na qual aparecia escrita à mão pelo mesmo "Letras Galegas", que continha inúmeras referências à língua, à literatura e à cultura desse povo. Dentre os documentos: Normas Básicas do Centro de Estudos Galegos; várias versões manuscritas e datiloscritas de alguns dos poemas galegos de sua autoria; referências bibliográficas de obras e versos de escritores gallegos, dentre os quais, Luis Amado Carballo e Manuel Antonio; um extenso vocabulário galego de A – Z, vocabulário este que demonstra todo o cuidado e trato do poeta com este idioma. Mencionou certa vez o poeta, em uma entrevista, a respeito da língua galega, que apesar das dificuldades idiomáticas e técnicas que ele encontrava nesse idioma, e das conseqüentes deficiências que apresentavam esses seus cantos (seus poemas), se sentia muito bem e com espontaneidade, tratando-os tanto em galego como em português.

(7) Simbologia usada para fazer referência ao não entendimentos de palavras ou mesmo de frases durante a transcrição do documento.

Ao análisarmos as várias versões dos poemas galegos de Godofredo Filho, observamos toda a preocupação formal e vocabular do poeta, traço que sempre lhe foi característico. Também, não é impossível, que ao lermos tais versos, nos sintamos levemente transportados para lá do tempo e do espaço, sobretudo, depois de ter conhecido a Galiza. Seus versos conseguem, de certa forma, imobilizar o tempo sem todavia retirar-lhe a sua infinita mobilidade. Neles, o leitor encontra um pouco das impressões do poeta sobre esta terra envolta no misticismo que lhe é inerente, bem como dados socioculturais dessa região da Espanha, como a "*Choiva galega*" que, de tão presente, já chega a ser considerada elemento natural à atmosfera da Galiza; o quase indescritível "*Noiturnio en Santiago*", feito de flores e estrelas molhadas; ou, ainda, o "*Mar de Vigo*" e as muitas histórias dos seus mortos veleiros.

Os poemas galegos escritos por Godofredo Filho pareciam ser o final de uma viagem, o final de um itinerário pela Galiza. No entanto, esses poemas passaram a ser, de certo modo, o reencontro do poeta com essa terra. Ainda que em 1992 a morte tenha silenciado a voz do poeta, a sua poesia, a sua "**Musa Gallega**", não morrerá jamais, porque a poesia é imortal, é eterna. "*Non, ti non morrerás, céltica musa...*"[8].

Os poemas galegos de Godofredo Filho

CANZÓN DO MAR DE VIGO

Ay ondas que eu vin veer!
(Martín Codax)

Pol-a branca fenestra da i-aurora,
Vexóte, mar de Vigo, sen ribeiras,
Antre néboa de vidro gris e choiva
Qu' escoa do ermo en lonxanas veiras.

(8) Citação de Curros Enríquez utilizada por Godofedo Filho na primeira página da sua série de poemas galegos

De herbas de cristal e de fina cinza,
Vexóte cheo d-unha frorazón,
Ouh perguiceiro mar de melancónicos
Camiños de soidá e d'oración!

Déixame o aspro e despenado canto
Que solto muxe nos tristes piñeiros,
Mar de Vigo, ai coma en min soio sangra
Xemido e door de teus mortos veleiros.

CANZÓN QUE XURDE DA LÚA

A lúa bailando, a lúa
No mar celeste da outura,
Bailando, valeira e núa.

Lúa valdeira,
Coma frol d'abelaneira,
Ouh lúa!

Soñaredes unha nau
Qu'afondóu na singladura
Dos óureos lumes do vrau?

Lúa a tardiña,
Caravel que m'aloumiña,
Ouh lua!
Bogaredes n'ise enredo,
A cara nova no espanto
Das ondas tredas do medo?

Lúa e falua
Escoitade: o vento brua,
Ouh lúa!

O na gándara, antre abrollos,
Sin agarimo, nin canto,
Ides morrer nos meus ollos.

Lúa! E os segredos?
Óuveos brancos nos penedos,
Ouh lúa!

ANTIFONA

Nena branca, amada, amiga
Por quén estas ágoas cantam,
Nena qu'a a lúa cobrindo
Va de camélias de lús.

Nena leda i-esmaecida,
Ó craror d'o-ceo xungida,
Pol-as máns brancas da choiva
De lirios tibios cuberta.

Sombra de paisaxe luar,
Griseira alondra impossibre,
Por quén as tardes vagantes
Antre soedades frolecen.

Mentras morro de delores
Quérote rogar, Estrela,
Nin m'abandonarás ise
Veleiro, ó invisibre mar.

NOITURNIO EN SANTIAGO

Caiéu da noite unha rosa
mais alá dos verdes montes
e adormeceuse no espello
liquedo de craras fontes.

Qu'enriba dos meus cabelos
a néboa calma alcendía,
i-a noite feita de múxica,
no fondal tremalocía.

Pero xa chove silencio
do fulgor da lúa amada
sobre Santiago, de flores
i-auga de estrelas mollada.

ROMEIRÍA

Alas negras d'un páxaro foxen
Pol-o sideiral azur, sin nubens.

Hoxe ó camiño
(ti a transmán onde me levas?)
Vello vento un céspede ladra:
Vay esvaído.

Miña noite mírase coa xiada
Nún outo de i-alma.
E iste sinxelo camiño escuro
Moe cinza e dór.

Ai, Santiago, abrelle aquestas portas
Qu'a manán leda no seu recordo
Peneira estrelas.

D'O ERMO

A noite e o silenzo da i-alma
N'ise pozo tumbal de olvido.

Garda o medo antergas aas
De pinos mortos,
Mail-o vento que pros eidos,
Monocorde, levounas.

Da oscura pedra, insómne mana
O gorgullar da i-auga.

Mentras de Santiago ó aire,
Unha perdida anguria
De pranto
Baixa a cibdá submarina.

E chove o tempo.

MAINO, CHOVE EN SANTIAGO

Ó gárgulas de Santiago, ó as gárgulas
A compás de azules frautas de auga,
Folerpas de lús liqueda vertida
E pol-as pedras ermas esvaidas.

Caes como um tembror no sono e no espanto
Da treba, ó páxaro derrubado,
Namentras escoito esa noitámbula
Múseca, e o pranto do ceo vidrado.

Ó gárgulas de Santiago, ó as gárgulas,
Canció de angúria que non me acorde
No mar de ausenza teu corpo de ambrar
E ise tempo lonxe salouco monocorde.

Ni os passos tardos pol-as eirexas,
E as cárceles e, ca páleda cinza,
Ise tempo que de teus bicos tomba
E na ria da i-alma se desfai.

Ó gárgulas dunha noite de nadie,
Gorxas de brétema e soedá imposibre
Como em segredo cristaiña fonte...
- E o silenzo chove em Santiago eterna.

AUGA E TEMPO

Reloxe que cega espellos,
Soio pólos rios do tempo,
Ai, quixera que no xirasses
Ferindo a treba có'a lembranza.

Quén de cote te sulaga o espanto
No lonxano olvido,
E na enorme ausenza te afogase?
(Nas corredoiras, horas de loito
Fuchen ô conxuro dos segredos).

E rodas negros, punxentes dedos
Coma pantasmas da soedá perdida,
Somas noitâmbulas de aforcados.

Quín que rodas, non?
E en riola veñen os dedos hirtos.
Oh, reloxe das horas de miña i-alma!
Pisando un chau de tumbas,
Demansiño as tecedeiras van.

E esquivas múxicas tremen, tremen,
Dos punteiros desfacendose
Nos camiños de lúa nova,
Nos camiños de i-auga da lúa nova.

Reloxe imposibele, non tentes
Acoitelar a eternidá.

CHOIVA GALLEGA

Non se sabe si é que sobe,
Nin se sabe si é que baixa.
(Eladio Rodríguez Gonzalez)

Choiva maina pol-as foxas verdes,
hou, choiva virxe da miña i-alma,
Llevame pra aló dos lonxes
da suidade, choiva gallega.

Solbeme a anguria que se desfia
de áltigo canto inconsolabre,
mentres estricas azuls aramios
ou sin bovido cas na escalinata.

Choiva das veigas, dos vieiros vellos,
sobre das remaxes pol-os camiños
de iñotas rutas do si, do non,
choiva de Irlanda nas praias ermas.

Ti no fuche a regadeira lene
que a lúa esquiva trasnoita
antre os herbales do souto?

Ou quezáis pol-as escadeiras
de delor de asombrado pazo,
ti vas, viaxeira da soedá
a chamar, nas perdidas rellas,
os naufragos que tocan, tocan
os clavicémbalos do vento.

Choiva gallega, choiva maina,
cedo que chegache, hou choiva!
tecendo a vaguedá das horas
co unha guirnalda aérea
de tíbias asuzenas de auga.

Ai, dime, choiva
pascendo o ensoño,
lonxana e triste, dime das praias
do mar do sono,
e dos veleiros a barlavento
de ronseis céltigos.

E desque demansiño afondas
na húmeda cinza de outonizas múxicas,
oigo o silenzo que moi miña i-alma,
hou choiva branca de lucentes ponlas
tremendo nos vidros e nas beixas bravas.

CANTO GRATULATÓRIO Ó PADRE IGNACIO DOMINGUEZ GONZALEZ, POLA SUA FESTA DE PREBISTERADO, A 29-06-1967, EN VIGO

Ouh, vinde, vamol-o ver, amigos,
Ó repicar das craras campanas,
Ignácio cantó Missa, ai Xesus!
Ó repicar das craras campanas.

Bóos cantares el dixe, amigos,
Aa grória de Deus en vino e en pan,
E d'entrambas suas mans erguéuse
E alumeó a Estrella da Mañan.

Que unha Estrella frolece: é Deus Neno
Que voltóu aa sua terriña meiga,
Non na frebe da ciencia dos homes
Máis em frores e gaita gallega.

Padre Ignácio, ise celeste Neno
Escondede do atomico fuste e barulleiro
Lume bermello. Lavádile os pés
Com bris maina e vino do Ribeiro.
Fextejádeo e dádlle mel,
Pingotas de choiva e guirnaldas de puros corazóns,
Mostraádlle a i-auga das fontaiñas, os olivos,
E non nosas abisales paixóns

Padre Ignácio, largo é o mar,
E lonxana e illa onde ninguén arribóu,
Erguede o Neno, que xa imos navegar
Da i-Alba ó Solpór.

Máil-o vento frio imos navegar
(Ouh veleira nao que xamáis te ensumas
Na soedá do mar...)

Ouh veleira nao! Co'o Neno na escota
Singladuras de ceo.

Referências bibliográficas

"Acervo de Manuscritos Baianos". Série Viagens. In *Arquivo Godofredo Filho*.

BACELAR, Jeferson. "Memória visual da presença galega". In SUÁREZ ALBÁN, Maria Del Rosário (Organizadora): *Língua e imigração galegas na América Latina.* Salvador: EDUFBA, 1998.

Dossiê *Letras Gallegas*. In *Arquivo Godofredo Filho*.

FERREIRA, Gerusa Pires. *A Alquimia generativa do bruxo Godofredo Filho*. Suplemento da *Revista Ocidente* - Volume LXXXI, Lisboa, 1971.

FERREIRA, Gerusa Pires. "Os Poemas Galegos de Godofredo Filho". *Revista Portuguesa Mensal*, Nº 381, volume LXXVIII, 1970.

FERREIRA, Gerusa Pires. "Escritores brasileiros e a Galícia". In SUÁREZ ALBÁN, Maria Del Rosário (Organizadora): *Língua e imigração galegas na América Latina.* Salvador: EDUFBA, 1998.

GIL, Gilberto. "Democracia e diferença". In Gilberto Gil, Antonio Risério: *O poético e o político e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GODOFREDO FILHO. "Musa Gallega". In *Irmão Poesia –Seleção de Poemas– (1923-1986)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Secretária de Estado da Educação e Cultura da Bahia, 1986.

MONTERO, Xesús Alonso e SALGADO, Xosé M. *Actas do I Congreso de Poetas Alófonos en Lingua Galega*. Santiago de Compostela, Abril de 1993.

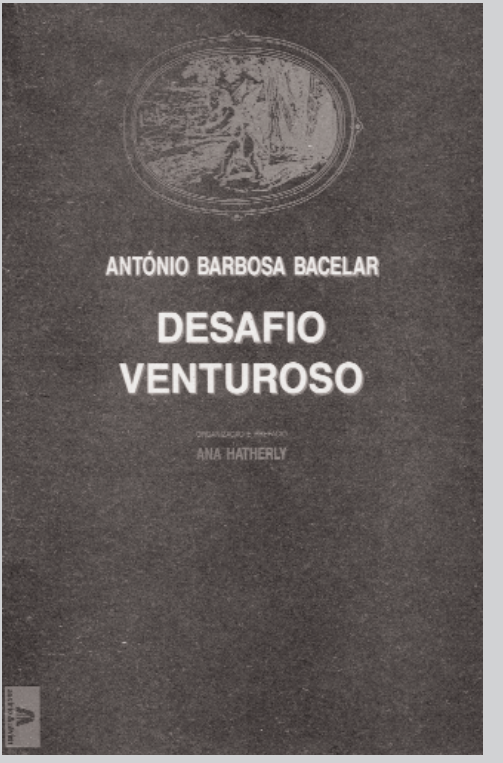
VILLARINO PARDO, M. Carmen. *Aproximação à obra de Nélida Piñon. A trajectória de Nélida Piñon no sistema literário brasileiro*. Tese de doutoramento em CD-Rom, Universidade de Santiago de Compostela, 2000.

Entrevistas

Entrevista de Gerusa Pires Ferreira concedida a Marta Maria da Silva Brasil.

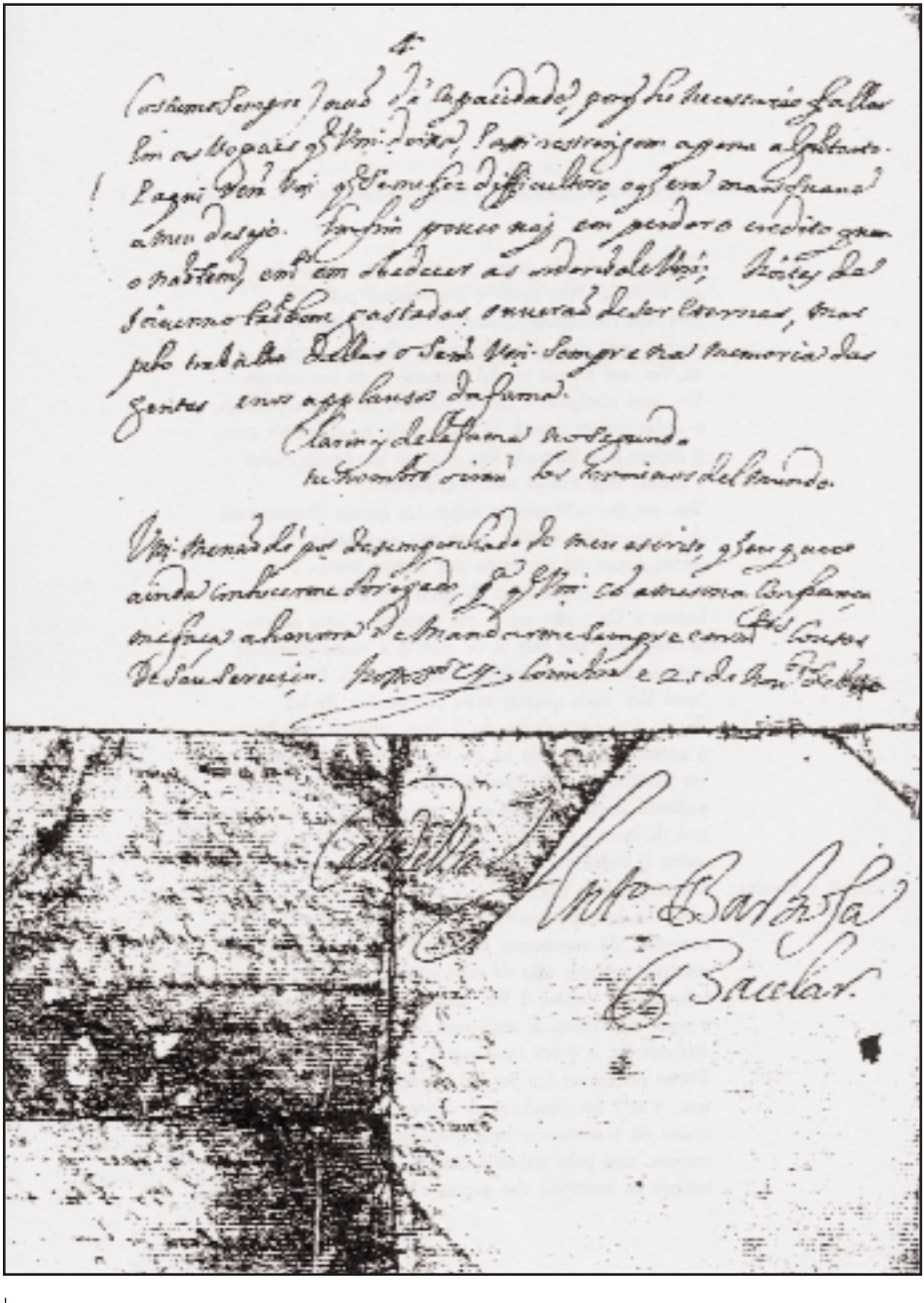
Sobre *Desafio Venturoso*, de Barbosa Bacelar

ESCLARECIMENTO



Publicamos consecutivamente dous trabalhos referidos ao mesmo assunto, a novela *Desafio Venturoso*, de António Barbosa Bacelar, que até à sua relativamente recente ediçom e divulgaçom por parte de Ana Hather-ly (1991, Assírio e Alvim) era praticamente desconhecida para crítica e público: só consta umha única notícia, exactamente do ano anterior a esta ediçom, aludindo à obra em manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa. Ana Hatherly segue na sua própria ediçom manuscritos da Biblioteca Municipal do Porto (os 679 e 1396), achando ainda outros três textos, supostamente autógrafos, na Biblioteca da Ajuda e na Nacional de Lisboa. Este outro achado consiste em dous poemas assinados e umha carta a Alonso de Alcalá y Herrera, também assinada e com data de 25 de Novembro de 1640 (reproduzimos na página seguinte a última parte desta carta, a partir da ediçom mencionada, que a recolhe em apêndice, p. 66). Estas novelas amatórias curtas de tipo cervantino resultam escassas nas letras portuguesas do período barroco, de modo que os trabalhos oferecidos, cuja origem se remonta aos estudos da cadeira de Literatura Portuguesa II na licenciatura de Estudos Portugueses da USC, constiuem um contributo da nossa revsita para a ainda escassa bibliografia existentente acerca de Barbosa Bacelar, anteriormente conhecido apenas pola sua poesia inserida na *Fénix Renascida* e no *Postilhão de Apolo*, apesar de ser-lhe atribuídas outras obras em prosa. Achando que em certo sentido as abordagens de José André Porto e de Susana Sánchez Arines se complementam, por ser a primeira mais generalista, atingindo peculiaridades da estrutura e significaçom da obra, e por ser a segunda de espectro mais concreto, examinando a visom masculina da mulher por parte de Barbosa Bacelar, consideramos oportuna esta ediçom consecutiva.

C. Q.



AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 105 - 124 / ISSN 1130-3557

Desafio Venturoso, de António Barbosa Bacelar: aspectos da estrutura e da significação

José André Porto

(Santiago de Compostela)

1. António Barbosa Bacelar

António Barbosa Bacelar é conhecido na história da literatura portuguesa nomeadamente por ser um dos autores incluídos nas duas principais colecções da poesia barroca, ambas publicadas, como se sabe, no século XVIII: a *Fénix Renascida* e o *Postilhão de Apolo*. Também é reconhecida a sua obra historiográfica. Mas, em 1991, Ana Hatherly editou a novela *Desafio Venturoso*(1), que o conceitua como excelente narrador. Do prefácio desta edição se apura que o autor nasceu em Lisboa em 1610, estudou no colégio jesuíta de Santo Antão, nessa cidade, e "tendo-se doutorado em Direito Civil pela Universidade de Coimbra, aí exerceu durante 6 anos o magistério como adjunto". Mas sofreu um duro revés quando foi preterido ao concorrer a uma cadeira: "Extremamente abatido, adoece de desgosto, deixa Coimbra e regressa a Lisboa", abandonando finalmente o magistério. "Por influência de D. Rodrigo de Meneses, a quem recorre, é então nomeado Corregedor da Comarca de Castelo Branco, com o que inicia uma carreira na magistratura que o levará a desempenhar sucessivamente vários cargos, como os de Provedor de Évora, Desembargador da Relação do Porto e finalmente da Casa da Suplicação em Lisboa, já em 1661." Faleceu em 1663.

Nas colecções de poesia barroca, António Barbosa Bacelar aparece frequentemente como patriota (embora tivesse seguido, como outros portugueses, a moda de poetar em castelhano), autor de paráfrases ou glosas de Camões e cantor de feitos restauracionistas. Em prosa publicou, igualmente, obras sobre vitórias militares dos portugueses, sendo autor de uma *Relação diária do sítio e tomada da forte praça do Recife*. Em 1641, imediatamente depois da Restauração, escreve *Statera veritatis, sive praecipua*

(1) BACELAR, António Barbosa, *Desafio Venturoso*, Organização e prefácio de Ana Hatherly, Assírio & Albim, Lisboa, 1991.

rationum momenta pro jure coronae Lusitanae adversus Castellanam, com o objectivo de defender os interesses e direitos de Portugal.

Da vida e da obra de Barbosa Bacelar destacam, portanto, dois traços: do ponto de vista social a sua posição correspondia à da nobreza e do ponto de vista nacional era um patriota.

2. Desafio Venturoso

Um dos manuscritos em que se conserva o *Desafio Venturoso* tem data de 1644, faltando qualquer informação a respeito disto nos outros, alguns dos quais incluem uma dedicatória em que o autor assinala que a sua novela "fortunas são de dous Amantes". Ana Hatherly define-a como "novela curta amatória em que não faltam rasgos cavalheirescos ao lado da anatomia dos sentimentos das personagens".

Com efeito, nomeadamente pela sua extensão, entre a do romance e a do conto, o reduzido número de personagens, o ritmo rápido da acção e a relativa concentração temática, a narrativa de que tratamos adapta-se ao que se entende por novela. Isto não quer dizer que devamos supor simpleza na sua acção e, muito menos, no seu tempo, que, longe de ter um carácter linear, se assinala aqui precisamente pelas anacronias.

Trata-se, de resto, de uma novela complexa também pela combinação efectiva de vários narradores, a forte travação interna do sistema de justificação dos motivos e certa polissemia temática. "Dentro do restrito panorama da novela barroca portuguesa, que agora começa aos poucos a ser descoberta, o *Desafio Venturoso* – diz novamente Ana Hatherly – surge como uma narrativa bem urdida e bem trabalhada, que merece um lugar de destaque na ficção portuguesa de todos os tempos."

A própria definição desta novela como amatória, com rasgos cavalheirescos e análise dos sentimentos das personagens, é indício da sua complexidade. De facto, nela podemos descobrir traços de novela sentimental, epistolar, de cavalarias, pastoril, picaresca, psicológica e até social, revelando-se assim como narrativa mista.

Assim, como na novela sentimental, acha-se no *Desafio Venturoso* certa análise dos afectos das personagens, especialmente de Felício, o cavaleiro apaixonado. Não faltam, por isso mesmo, elementos de novela psicológica, pois, como aponta Ana Hatherly, Felício "acaba por ficar num impasse afectivo, dividido entre as leis do amor e as da amizade, não conseguindo resolver satisfatoriamente o conflito que se gera no seu íntimo".

Mas, aproximando-se da novela de cavalarias e afastando-se da sentimental, o *Desafio Venturoso* assinala-se por certa pluralidade temática. Felício é, de resto, comparável ao cavaleiro andante que, desdenhado pela dama, se retira a fazer penitência (como diz Dom Quixote acerca de Amadis, "una de las cosas en que más este caballero mostró su prudencia, valor, valentía, sufrimiento, firmeza y amor, fue cuando se retiró, desdeñado de la señora Oriana, a hacer penitencia en la Peña Pobre, mudado su nombre en el de Beltenebros") e se acha envolvido em diversos acasos, tais como encontros e desafios. Até elementos como a viagem, a busca, a peripécia ou a anagnórise, típicos da novela bizantina, se encontram na de Barbosa Bacelar.

A intervenção de pastores, com as suas queixas amorosas, estabelece, por outro lado, um parentesco entre o *Desafio Venturoso* e a novela pastoril. E talvez se possa vincular Lucinda, a criada venal que engana os amos, com algumas personagens das novelas picarescas, aparentando-se com a pícara e a alcoviteira. De facto, a oposição de classes (nobres, pastores, criada) proporciona a esta narrativa, igualmente, certo carácter de novela social. Mas, afinal, todo este amálgama ou fusão viria a confirmar a real isenção de que gozam a novela e o romance a respeito das ataduras das poéticas.

"Considerando o seu argumento – resume Ana Hatherly –, veremos que Felício, amante (que se julga) traído por Lizarda, ao ter conhecimento da dimensão da sua desdita através do relato de Carlos (que ele salva da morte e de quem se torna amigo), acaba por ficar num impasse afectivo, dividido entre as leis do amor e as da amizade, não conseguindo resolver satisfatoriamente o conflito que se gera no seu íntimo.

"A solução para o problema do triângulo amoroso que se desenha entre Felício, Carlos e Lizarda, é encontrada por um processo frequente em novelas cervantinas [...] e que consiste na transformação do triângulo conflitual em quadrângulo de equilíbrio, pela adição de mais um elemento feminino (neste caso, Ângela, irmã de Lizarda), terminando a novela com o desejado desfecho feliz através da formação de dois casais."

Portanto, trata-se de um argumento, em princípio, simples e não insólito. Não estariam na *inventio*, logo, o interesse e a originalidade do *Desafio Venturoso*, que talvez se achariam mais na *elocutio*, e, verdadeiramente, na *dispositio*, concentrando-se aqui, na estrutura da novela, o seu mais alto valor artístico ("a linguagem usada é bastante comedida, encotrando-se o empolamento mais na efabulação do que no discurso", indica Ana

Hatherly). Na organização da narrativa, precisamente, descobre-se uma estética sem dúvida barroca, com o seu pendor para o engenho, a máscara e o artifício, para a forma densa, dinâmica e distorcida. Com efeito, a estrutura da novela, espelhando a sociedade, é uma máscara; reflectindo o mundo, é um labirinto.

3. Estrutura narrativa

O *Desafio Venturoso* é uma novela especialmente complexa quanto ao aproveitamento de recursos associados com a estrutura narrativa, como a montagem e a alternância de narradores, os quais diferem tanto a respeito dos modos de integração no universo diegético como das focalizações. Com efeito, a partir de uma fábula relativamente singela, o autor constrói, numa verdadeira mostra de barroquismo, uma complexa intriga narrativa, dispondo as acções segundo uma ordem não linear, não cronológica, mas afectiva e estético-ideológica.

Barroca é também a temática do engano e o desengano presente no *Desafio Venturoso*, revelada, todavia, não apenas através do conteúdo, mas também por meio da própria estrutura narrativa, máscara e labirinto, como se apontou, de maneira que, podemos dizer, um dos propósitos da montagem é o engano da própria pessoa leitora: será vítima também do conflito entre o parecer e o ser, considerando que Felício e Carlos foram enganados por uma mulher, ignorarando quem desafia e luta contra Carlos, etc. A construção, portanto, tem aqui uma significação inerente.

Através da estrutura do *Desafio Venturoso* gera-se uma série de tensões que activamente contribuem para o prazer estético, como a já mencionada entre a relativa singeleza da fábula e a complexidade da intriga ou como as que provêm das oposições entre o alto grau de economia narrativa e os eficazes procedimentos dilatórios, entre o carácter heterodiegético do narrador principal e o facto de a pessoa leitora ver realmente o mundo através de uma das personagens, Felício, que funciona como fio da narração (focalização interna), ou, ainda, entre o reduzido número de personagens e as enredadas relações em que elas se vêem envolvidas.

Por tudo isto, afirmámos anteriormente que é na estrutura onde principalmente se encontra o valor artístico da novela.

3.1. Fábula

A fábula é aqui, com efeito, relativamente singela, mas só relativamente, porque na realidade possui já ingredientes que vão facilitar a construção de uma trama novelesca complexa. Em resumo, Felício e Lizarda amam-se. Mas, por um lado, Carlos, que ignora esta situação, ama também Lizarda e, por outro, D. Félix, o pai dela, acorda o casamento da filha com um terceiro candidato, "um Cavaleiro rico". Para evitar esse casamento, Lizarda envia a Felício, através da sua criada Lucinda, uma mensagem com um plano de fuga. Mas Lucinda, que enganava Carlos com falsos escritos de Lizarda, entrega a este a referida mensagem. Lizarda foge de noite com Carlos, pensando que o faz com Felício. Felício, queixoso pelas "mudanças de Lizarda", adentra-se na Serra da Estrela. Lizarda, ao descobrir Carlos, tenta fugir, mas este alcança-a; ela ataca-o com uma adaga, deixando-o malferido na Serra da Estrela. Felício encontra Carlos e socorre-o. Não se conhecem e Carlos dá-lhe conta da sua situação. "Dividido entre as leis do amor e as da amizade", Felício resolve separar-se de Carlos e procurar Lizarda. Na Serra de Sintra, encontra Lucinda, ficando ciente do engano. Acham dois jovens, um deles mascarado e desafiando o outro. Felício conhece que o desafiado é Carlos e pretende defendê-lo, mas então o mascarado descobre o rosto, resultando ser Lizarda. Todos tomam conhecimento do engano. Finalmente, e com o consentimento de D. Félix, Felício casa com Lizarda e Carlos com Ângela, irmã de Lizarda.

Teríamos, consequentemente, uma situação binária inicial, correspondente à relação de Felício e Lizarda; uma situação ternária, com a incorporação de Carlos, e, finalmente, uma situação quaternária – que consiste na duplicação de uma situação binária –, com a formação de dois casais, o que esquematicamente pode representar-se assim:

- ♦ Situação binária: Felício || Lizarda.
- ♦ Situação ternária: Felício || Lizarda || Carlos.
- ♦ Situação quaternária: Felício || Lizarda, Carlos|| Ângela.

Portanto, a fábula descobre um movimento dialéctico:

1. Harmonia (tese).
2. Ruptura da harmonia (antítese)
3. Nova harmonia (síntese)

De qualquer maneira, trata-se de um tipo não insólito de fábula, antes um tanto estereotipado. Num trabalho de 1925 sobre este assunto, Boris Tomashevski expõe isto ao dizer que "la situación típica [da fábula] ofrece relaciones *contradictorias*: distintos personajes desean cambiar cierta situación de distinta manera. Por ejemplo, el héroe ama a la heroína y es amado por ella, pero los padres se oponen al casamiento. Los enamorados aspiran al matrimonio; los padres a separarlos. La fábula se conforma con los pasos que llevan de una situación a otra. Estos pasos pueden darse por la introducción de nuevos personajes (la complicación de la situación), por la eliminación de los personajes existentes (por ejemplo, la muerte del rival), o por el cambio de relaciones"[(2)]. Barbosa Bacelar sabe que, como diz Viktor Shklovski, "la descripción de un amor mutuo feliz no constituye un relato", visto que "para que se cree un relato es necesaria no sólo una acción, sino también una contraacción, un tipo de desajuste, de falta de coincidencia"[(3)].

A reconstrução da fábula mediante a decodificação da intriga pela pessoa leitora acha-se em correlação com o processo inverso a partir da autora, isto é, a codificação dessa fábula, pois "a intriga corresponde a um plano de organização macroestrutural do texto narrativo e caracteriza-se pela apresentação dos eventos segundo determinadas estratégias discursivas já especificamente literárias"[(4)]. É nesta organização, dizíamos, que Barbosa Bacelar demonstra a sua grande mestria de narrador, surgindo o *Desafio Venturoso*, segundo a exacta apreciação de Ana Hatherly, "como uma narrativa bem urdida e bem trabalhada, que merece um lugar de destaque na ficção portuguesa de todos os tempos".

3.2. Intriga

Pareceria mesmo que o autor quer fazer alarde da sua panóplia artística incluindo na novela o maior número possível de recursos narrativos, muitos relativos à montagem: o início *in medias res*, as analepses, a inclusão de narrativas encaixadas, a *mise en abyme*, a introdução de narradores secundários, o perspectivismo, etc. Daqui a complexidade construtiva e o barroquismo do *Desafio Venturoso*.

(2) TOMASHEVSKI, Boris, "Fábula y siuzhet", in VOLEK, Emil, *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin. Semiótica del discurso y posformalismo bajtiniano*, Fundamentos, Madrid, 1995, 150.
(3) SHKLOVSKI, Viktor, "La construcción del relato y de la novela", ibid., 122-123.
(4) REIS, Carlos e LOPES, A. Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, Almedina, 4ª ed., Coimbra, 1994, 205.

Com efeito, a narração inicia-se, como dizíamos, *in medias res*:

> Entre os confusos penedos e espezas matas da maior Serra portuguesa, que por subir Gigante a coroar-se de Estrelas toma o nome delas, afadigava um brioso Murzelo ao destino de seu cuidado um galhardo Peregrino, rico de pensamentos amorosos e de saudades namoradas, que no apressado do passo e no assustado do semblante parece que ou ia em seguimento de algũa Fortuna que lhe fugia ou fugia de sua própria Fortuna. [23]

Este parágrafo e os que se seguem podemos denominá-los de *incipit* da narrativa. O Peregrino que cavalga na Serra da Estrela é Felício, que, finalmente, "amparando-se de hũa rama que lhe emprestou uma árvore medonha, começou a queixar-se" à "cruel Fortuna" [24]: "busca todas as traças para meu despenho, que se por tua causa choro as mudanças de Lizarda, já não podes fazer-me maior dano" [25]. Esta fala de Felício funciona praticamente como proposição da narrativa, comunicando o seu assunto. De qualquer maneira, o começo da novela acha-se, afinal de contas, em correspondência com o segundo degrau da estrutura tripartida da fábula, isto é, com a ruptura da harmonia (antítese). Em virtude desta alteração cronológica, o autor, sublinhando o enigmático da situação, consegue sem dúvida incitar a expectativa da pessoa leitora.

Na serra, Felício encontra-se com o malferido Carlos, que não conhece, e "acudiu ao remédio, atalhando-lhe as feridas" [28]. Surge então "um Zagal daquela Montanha que, tocando um instrumento, descia por um penhasco abaixo, entretendo o caminho com este Romance [...]" [29]. O romance canta as graças de Nise ("Caçadora ufana e destra / (quem viu Caçadora Vénus?) / pede as armas emprestadas, / dizem que a um Menino Cego" [30]) e funciona como subtil *mise en abyme*, estabelecendo uma correspondência entre Nise e Lizarda, quem feriu de amor Felício e Carlos. Perante a situação deste, especialmente, mesmo é possível interpretar como sarcasmos as referências às armas de Nise: "de quantas flechas lhe fica, / nenhũa lhe deve o vento", "que não dão as flechas erro" ou "mas tais armas traz consigo, / Pastores, diga-o Fileno!" [30].

O ferido é levado à morada do pastor, aonde "veio o Médico daqueles Montes" [31], com cuja assistência "depois de poucos dias convaleceu de todo" [32], mostrando a sua gratidão. Carlos conta então a sua história a Felício: é de Sevilha, de pais portugueses e nobres; partiu para Lisboa, onde se apaixonou por uma jovem, podendo, através da criada, Lucinda, "intimar-lhe tudo o que passava das portas adentro de minha vontade" [34]. Afinal, consegue um escrito de declaração da jovem, quem, numa

ocasião, lhe comunica que a casam e o manda apresentar-se de noite às portas do jardim. Fogem, dirigindo--se a uma aldeia de Trás-os-Montes. Chegam à Serra, mas, de noite, ela desaparece. Quando consegue alcançá-la, "cautelosamente traidora, me arrancou a própria adaga, e abrindo denodadamente estas três rasgadas bocas, me deixou quatro para queixar-me" [39]. Como se vê, introduz-se aqui um narrador secundário, autodiegético, que relata uns factos acontecidos com anterioridade ao início da acção, funcionando Felício como narratário. Visto que a novela começa *in medias res*, as analepses tornam-se indispensáveis para o conhecimento de acontecimentos prévios, neste caso não só por parte do leitor ou a leitora mas também do próprio Felício, que reconhece então Carlos, "lembrando-lhe que o tinha visto em algũas Festas donde assistira Lizarda" [40]. Estamos, portanto, perante uma espécie de anagnórise, que deve vincular-se certamente com o jogo barroco do engano e o desengano, cuja função tem igualmente a ver, pela introdução de novos enigmas na narração, com o objetivo de avivar no leitor ou a leitora o interesse pela história. Este reconhecimento motiva também a apresentação de um Felício em quem aumenta a confusão, pois "se resolveu a que D. Carlos fora o roubador de sua ventura e a causa de sua Peregrinação" [40], achando que "entre os respeitos do Amor e da Amizade não podia haver-se com sua Disgraça" [41]. Sublinha-se com isto, precisamente, a nobreza de Felício, graças à qual se evita a catástrofe.

A seguir, Albânio, "o Dono daquele Albergue", entoa um romance que Sílvio tinha feito a "Nise ingrata": "Até quando, oh Nize ingrata, / hão-de durar teus rigores?" [41]. Igual que no caso do primeiro romance, este opera como *mise en abyme*, estabelecendo as correspondências entre Nise e Lizarda e entre Sílvio e Felício: "Pela Serra e pelo Prado, / busca a Nise e busca a morte, / mas tudo a Sílvio se nega, / que tudo a um triste se esconde" [43]. Descobrem-se aqui as funções de ênfase, dilação e *suspense*.

À noite, "recolheu-se Carlos a seu aposento e Felício a seus cuidados" [44] e como "não achava culpa em Carlos para resolver-se à vingança [...], escolheu o meio mais fácil, que era deixar a Carlos, sem dar-lhe conta da partida" [44], mas escrevendo-lhe umas letras. De manhã, "mais confuso ficou Carlos com os enigmas do escrito do que com as falas do Amigo" [45] –com o que se incita mais também a curiosidade da pessoa leitora– e "determinou segui-lo" [46]. É, portanto, agora, a vez de destacar os nobres sentimentos de Carlos. Curiosamente, neste momento da narrativa produz-se uma subtil mudança de focalização, pois, é óbvio, agora, de modo transitório, não estamos vendo através dos olhos de Felício, que tinha partido.

Depois de quatro meses de peregrinação, procurando inutilmente notícias de Lizarda, Felício, "desesperado de sua ventura" [46], resolve ir a Flandres "por ver se no cuidado das Armas podia achar defensa contra os disvelos de Amor" [46].

> Caminhou vários dias com esta determinação, té que, no último da jornada, chegou àquele Labirinto de rochedos, àquele arrimo das Estrelas, aquela Serra Gigante a quem a Lua, pela boa vizinhança que se fazem de parte a parte, emprestou o nome de Cíntia, e como não lhe faltavam mais que cinco léguas para o fim da jornada, por não entrar de dia na cidade, tratou de antecipar a sesta e deter-se um pouco com comunicar suas queixas a hũa fonte. [46-47]

Chega, portanto, Felício à Serra de Sintra e renova as queixas que já lhe ouvimos declarar na da Estrela. Nesta ocasião glosa um mote castelhano: "pues Alma de un Cielo fui, / y oy sombra mia no soy" [47]. Tendo dado fim ao seu canto, ouve "hũa doce voz" [49] entoando um soneto, que funciona como nova *mise en abyme*, e procura "o sujeito daquelas partes" [50]. Então "topou com um Jardim murado, que servia de retiro a hũa casa de prazer" [50] e descobre um "Cavaleiro ancião" que ameaça "hũa mulher" com uma adaga, reconhecendo D. Félix, pai de Lizarda, e Lucinda, a criada. Ela está a pedir clemência, mas o ancião exige-lhe que trate "de confessar tudo, ou com esta que vês te abrirei em o peito outra boca que me fale mais de verdade" [51]. Então Lucinda refere-lhe a história dos amores de Felício e Lizarda, da paixão de Carlos e do engano que ela urdiu. Novamente, portanto, se introduz aqui um narrador secundário que, como no caso de Carlos, relata uns factos acontecidos com anterioridade ao início da acção, mas agora funcionando D. Félix como narratário. Ao relato de Lucinda, contudo, "aplicou Felício os ouvidos" [52], quem resgata a criada, aproveitando que o pai de Lizarda se ausenta para procurar "quem, danto-te absolvição a tuas culpas, facilite o remédio delas na outra vida" [53]. Como se disse, devido às características estruturais desta novela, as analepses são necessárias para o conhecimento de acontecimentos prévios, tanto por parte do leitor ou da leitora como de Felício, fio condutor da história. A explicação causal justifica, portanto, a inclusão da narrativa de Lucinda. Mas não introduz novos enigmas, como acontecia com a de Carlos. Pelo contrário, agora resolvem-se, pois obtemos o quadro completo da situação anterior ao começo da narrativa principal. A cena possui, além do mais, carácter de peripécia, pois Felício tem conhecimento "das firmezas de Lizarda, quando ele se queixava só das suas mudanças" [54]. E torna a sublinhar a nobreza do apaixonado, que per-

doa à criada e a resgata: "Não sei que império têm as lágrimas sobre um peito nobre, pois constando-lhe a Felício como ela havia sido a medianeira de suas Disgraças, pôde nele menos a vingança do que a piedade" [53-54].

Tendo livrado Lucinda da morte, Felício determina novamente encontrar Lizarda. Acham dois moços desafiando-se com espadas, um deles mascarado. Felício "conheceu que o Desafiado era Carlos, e pelo que devia às Leis de Amigo, arrancando a espada e ofendendo ao contrário, tratou de sua defensa" [56]. O "outro" "deixando cair a espada e deitando-se a seus pés disse: –Só vós Cavaleiro, poderíeis estorvar-me esta vingança e poupar a vida a esse Perjuro, que é ocasião de minhas Disgraças, e porventura que o seja também das vossas! E descobrindo-lhe o rosto, conheceu Felício sua amada Lizarda [...], não endoudecendo de prazer com ventura tão pouco esperada" [56]. Lucinda descobre a Carlos seus enganos e pede perdão a Lizarda. Finalmente, "sendo bem recebidos do velho Pai, chegaram à última execução suas esperanças. Lograram Felício e Lizarda o prémio de seus trabalhos, Carlos e Ângela o prémio de suas venturas" [57].

3.3. Núcleos e subnúcleos estruturais

Facilmente se observa que Barbosa Bacelar estrutura a sua novela em dois grandes núcleos narrativos, os quais se opõem pelos cenários espaciais (1: Serra da Estrela, 2: Serra de Sintra) e temporais (1: Inverno, 2: Primavera), bem como pelas personagens (1: Felício, Carlos, médico e pastores da Serra, 2: Felício, D. Félix, Lucinda, Carlos e Lizarda), a acção (1: encontro Felício-Carlos, 2: encontro Felício-Lucinda) e o desfecho (1: procura e renúncia, 2: procura e encontro).

	1º NÚCLEO	*2º NÚCLEO*
Espaço	Serra da Estrela	Serra de Sintra
Tempo	Inverno	Primavera
Personagens	Felício, Carlos, Médico e Pastores da Serra	Felício, D. Félix, Lucinda, Carlos e Lizarda
Acção	Encontro Felício-Carlos	Encontro Felício-Lucinda
Desfecho	Procura e renúncia	Procura e encontro

O primeiro núcleo expõe a tese do engano (tanto Felício como Carlos interpretam a realidade incorrectamente, vítimas do conflito, tão típico do barroco, entre o parecer e o ser), enquanto o segundo mostra a sua antítese, o desengano, aqui no sentido de superação do engano (Felício conhece o engano de Lucinda, da mesma maneira que, finalmente, Carlos e Lizarda).

Para além de existir uma oposição entre o *locus horrendus* apresentado no início do primeiro núcleo ("Soltaram-se as prisões aos Ventos, e cresceram assombros à noite, porque pelejando furiosos, davam bateria ao monte, até que os meteram em paz as pardas nuvens, que não podendo sustentar-se, de carregadas, em tempestades de água ameaçava a naufrágios ao Peregrino, e inundações ao Zêzere, ao Alva e ao Mondego" [24]) e o *locus amoenus* descrito no começo do segundo (Felício "tratou de antecipar a sesta e deter-se um pouco com comunicar suas queixas a hũa Fonte, que despenhando-se de um rochedo, e fazendo tanque em um vale alcatifado de flores, convidava a lembranças saudosas" [47]), ambos cenários funcionam como indícios, descobrindo-se uma correspondência entre eles e o desenvolvimento posterior da história, terminando o primeiro núcleo com a decepção de Felício e o segundo com a felicidade dos protagonistas.

Existe também um claro paralelismo entre a estrutura tripartida de cada um dos núcleos, com subnúcleos que podemos denominar de prelúdio (aquele que precede, prepara e antecipa o episódio), epísódio (1: encontro Felício-Carlos, 2: encontro Felício-Lucinda) e desfecho.

ESTRUTURA	
1º núcleo	***2º núcleo***
Prelúdio	Prelúdio
Episódio (encontro Felício-Carlos)	Episódio (encontro Felício-Lucinda)
Desfecho (procura e renúncia)	Desfecho (procura e encontro)

A organização de cada um dos núcleos recorda a estrutura da tragédia grega, segundo a definiu Aristóteles (Poética, XII), com prólogo, episódio e êxodo, além do canto coral, que no *Desafio Venturoso* acharia paralelismo mais exacto no primeiro núcleo com a intervenção dos pastores.

Por outro lado, uma técnica semelhante àquela que mais tarde exploraria o romance-folhetim utiliza aqui Barbosa Bacelar para rematar o pri-

meiro núcleo-capítulo criando na pessoa leitora a máxima expectativa: após a partida do protagonista sem dar conta disso a Carlos, este "empenhando-se em buscar Felício sem saber donde, se partiu para onde o guiasse seu destino".

Descendo a um nível mais pormenorizado, a construção paralelística e antitética continua a ser reproduzida, pois cada prelúdio é integrado por um *incipit* (1: *locus horrendus*, 2: *locus amoenus*) e uma proposição (queixas de Felício) e cada episódio por um encontro (1: Felício-Carlos, 2: Felício-Lucinda), uma narrativa encaixada (1: narrativa de Carlos, 2: narrativa de Lucinda) e um desfecho (1: separação, 2: resgate).

<table>
<tr><th colspan="4">PARALELISMOS E OPOSIÇÕES</th></tr>
<tr><th colspan="2">1º Núcleo. Serra da Estrela
Tese: engano (exposição)</th><th colspan="2">2º Núcleo. Serra de Sintra
Antítese: des-engano (desfecho)</th></tr>
<tr><td rowspan="2">Prelúdio</td><td>Incipit (locus horrendus).</td><td rowspan="2">Prelúdio</td><td>Incipit (locus amoenus).</td></tr>
<tr><td>Proposição (queixas de Felício)</td><td>Proposição (queixas de Felício)</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Encontro com Carlos</td><td>Encontro</td><td rowspan="3">Encontro com Lucinda</td><td>Encontro</td></tr>
<tr><td>Narrativa de Carlos</td><td>Narrativa de Lucinda</td></tr>
<tr><td>Separação</td><td>Resgate</td></tr>
<tr><td colspan="2">Procura e renúncia</td><td colspan="2">Procura e encontro. Desenlace geral, epílogo.</td></tr>
</table>

Poderíamos perguntar-nos que teria acontecido se Felício, em lugar de ter achado Carlos, tivesse achado Lizarda, directamente, na Serra da Estrela. E a resposta seria que não teríamos novela. Barbosa Bacelar resolve, portanto, retardar o desenlace e acrescentar ao conflito derivado da separação dos amantes o conflito, com o encontro de Felício e Carlos, "entre as leis do amor e as da amizade" de que fala Ana Hatherly. Felício também podia ter achado Lizarda após ter-se separado de Carlos e reiniciado a procura. Contudo, o autor decide recomeçar o relato e apresentar-nos novamente um Felício queixoso, a quem oferece a oportunidade de um outro encontro, agora com Lucinda, provocando-se novo conflito, nesta ocasião entre a vingança e a piedade. Os conflitos derivados de ambos os encontros são favoravelmente resolvidos graças à nobreza de Felício, assim sublinhada. Da mesma maneira, as dilações acrescentam a ansiedade e a incerteza do protagonista –e da pessoa leitora–, de maneira que as tensões a resolver são maiores e o efeito do desenlace superior.

A gradação acentua, portanto, o conflito e a ansiedade de Felício, para o que contribui também o paralelismo da estrutura narrativa, que reflec-

te e sublinha outras dualidades, como as derivadas das relações entre Felício e Lizarda, entre Felício e Carlos, entre o amor e a amizade, entre a vingança e a piedade, etc. O paralelismo revela-se também indício do duplo casal que se cria no final do relato.

Se analizarmos o episódio do encontro entre Felício e Carlos descobriremos uma estrutura circular com centro na narração deste:

- Encontro
- Romance 1º
- Gratidão de Carlos
- Narrativa de Carlos
- Confusão de Felício
- Romance 2º
- Separação

Para além de facilmente se estabelecerem as correspondências binárias encontro-separação, romance 1º-romance 2º, gratidão de Carlos-confusão de Felício, com o sentido já visto, esta estrutura tem o valor de pôr em destaque a frustração de Felício, com o regresso ao ponto de partida.

Pelo contrário, o episódio do encontro entre Felício e Lucinda não possui essa estrutura circular, pois a separação é substituída agora pelo resgate da criada e a renovação das esperanças do apaixonado.

De qualquer maneira, como se viu, as relações binárias também se combinam na novela com as ternárias: cada um dos núcleos é integrado por prelúdio, episódio e desfecho; cada episódio, sublinhando a sua importância, por encontro, narração e desfecho. De maneira que o jogo do duplo, reflectindo, segundo se via, relações do tipo Felício-Lizarda ou Felício-Carlos e funcionando como indício do duplo casal que se produz no final do relato, se combina com o jogo do triplo, evidenciando o triângulo amoroso Felício-Lizarda-Carlos.

A complexidade da estrutura narrativa do *Desafio Venturoso*, ao serviço de uma estética da ilusão, define em boa medida o barroquismo da novela, com a vontade de impressionar, de jogar ao engano e o desengano, ao parecer e o ser; contudo, não se trata, como se vê, de uma complexidade gratuita, mas plenamente justificada e sempre conciliada com traços como a coesão e a solidez organizativas, donde a descrição de Ana Hatherly como "narrativa bem urdida e bem trabalhada".

De facto, um dos principais objectivos da intriga do *Desafio Venturoso* consiste em jogar ao engano e o desengano com o próprio leitor ou a pró-

pria leitora, que considerará Felício e Carlos enganados por uma mulher, não sabe que quem desafia Carlos é Lizarda, etc. Uma mostra subtil deste jogo, que funciona como indício, aparece na glosa ao mote castelhano com que Felício se dirige às flores: "Si en la Pompa os atreveis,/ quando haze Mayo su alarde,/ el desengaño, aunque tarde, muy presto conocereis" [48].

ESTRUTURA NARRATIVA DO *DESAFIO VENTUROSO*

Narrativa principal	Núcleos	Subnúcleos		Chaves do conteúdo
Narrador principal (heterodiegético, focalização interna, presente da narração)	1. Serra da Estrela Tese: engano (exposição: aflições de Felício e de Carlos pelo amor de Lizarda, amizade de ambos, confusão de Felício)	Prelúdio	*Incipit*	Felício na serra da Estrela (descrição: tempo invernal, desordem da Natureza).
			Proposição	Queixa de Felício contra a "cruel Fortuna", pelas "mudanças de Lizarda".
				Ouve queixumes. Procura a origem deles, sem achar ninguém. Passa a noite.
		Encontro Felício - Carlos	Encontro	Continua o caminho. Acha um jovem malferido. Chega um zagal.
			Romance 1º Gratidão de Carlos	O zagal canta um romance (*mise en abyme*). Levam o ferido ao albergue do pastor: "depois de poucos dias convaleceu de todo". Agradecimento a Felício.
			Narrador secundário: Carlos (autodiegético, foc. interna, analepse)	O ferido, Carlos, apaixona-se por uma jovem. Através da criada dela, Lucinda, consegue um escrito de declaração. Noutra ocasião, ela comunica-lhe que a casam e manda-o apresentar-se de noite às portas do jardim. Leva-a consigo. Chegam à Serra. De noite, ela desaparece. Alcança-a. Ela ataca-o com uma adaga. Encontro com Felício.
			Confusão de Felício	"D. Carlos fora o roubador de sua ventura e a causa de sua Peregrinação." Felício, "entre os respeitos do Amor e da Amizade não podia haver-se com sua Disgraça".
			Romance 2º	Albânio, dono do albergue, entoa um romance feito por Silvio a "Nise ingrata" (*mise en abyme*, dilação, ênfase).
			Separação	Noite. Meditação de Felício. Resolve partir, deixando cartas para Carlos, que decide segui-lo.
		Procura e renúncia		Felício, depois de procurar inutilmente notícias de Lizarda, resolve ir a Flandres, "por ver se no cuidado das Armas podia achar defensa contra os disvelos de Amor".
	2. Serra de Sintra Antítese: des-engano (desfecho: Felício conhece o engano de Lucinda e acha Lizarda, formam-se dois casais, triunfos do amor e da amizade)	Prelúdio	*Incipit*	Felício na serra de Sintra (descrição: tempo primaveral, *locus amoenus*).
			Proposição	Queixa de Felício: "pues Alma de un Cielo fui, / y oy sombra mia no soy."
				Ouve "h_a doce voz" (soneto: *mise en abyme*). Procura "o sujeito daquelas partes".
		Encontro Felício - Lucinda	Encontro	Descobre um cavaleiro (D. Félix) ameaçando com uma adaga uma mulher (Lucinda).
			Narrador secundário: Lucinda (homodiegético, foc. interna, analepse)	Narrativa de Lucinda, dirigida a D. Félix, mas ouvida por Felício (função: explicação causal). Lucinda conta a D. Félix o amor de Felício e Lizarda. Carlos pretende Lizarda através de Lucinda. Esta finge "escritos em nome de Lizarda". Quando o pai pretende casar Lizarda, esta dá um escrito a Lucinda para Felício, com um plano para fugirem. Lucinda entrega o escrito a Carlos. Pede confissão.
			Resgate	Efeito das lágrimas de Lucinda em Felício, "peito nobre". Felício resgata Lucinda (não separação).
		Procura e encontro		Felício determina achar Lizarda.
				Encontro Felício - Lizarda. Síntese. Desenlace.
				Epílogo. Voltam para a quinta. União de Felício e Lizarda, de Carlos e Ângela, irmã de Lizarda.

4. Outros aspectos

Como se disse, a complexidade desta novela deriva também da forte travação interna do sistema de justificação dos motivos. Assim, o comportamento violento, pretensamente varonil, de Lizarda, que pode surpreender, não é arbitrário, mas motivado, exigido, pela defesa da sua castidade (equilibra assim, também, o comportamento "efeminado" de Felício, cuja nobreza o impediu de a vingar). Como diz Ana Hatherly, "Lizarda (se bem que para defender a sua honra) não só apunhala barbaramente Carlos, deixando-o a esvair-se em sangue, como ainda, mais tarde, disfarçada de cavaleiro, brande valorosamente a espada num duelo em que de novo põe em risco a vida do infeliz jovem". Afinal, o casamento de Felício e Lizarda não poderia realizar-se se ele –e a pessoa leitora– não tivesse a certeza da inocência e castidade dela, que ficam provadas precisamente pelo proceder da jovem. Portanto, não deveria deduzir-se, quanto a isto, uma interpretação "feminista" da personagem de Lizarda, sendo que, afinal, com a sua atitude se pretende ilustrar uma ideologia tipicamente patriarcal. O importante é que Lizarda, cuja fuga poderia ser reprovada, preserve a sua castidade e o possa demonstrar. Por isso já no próprio relato de Carlos se introduz este depoimento: "Pediu-me encarecidamente que até ao fim da jornada me não atrevesse com demasia algũa" [37]. Mais tarde, como se sabe, "cautelosamente traidora, me arrancou a própria adaga, e abrindo denodadamente estas três rasgadas bocas, me deixou quatro para queixar-me" [39]. Por se tudo isto não fosse suficiente, Lizarda é directamente apresentada, espada em punho, desafiando Carlos à vista de Felício e Lucinda. Finalmente, a própria heroína justifica o que ela mesma considera excessos: "Porque não cuideis, D. Carlos, que os excessos que hei cometido contra vossa vida nasceram de outra causa mais que a defensa justa de meu pondonor galhardo" [57]. Portanto, a actuação, os excessos, de Lizarda acham plena justificação se temos em conta que eles se increvem num contexto geral de ruptura da harmonia. De resto, todo o comportamento das personagens nobres –D. Félix, Felício, Carlos, Lizarda– está constantemente motivado por um código de honra.

Outra particularidade, já assinalada, do *Desafio Venturoso*, prova novamente da complexidade da novela, consiste na combinação de vários narradores –o principal e dois secundários. O narrador principal é heterodiegético, quer dizer, "relata uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético

em questão"[5]. Mas duas personagens da história, Carlos e Lucinda, como se viu, também se convertem circunstancialmente em narradores: ele, autodiegético ("relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história"[6]; ela, homodiegética (por ser personagem secundária da história que relata). As circunstâncias vêem-se complicadas pelo jogo de níveis narrativos, de narradores e de narratários, como se pode apreciar na tábua seguinte:

Nível narrativo	**Narradores**	**Narratários**
Extradiegético	Heterodiegético (principal)	Narratário principal
Intradiegético	Autodiegético (Carlos)	Felício
	Homodiegético (Lucinda)	D. Félix (indirectamente, Felício)

O perspectivismo seria uma das funções do jogo de narradores, pois, ao privilegiar a focalização interna, Barbosa Bacelar consegue apresentar versões parcialmente diferentes, fragmentárias, da mesma história, as quais, reunidas, proporcionam a explicação cabal da realidade. É evidente que tanto Carlos como Lucinda oferecem pontos de vista pessoais acerca da situação. O narrador principal, por outro lado, adopta (com alguma mudança excepcional, segundo se viu) a perspectiva de Felício, mostra a realidade do ponto de vista desta personagem, que funciona como fio da narração.

Muito significativo nesta novela é o sistema de personagens, com uma oposição entre aristocráticas (D. Félix, Felício, Lizarda, Carlos e Ângela) e não aristocráticas (Pastores, "Médico daqueles Montes" e Lucinda). "No *Desafio Venturoso* –diz Ana Hatherly– é também muito evidente a presença do que Evangelina Rodríguez Cuadros classificou como a dupla articulação do aspecto individual/passional com o aspecto de vinculação social, muito nítido no desenho das figuras: veja-se que as acções nobres são praticadas pelos Senhores e as acções vis emanam da criada Lucinda." Fica assim claro que as personagens aristocráticas representam o pólo social positivo, derivado da sua nobreza –das acções nobres que se justificam pelo sangue e as riquezas ("Já saberás, Senhor, como Felício, fiado

(5) Ibid., 262-263.
(6) Ibid., 259.

no ilustre de seu sangue e no poderoso de suas riquezas, presumindo que não te seria penoso casamento tão igual [...]" [52], diz Lucinda a D. Félix). Pelo contrário, as personagens não aristocráticas encarnam o pólo social não positivo, privadas de nobreza, quer dizer, de sangue ilustre e de riquezas. Mas, ainda, este grupo de personagens se acha fragmentado por uma outra oposição, esta vez entre os Pastores e o "Médico daqueles Montes", por um lado, e Lucinda, por outro. Enquanto Lucinda, a criada, representa o pólo social negativo, pois, além de indiscreta e lisonjeadora, não é fiel aos seus amos e se acha pervertida pelo mundo mercantil, recebendo dinheiro e jóias de Carlos, os Pastores e o Médico, embora não sejam aristocratas, são fiéis servidores deles e se encontram fora do mundo mercantil e da sua perversão, sendo capazes, por isso, de sentimentos "nobres".

PERSONAGENS (sistema de oposições)		
1. Aristocratas (pólo social positivo: nobreza)	**2. Não aristocratas** (pólo social não positivo: não nobreza)	
	a) Pastores e Médico (não nobres, mas fiéis, fora do mundo mercantil e capazes, por isso, de sentimentos "nobres")	b) Criada (pólo social negativo: não fiel, pervertida pelo mundo mercantil [Lucinda recebe dinheiro e jóias de Carlos])

Já se está a ver que a novela, como se dizia num princípio, é também complexa do ponto de vista temático. Certamente, pode considerar-se que o tema central é o amor, de maneira especial o que mutuamente une Felício e Lizarda ("fortunas são de dous Amantes"). Este amor está sublinhado antiteticamente pelo que sente Carlos por Lizarda e paralelisticamente pelos amores pastoris.

O amor (Felício-Lizarda) também se confronta com a amizade (Felício-Carlos), temas que conduzem ao da nobreza, aonde levam igualmente o do engano, produto da cobiça da criada Lucinda, e o do perdão, que é a resposta do nobre Felício. Especialmente através das personagens de D. Félix e de Lizarda, expõem-se os temas da honra e da desonra, bem como os da imposição de matrimónio (o problema que desencadeia a trama da novela) e da autodeterminação feminina.

Como diz Ana Hatherly, a solução do imbróglio amoroso "consiste na transformação do triângulo conflitual em quadrângulo de equilíbrio, pela adição de mais um elemento feminino (neste caso, Ângela, irmã de Lizarda), terminando a novela com o desejado desfecho feliz através da formação de dois casais". Com referência a isto, apresenta-se um caso particular da preocupação de Barbosa Bacelar por construir, em palavras já citadas da mesma autora,"uma narrativa bem urdida e bem trabalhada". Com efeito, a introdução da personagem de Ângela, que proporciona a solução final do problema, é feita com muita habilidade, paulatina e subtilmente. Assim, no relato de Carlos:

> [...] passeando com outros Cavaleiros às Belezas mais galanteadas, vi entre elas duas, das quais hũa soube cativar-me de tal sorte os sentidos, que os não tive mais que para adorá-la. Era a menor na idade mas a mais extremada na fermosura, contra a opinião de muitos (que também nas Belezas há opiniões) que querem dar as vantagens à mais velha, quiçá porque tem melhor dote, que sempre as Fermosuras com esta circunstância realçam mais. [34]

E nos ulteriores pensamentos do confuso Felício:

> Menos cansado ficou Carlos com a história de suas Fortunas do que confuso Felício com a relação de Carlos, e os ecos de cada palavra não lhe respondiam menos que no coração, porque cotejando os sinais que D. Carlos dava, o número das irmãs [...]. [39]

Da mesma maneira que no relato de Lucinda, quem por primeira vez cita o nome da irmã de Lizarda:

> De tudo te haverá dado conta minha Senhora Ângela, que como irmã sua, era a Secretária destas correspondências. [52]

Depois, a mesma Lizarda pensa já na sua irmã como factor de solução para o conflito amoroso:

> [...] vos peço que queirais acompanhar-nos, porque do muito que meu Pai ganha em ter-vos por filho presumo não duvidará de fazer duas Bodas juntamente. [57]

De maneira que se produz o desfecho feliz:

> [...] sendo bem recebidos do velho Pai, chegaram à última execução suas esperanças. Logram Felício e Lizarda o prémio de seus trabalhos, Carlos e Ângela o princípio de suas venturas. [57]

A solução achada é completamente venturosa porque harmoniza duas concepções do matrimónio: a velha –representada por D. Félix–, baseada no acordo matrimonial estabelecido pelos pais, e a nova –representada pelos jovens–, fundamentada no amor.

5. Algumas considerações ideológicas

"No *Desafio Venturoso* –e repetimos as palavras de Ana Hatherly– é também muito evidente a presença do que Evangelina Rodríguez Cuadros classificou como a dupla articulação do aspecto individual/passional com o aspecto de vinculação social, muito nítido no desenho das figuras: veja-se que as acções nobres são praticadas pelos Senhores e as acções vis emanam da criada Lucinda." A respeito disto já se viu o revelador sistema de personagens da novela, em que se opõem, com certeza, as aristocráticas, representantes do pólo social positivo, e as não aristocráticas. Por isto se pode dizer que, implicitamente, Barbosa Bacelar sustenta aqui os princípios do sistema aristocrático, baseado, segundo indica por meio da fala de Lucinda e em referência a Felício, "no ilustre de seu sangue e no poderoso de suas riquezas" [52]. Correlativamente, defende a submissão do povo, pondo como exemplo positivo a conduta dos pastores e do médico da Serra; como negativo, o proceder de Lucinda, chegando, através desta personagem, caracterizada pela sua venalidade, a impugnar o mercantilismo ("o interesse de hũas jóias que me mandou por vezes" [56]).

Mas entre as qualidades aristocráticas o autor defende um conceito da honra compatível com a clemência, como se vê nomeadamente da atitude de Felício a respeito da criada, depois compartilhada pelas outras personagens nobres, apesar da atitude prévia de D. Félix, que manifesta uma concepção diferente (o autor, ao dizer de Ana Hatherly, "resolve a questão duma maneira elegante e caridosa, fazendo com que tanto os jovens amantes como o ofendido Pai, concedam a Lucinda o seu perdão"). Também se expõem no *Desafio Venturoso*, como já se viu, duas noções do matrimónio –entre membros da nobreza–, reivindicando-se o amor como base dele.

Mas não apenas o conteúdo exprime significados, pois também os aspectos formais do *Desafio Venturoso* têm conotações ideológicas. Assim, através da estrutura narrativa, complexa mas consistente, nutre-se a ideia de que, apesar das eventuais complicações que o sistema social possa sofrer, a sua estabilidade sempre acaba por prevalecer, é firme, está garan-

tida. Deste modo, com a leitura da novela, o leitor aristocrata, impressionado pela complexidade, mas também pela firmeza, da estrutura narrativa, veria fortalecida a sua confiança no sistema social, na perfeição e excelência do sistema aristocrático. No *Desafio Venturoso* o "engano" e o "desengano" são puro jogo narrativo, não há aqui o "desengano" moral típico do barroco. Afinal, pois, a mensagem é alentadora, não existindo a este nível o desassossego ou o pesimismo.

Por outro lado, a escolha da língua portuguesa tem um evidente significado patriótico, embora Barbosa Bacelar não possa subtrair-se à moda e prestígio do castelhano, ao incluir alguns versos nesta língua.

6. Conclusão

Pela sua estrutura podemos dizer que o *Desafio Venturoso* é uma obra barroca, mas não assim pela optimista mensagem que transmite. Desta maneira, é possível aplicar à novela de Barbosa Bacelar o que Bernard Émery exprime a propósito da *Arte de Furtar*: "l'œuvre est baroque par sa facture, mais point par ses idées, puisqu'à aucun moment on ne trouve exprimés le «désespoir et le désillusionnement devant la prerversité de l'ordre universel» qui ont caractérisé l'aboutissement du «desengano». Ici, au contraire, la confiance de l'auteur dans l'ordre universel est totale, et le solutions qu'il préconise n'ont d'autre but que de combattre le désordre instauré par l'homme"(7). Seja como for, o barroquismo, quanto ao conteúdo, estaria representado na novela de Barbosa Bacelar pela personagem de D. Félix e acharia o seu símbolo na cena em que o vemos com "hũa adaga na mão direita e na esquerda os cabelos de hũa mulher, que ajoelhada a seus pés e debulhada em lágrimas, parece que queria atalhar com lástimas aquele sacrifício" [50]. Pelo contrário, a contenção e equilíbrio que vencem em Felício representariam o antibarroquismo da novela.

Em todo o caso, o melhor resumo conclusivo acerca desta obra de António Barbosa Bacelar, já o temos citado, é o proposto por Ana Hatherly: "Dentro do restrito panorama da novela barroca portuguesa, que agora começa aos poucos a ser descoberta, o *Desafio Venturoso* surge como uma narrativa bem urdida e bem trabalhada, que merece um lugar de destaque na ficção portuguesa de todos os tempos."

(7) ÉMERY, Bernard, "Littérature, moral et politique dans la Arte de Furtar. Contribution à l'étude des principaux thèmes de l'œuvre", in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XIV, FCG, Paris, 1979, 250.

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 125 - 134 / ISSN 1130-3557

A visom masculina da mulher em António Barbosa Bacelar

Susana Sánchez Arines

(Santiago de Compostela)

A posiçom da mulher na sociedade ocidental estivo de sempre subordinada à posiçom do homem. Retirada a um segundo plano, ocultada tras os muros do espaço doméstico e ausente da vida pública, é estranho encontrar, quase até este século, testemunhos de mulheres em que escutemos a sua voz, os seus dizeres e a suas opinions. Por isso devemos dezifrar a sua presença na literatura e na sociedade por entre as vozes masculinas.

No mundo medieval e pré-industrial as mulheres eran classificadas quase exclusivamente em relaçom aos homens e em razom da sua sexualidade. As mulheres nom nos aparecem como sujeitos independentes mas como donzelas (virgens e solteiras), senhoras (casadas e nais) e viúvas (novamente "virgens"). A cada um destes possíveis estados correspondem-se umhas normas de comportamento, uns papéis. De incumprir estes, a mulher passa a ocupar os espaços da marginalidade (puta, bruja, criminal, actriz).

Se temos interesse en analisar a visom da mulher no *Desafio Venturoso*, de António Barbosa Bacelar, é por dar-se nesta obra umha ruptura desses "comportamentos próprios da mulher" por parte da protagonista feminina. É o nosso objectivo dilucidar se essa suposta ruptura é real ou aparente; para isso centraremo-nos em analisar a personagem concreta de Lizarda.

1. Argumento da obra

O *Desafio Venturoso* é umha breve obra narrativa (denominada polo autor novela) que desenvolve um habitual triângulo amoroso: dous homens encontram-se em tristes circunstâncias sem saber que a mulher pola qual sofrem é a mesma. Carlos foge com Lizarda para evitar o casamento obrigado desta, mas durante a fugida ela fere-o com a sua própria

daga e abandona-o. Felício deixa o seu fogar abatido pola traiçom da mulher que ama, Lizarda, que foge com outro homem. Depois de algumhas peripécias o enredo é desfeito graças à confissom da criada Lucinda, provocadora do conflito, acabando a obra com duas honrosas vodas.

Como se pode comprovar, a obra segue o esquema argumental clássico: enamoramento/obstáculos/superaçom das provas/matrimónio. A originalidade vem dada pola atitude da mulher, Lizarda, que nom duvida em tomar a iniciativa, de forma violenta ademais, para decidir por si mesma o seu destino. Esta situaçom é a que queremos estudar mais profundamente.

2. Lizarda. O que faz. A teatralidade

É dever da donzela ser submissa e cumprir dous preceptos: a obediência e a castidade. Só assim poderá cumprir o seu fim, que é casar. O matrimónio nom é outra cousa que um negócio familiar, como qualquer outro, e a mulher-filha a mercadoria com que se negoceia(1). Nom é isto algo estranho ou oculto, pois mesmo nesta obra, aparentemente romântica e platónica, se apresenta como natural: "Era a menor de idade mas a mais extremada na fermosura, contra a opinião de muitos (...) que querem dar as vantagens à mais velha, quiçás porque tem melhor dote, que sempre Fermosuras com esta circunstância realçam mais" [34(2)].

Umha donzela deve ser discreta, permanecer o mais oculta possível, para escapar a qualquer perigo que possa afectar à sua Honra, já que, dada a sua debilidade e molície é fácil a queda na margem e a perda do "prezado bem". Ademais, umha donzela nom só deve ser honesta, também deve parecê-lo aos olhos do mundo (e isto afecta o comportamento da protagonista), com que deve cuidar todos os seus passos. Como podemos comprovar, pouco espaço para a acçom lhe resta a qualquer mulher que queira fazer a sua vontade.

Lizarda é umha rapariga que cumpre com as normas da sociedade. Destaca pola sua beleza, discreçom e suavidade. Nom comete nengum exceso com o galám que a pretende durante anos [34], com o qual só se

(1) De aí que as tramas literárias em que aparecem personagens femininas de certa entidade tenham como centro o matrimónio, seja porque se obtém contra a vontade da afectada, seja porque há problemas que o impedem.

(2) BARBOSA BACELAR, António: *Desafio venturoso*. Todas as citaçons da obra vam ser feitas desta ediçom, sendo indicada a página entre parénteses rectos.

comunica epistolarmente sem nengum contacto físico.

Mas esta atitude submissa entra em conflito ao ser concertado o seu matrimónio. Lizarda vai ser casada com outro homem que nom é o seu Felício, e deve obedecer. As normas que regem o seu comportamento social lhe impedem tomar umha decissom autónoma sobre o asunto. Entra en um dilema no qual há de optar entre a Infelicidade e a Desobediencia. Lizarda desobedece.

Toma a iniciativa e delineia a fugida com o seu amante, falta grave, embora nom tanto por ser Felício "fiado no ilustre do seu sangue e no poderoso das suas riquezas" [52]. Conta ela com que o posterior consentimento paterno "consideradas as conveniencias de Felício" [53] seja fácil.

Nos primeiros momentos da fugida Lizarda mostra-se conforme a "fraqueza do seu sexo" [40]. Segue a manter as formas da femineidade aceite: é suave, débil, chora e lamenta-se: "alimpando-lhe umhas miúdas lágrimas com mil requebros amorosos e mil suspiros brandos, de cima do cavalo se encostou en meus braços, como cansada." [37]. Ainda assim é consciente da perigosa empresa que acomete, pois joga a sua Honra nela, que é a sua única jóia de prezo no mercado matrimonial: "Lembrai do que me custais!" [37].

A situaçom muda de súbito, ao descobrir-se unida a um amante errado, Carlos. Da confusom do primeiro momento, em que "se retirou como turbada" [37], passa à acçom. O seu objectivo é proteger a sua integridade sexual dumha situaçom estremadamente perigosa: só, na Serra selvagem, e com um homem que nom deseja mas polo que é desejada.

E começa a sua actuaçom teatral: enquanto "serena industriosamente o rosto" [37, cursiva nossa] podemos considerá-la actriz, mulher a industriar, construir, inventar e representar um papel que nom é o dela natural, mas umha Lizarda que pode defender a integridade física, simulando ante o amante todo o possível até encontrar a oportunidade de fugir. Fai-no desde o silêncio protector, como veremos no seguinte parágrafo, e desde a actividade física, passando de "ser levada" a "dirigir-se a".

A partir do estado industrioso en que se some, mostra boa vontade e aceita quanta proposta faz o seu amante, fora a das relaçons sexuais, para evitar o nascimento de qualquer suspeita: "Pediu-me... que me não atrevesse em demasia algũa" [37]. A Honra só pode perdê-la na apariência, pois é a única que pode recuperar se é inteligente; de nom cuidar-se ficará condenada a permanecer na margem, no mundo das actrizes, por sempre.

Na segunda noite de viagem vê a sua oportunidade e toma a iniciativa amorosa: "Aqui a achei menos esquiva que nunca, ouvindo mil ternezas suas" [38], para surpreender o Carlos e, roubando os cavalos [38], fugir. Mas esta primeira escapadela é abortada polo amante e, vendo que ele quer "segurar-lhe a dívida com penhor", dando "mostras de que queria remeter à força o que nunca tinha consentido o pensamento" [38] –é dizer, quer violá-la– segue com a actuaçom, simula consentir o acto sexual e aproveita para apunhalar o agressor e fugir definitivamente "vestida em traje varonil" [56] aumentando, com o disfarce, a sensaçom de teatralidade.

No final da trama ousa retar em duelo ao Carlos, exercendo um papel privativo dos homens, a utilizaçom de armas e a defesa da honra: "agora é tempo, traidor perjuro, de que fazendo exame de vosso valor, se remeta às espadas meu agravo!" [56]. Mas destacamos, fai-no vestida de homem, dentro da sua teatralizaçom protectora.

Quando se descobre e rebela a sua identidade, fai-no para submeter-se de bom grau ao homem que ama e aceitar o matrimónio com ele. E incluso negociar outro casamento sem solicitar a opiniom da donzela afectada por ele.

Todos os momentos em que Lizarda intervém mudando o seu papel de donzela, o faz desde umha consciente teatralidade, e desta maneira aceita e contradiz, a um tempo, a lei patriarcal[3]. No mesmo texto som feitas alusons a esta artificiosidade, o que ajuda para ver a de Lizarda mais facilmente: "Fez teatro a sua imaginação, representando os anos que havia amado Lizarda (...). E deixando a representação, ou a tragédia, de seus amores..." [44]. Ela mesma admite que nom teria agido como o fez de nom ser imperante a necessidade de proteger a sua Honra: "Porque não cuideis, D. Carlos, que os excessos que hei cometido contra vossa vida nasceram de outra causa mais que a defesa justa de meu pundonor galhardo" [57].

3. O que Lizarda diz. A voz da mulher?

É importante nom deixar-nos levar polas aparências nem deixar-nos enganar pola arte literária. Em nengum momento da obra aparece a mulher a falar por si mesma. Devemos destacar que o autor da novela é um

(3) Duby, George: *Historia de las mujeres*, volume IV, ...pág. 319.

homem, e portanto todas as intervençons femininas estám passadas polo filtro masculino do seu autor-criador: Luzinda fala como Barbosa pensa que deve falar Luzinda. A palavra da mulher nom é directa, é mediatizada, eco masculino através do qual devemos adivinhar que é de Luzinda e que é de Barbosa.

Aquilo que mais podemos destacar de Luzinda é o seu silêncio. Será este silêncio, ademais, umha das causas do enredo. Ao nom afirmar-se, ao nom falar alto e claro, Luzinda provoca a ambiguidade, a confusom, o nom saber se um seu acto é alevoso ou polo contrario de umha fidelidade total.

Nom dirige a palavra a Carlos em público [36], quando fogem, quase todo o caminho é silêncio, e o silêncio responde quando Carlos a procura de manhá na cova em que dormem: "Mas vendo que ninguém me respondia..." [38].

Praticamente nom escutamos as suas palavras, em estilo directo, em toda a obra; som só três as ocasions:

De forma epistolar: Luzinda dirige duas cartas a Dom Carlos, em que expressa os seus sentimentos para com ele, na primeira [35], e a sua intençom de fugir, na segunda [36]. Som esta cartas (e as outras que nom reproduz) as que levam a Dom Carlos a considerá-la umha traidora, pois supostamente incumpre as promesas feitas nas mesmas.

Mas ao final da obra sabemos que houve ruídos na comunicaçom: as primeiras cartas eram falsas, escritas pola criada Luzinda "fingindo escritos em nome de Lizarda" [52] para lhe entreter "as esperanças" ao enamorado. Onde Carlos pensava que falava Lizarda, só havia silêncio. A última carta sim foi escrita por Lizarda, mas dirigida a Felício, nom ao Carlos. Lizarda falou, mas a outro interlocutor. Quando descobre ter errado no destinatário é já tarde e já a sua honra corre perigo.

A segunda vez que escutamos a sua voz é quando se encontra com o amado. "Sois vós?", pergunta [37] sem indicar nome algum, polo que aceita de bom grado um companheiro que nom é quem pensa. Depois escutamos umha só frase entre muitas, e portanto, significativa: "Lembrai-vos do que me custais" [37] frase ambigua que nós devemos completar: a fugida custar-lhe-á a honra e todos os seus actos posteriores, aparentemente traidores, tenhem por finalidade conservar essa honra em perigo. Lizarda está a cometer umha das faltas mais graves que pode cometer mulher: a desobediência ao homem de quem depende,

neste caso o pai.

Por terceira vez escutaremos a Lizarda, no final do romance, defrontando-se a Carlos em duelo para se salvar da ignonímia: "Sabei que me tendes feito agravos que me chegaram muito à Honra e nao hei-de descobrirme até que me vingue deles..." [55-56]. Toma a iniciativa, fala claramente todo quanto nom falou antes, escutamos por fim as suas palavras de mulher... vestida de homem. Para tomar a palavra, para afirmar-se como sujeito, para usar a sua própia voz, Lizarda deve renunciar à sua identidade, ocultar-se trás "hũa mascarilha que lhe cobria o rosto" [55], deixando de ser, já nom Lizarda, mas mulher. Nom há aqui identidade feminina.

O resto das intervençons de Lizarda som inseridas em estilo indirecto, através de Carlos ou Felício: "A achei menos esquiva que nunca, e ouvindo mil tenrezas suas..." [38]. Nom fala mais por si. Em realidade o seu é um silêncio protector: cala para nom mentir, cala para nom se expor mais do já feito. Cala para nom cumprir o tópico negativo da mulher falangueira: ela, como boa donzela, é discreta. Sempre que actua como se aguarda que actue umha donzela, cala. Desfaz-se dum pretendente inoportuno calando: "a palavras de cera respondiam desdéns de bronze,..., e para todas as finezas não havia mais que um desatento ingrato" [34]; evita a excessiva familiaridade com o amante que nom o é, calando: "Serenou industriosamente o rosto, e proseguindo o caminho mudamente..." [37]; e, como já vimos, foge en silêncio. As situaçons em que fala som estranhas, anormais para umha mulher. Confirmamos no texto a ideia de que a linguagem é, nos homens, a norma, enquanto que nas mulheres faz parte de um defeito ou desviaçom(4).

4. Lizarda. Como ela é. O que os homens vem

En nengum momento aparece Lizarda perante um espelho a se descrever. Em nengum momento aparece um seu escrito ou monólogo, já o vimos, explicando que é o que ela sente ou pensa ou como se sente a si mesma. É mais, nem sequer o narrador da obra se entremete fornecendo umha visom de Lizarda heterodiégetica. Lizarda só conta com dois espelhos, espelhos homodiegéticos, sujeitos e objectos da sua existência, polo que a análise da sua interioridade lhes é alheia, e a objectividade nom lhes é própria. Só sabemos como é Lizarda para Carlos e Felício.

E como é Lizarda para os seus amantes? Pois como todas as mulheres

(4) Duby...: *Historia de las mujeres*, volume III, pág. 479.

e como nengumha. Para os homens da obra nom está individualizada, e aplicam-lhe virtudes e defeitos "próprios" do género feminino.

4.1. O nome

Nomear qualquer cousa é dar-lhe entidade, identificá-la entre muitas outras cousas. Para isso recebemos o nosso nome como próprio, para nos individualizar e autonomizar entre todos os entes existentes.

Quando a protagonista feminina faz apariçom em cena, por boca de Carlos, nom conhecemos seu nome, esse nome com que ela se identifica e do qual "ela se preza sempre" [41]. Só temos acesso a ele no final do relato, quando já outros nomes marcárom esse ser feminino.

A atitude superior de umha pessoa sobre outra manifesta-se na posse do direito a nomear. Quando Felício pergunta ao Carlos o nome da mulher que ama, ele responde: "Sabei que o nome que meu amor dava a esta senhora era o [de] Exemplar da Fermosura, e por donde a conhecem meus agravos é pelo de Tirana mais bela..." [41]. Carlos apropria-se simbolicamente de Lizarda, colocando-lhe o nome que ele quer e destacando dela as características que ele considera a sua essência.

4.2. A Beleza

E a essência de Lizarda é a beleza. A beleza destacada nela nom é concreta: nom som cantados os olhos de tal cor, ou os cabelos de x características, mas a Beleza [34], a Formosura [34], o adorado Bem [38], abstractas e maiúsculas, por que passam a designá-la. Em realidade Carlos canta umha Beleza ideal, um Ídolo Perfeito [35] do qual Lizarda é simples reflexo. Lizarda nom está individualizada, pode ser qualquer mulher; em realidade é a Mulher. Só sabemos dela que é da "mais extremada fermosura" [34] e procuremos a rapariga polo mundo com semelhante descriçom. Sob o pretexto de cantá-la, adorá-la, celebrá-la, Carlos o que faz é negá-la como pessoa.

A beleza feminina é umha arma, carne e desejo sempre provocam pecado, polo que o homem corre perigo. Assim, a Beleza passa a ser Traidora [38], Ingrata [39] e Tirana [41] enquanto o homem se vê arrastado por ela. Fixemo-nos em que, enquanto Lizarda recebe nomes nascidos de acçons suas persoais e concretas, os recebe para negativizá-la, para anulá-la. Tanto assim as descriçons, que pretendem rebaixá-la à animalidade: "mais parescia de fera [nascida] entre as Asperezas do Monte do

que Senhora, criada entre as branduras da corte" [40-41].

Encontramos Lizarda identificada com a Eva diabólica: mulher de grandiosa beleza que utiliza esta para atrair os homens e depois trai-los.

4.1. As outras mulheres e Lizarda

Para conhecermos a concepçom que de Lizarda (e as mulheres) nos é transmitida no *Desafio Venturoso*, chega com centrar-nos na visom idealizada da mulher que se desprende dos cantos do Pastor a Nise, a sua musa [29-30 e 41-43], e das imprecaçons de Felício à Fortuna [25] e de Carlos à Morte [27], mulheres alegóricas.

Os catro cantos complementam-se entre si e complementam a imagem de Lizarda (com o recurso de utilizar vocabulário comum), enchendo os brancos que o leitor encontre na construçom da personagem. Para isso estám intercalados entre momentos estratégicos da trama.

Temos que a mulher é basicamente "caçadora ufana e destra" [30] cuja arma de ataque é a beleza. O garbo, a postura, o talhe, servem-lhe de trampa e ante isso o homem é só ser cativo, preso, ente sensível que nom pode resistir os ataques e desprezos da Amada. Porque a mulher usa a sua beleza para perturbar a paz masculina, e responder con fereza, rudeza, rigor e desdém às suas atitudes e propostas de afecto, brandura, suspiros e temores [41-43]. A mulher nom é umha simples caçadora, mas umha depredadora, fera que mata de amores a quem ataca. Vemos como se dá umha inversom dos papéis genéricos, sendo a virilidade colocada às mulheres e a sensibilidade ao homem. As primeiras palavras de Felício, dirigidas à Fortuna (sentida como mulher e compartindo adjectivos com a Nise e a Lizarda), apresentam a mulher como guerreira e violenta: "Título serei de tuas vitórias, mas não despojo de teus triunfos" [25]. Também a Morte é umha "ingrata fera" [27] que aplica os seus rigores sobre o débil homem, actuando falsamente e de forma infame.

Como estas três mulheres imaginárias é vista Lizarda: beleza incomparável que leva o homem ao sufrimento polas suas mudanças [25]. *La donna é mobile*, e Lizarda também. Por vezes, o homem nom compreende a mulher e faz explícito o seu descolocamento: "não sabia penetrar as tenções de Lizarda," [41]. Mas, quanto pode, remete a mulher para o espaço que lhe reserva o tópico e julga-a prejuizosamente: "(...) lhe parecia firme, (...), condenando a Lizarda por mudável" [41].

Como o homem nom chega a compreender a mulher, apresenta esta como traidora, atitude que adianta e insinua: "Mereci muitos favores seus, que como são dívidas, ainda nos maiores agravos não se esquecem" [36], ao igual que a intençom premeditadamente enganadora por meio de artimanhas femininas: "Não sei que imperio terá a Beleza, que ainda depois de experiências, obriga a crer falsidades" [38-39]. Recorre-se à comparaçom para incrementar a dúvida no leitor: "se encostou em meus braços, como cansada" [37] –estava ou nom estva cansada?[5]

5. A mulher pretexto

Mas todas as insinuaçons e explicaçons de Lizarda nom devem ocultar o seu papel autêntico na obra: Lizarda nom é outra cousa que o pretexto do homem para expressar os seus sentimentos. O escritor canta as suas emoçons e a mulher serve a realizaçom da glória daquele[6]. Esta obra é o melhor exemplo.

Som muitas mais as linhas dedicadas à expressom pessoal dos personagens masculinos que a desenvolver a trama. Se un recurso literário é utilizado por Felício e Carlos, nom é outro que a hipérbole. Os seus choros e declamaçons som todo um exagero da sua situaçom anímica até o ponto de, no seu egocentrismo, surpreender Felício que a dor de Carlos poda superar a sua: "Confuso Felício em tanto assombro, esteve um pouco furtado aos sentidos, ou admirado do sucesso ou invejoso de ver que ainda haviam disgraças que queriam exceder as que ele padecia;" [27]. As duas personagens regocijam-se de maneira massoquista no seu sofrimento, desfrutando-a tanto como Narciso a sua beleza na cena em que admira o reflexo da água: "tratou de antecipar a sesta e deter-se um pouco a comunicar suas queixas a hũa Fonte, que despenhando-se de um rochedo, e fazendo tanque em um vale alcatifado de flores, convidava a lembranças saudosas" [43], para continuar com a recitaçom de um poema à glória do seu desengano. O poeta canta sempre as suas próprias emoçons, as suas sempiternas feridas, a sua morte cem vezes recomeçada[7]. A sua vida é queixa, é dor, e disso estám orgulhosos: "Nega-me

(5) É interessante notar como som aplicadas à mulher as formas de marginalizaçom que temos estudadas en outra parte. Compare-se o seguinte parágrafo tirado de umha análise da visom do estrangeiro por parte dos navegantes portugueses: "O entender só aquilo que se quer entender dá lugar a malinterpretaçons e desencontros violentos. Faz que sejam lidos erroneamente gestos dos outros (e viceversa) forçando (confirmando) a qualificaçom do Outro como de "carácter volúvel", "traidor" e "enganador". Justamente as conclusons dos protagonistas desta obra sobre o carácter femenino. É dizer, a mulher forma parte dos outros, dos excêntricos, da margem.

(6) Duby: Historia de las mujeres. Tomo III...

(7) Idem pág. 285

[Fortuna], pois, embora todo o bem, que ao menos não podes tirar-me o tempo para queixar-me" [25].

Este narcisismo tam acusado impede-lhes ver a outra pessoa que tenhem diante, compreendê-la, conhecê-la. A tal ponto chega o autismo, que o Carlos narra um intento de violaçom, quiçás umha das experiências mais traumáticas que pode viver umha mulher, como um facto anedótico de tam escassa importância que nom é quem de percebê-lo como causa de um comportamento agressivo por parte de Lizarda.

6. Conclusom

Bem está aquilo que bem acaba. E o *Desafio Venturoso* acaba bem. Nom há ruptura social: a mulher restabelece a sua honra (que só perde aparentemente) e acaba casando com um igual, graças, em boa parte, à sua intervençom activa. Nom há desequilíbrio. E é precisamente esta harmonia final que permite que Lizarda quebre por um pouco espaço, o estereótipo. Isto é o que deve ser valorizado: a apresentaçom de umha mulher que consegue preservar a sua honra sexual afirmando ao mesmo tempo a sua capacidade para desempenhar papéis privativos do homem[8].

Em realidade, a teatralidade com que actua nom é outra cousa que umha licência poética, ou melhor, um caso de justiça poética, onde à mulher lhe som permitidas na ficçom atitudes que nom lhe seriam consentidas na realidade. A norma de mudar algumhas cousas para que nada mude.

(8) Idem, pág. 322.

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 135 - 164 / ISSN 1130-3557

Os gêneros líricos no cancioneiro das cantigas de amigo (*)

Paulo Roberto Sodré

(Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil)

La poética es una "ciencia" muy vieja y muy joven: lo poco que "sabe", quizás le vendría bien olvidarlo algunas vezes.

Gérard Genette[1]

1. Preliminares

Desde a publicação das *Cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses*, editado por José Joaquim Nunes, na década de 20 do século passado, cristalizou-se uma série de truísmos: as cantigas de amigo são aquelas em que a namorada expressa seu erotismo; esse gênero se dividiria em espécies, cujas marcas textuais estariam relacionadas ora com o tema (a romaria, o baile, o encontro no mar, no rio, na fonte, etc.[2]) ora com hibridismo genológico (albas, malmaridadas, cantiga de tear, *escondit* etc.[3]); outras vozes na cantiga de amigo (da mãe e da confidente) são, não obstante serem algumas vezes emissores, adjuvantes. Diversos estudos desenvol-

* Este artigo retoma um dos aspectos desenvolvidos em nossa Tese de Doutorado, a redistribuição dos gêneros no *corpus* das cantigas de amigo, tendo em vista o emissor. SODRÉ, Paulo Roberto. *Cantigas de madre galego-portuguesas: estudo de gêneros das cantigas líricas*. 2003. Tese. (Doutorado em Literatura Portuguesa) –Universidade de São Paulo.

(1) GENETTE, Gérard. Géneros, "tipos", modos. Trad. de María del Rosario Rojo. In: GARRIDO GALLARDO, Miguel A. (Ed.). *Teoría de los géneros literarios*. Madrid: Arco/Libros, 1988. p. 183-233. p. 233.

(2) Desenvolvemos um artigo sobre o que chamamos a especiologia, ou o estudo das espécies de cantigas de amigo, desenvolvida por José Joaquim Nunes. SODRÉ, Paulo Roberto. A especiologia das cantigas de amigo de José Joaquim Nunes. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (Org.). *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais da Associação Brasileira de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. p. 616-620.

(3) Sobre as cantigas lírico-amorosas e suas relações híbridas com outros gêneros, cf. BREA, Mercedes (Coord.). *Lírica profana galego-portuguesa: corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliografía específica*. Santiago de Compostela: Ramón Piñeiro, 1996. 2 v. v. I, Introducción: p. 26 ss.

veram essas assertivas, corrigindo-lhes as arestas[4], detalhando-as[5], precisando mais os critérios a partir dos quais o estudo das cantigas de amigo deve ser fundamentado[6].

Nesse sentido, a "Introdução" de Rip Cohen, a sua edição crítica *500 cantigas d'amigo*, avança não só na apresentação de novas lições do "cancioneiro de donas" mas também na discussão de um aspecto que nos parece fundamental: a relevância das vozes ou dos emissores naquelas cantigas. Afirma o autor a esse respeito:

> De qualquer forma, todos os 500 textos (cantigas de amigo) são exemplos de um tipo de poesia que pode ser distinguido dos outros géneros principais na base de vários critérios: 1. *Género do emissor*: feminino, quer seja a Rapariga, a sua Mãe ou uma das Amigas da Rapariga (um destes emissores fala no início do discurso ou então ao longo dele [...]).[7]

Interessa-nos esse aspecto na medida em que o estudo das cantigas de amigo, desde fins do século XIX, sempre se preocupou com questões que nos parecem complementares (esquadrinhar tipos ou espécies de cantigas por meio da observação do tema), preterindo o cerne desse gênero: a diversidade vocal[8], ou seja, os vários emissores ou sujeitos líricos, e, por conseguinte, a heterogeneidade discursiva das cantigas femininas. Já em 1983, Elsa Gonçalves indicou essa diversidade, afirmando que "*elas* cobre uma variedade de sujeitos que inclui não só as meninas-namoradas, mas

(4) Como é o caso de Manoel Rodrigues Lapa, nas *Lições de literatura portuguesa: época medieval* (10. ed. rev. pelo autor. Coimbra: Coimbra Ed., 1981. p. 171-176) e Jean-Marie D'Heur (*Recherches internes sur la lyrique amoureuse des troubadours galiciens-portugais (XIIe-XIVe siècles)*. [s.l.] 1975. Tese de doutorado. Cópia datilografada. Biblioteca Nacional de Madrid, cota n. 4/186371. p. 516-518), cujos trabalhos provaram que o papel da *madre* não é "mudo" nem monocórdico, como afirmaram Alfred Jeanroy, Carolina Michaëlis e Vincenzo Minervini.

(5) Vários artigos foram publicados com a intenção de aprofundar os estudos relativos a certas espécies, como o de Angela Correia (Sobre a especificidade da cantiga de romaria. *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, s. 2, v. 8, n. 2, p. 7-22, jul.-dez. 1993), Mercedes Brea (Mariñas ou barcarolas?. In: *ACTAS do Congreso o Mar das Cantigas*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1997. p. 301-316.) e Vicent Beltrán (A alba de Nuno Fernandez Torneol. *Revista Galega do Ensino*, Santiago de Compostela, n. 17, p. 89-109, nov. 1997).

(6) Cf. FERREIRA, Maria do Rosário. *Nomina sunt res?* Do poder reificador das designações genéricas no corpus da lírica galego-portuguesa. In: RIBEIRO, Cristina Almeida, MADUREIRA, Margarida (Coord.) *O género do texto medieval*. Lisboa: Cosmos, 1997. p. 43-54.

(7) COHEN, Rip (Ed.). *500 cantigas d'amigo*. Porto: Campo das Letras, 2003. p. 58.

(8) No artigo "O som do sentido. Sobre poesia trovadoresca", Teresa Amado discute o sentido que a voz daria às cantigas: "a voz seria aqui, teria de ser, múltipla, e essa variação acrescentaria ao sentido dos versos. Múltipla talvez, não tanto no timbre, mas no tom e, sobretudo, no estilo – as 'lirias' [o que a voz faz no canto]". Essa observação nos faz pensar, e inevitavelmente ficar sem resposta, em como seria a voz do trovador ao interpretar cada um dos emissores. In: HATHERLY, Ana, LOPES, Silvana Rodrigues (Org.). *Os sentidos e o sentido: literatura e cultura portuguesas em debate. Homenageando Jacinto do Prado Coelho*. Lisboa: Cosmos, 1997. p. 127-131. p. 130.

as mães delas e as amigas confidentes"[9]. Nesses vinte anos que separam as constatações de Elsa Gonçalves e de Rip Cohen, alguns trabalhos[10] trataram das mulheres que aparecem nas cantigas de amigo, mas nenhuma conclusão genológica foi exposta, exceto ocasionalmente, quando Aurora Juarez Blanquer classificou a cantiga de amigo protagonizada pela mãe de "cantiga de madre", sem nenhuma discussão[11].

Nesse debate, ou na falta de, é que inserimos nossa pesquisa sobre o protagonismo feminino nas cantigas de amigo. O resultado apresentamos na Tese de Doutorado intitulada *Cantigas de madre galego-portuguesas: estudo de gêneros das cantigas líricas*[12]. Partindo do estudo transdisciplinar do papel desempenhado pela madre, sobretudo no século XIII, consideramos os textos jurídicos, como Las siete partidas e Livro das leis e posturas, e moralistas, como "A Laeta, sur l'éducation de sa fille", carta de São Jerônimo, ou *Regimiento de los principes*, de Egídio Romano, entre outros, para discutir a relevância do papel materno na sociedade peninsular medieval[13], e observar a figura da *madre* nas cantigas[14] e as marcas discursivas que configuram, a nosso ver, o que designamos de *cantiga de madre*.

Deparamos então vinte e sete cantigas que apresentam uma mulher experiente que procura ora guardar a filha da sedução masculina, ora compreender a situação da filha, ora fazer-se capciosamente favorável ao namoro da filha, ora namorar, como na única cantiga em que o desejo amoroso da *madre* se expõe com graça por Juião Bolseiro: "Mal me tragedes, ai filha, por que quer' aver amigo"[15].

---

(9) GONÇALVES, Elsa, RAMOS, Maria Ana. *A lírica galego-portuguesa*. Lisboa: Comunicação, 1983. p. 22.

(10) À guisa de exemplo, citem-se LEMAIRE, Ria. *Passions et positions: contribuition à une sémiotique du sujet dans la poésie lyrique médiévale en langues romanes*. Amsterdam: Rodopi, 1987. Parte II: Le discours de la cantiga de amigo: p. 81-184; BREA, Mercedes; LORENZO GRADÍN, Pilar. *A cantiga de amigo*. Vigo: Xerais de Galicia, 1998; CORRAL DÍAZ, Ester. *As mulheres nas cantigas medievais*. 2. ed. Sada: Castro, 1996. Cap. III: Denominacións alusivas ás relacións de parentesco: p. 181-212.

(11) JUAREZ BLANQUER, Aurora. *Collectanea de estudos filologicos: Lingüística, léxico, lírica y retórica*. Granada: Universidad de Granada, 1994. Cap. III: Lírica: Madre y cantiga de amigo: p. 137-159. p. 141.

(12) Esses termos são normalmente utilizados como sinônimos pela crítica trovadoresca, de modo pouco rigoroso. Como se notará mais adiante, utilizaremos o termo **gênero** para designar, em geral, textos com marcas formais que os particularizam, como o emissor, o discurso e o tema (*cantiga de malmaridada, cantiga de madre* etc.). Lançaremos mão do mesmo termo, entretanto, para comentar o conjunto de cantigas marcado pelo sujeito lírico feminino (no âmbito europeu, *canção* [ou *cantiga*] *de mulher*; no âmbito galego-português, *cantiga de amigo*) e **espécie** para discutir, no que diz respeito ao ambiente europeu, os vários cantares marcados pela tipologia feminina (*amiga*, no Noroeste da Península Ibérica; *Frauen*, na Alemanha; *malmariée*, na França et al.), e, no que concerne à produção galego-portuguesa, as cantigas classificadas segundo o tema (*cantiga de romaria, barcarola* etc.) e o hibridismo genológico (*alba, pastorela* etc.).

(13) Cf. o Cap. II: As madres, a história e o estudo de gêneros.

(14) Cf. o Cap. III: As cantigas protagonizadas pela *madre*.

(15) Retomaremos aqui, sinteticamente, algumas conclusões da Tese, de modo a esclarecermos alguns pontos a partir dos quais exporemos nossa proposta neste artigo: a revisão genológica das cantigas de amigo.

Mais especificamente relacionada à expressão das *cantigas de madre*, a linguagem desse personagem apresenta matizes que particularizam seu discurso. Escolhemos examinar as apóstrofes, uma vez que elas revelam não só como as *madres* percebem as filhas-amigas, como também indicam os "distintivos de gênero"[16] e sua posição nas estrofes, um dos pontos de determinação do gênero *cantiga de amor* (com o termo senhor) e *cantiga de amigo* (com o termo *amigo* e as "unidades alternativas"[17]).

A apóstrofe "filha" é a mais comum no discurso das *madres*: dezessete cantigas ilustram isso. "Mia filha" é a segunda mais utilizada, aparecendo em quatro delas. Se *filha* é a apóstrofe mais freqüente, a posição desta e de todas as outras cinco no cancioneiro de *madres* realiza-se no primeiro verso – somando vinte e cinco casos –, como acontece nas cantigas de amor e de amigo, cujos distintivos *senhor* e *amigo* também comparecem ao primeiro verso da estrofe.

Como se pode perceber, os elementos formais[18] que escolhemos analisar denotam propensão do trovador à valorização de aspectos diretamente relacionados ao papel do sujeito lírico ou do emissor, a *madre*. Isso se deve ao fato de nos basearmos na linha de definição que o autor da *Arte de trovar* considera para tentar definir ou diferenciar a cantiga dialogada e, por conseguinte, a cantiga de amor e de amigo, ou seja, o personagem, a pessoa cuja *razon* ou argumento importa ter em mente:

> E porque algũas cantigas i há en que falam eles e elas outrossi, per én é bem de entenderdes se som d'amor, se d'amigo: porque sabede que, se eles falam na prim<eir>a cobra e elas na outra, <é d'>amor, porque se move a razon d'ele (como vos ante dissemos); e se elas falam na primeira cobra, é outrossi d'amigo; e se ambos falam en ũa cobra, outrossi é segundo qual deles fala na cobra primeiro.[19]

Da observação daquelas vinte e sete cantigas quatro modos de mundividência são detectados: quatro tipos de atitude, portanto, quatro tipos de discurso ou *razon* emergem nas cantigas de madre: da mãe que guarda a

(16) TAVANI, Giuseppe. *A poesia lírica galego-portuguesa*. Trad. de Isabel Tomé e Emídio Ferreira. Lisboa: Comunicação, 1990. p. 149.

(17) Para as cantigas de amigo, as alternativas são "*amiga*, *madre* e *filha*, esta última quando a protagonista, ou melhor, quem fala, é a mãe". (Grifos do autor). Ibid., loc. cit.

(18) Giuseppe Tavani volta a afirmar, em 2002, o que havia publicado em *A poesia lírica galego-portuguesa*, em 1990: a poesia lírica galego-portuguesa caracteriza-se pela homogeneidade formal e pela "ausência de coincidências significativas entre um género particular e um dado tipo de estrofe ou um verso", o que admite apenas elementos discriminadores referentes a conteúdo e estilo na classificação dos textos. *Trovadores e jograis: introdução à poesia medieval galego-portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2002. p. 136.

(19) *ARTE de trovar do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Ed. crít. com intr. e fac-símil. de Giuseppe Tavani. Lisboa: Colibri, 1999. p. 41.

filha em obediência estrita a seu papel de mantenedora da ordem social, como na cantiga "Mha filha, non ei eu prazer", de Pae Gomez Charinho; da mãe que acompanha a filha pela compreensão que tem de suas necessidades, como na cantiga "El rei de Portugale", de Johan Zorro; da mãe que expõe a filha em função de seus interesses próprios, como na cantiga "Ai mha filha, por Deus, guisade vós", de Johan Airas de Santiago, e da mãe que desafia a filha e declara seu desejo por um amigo, como na cantiga citada de Juião Bolseiro: todos esses papéis não poderiam se reduzir apenas a um complemento da vivência da namorada, ainda que todas essas cantigas estejam diretamente a ela relacionada.

Há nesses papéis manifestação específica da realidade que se representa na cantiga de amigo. Não se trata somente de um ou qualquer lado a mais. É *um* dos lados, *um* dos pontos de vista a partir do qual se pode compreender melhor a Península Ibérica na plena Idade Média: seu ambiente histórico, social, religioso, cultural, doméstico, jurídico, moral. Assim como o protagonismo da *amiga* revela ou, mais advertidamente, insinua com considerável relevo a experiência amorosa feminina rural/burguesa/aristocrata peninsular, o protagonismo da *madre* alude à situação sobretudo social da mulher da Península.

A *razon* da *madre*, pelo que vimos demonstrando, é uma outra que se justapõe àquela da *amiga* (e do amigo, na cantiga de amor). Voltada predominantemente para a responsabilidade de a mãe custodiar a filha em tempos ora bélicos ora apaziguados, de acompanhá-la ou restringi-la nos enredos amorosos, aquela *razon* faz emergir um grupo de textos destacável das centenas de cantigas que compõem o "cancioneiro de donas".

O conjunto protagonizado pela *madre* nos remete a uma pergunta. Se considerarmos que os gêneros são uma instituição – na medida em que funcionam como "horizonte de expectativa" para os leitores e como "modelos de escritura" para os autores[20]; e se considerarmos que por meio dessa institucionalização os gêneros se comunicam com a sociedade na qual estão vigentes, uma questão se põe, inspirada em Tzvetan Todorov:

> aún admitiendo que todos los géneros provienen de actos de lengaje, ¿cómo explicarse que todos los actos de habla no produzcan géneros literarios? La respuesta es ésta: una sociedad elige y codifica los actos que corresponden más exactamente a su ideología; por

(20) TODOROV, Tzvetan. El origen de los géneros. In: GARRIDO GALLARDO, Miguel A. (Comp.). *Teoría de los géneros literarios*. Madrid: Arco, 1988. p. 31-48. p. 38. O artigo foi publicado inicialmente em 1976.

> lo que tanto la existencia de ciertos géneros en una sociedad, como su ausencia en otra, son reveladoras de esa ideología y nos permiten precisarla con mayor o menor exactitud.[21]

Essa reflexão ilustra e corrobora o que Francis Cairns afirmou sobre a motivação ou origem dos gêneros, alguns anos antes do artigo de Todorov: "all the genres originate in important, recurrent, real-life situations"[22].

Que valores e que situações permitiram que das cantigas de amigo e sua azáfama amorosa se desencadeasse um canto de guarda, de restrição ou de complacência, protagonizado pela *madre*? Que circunstância faria Bernal de Bonaval, no período de implantação peninsular da poesia trovadoresca (entre 1220 e 1240)[23], abstrair-se das "leis do gênero"[24] cantiga de amigo e "criar" uma *cantiga de madre*?

O discurso dos jurisconsultos e dos tratadistas que dedicam sua atenção às *madres* de todas as ordens sociais –ainda que se destaquem e prevaleçam as da aristocracia, modelo para todas as outras–, dá o quilate de uma possível resposta[25]. Responsáveis pela salvação cristã de si e de sua família, a mulher casada e a mãe são os meios pelos quais se acredita fazer triunfar a moral cristã. Se recatadas, discretas, prudentes e honestas, essas mulheres têm a proteção de Deus e a guarda dos homens, benefícios que as contentam, mas sobretudo satisfazem os homens que delas esperam submissão, preparo e cuidado com seus filhos e seus bens, ou seja, manutenção de sua honra[26].

---

(21) Ibid., p. 38-39.

(22) CAIRNS, Francis. *Generic composition in Greek and Roman poetry*. Edinburgh: Edinburgh University, 1972. Part One: Genres and topoi: Chapter I: The categories of genres: p. 70-97. p. 70.

(23) OLIVEIRA, António Resende de. *O trovador galego-português e o seu mundo*. Lisboa: Notícias, 2001. Apêndice I: Cronologia e enquadramento sociocultural dos compositores: p. 158. Esse autor considera esse período como aquele em que a produção trovadoresca se desloca para o Ocidente peninsular e os cantares galego-portugueses começam a se afirmar em sua geografia lingüística própria. Neste período ainda se inicia a "construção do novo cenário amoroso presente na cantiga de amigo". Anexo I: Periodização: p. 176-177. Cf. também, a respeito de periodologia, TAVANI, Poesia, op. cit., p. 24-25.

(24) Expressão usada por Edmond Faral, em "Les chansons de toile ou chansons d'histoire". *Romania*, Paris, v. LXIX, p. 433-462, 1946-1947. p. 448.

(25) Por se tratar de uma hipótese sem chance de documentação até o momento, deixamos de lado a idéia de matriarcado na Galiza, para explicar a importância da mãe nas cantigas de amigo, como o fez Petra Sofie Wirth, em *The mother archetype in the cantigas d'amigo*. 1983. Dissertation (Doctorade in Philosophy) – University of North Carolina. p. 89-90.

(26) Cf. VECCHIO, Silvana. A boa esposa. Trad. de Egito Gonçalves. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). *História das mulheres no Ocidente: Idade Média*. Trad. de Ana Rosa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1993. v. 2. p. 143-183. p. 167. No artigo "Mujeres cotidianas en Berceo", Maria José Gómez Sánchez-Romate comenta que "el dato principal que sobre la madre medieval recoge Berceo es el comportamiento propio de su estado: el amor filial". *Medievalia*, México, n. 10, p. 1-13, abril 1992. p. 7.

Os desenhos ou os alinhavos que as ordenações e os tratados apontam, ao atentar para o percurso das mulheres na sociedade medieva, ilustram os comportamentos que a *madre* galego-portuguesa desempenha nas cantigas. Talvez demasiadamente largos e intensamente panorâmicos, aqueles discursos recorrem ao mesmo refrão: cuidem as mães da castidade das filhas; tenham as filhas o recato das virgens; estejam ambas voltadas para o que ordena o pai, para o que ensina o padre e para o que quer o marido[27].

Todavia, é evidente que, paralelo ao que vislumbram a lei, a norma e a história, há o que sugere a ficção, esse estado lúdico e enigmático de uma possível e, mais propriamente, filtrada[28] realidade em que *madre* e filha dialogam sobre seus desejos, suas restrições, seus receios, suas angústias[29].

Que ligação podemos estabelecer entre o que discursa a oficialidade de um tempo e de um lugar, como o medievo europeu e peninsular, e as vinte e sete cantigas de amigo que alteiam a *madre* como protagonista do discurso lírico popularizante produzido sobretudo no século XIII?

A maternidade, mais que o matrimônio em si, parece ser o único estado ou a única função que projeta a mulher, seja aristocrata, burguesa, camponesa rica ou sem posses, para além da misoginia, das reservas e dos preconceitos do patriarcado espiritual e secular da Idade Média. É o estágio em que, descartada a idéia de ordenação religiosa, a mulher adquire *status* capaz de lhe garantir direitos e benefícios, desde que sua honestidade e castidade sejam comprovadas.

Num momento como o da Reconquista –um dos aspectos do complexo contexto histórico das cantigas femininas galego-portuguesas–, as mu-lheres desempenham mais que o papel primordial de procriadoras. São elas

(27) Georges Duby afirma que padres e guerreiros, no séc. XII francês, "esperavam da dama que, depois de ter sido filha dócil, esposa clemente, mãe fecunda, ela fornecesse em sua velhice, pelo fervor de sua piedade e pelo rigor de suas renúncias, algum bafio de santidade à casa que a acolhera". DUBY, Georges. *Damas do século XII: a lembrança das ancestrais*. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 155.

(28) Vale lembrar que se trata de um produto cultural masculino e cortesão, afastado duplamente, portanto, do universo feminino provavelmente vilão, popular.

(29) José Mattoso, em "A mulher e a família", refere-se justamente a tais diálogos como possíveis indícios históricos: "E as mulheres? Contentam-se em juntar-se à beira da fonte, no moinho, no forno do pão, ou à porta de casa, entretidas no interminável linguarejar que, por sua vez, Le Roy Ladurie teve a sorte de surpreender ao estudar o inquérito inquisitorial de Montaillou? Até que ponto os conventos femininos são o paralelo dos bandos de cavaleiros? De que maneira os homens toleram, favorecem ou ignoram estes agrupamentos? Os diálogos entre mães e filhas ou amigas com suas amigas nas cantigas trovadorescas não são a transposição literária de algumas destas conversas? Qual a relação destes agrupamentos com o quadro familiar? Que pensa disto a mãe, o marido, o noivo? In: *ACTAS do Colóquio a Mulher na Sociedade Portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais*. Coimbra: Instituto de História Económica e Social, 1986. v. I. p. 35-49. p. 43.

o ponto a partir do qual se estabelecem as raízes das cidades conquistadas, visto que as casas e as lavouras são mantidas por elas, enquanto os homens guerreiam ou se aventuram ou ainda se ausentam para o pastoreio. Elas são um dos motivos de referência desses homens, que os torna apegados à terra antiga ou recentemente povoada pela conquista do rei[30].

As *madres* guardam, cuidam, mantêm a casa, a criação, os bens, os filhos, a honra da família. Esse poder, porquanto seja sombreado pelo inequívoco e onipresente poder do pai, dá-lhe o fulgor de um papel: o da proteção do mais cobiçado objeto de desejo dessa sociedade masculina, a filha[31].

Seja para enriquecer-se, seja para jactanciar-se, seja para dominar, seja para prosseguir seu nome simples ou sua genealogia, seja ainda para contentar seu afeto, os homens desejam essa filha nobre, bela[32], burguesa, rebelde, camponesa, honesta ou amável, o que em grande parte exige dos jurisconsultos a leitura e a sabedoria para garantirem leis que limitem, contornem ou penalizem as vias e os desvios dos costumes, e requer dos moralistas a energia nos púlpitos e nos manuscritos para persuadir as mulheres do comportamento que a comunidade, cortesã, burguesa ou camponesa, espera.

Na família está a razão do relevo da mulher. Embora sejam muitas as atividades femininas no medievo, três são as condições por que elas passam sob os olhos da história, da lei e da doutrina: filha, esposa, mãe[33]. Na maternidade está o motivo do protagonismo da mulher na sociedade[34].

---

(30) Cf. DILLARD, Heath. *La mujer en la Reconquista*. Trad. de Concepción Fernández. Madrid: Nerea, 1993.

(31) Informa Georges Duby a esse respeito: "De fato, as mulheres se fazem muito mais presentes na metade do século XII no relato dos narradores encarregados de divertir a corte de Henrique Plantageneta. Estes sugerem, como seus predecessores, que o destino delas é serem tomadas, objetos sempre do desejo masculino. Mas eles repetem que esse desejo deve ser doravante dominado. Não mais rapto, a sedução. As mulheres entram no jogo do amor". *Damas*, op. cit., p. 58.

(32) "Las mugeres non sola mente deuen ser apostadas de los bienes del alma: mas aun delos bienes del cuerpo". ROMANO, Egidio. *Regimiento de los principes*. Trad. de Juan Garcia de Castrojeriz. Sevilla: Meinardo Ungut/Estanislao Polono, 1494. f. lxxxvij.

(33) Para a Igreja, a classificação tripartida dada aos homens por meio de suas ações (orar, combater e trabalhar) é atribuída às mulheres por meio do grau de sua pureza sexual: virgindade, viuvez e conjugabilidade. DUBY, *Damas*, op. cit., p. 147.

(34) "Esse era realmente o voto do pai de família, inserir o conjunto de sua progenitura no tecido social, as filhas pelas bodas –ou, mais exatamente, pela maternidade legítima, já que uma mulher naquele tempo (séc. XII) não tinha utilidade nem verdadeira existência social enquanto não era mãe–, os machos pela sagração como cavaleiro, pela entrega das armas". Ibid., p. 42. Alfonso X elucida a etimologia de *matrimônio*, vinculando-a a esse papel da mulher: "Matris & munium, ſon palabras de latin, de q tomo nome matrimonio, que quier dezir tanto en romance, como officio de madre. E la razõ por que llaman matrimonio al caſamiento, e nõ patrimonio, es eſta. Por que la madre ſufre mayores trabajos con los fijos, que el padre". *Las siete partidas*. Ed. fac-simil. da ed. salmantina de 1555, glos. por Gregorio Lopez. Madrid: Boletín Oficial del Estado, 1974. 3 v. Partida IV, Título II, Ley II: p. 7.

Entretanto, o motivo da assunção da *madre* como emissora das cantigas femininas talvez ultrapasse as explicações de ordem mais global que vimos apontando por meio dos documentos legais e pedagógicos. Numa perspectiva mais pontual e especificamente peninsular, a *cantiga de madre* faz parte de uma cultura cortês em plena contestação. Se estiverem corretas a análise e a interpretação de José Carlos Ribeiro Miranda e de António Resende de Oliveira, a respeito da relação entre o aparecimento da cantiga de amigo e a ideologia que a propiciou, a *madre* ganha voz por outras razões.

Segundo Miranda e Oliveira, uma primeira geração de trovadores (entre 1170 e 1220[35]), senhorialmente constituída e mantida, é responsável pela recepção peninsular dos modelos poético-musicais occitânicos[36]. A cantiga de amor, pouco valorizada pela alta nobreza e cantada por uma nobreza secundária de infanções e cavaleiros –dependentes de outros senhores[37]–, reflete ficcionalmente a situação desses jovens, filhos segundos, solteiros e marginalizados por suas famílias nobres, que buscavam ascensão social por meio de casamentos com filhas de nobres, o que lhes era embargado. Essa realidade é metaforizada na *coita* de amor: o sofrimento causado pela impossibilidade de se possuir a mulher amada[38]. Ideologicamente, portanto, o cantar de amor seria a consagração da resignação desses homens diante dessa impossibilidade.

A geração seguinte (1220-1240), que "fundou" o cantar de amigo, é formada por aquele grupo de jovens cavaleiros subalternos cansados da dificuldade de alcançar, pelo casamento, as "mulheres altamente colocadas, cujo acesso garantia a constituição de casa e a continuação ou fundação de uma linhagem, ou seja, da sobrevivência no seio das ciosamente fechadas estruturas senhoriais"[39]. Como vimos, as cantigas de amor representam a imagem resignada do homem – vassalo da "senhor" que nunca lhe diz sim ao desejo amoroso – diante dessa realidade senhorial, "constituindo um poderoso veículo de domesticação dos impulsos nem sempre facilmente controláveis dos mais jovens e menos afortunados membros da aristocracia"[40]. Contra esse modelo "domesticador" e essa resignação, segundo Ribeiro Miranda, a criação da cantiga de amigo (a histórica, aquela que está documentada na tradição manuscrita[41]), "modelo de

(35) OLIVEIRA, *Trovador*, op. cit., Anexos: Periodização: p. 175-176.
(36) Ibid., A mulher e as origens da cultura trovadoresca no ocidente peninsular: p. 23-34. p. 24 ss.
(37) Ibid., p. 26-27.
(38) Ibid., p. 34.
(39) MIRANDA, José Carlos Ribeiro. *Calheiros, Sandim e Bonaval: uma rapsódia de amigo*. Porto: [s. Ed.], 1994. p. 16.
(40) Ibid., p. 17.
(41) Ibid., p. 22.

aproximação à mulher", subverte tanto a vassalagem amorosa como a distância da mulher no ambiente cortês. Defende ainda o autor:

> Profunda contestação, pois, das várias *coitas* impostas ao homem, ao cavaleiro, e abertura idealizada de um espaço onde todas as dificuldades no acesso à mulher desapareciam de uma só vez. Ao homem, ao cavaleiro, é devolvida a capacidade de decisão, de aproximação da mulher, de comando de uma situação que na realidade estava longe de possuir. O sofrimento masculino esfumava-se, transportado para o lado feminino e não mais traduzindo, nesse caso, do que a ânsia de receber o amigo. As imponentes barreiras linhagísticas, que se interpunham entre cavaleiros e donzelas, transfiguravam-se agora unicamente na presença, aqui e acolá, de uma mãe adversa, que não mais conseguia do que pôr à prova a determinação da filha em lhe desobedecer.[42]

Tal linha de interpretação, publicada em 1994, é endossada em 2001, quando António Resende de Oliveira reedita o artigo "A segunda geração de trovadores galego-portugueses: temas, formas e realidades", em colaboração com José Carlos Ribeiro Miranda. Nesse texto, a cantiga de amigo se apresenta como o antídoto ideológico da cantiga de amor, consagradora da vassalagem amorosa e da resignação.

> Aquilo que a realidade do seu tempo lhe (os trovadores subalternos de 1220 e 1240, período da segunda geração) negava e a ficção da vassalagem amorosa dos cantares de amor consagrava – a irremediável impossibilidade de aceder à mulher desejada – é aqui (cantiga de amigo) milagrosamente ultrapassado e subvertido, como se todas as barreiras que a sociedade senhorial colocava à sua acção se esfumassem pelo simples dedilhar da cítola![43]

Esse estado sociológico da Península Ibérica trovadoresca poderia explicar a razão de a *madre* protagonizar as cantigas que estudamos, haja vista o papel de adversária que desempenha num plano mais patentemente linhagístico[44]. Quer-nos parecer, todavia, que não basta por si só.

Evitando uma discussão como aquela sobre as origens da lírica trovadoresca, em que cada grupo defendia para si a tese explicativa dos inícios

(42) Ibid., p. 17.
(43) OLIVEIRA, *Trovador*, op. cit., A segunda geração de trovadores galego-portugueses: temas, formas e realidades: p. 97-110. p. 109.
(44) O que pode ser ilustrado pela cantiga de Pedr' Amigo de Sevilha: "– Dizede, madre, por que me metestes", em que a filha se queixa contra a "prison" onde a mãe a encerrou. Explica a madre: "sodes vós, filha, de tal linhage/ que devia vosso servo seer". COHEN, *500 cantigas d'amigo*, op. cit., p. 453.

poéticos do Medievo –o que Rodrigues Lapa resolveu diplomaticamente, assumindo que cada uma delas responde aos vários aspectos que constituem o problema das origens[45]–, cremos que todos esses fios que compõem a rede histórico-cultural européia e peninsular explicam o protagonismo da *madre*.

2. As cantigas de amigo e seus emissores

Ao investigarmos as cantigas de madre, deparamos outras cantigas cujos emissores não correspondem tampouco ao conceito de cantiga de amigo, marcado pela fala da namorada: a confidente[46] e o narrador[47]. Ambos os personagens, como a madre e a namorada, também possuem um discurso próprio, ainda que voltado para o emaranhado amoroso da "velida"[48].

Ana Paiva Morais afirma que "um género pode conter outro, estar contido noutro, ou, a qualquer momento, passar ou transferir-se para outro. A mistura de géneros é vista como uma transgenologia, e a lógica transferencial que a ela preside, um traço de sua vocação geradora"[49]. Isso nos permite perceber que, nas cantigas de amigo, geraram-se outros gêneros quando os trovadores deram voz a personagens constantes nelas. Essa idéia é desenvolvida por B. Tomachevski, em "Thématique". Neste artigo, o autor parte do princípio de que os gêneros apresentam traços dominantes a que se submetem outros que compõem a obra. O surgimento de novos gêneros se deve ao papel dominante que certos traços, antes submissos, adquirem durante a evolução do gênero anterior: "les procédés

(45) Cf. LAPA, *Lições*, op. cit., Cap. II: O problema das origens: p. 31-108.

(46) Sobre a confdente, cf. os estudos de LAPA, Lições, op. cit., p. 177-180, e de LEMAIRE, *Passions*, op. cit., p. 83 ss.

(47) O estatuto desse personagem foi discutido em alguns estudos. Ria Lemaire defende a idéia de que se trata de uma narradora a figura em 3ª pessoa que aparece nas cantigas femininas. *Passions*, op. cit. p. 84-85. Elsa Gonçalves, ao contrário, considera mais provável ser o personagem um narrador. GONÇALVES, RAMOS, *Lírica*, op. cit., p. 22. Pilar Lorenzo Gradín, em *La canción de mujer en la lírica medieval* (Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1990 p. 124 ss.), Mercedes Brea e Pilar Lorenzo Gradín, em *A cantiga de amigo* (Op. cit., p. 48 ss.), também consideram a figura do *narrador* como mais provável. Cf. ainda Paulo Meneses, *Trovadorismo galaico-português: vozes e afectos*. 1996. Tese (Doutoramento) – Universidade dos Açores. p. 12.

(48) Estamos preparando artigos em que se detalhem as marcas formais do discurso desses dois personagens, como foi feito em relação às cantigas de madre. Preliminarmente, contudo, podemos adiantar que os distintivos de gêneros são "amiga", "voss' amigo", "ai amiga", "irmana", no caso das cantigas protagonizadas pela confidente, e "ũa pastor", "fremosinha", "ũa moça namorada", "a do mui bon parecer", "la ben talhada", além de marcas discursivas da 3ª pessoa ("dizia la fremosinha", "<levou s' aa alva >", "que chorando assi dizia", "cantando ia la dona virgo"), no caso das cantigas de narrador.

(49) MORAIS, Ana Paiva. *Para uma ética do género literário: os fabliaux*. 1998. Tese (Doutorado em Literatura Francesa Medieval) – Universidade Nova de Lisboa. Ética e género: possibilidades de uma relação: p. 5-195. p. 47.

autonomes (os traços genológicos de uma obra) qui ne constituent pas un système peuvent trouver un même 'centre', un nouveau procédé qui les unit, qui les rassemble en un système, et ce procédé unifiant peut devenir le trait perceptible qui organise autour de lui le genre nouveau"[50]. O que determinaria esse processo evolutivo é o interesse que certos traços, antes complementares do gênero consolidado, recebem da atenção criativa do escritor. Assim, um subtema ou um personagem secundário é escolhido de modo a ser tema ou protagonista de uma obra[51].

Se Bernal de Bonaval não resgatou do repertório popular pré-trovadoresco a *cantiga de madre* como gênero já constituído, possivelmente percebeu na figura da *madre* um personagem e um ponto de vista atraentes, ou seja, destacou um dos traços próprios do gênero cantiga de amigo e o transformou no que poderia, séculos depois, ser observado como "gênero novo"[52] ou como gênero crítico, segundo terminologia de Fernando Cabo Aseguinolaza[53]. Essa sensibilidade do jogral foi observada já por Armando Cotarelo Valledor ao afirmar que, a propósito dos poetas peninsulares,

> uno de los recursos más comunes en los cantares de amigo es la intervención de la madre, esta figura tan justamente grata a las literaturas modernas como desconocida en las antiguas. Los poetas galaico-portugueses son de los primeros en reconocer su extraordinaria importancia y mediante ella saben ungir estos coloquios con perfumes de domesticidad y ternura.[54]

Sobre ser constituído a partir da conversão de elementos secundários (personagens) em principais, passando aqueles a ser centro de un novo gênero, um texto pode filiar-se a um conjunto genológico levando-se em conta a natureza de seu conteúdo. Considerando o fragmento da *Arte de trovar* sobre as cantigas de amigo e os conceitos dos críticos, para um

(50) TOMACHEVSKI, B. Thématique. In: TODOROV, Tzvetan (Ed., Sel. et Trad.). *Théorie de la littérature*. Paris: Seuil, 1965. p. 263-307. p. 303-304.
(51) Ibid., p. 304 ss.
(52) Poderíamos pensar numa "evolução interna do gênero" (JAUSS, Hans-Robert. Littérature médiévale et théorie des genres. *Poétique*, Seuil, v. 1, p. 79-101, 1970. p. 82). Impede-nos tal possibilidade o fato de não sabermos se a *cantiga de madre* veio anterior, concomitante ou posteriormente à cantiga de amigo. Se ela se "manifesta" no período inicial do Trovadorismo galego-português, não há como supor ou acompanhar aquela evolução.
(53) CABO ASEGUINOLAZA, Fernando. *El concepto de género y la literatura picaresca*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1992.
(54) COTARELO VALLEDOR, Armando (Ed.). *Cancionero de Payo Gómez Chariño. Almirante poeta (siglo XIII)*. Ed. fac-simil. de 1934, com prólogo e apéndices de Enrique Monteagudo Romero. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1984. p. 157-158.

ouvinte ou leitor dessas cantigas a resposta para a pergunta "Do que trata esse gênero?" ou "Que expectativa é acionada no horizonte de recepção desse texto?" é simples: os enredos de uma namorada. Porém, relendo as quinhentas e doze cantigas reunidas por José Joaquim Nunes e as quinhentas e dez editadas por Rip Cohen, e observando os temas pelo ponto de vista dos emissores que nelas se apresentam, essa resposta inicial mantém-se mas não corresponde rigorosamente à realidade total dos textos.

Hans-Robert Jauss aponta um meio que permite constatar as diferenças constitutivas do gênero: a prova da comutação. Por intermédio dessa prova poder-se-ia perceber, por exemplo, que a diferença entre conto de fada e *nouvelle* não estaria apenas nas oposições entre irrealidade e cotidianidade, entre moral ingênua e casuística, entre maravilhoso e situação excepcional; ela apareceria também na diversidade de significação das personagens (que diferença emergiria se colocássemos uma princesa do conto de fadas ao lado de uma princesa de uma *nouvelle*?)[55].

Redividamos as cantigas, tendo em vista aquela "prova", em função dos quatro tipos de emissor: a namorada, a mãe, a confidente e o narrador. Para cada um deles teremos uma mudança ou variação de tom, de tema e de discurso, ainda que o tema-maior seja o mesmo: a relação amorosa. Para a *cantiga de namorada* temos o discurso da moça solteira preocupada com as idas e vindas do amado e suas conseqüências (júbilo, melancolia, despeito, ciúme etc.), como na cantiga "Ben entendi, meu amigo", de Dom Dinis; para a *cantiga de madre*, o discurso da mãe preocupada com a situação da filha (castidade[56]), como na cantiga "– Digades, filha, mha filha velida", de Pero Meogo; para a *cantiga de confidente*, o discurso da moça solteira preocupada com o trâmite amoroso da amiga (seu grau de crueldade, as mensagens do amigo, intermediação nos arrufos, disputa etc.), como na cantiga "Amiga, o voss' amigo", de Pae de Cana, e para a *cantiga de narrador*, o discurso de alguém que observa sem interferência a moça solteira às voltas com sua paixão, como na cantiga "Eno sagrado, en Vigo", de Martin Codax.

Cada um daqueles emissores traz consigo uma marca formal –o "distintivo de gênero", por exemplo– e temática (e provavelmente uma marca vocal) que modifica o gênero cantiga de amigo. Cada um diversifica a maneira de perceber e tratar a relação amorosa. Poderíamos sinte-

(55) JAUSS, *Littérature*, op. cit., p. 84.
(56) Note-se que a maioria das cantigas de madre estudadas é constituída por *guardadoras, madres* preocupadas com a vulnerabilidade da filha ao assédio dos amigos.

tizar aqueles discursos nas seguintes perguntas: *namorada*: o que fazer com meu amigo?; *madre*: como orientar minha filha?; *confidente*: como ajudar minha amiga?; *narrador*: o que se passa com essa moça? Cada resposta, parece, desencadeia uma perspectiva, um modo de olhar, uma forma de dizer.

Se importa à crítica dedicada à poesia lírica galego-portuguesa abarcar no conjunto das *canções de mulher* as diversas falas femininas envolvidas de uma maneira ou de outra na relação amorosa[57]; se é relevante para a mesma crítica designar tipos de *cantiga de amigo* por meio de seus subtemas espaciais (marinha, barcarola, fontana), temporais (alba, canção de maio, romaria) e acionais (bailada, *escondit*, cantiga de tear), repensar esse gênero a partir de seus emissores é, como vimos sinalizando, mais do que oportuno.

3. Tavola do "cancioneiro de donas"

Isso considerado, procuramos de modo preliminar distinguir os gêneros e redistribuir as cantigas de amigo em cinco tipos de texto (*cantigas de namorada, cantigas de madre, cantigas de confidente, cantigas de narrador* e outros gêneros [pastorela, cantiga de amor, cantiga satírica, cantiga de malmaridada etc.]).

O número de cantigas de amigo não é consensual. Para José Joaquim Nunes, são 512[58]; para Giuseppe Tavani, 508; para Jean-Marie D'Heur, 504; para Pilar Lorenzo Gradín, 509[59]. Manuel Forcadela, em 1998, volta a somar 512 cantigas (como o fizera Nunes), em "O papel da muller na literatura das cantigas de amigo"[60]. Na edição crítica de Rip Cohen, os números diferem: 510 textos (incluindo-se duas cantigas de amor), dos quais 503 são cantigas de amigo e 7, pastorelas[61].

O resultado que ora apresentamos é o seguinte: das 510[62] cantigas editadas por Cohen, 436 são *cantigas de namorada* (1ª pessoa: namorada); 27, *cantigas de madre* (1ª pessoa: mãe); 26, *cantigas de confidente* (1ª pessoa: amiga confidente ou irmã); 14, *cantigas de narrador* (3ª pessoa), 4, *pastorelas*;

(57) LORENZO GRADÍN, *La canción de mujer*, op. cit.
(58) Se se considerar que a cantiga CXXIV se desdobraria em duas, efetivamente, teríamos 513 cantigas.
(59) Cf. o comentário de Pilar Gradín sobre esses números. *La canción de mujer*, op. cit., p. 41, nota 115.
(60) A Língua das Cantigas: Congreso da Língua Medieval Galego-Portuguesa na Rede. 3 p. http://www.vieiros.com/galego.org/linguadascantigas/relatorios. p. 1.
(61) Cf. a "Introdução" de COHEN, *500 cantigas d'amigo*, op. cit., p. 105.
(62) Incluem-se aí, como adverte o autor, duas cantigas de amor, sete pastorelas e cantigas de dupla atribuição autoral.

2, *cantigas de amor*[63]; 1, *cantiga de malmaridada*[64], e 1, indefinida genologicamente: "– Ai fremosinha, se bem ajades", de Bernal de Bonaval, cuja voz perguntadora é enigmática (uma mulher? O narrador? A amiga?), o que impede sua classificação sob os critérios que vimos expondo[65].

De imediato o que nos interessa é alertar o leitor da problemática edição de Nunes[66] e de Cohen, em termos genológicos, e da polêmica generalização do conceito de cantigas de amigo a incluir num mesmo conjunto uma diversidade de gêneros. Não se trata, entretanto, de uma proposta definitiva nem consensual. A inclusão de cantigas femininas no rol das satíricas, como se sabe, é controverso; o limite entre pastorela e cantigas narrativas é estreito.

Os conceitos genológicos a partir dos quais redividimos o grupo de cantigas femininas são os seguintes: *cantigas de amigo* formam um conjunto de cantares femininos galego-portugueses[67] cujo tema amoroso é focalizado de maneira diversa por várias personagens que assumem o sujeito ou emissor do texto de caráter lírico-narrativo-dramático popularizante; *cantigas de namorada* são aquelas em que a voz da namorada exprime seu ponto de vista sobre o amor pelo amigo; a *cantiga de madre* trata da mundividência da mãe às voltas com a paixão da filha por um namorado; a *cantiga de confidente*, da visão que uma moça tem da relação entre sua amiga enamorada e seu "amigo"; a *cantiga de narrador* apresenta um emissor em 3ª pessoa cuja preocupação é expor um quadro em que se flagram a namorada e seus sentimentos. O que consideramos os "outros gêneros", por um lado, são inequivocamente desvios do editor ao incorporar cantigas de amor entre as de amigo; por outro lado, são as pastorelas, uma transplantação galego-portuguesa, com suas variantes[68], do gênero francês.

---

(63) Uma é a cantiga "Vi oj' eu donas mui bem parecer", de Johan Garcia de Guilhade; a outra, "– En grave dia, senhor, que vos oí", de Dom Dinis.

(64) Trata-se de "Quisera vosco falar de grado", de Dom Dinis.

(65) Um outro exemplo enigmático é a cantiga "Eu sei la dona velida", de Pedro Eanes Solaz, editada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, no *Cancioneiro da Ajuda*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990. 2 v. v. 1. c. 281: p. 557-558.

(66) Das 513 cantigas editadas por Nunes, 434 são cantigas de amigo (1ª pessoa: namorada); 27, *cantigas de madre* (1ª pessoa: mãe); 26, *cantigas de confidente* (1ª pessoa: amiga confidente ou irmã); 14, *cantigas de narrador* (3ª pessoa), e 12 são cantigas de outros gêneros (pastorela, cantiga de amor, cantiga de malmaridada, cantiga satírica).

(67) Inspiramo-nos numa feliz conclusão de Rip Cohen, de que seria mais preciso afirmar que essa cantiga não é um gênero, mas um complexo de gêneros. Sua idéia, entretanto, volta-se para outro tipo de discussão, que não coincide com a nossa. Cf. *Thirty-two* cantigas d'amigo *de Dom Dinis: typology of a portuguese renunciation*. 1984. Dissertation (Doctorade in Comparative Literature) – University of California. p. 2.

(68) Silvia Gaspar defende essa idéia em "La pastorela gallego-portuguesa. Apuntes para el estudio de una estética propia". In: LUCÍA MEGÍAS, José Manuel (Ed.). *Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1997. t. I. p. 691-700.

O aspecto polêmico da redistribuição proposta se acirra mais quando recolhemos as *cantigas de narrador* dentre o *corpus* tradicional das pastorelas. Oito cantigas galego-portuguesas são classificadas como pastorela[69], gênero lírico-narrativo provençal em que um diálogo é flagrado entre trovador e pastora num *locus amoenus*. As variantes são muitas tanto em solo occitano como peninsular[70]. Mas parece fundamental ter em conta a interação concreta ou intencional de duas personagens: o trovador que narra sua aventura campestre e a pastora, objeto dessa aventura. Assim, três elementos dramáticos constituem a pastorela clássica ou franco-provençal: o encontro entre cavaleiro e pastora, o diálogo amoroso e a resposta da pastora às solicitações do cavaleiro[71].

Cinco daqueles cantares misturam elementos da pastorela (menção à pastora, por exemplo) com os da cantiga de amigo e, menos freqüentemente, com as cantigas de amor. São justamente as cantigas de Dom Dinis ("Ũa pastor se queixava", "Ũa pastor ben talhada"), de Johan Perez d' Avoin ("Cavalgava noutro dia"), de Airas Nunes ("Oí' oj' eu ũa pastor cantar") e de Lourenço ("Tres moças cantavam d' amor"). A cantiga de Airas Nunes poderia se enquadrar entre as pastorelas devido aos versos "e tornei m' eu logo a meu caminho,/ ca de a nojar non ouve sabor", em que se percebem a intenção de diálogo do trovador, a tensão que disso adviria e a sensibilidade do homem em deixar entregue a si a pastora queixosa; porém, o que prevalece, ao fim, é a narrativa da *coita* da pastora. A cantiga de Lourenço, por sua vez, parece se incluir sem dificuldade nas variantes da cantigas de amor, haja vista que o trovador se refere e dedica sua atenção à "mha senhor" ou à que "por que perço o sen". No que concerne às outras três, percebe-se que o narrador se restringe à reportagem de episódios, sem intenção de interferência[72] junto às pastoras que encontra. O que lhe interessa é contar um episódio ("e direi vos toda via"), um flagrante pastoril. Como vimos, o que importa ao narrador é o que se passa com essa(s) moça(s), e não os efeitos que o encontro com ela(s) desencadeia nele.

(69) Mas Pilar Lorenzo Gradín considera apenas três como pastorelas clássicas, ou seja, que seguem as normas convencionais do gênero: "Pelo souto do Crexente", de Joan Airas de Santiago, "Quand'eu un dia fui en Compostela", de Pedr'Amigo de Sevilha, e "Vi oj'eu cantar d'amor", de Dom Dinis. As outras cinco seriam produtos híbridos. Cf. o verbete "Pastorela". In: LANCIANI, Giulia, TAVANI, Giuseppe (Org. e Coord.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Trad. de José Colaço Barreiros e Artur Guerra. Lisboa: Caminho, 1993. p. 513-514. Silvia Gaspar as denomina "pastorela canônica (com debate)". Pastorela, op. cit., p. 699.

(70) [LORENZO] GRADÍN, Pastorela, op. cit., p. 513.

(71) LESSER, Arlene T. *La pastorela medieval hispánica: pastorelas y serranas galaico-portuguesas*. Vigo: Galaxia, 1970. Cap. III: Los modelos europeos de la pastorela: el francés, el provenzal, el goliardesco: p. 22.

(72) Silvia Gaspar as classifica como "pastorelas objetivas", em que o narrador evita o envolvimento e cita a fala da pastora. Pastorela, op. cit., p. 696.

Outro aspecto discutível é o caráter satírico de algumas cantigas. Defendemos, por exemplo, a exclusão do rol das satíricas a cantiga "Mal me tragedes, ai filha, por que quer' aver amigo", de Juião Bolseiro[(73)], cujo tema trata de uma inversão de situação (a *madre* é namorada e a filha, a guardadora), mais propensa ao humor de uma circunstância inesperada do que à sátira propriamente dita. Pela aparente troça de temas consagrados, são consideradas satíricas ainda as cantigas "Cada que ven o meu amig' aqui"[(74)], de Johan Garcia de Guilhade, "Todalas cousas eu vejo partir"[(75)], de Johan Airas de Santiago, "Eu velida non dormia"[(76)], de Pedr' Eanes Solaz, "Aquestas coitas que de sofrer ei", de Rodrig' Eanes de Vasconcelos[(77)]. Cremos que se trata de variações estilísticas, graciosas por certo, como a cantiga de Bolseiro, mas sem alcance escarninho[(78)]. Não é o caso, porém, das cantigas de Gonçal' Eanes do Vinhal, "Amigas, eu oí dizer" e "Sei eu, donas, que deitad'é d'aqui", cujo caráter satírico parece ser atestado pelas próprias rubricas constantes no *Cancioneiro da Vaticana*[(79)].

Se estivermos corretos, o cancioneiro das cantigas de amigo teria a seguinte distribuição em gêneros femininos (no âmbito europeu) e em espécies de cantiga de amigo (no âmbito galego-português, considerando a cantiga de amigo como um gênero)[(80)]:

(73) Cf. SODRÉ, *Cantigas de madre*, op. cit., Capítulo Terceiro: A madre-amiga de Juião Bolseiro. Graça Videira Lopes, assim como vários críticos que discutiram essa cantiga, inclui-a entre as satíricas. Cf. "Apêndice I: Cantigas não incluídas em Lapa", em *A sátira nos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 1994. p. 353.

(74) Nessa cantiga a sátira estaria no refrão ("ca nunca lh' eu vejo morte prender,/ nen o ar vejo nunca ensandecer") e na pergunta constante no 3º verso da terceira estrofe: "Non morrestes d' amor?". O despeito e a sanha talvez sejam o teor da cantiga, mais que o deboche.

(75) Concordando com Mercedes Brea, incluímos essa cantiga entre as "cantigas de amigo com motivo moral". *Lírica profana*, op. cit., v. I, c. 63, 74: p. 406.

(76) A graça expressiva da última parelha da cantiga é a possível razão da sátira: "Ben sei eu quen non diz leli,/ lelia doura,/ *demo* x'é quen non diz lelia,/ edoi lelia doura". (Grifo acrescentado).

(77) Trata-se de uma inversão de Vasconcelos, que ao contrário de efetivar o humor, intensifica a *coita* que ambos os namorados sofrem: "d'eu por vassalo (a amiga) e vós por senhor (o amigo),/ de nós qual sofre mais coita d'amor!". Todas as cantigas estão elencadas em LOPES, *Sátira*, op. cit., p. 343 ss.

(78) A propósito dos *escarnhos d'amor*, Gema Vallín sinaliza cuidadosamente: "Reconozcamos en nuestras cantigas las dimensiones del *escarnho*, pero no ignoremos que ahí se escuchan también las voces de nuevos modos de *amor*". Escarnho d'amor. *Medioevo Romanzo*, Roma, v. XXI, f. 1, p. 132-146, 1997. p. 146.

(79) Para a primeira cantiga, tem-se a rubrica: "Esta cantiga fez Don Gonçal'Eanes do Vinhal a don Anrique en nome da rein(h)a dona Joana, sa madrasta, por que dizian que era seu entendedor, quando lidou en Mouron con don Rodrigo Afonso que tragia o poder del-rei"; para a segunda: "Esta cantiga fez don Gonçalo Anes do Vinhal ao infante don Anrique por que dizian que era entendedor da rainha dona Joana, sa madrasta, e esto foi quando el rei don Afonso pôs fora da terra". Apud LOPES, *Sátira*, op. cit., p. 346-347.

(80) Seguimos a seqüência das cantigas e a grafia dos nomes propostas por Rip Cohen, em sua edição crítica.

a) *Cantigas de namorada:*

Fernan Rodriguez de Calheiros

1. Perdud' ei, madre, cuid' eu, meu amigo; 2. Que farei agor', amigo?; 3. Agora vẽo o meu amigo; 4. Direi vos agor', amigo, camanho temp' á passado; 5. Assanhei m' eu muit' a meu amigo; 6. Estava meu amig' atenden<d>' e chegou; 7. Madre, passou per aqui un cavaleiro; 8. Disse mh a mi meu amigo, quando s' ora foi sa via.

Vasco Praga de Sandin

1. Sabedes quant' á, 'migo, que m' eu vosco veer; 2. Cuidades vós, meu amigo, ca vos non quer' eu mui gran ben; 3. Meu amigo, pois vós tan gran pesar; 4. Quando vos eu, meu amigu' e meu ben.

Pae Soarez de Taveirós

1. O meu amigo, que mi dizia; 2. Donas, veeredes a prol que lhi ten; 3. Quando se foi meu amigo.

Nuno Fernandes Torneol

1. Levad', amigo, que dormide-las manhanas frias; 2. Ai, madr', o meu amigo que non vi; 3. Que coita tamanha ei a sofrer; 4. Vi eu, mia madr', andar; 5. Trist' anda, mia madr<e>, o meu amigo; 6. Foi-s' un dia meu amigo daqui.

Pero Garcia Burgalês

1. Ai madre, ben vos digo; 2. Non vos nembra, meu amigo.

Johan Nunez Camanês

1. Par Deus, amigo, muit' á gran sazon; 2. Id', ai mha madre, vee-lo meu amigo; 3. Par Deus, donas, quando veer.

Airas Carpancho

1. Chegades <vós, ai> amiga, du é meu amigo; 2. Tanto sei eu de mi parte quanto de meu coraçon; 3. Madre velida, meu amigo vi; 4. A maior coita que eu no mund' ei; 5. – Que me mandades, ai madre, fazer; 6. Madre, pois vós desamor avedes; 7. A mha coita non lhi sei guarida; 8. Por fazer romaria puj' en meu coraçon.

Vaasco Gil

1. Irmãa, o meu amigo, que mi quer ben de coraçon.

Johan Perez d' Avoin

1. Quando se foi noutro dia daqui; 2. Cuidades vós, meu amigo, ũa ren; 3. Vistes, madre, quando meu amigo; 4. Que bõas novas que oj' oirá; 5. Par Deus, amigo, nunca eu cuidei; 6. Dized', amigo, en que vos mereci; 7. Disseron mh ora de vós ũa ren; 8. Pero vos ides, amigo; 9. Amigo, pois me leixades; 10. Amig' ouv' eu a que queria ben; 11. O por que sempre mha madre roguei.

Johan Soarez Coelho

1. Per bõa fe, mui fremosa sanhuda; 2. Foi s' o meu amigo daqui noutro dia; 3. Amigo, queixum' avedes; 4. Ai madr', o que eu quero ben, 5. Oje quer' eu meu amigo veer; 6. Falei un dia, por me baralhar; 7. Amigo, pois me vos aqui; 8. Amigas, por Nostro Senhor; 9. Vedes, amigas, meu amigo

ven; 10. Ai, meu amigo, <a>se vejades; 11. Fui eu, madre, lavar meus cabelos; 12. Ai, Deus a vólo digo; 13. Fremosas, a Deus louvado, con tan muito ben como oj' ei; 14. Agora me foi mha madre melhor.

Estevan Reimondo

1. Amigo, se ben ajades; 2. Anda triste <o> meu amigo.

Johan Lopez d' Ulhoa

1. Oí ora dizer que ven; 2. Ai Deus, u é meu amigo, que non m' envia mandado?; 3. Que trist' oj' eu and' e faço gran razon; 4. Eu fiz mal sen qual nunca fez molher; 5. Já eu sempre mentre viva for, viverei mui coitada; 6. Eu nunca dormho nada, cuidand' en meu amigo; 7. Que mi queredes, ai madr' e senhor?

Fernan Fernandez Cogominho

1. Amigu', e non vos nembrades; 2. Ir quer' oj' eu, madre, se vos prouguer; 3. Amiga, muit' á que non sei; 4. Meu amigo, se vejades.

Gonçal' Eanes do Vinhal

1. Que leda que oj' eu sejo; 2. Par Deus, amiga, quant' eu receei; 3. Quand' eu sobi nas torres sobelo mar; 4. O meu amigo, que me quer gran ben; 5. Amiga, por Deus vos venh' ora rogar; 6. O meu amigo que<i>xa se de mi; 7. Meu amigu' é daquend' ido.

Roi Queimado

1. O meu amigo, ai amiga, que me mui gran ben; 2. O meu amig', ai amiga; 3. Quando meu amigo souber; 4. Dize<n> mh ora que non verrá.

Meen Rodriguez Tenoiro

1.Pois que vos eu quero mui gran ben; 2. – Amigo, pois mi dizedes; 3. Ir vos queredes, amigo, daquen; 4. Quiso m' oj' un cavaleiro dizer.

Estevan Coelho

1. Se oj' o meu amigo.

Estevan Travanca

1. Por Deus, amiga, que preguntedes; 2. Amigas, quando se quitou; 3. Se eu a meu amigo dissesse; 4. Dizen mh, amiga, se non fezer ben.

Rodrig' Eanes de Vasconcelos

1. O voss' amig', amiga, foi sazon; 2. Se eu, amiga, quero fazer ben; 3. O meu amigo non á de mi al; 4. Aquestas coitas que de sofrer ei.

Afonso Meendez de Beesteiros

1. Fals' amigo, per bõa fe; 4. Mha madre, venho vos rogar.

Pero Gomez Barroso

1. Amiga, quero vos eu ja dizer; 2. O meu amigo que é con el rei; 3. Direi verdade, se Deus mi perdon.

Pero Viviaez

1.Pois nossas madres van a San Simon; 2. Por Deus, amiga, punhad' en partir.

Fernan Gonçalvez de Seavra

1. Pero que eu meu amigo roguei.

Afonso Lopez de Baian

1. Fui eu fremosa fazer oraçon; 2. Madre, des que se foi daqui; 3. Ir quer' oj' eu fremosa de coraçon; 4. Disseron mh ũas novas de que m' é mui gran ben.

Johan Garcia de Guilhade

1. Treides todas, ai amigas, comigo; 2. Por Deus, amigas, que será; 3. Quer' eu, amigas, o mundo loar; 4. Sanhud' and<ad>es, amigo; 5. Amigas, o meu amigo; 6. Vistes, mhas donas, quando noutro dia; 7. Amigas, tamanha coita nunca sofri pois foi nada; 8. Par Deus, amigas, já me non quer ben; 9. Amigas, que Deus vos valha, quando veer meu amigo; 10. Morr' o meu amigo d' amor; 11. Diss', ai amigas, don Jan Garcia; 12. Fostes, amig', oje vencer; 13. Chus mi tarda, mhas donas, meu amigo; 14. Cada que ven o meu amig' aqui; 15. Per bõa fe, meu amigo; 16. Estas donzelas que aqui demandan; 17. Fez meu amigo gran pesar a mi; 18. Fez meu amigo, amigas, seu cantar; 19. Ai amigas, perdud' an conhocer; 20. Veestes me, amigas, rogar.

Pero d' Ornelas

1. Avedes vós, amiga, guisado.

Afonso Sanches

1. Quand', amiga, meu amigo veer.

Johan Vaasquez de Talaveira

1. Disseron mi que avia de mi; 2. O meu amigo, que <eu> sempr' amei; 3. Quando se foi meu amigo daqui; 4. Conselhou mi ũa mha <a>miga; 5. Do meu amig' a que eu defendi; 5. Vistes vós, amiga, meu amigo; 6. O meu amigo, que mi gran ben quer; 7. Quero vos ora mui ben conselhar.

Nuno Perez Sandeu

1. Madre, disseron mi ora que ven; 2. Ai mha madre, sempre vos eu roguei; 3. Por que vos quer' eu mui gran ben; 4. Deus, por que faz meu amig' outra ren; 5. Madre, pois non posso veer.

Meen Vaasquiz de Folhente

1. Ai amiga, per bõa fe.

Fernan Froiaz

1. Juravades mi <vós>, amigo; 2. Que trist' anda meu amigo; 3. – Amigo, preguntar vos ei; 4. Por que se foi daqui meu amigo.

Fernan Velho

1. Vedes, amigo, <o> que oj' oí.

Vaasco Perez Pardal

1. – Amigo, que cuidades a fazer; 2. Coitada sejo no meu coraçon; 3. Amigo, vós ides dizer; 4. Amiga, ben cuid' eu do meu amigo.

Afons' Eanes do Coton

1. – Ai, meu amigu' e meu lum' e meu ben; 2. Se gradoedes, amigo; 3. Quando se foi meu amigo.

Pedr' Eanes Solaz

1. Eu velida non dormia; 2. Jurava m' oje o meu amigo.

Pero da Ponte

1. – Vistes, madr', o escudeiro que m' ouvera levar sigo?; 2. Vistes, madr', o que dizia; 3. Mha madre, pois se foi daqui; 4. Foi s' o meu amigo daqui; 5. Pois vos ides daqui, ai meu amigo; 6. Por Deus, amig', e que será de mi; 7. – Ai madr', o que me namorou.

Pae Gomez Charinho

1. As frores do meu amigo; 2. Disseron m' oj', ai amiga, que non; 3. Que muitas vezes eu cuido no ben; 4. Ai Santiago, padron sabido.

Johan Garcia

1. Donas, fezeron ir daqui; 2. O meu amigo, que eu sempr' amei.

Reimon Gonçalvez

1. Foste<s> vos vós, meu amigo, daqui.

Garcia Soares

1. Madre, se meu amigo veesse.

Vaasco Rodrigues de Calvelo

1. Quanto durou este dia; 2. Roguei vos eu, madre, á i gran sazon.

Meendinho

1. Seía m' eu na ermida de San Simhon.

Johan Meendiz de Briteiros

1. Deus que leda que m' esta noite vi; 2. Ora vej' eu que non á verdade.

Airas Nunes

1. A Santiagu' en romaria ven; 2. Bailemos nós ja todas tres, ai amigas.

Pero Gonçalvez de Porto Carreiro

1. Par Deus, coitada vivo; 2. Meu amigo, quando s' ia; 3. O anel do meu amigo; 4. Ai meu amigu' e meu senhor.

Gomez Garcia

1. Diz meu amigo que me serve ben.

Roi Fernandez

1.Conhosco me, meu amigo; 2. Se vos non pesar ende; 3. Id' é meu amigo daqui; 4. – Ai madre, que muit<t' eu err>ei; 5. Madre, pois amor ei migo; 6. Ora non dev' eu preçar parecer; 7. – Madre, quer' oj' eu ir veer.

Pae de Cana

1. Vedes que gran desmesura.

Sancho Sanchez

1. Amiga, ben sei do meu amigo; 2. Amiga, do meu amigo; 3. Ir vos queredes, [ai meu] amigo, <daqui>; 4. Que mui gran torto mi fez, amiga; 5. En outro dia, en San Salvador.

Rodrig' Eanes d' Alvares

1. Ai amiga, tenh' eu por de bon sem.

Roi Martiiz d' Ulveira

1. Oi mais, amiga, quer' eu ja falar; 2. Ai, madr', o meu amigo morr' assi.

Estevan Fernandez d' Elvas

1. Estes que agora, madre, aqui son; 2. O meu amigo que por min o sen; 3. – Madre, chegou meu amig' oj' aqui.

Pero de Berdia

1. Sanhudo m' é meu amigu' e non sei; 2. Jurava mh o meu amigo; 3. Deu-lo sabe, coitada vivo mais ca soía; 4. Assanhou s' o meu amigo; 5. Foi s' o meu amigo daqui.

Nuno Porco

1. Irei a lo mar vee-lo meu amigo.

Pero de Veer

1. Ai Deus, que doo que eu de mi ei; 2. Assanhei me vos, amigo, noutro dia; 3. A Santa Maria fiz ir meu amigo; 4. Do meu amig', a que eu quero ben; 5. Assanhei me vos, amigo, per bõa fe, con sandece.

Bernal de Bonaval

1. Fremosas, a Deus grado, tan bon dia comigo; 2. Quero vos eu, mha irmana, rogar; 3. Pois mi dizedes, amigo, ca mi queredes vós melhor; 4. Se veess' o meu amigo a Bonaval e me visse; 5. Rogar vos quer' eu, mha madr <e> mha senhor.

Johan Servando

1. Quand' eu a San Servando fui un dia daqui; 2. Ir se quer o meu amigo; 3. A San Servand' en oraçon; 4. A San Servando foi meu amigo; 5. Ora van a San Servando donas fazer romaria; 6. A San Servand', u ora van todas orar; 7. Se meu amig' a San Servando for; 8. Mha madre velida, e non me guardedes; 9. Triste and' eu velida, e ben volo digo; 10. Foi s' agora meu amigu' e por en; 11. Fui eu a San Servando por veer meu amigo; 12. Diz meu amigo que lhi faça ben; 13. Disseron mi ca se queria ir; 14. O meu amigo, que me faz viver; 15. Ir vos queredes, amigo; 16 [Donas van a San Servando muitas oj' en romaria].

Johan Zorro

1. – Os meus olhos e o meu coraçon; 2. Per ribeira do rio; 3. – Cabelos, los meus cabelos; 4. Mete el rei barcas no rio forte; 5. Jus' a lo mar e o rio; 6. Pela ribeira do rio salido; 7. Bailemos agora, por Deus, ai velidas.

Roi Martiis do Casal

1. – Dized', amigo, se prazer vejades; 2. Rogo te, ai amor, que queiras migo morar; 3. Muit' ei, ai amor, que te gradescer.

Juião Bolseiro

1. Sen meu amigo manh' eu senlheira; 2. Da noite d' eire poderan fazer; 3. Fui oj' eu, madre, veer meu amigo; 4. Nas barcas novas foi s' o meu amigo daqui; 5. Que olhos son que vergonha non an; 6. Buscastes m', ai amigo, muito mal; 7. Fez ũa cantiga d' amor; 8. Ai madre, nunca mal senti<u>; 9. Ai meu amigo, meu, per bõa fe; 10. Aquestas noites tan longas que Deus fez en grave dia; 11. Ai meu amigo, avedes vós per mi; 12. Partir quer migo mha madr' oj' aqui; 13. Non perdi eu, meu amigo, des que me de vós parti.

Martin Campina

1. O meu amig', amiga, vej' andar; 2. Diz meu amigo que eu o mandei.

Pero Meogo

1. O meu amig', a que preito talhei; 2. Por mui fremosa, que sanhuda estou; 3. – Tal vai o meu amigo, con amor que lh' eu dei; 4. Ai cervas do monte, vin vos preguntar; 5. Enas verdes ervas; 6. Preguntar vos quer' eu, madre.

Martin de Caldas

1. Per quaes novas oj' eu aprendi; 2. Madr' e senhor, leixade m' ir veer; 3. Mandad' ei migo qual eu desejei; 4. Foi s' un dia meu amigo daqui; 5. Ai meu amigu' e lume destes meus; 6. Nostro Senhor, e como poderei; 7. Vedes qual preit' eu querria trager.

Nuno Treez

1. Des quando vos fostes daqui, meu amigo, sen meu prazer; 2. San Clemenço do mar; 3. Non vou eu a San Clemenço orar, e faço gran razon; 4. Estava m' en San Clemenço, u fora fazer oraçon.

Pero d' Armea

1. Sej' eu fremosa, con mui gran pesar; 2. Amiga, grand' engan' ouv' a prender; 3. Mhas amigas, quero m' eu des aqui; 4. – Amigo, mando vos migo falar.

Pedr' Amigo de Sevilha

1. Disseron vos, meu amigo; 2. Amiga, muit' amigos son; 3. – Amiga, vistes amigo; 4. Moir', amiga, desejando; 5. Por meu amig', amiga, preguntar; 6. Un cantar novo d' amigo; 7. – Par Deus, amiga, podedes saber; 8. Sei eu, donas, que non quer tan gran ben; 9. – Dizede, madre, por que me metestes.

Johan Baveca

1. Amiga, dizen que meu amig' á; 2. Amigo, sei que á mui gran razon; 3. Pesa mh, amiga, por vos non mentir; 4. Vossa menaj', amigo, non é ren; 5. Amig', entendo que non ouvestes; 6. Amigo,

vós non queredes catar; 7. Madr', o que sei que mi quer mui gran ben; 8. Ora veerei, amiga, que fará; 9. Amigo, mal soubestes encobrir.

Pero d' Ambroa

1. Ai meu amigo, pero vós andades.

Pae Calvo

1. Foi-s'o namorado, madr', e non o vejo; 2. Ai madr', o que bem queria.

Martin de Padrozelos

1. Eu louçana, en quant' eu viva for; 2. Gran sazon á, meu amigo; 3. – Amig', avia queixume; 4. Madr', enviou volo meu amigo; 4. Ai meu amigo, coitada; 5. Por Deus, que vos non pes; 6. Amigas, sejo cuidando; 7. Fostes vos vós, meu amigo, daqui; 8. Id' oj', ai meu amigo, led' a San Salvador.

Lopo

1. Pois vós, meu amigo, morar; 2. Polo meu mal filhou <s' ora> el-rei; 3. And' ora trist' e fremosa; 4. Por que se foi meu amigo; 5. Por Deus vos rogo, madre, que mi digades; 6. Disseron m' agora do meu namorado; 7. Assanhou se, madr<e>, o que mi quer gran ben.

Galisteu Fernandiz

1. Meu amigo sei ca se foi daqui; 2. Dizen do meu amigo ca mi fez pesar.

Lourenço

1. – Ir vos queredes, amigo; 2. Assaz é meu amigo trobador; 3. Amiga, des que meu amigo vi; 4. Já 'gora meu amigo filharia; 4. Amiga, quero m' ora cousecer.

Golparro

1. Mal faç' eu, velida, que ora non vou.

Johan de Cangas

1. En San Momed' u sabedes; 2. Fui eu, madr', a San Momed' u me cuidei; 3. Amigo, se mi gran ben queredes.

Martin de Giinzo

1. Como vivo coitada, madre, por meu amigo; 2. Se vos prouguer, madr', oj' este dia; 3. Treides, ai mha madr', en romaria; 4. Non poss' eu, madre, ir a Santa Cecilia; 5. Ai vertudes de Santa Cecilia; 6. Non mi digades, madre, mal e irei; 7. Nunca eu vi melhor ermida, nen mais santa.

Martin Codax

1. Ondas do mar de Vigo; 2. Mandad' ei comigo; 3. Mia irmana fremosa, treides comigo; 4. Ai Deus, se sab' ora meu amigo; 5. Quantas sabedes amar amigo; 6. Ai ondas que eu vin veer.

Airas Paez

1. Quer' ir a Santa Maria [de Reça] e, irmana, treides migo; 2. Por vee-lo namorado, que muit' á que eu non vi.

Fernan do Lago

1. D' ir a Santa Maria do Lag' ei gran sabor.

Johan de Requeixo

1. Fui eu, madr', en romaria a Faro con meu amigo; 2. A Far<o> un dia irei, madre, se vos prouguer; 3. Atender quer' eu mandado que m' enviou meu amigo; 4. Amiga, quen oje ouvesse mandado do meu amigo.

Fernan d' Esquio

1. Vaiamos, irmana, vaiamos dormir; 2. – Que adubastes, amigo, alá en Lug' u andastes.

Fernan Figueira de Lemos

1. Diz meu amigo que lhi faça ben.

Pero Mafaldo

1. Ai amiga, sempr' avedes sabor; 2. O meu amig', amiga, que me gran ben fezia.

Alfonso X

1. Ai eu coitada, como vivo en gran cuidado.

Johan Airas de Santiago

1. Todalas cousas eu vejo partir; 2. Dizen, amigo, que outra senhor; 3. Par Deus, mha madr', o que mi gran ben quer; 4. O meu amigo novas sabe ja; 5. Amigo, quando me levou; 6. O meu amigo non pod' aver ben; 7. Meu amigo, vós morredes; 8. O meu amigo, que xi m' assanhou; 9. – Meu amigo, quero-vos preguntar; 10. Par Deus, amigo, non sei eu que é; 11. Par Deus, mha madr', ouvestes gran prazer; 12. Que mui leda que eu mha madre vi; 13. Vai s', amiga, meu amigo daqui; 14. Queixos' andades, amigo, d' amor; 15. A meu amigo mandad' enviei; 16. Queredes ir, meu amigo, eu o sei; 17. Diz meu amigo tanto ben de mi; 18. Quand' eu fui un dia vosco falar; 19. Amigo, veestes-m' un dia 'qui; 20. Non vos sabedes, amigo, guardar; 21. Non ei eu poder d' o meu amigo; 22. Mha madre, pois <a>tal é vosso sen; 23. Diz meu amigo que, u non jaz al; 24. O meu amigo forçad' é d' amor; 25. Quer meu amigo de mi un preito; 26. Diz, amiga, o que mi gran ben quer; 27. Que mui de grad' eu faria; 28. Vedes, amigo, ond' ei gran pesar; 29. Morreredes, se vos non fezer ben; 30. Alguen vos diss', amig', e sei o eu; 31. Amigas, o que mi quer ben; 32. Vai meu amigo con el rei morar; 33. Amigo, queredes vos ir; 34. Foi s' o meu amigo a cas del rei; 35. Amei vos sempr', amigo, e fiz vos lealdade; 36. Meu amigu' e meu ben e meu amor; 37. A que mh a min meu amigo filhou; 38. Ir vos queredes, e non ei poder; 39. Ir vos queredes, amigo.

Dinis

1. Ben entendi, meu amigo; 2. Amiga, muit' á gran sazon; 3. Que trist' oj' é meu amigo; 4. Dos que ora son na oste; 5. Que muit' á já que non vejo; 6. O meu amig', amiga, non quer' eu; 7. Amiga, bon grad' aja Deus; 8. Vós que vos en vossos cantares meu; 9. Pesar mi fez meu amigo; 10. Bon dia vi amigo; 11. Non chegou, madr', o meu amigo, 12. – Ai flores, ai flores do verde pino; 13. Amig' e meu amigo; 14. Com' ousará parecer ante mi; 15. – Amiga, faço me maravilhada; 16. – Amigo, queredes vos ir?; 17. – Dizede por Deus, amigo; 18. – Non poss' eu, meu amigo; 19. Por Deus, amigo, quen cuidaria; 20. O meu amigo á de mal assaz; 21. Meu amigo, non poss' eu guarecer; 22. Que coita ouvestes, madr' e senhor; 23. Amig' e fals' e desleal; 24. Meu amigo ven oj' aqui; 25. Vi vos, madre, con meu amig' aqui; 26. Gran temp' á, meu amigo, que non quis Deus; 27. Valer vos ia,

amigo, <meu ben>; 28. Pera veer meu amigo; 29. Chegou mh, amiga, recado; 30. De morrerdes por mi gran dereit' é; 31. Mha madre velida; 32. Coitada viv', amigo, por que vos non vejo; 33. Ai fals' amigu' e sen lealdade; 34. Meu amig', u eu sejo; 35. Por Deus, punhade de veerdes meu; 36. Amigo, pois vos non vi; 37. Pois que diz meu amigo; 38. Por Deus, amiga, pes vos do gran mal; 39. Falou m' oj' o meu amigo; 40. Vai s' o meu amigo' alhur sen mi morar; 41. Non sei oj', amigo, que padecesse.

b) ***Cantigas de madre:***

Nuno Fernandez Torneol

1. Aqui vej' eu, filha, o voss' amigo; 2. – Dizede m' ora, filha, por Santa Maria.

Johan Nunez Camanês

1. – Se eu, mha filha, for voss' amigo veer; 2. Vistes, filha, noutro dia.

Johan Soarez Coelho

1. – Filha, direi vos ũa ren.

Nuno Perez Sandeu

1. – Ai, filha, o que vos ben queria.

Pae Gomez Charinho

1. Mha filha, non ei eu prazer.

Garcia Soares

1. – Filha, do voss' amigo m' é gran ben.

Airas Nunes

1. – Bailad'oj', ai filha, que prazer vejades.

Roi Marfiis d' Ulveira

1. – Muit''á que diz que morrerá d'amor.

Estevan Fernandez d' Elvas

1. – Farei eu, filha, que vos non veja.

Pero de Veer

1. – Vejo-vos, filha, tan de coraçon.

Bernal de Bonaval

1. Filha fremosa, vedes que vos digo.

João Servando

1. Filha, o que queredes ben.

João Zorro

1. El rei de Portugale.

Juião Bolseiro

1. – Vej' eu, mia filha, quant' é meu cuidar; 2. Mal me tragedes, ai filha, por que quer' aver amigo.

Pero Meogo

1. Fostes, filha, eno bailar; 2. – Digades, filha, mha filha velida.

Johan Baveca

1. – Filha, de grado queria saber.

Lopo

1. – Filha, se gradoedes.

Johan de Requeixo

1. Pois vós, filha, queredes mui gran ben.

Johan Airas de Santiago

1. O que soía, mha filha, morrer; 2. Ai mia filha, por Deus guisade vós; 3. – Ai mia filha, de vós saber quer' eu.

Dinis

1. Roga m' oje, filha, o voss' amigo; 2. – De que morredes, filha, a do corpo velido?

c) Cantigas de confidente:

Rodrigo Eanes de Vasconcelos

1. O voss' amig', amiga, foi sazon.

Johan Garcia de Guilhade

1. – Foi s' ora daqui sanhudo.

Estevan da Guarda

1. – A voss' amig', amiga, que prol ten.

Vaasco Perez Pardal

1. – Por Deus, amiga, provad' un dia.

Pae Gomez Charinho

1. – Voss' amigo, que vos sempre serviu.

Johan Mendez de Briteiros

1. Amiga, ben ei que non á.

Pae de Cana

1. Amiga, o voss' amigo.

Pedr' Amigo de Sevilha

1. – Amiga, voss' amigo vi falar.

Johan Baveca

1. – Por Deus, amiga, preguntar vos ei; 2. – Ai amiga, oje falou comigo; 3. – Como cuidades, amiga, fazer.

Galisteu Fernandiz

1. O voss' amigo foi s' oje daqui; 2. – Por Deus, amiga, que pode seer.

Fernand'Esquio

1. O voss' amigo, assi Deus m' empar; 2. O voss' amigo trist' e sen razon.

Rodrig' Eanes Redondo

1. De-lo dia, ai amiga, que nos nós de vós partimos.

Johan Airas de Santiago

1. Entend' eu, amiga, per bõa fe; 2. O voss' amig' á de vós gran pavor; 3. Voss' amigo quer vos sas dõas dar; 4. – O voss' amigo que s' a cas del rei.

Dinis

1. Chegou m' or' aqui recado; 2. Amiga, sei eu ben dũa molher; 3. O voss' amigo tan de coraçon; 4. O voss' amig', amiga, vi andar; 5. O voss' amig', ai amiga; 6. Amiga, quen vos <ama.

d) *Cantigas de narrador:*

Johan Perez d' Avoin

1. Cavalgava noutro dia.

Estevam Coelho

1. Sedia la fremosa seu sirgo torcendo.

Afonso Sanches

1. Dizia la fremosinha.

Pedr' Eanes Solaz

1. Dizia la ben talhada.

Bernal de Bonaval

1. Diss' a fremosa en Bonaval assi.

Johan Zorro

1. Quem visse andar fremosĩa; 2. Pela ribeira do rio.

Pero Meogo

1. <Levou s' aa alva>, levou s' a velida.

Lourenço

1. Ũa moça namorada.

Martin de Giinzo

1. A do mui bon parecer.

Martin Codax

1. Eno sagrado, en Vigo.

Dinis

1. Ũa pastor se queixava; 2. Ũa pastor ben talhada; 3. Levantou s' a velida.

e) *outros gêneros:*

Johan Garcia de Guilhade

1. Vi oj' eu donas mui ben parecer (c. de amor).

Airas Nunes

1. Oi' oj' eu ũa pastor cantar, (pastorela).

Pedro Amigo de Sevilha

1. Quand' eu un dia fui en Compostela (pastorela).

Lourenço

1. Tres moças cantavam d'amor, (c. de amor).

Bernal de Bonaval

1. – Ai fremosinha, se ben ajades, (?)

Johan Airas de Santiago

1. Pelo souto de Crexente (pastorela).

Dinis

1. Quisera vosco falar de grado, (c. de malmaridada); 2. – En grave dia, senhor, que vos oí (c. de amor); 3. Vi oj'eu cantar d'amor (pastorela).

Num momento em que a crítica literária imanentista tende a perder fôlego diante do culturalismo das abordagens, talvez pareça inócuo um estudo desse tipo. Quer-nos parecer, contudo, que voltar à investigação das cantigas de amigo para observar as vozes que as constituem e deparar, nesse aparente conjunto homogêneo de quinhentos textos, a diversidade discursiva e, por conseguinte, a variedade genológica nela inserida, é resgatar na *Arte de trovar* o que há de central: um esboço teórico cujo conteúdo, não obstante sua fragmentação, foi de alguma maneira preterido. A *voz* e a *razon* como dados para a conceituação de gêneros ressoam ainda hoje nas discussões de gênero textual, como Francis Cairns e Mikhail Bakhtin defenderam. São justamente esses dois elementos que trazemos à tona para *re*olhar as cantigas femininas.

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 165 - 174 / ISSN 1130-3557

Aves e pássaros a voarem nos céus hispânicos e lusitânicos

Salvador Mourelo

(Vigo)

Introdução

Uma particularidade lexical que compartilham o português e o espanhol, entre muitas outras que aproximam estes dois romances ibero-românicos, é o facto de disporem de dois termos que lhes permitem diferenciar na língua comum os pássaros do resto das aves. A palavra *pássaro*(1) em português —e *pájaro* em espanhol— remete para um conceito menos geral do que o de *ave*, de tal sorte que se estabelece entre eles uma relação de hipónimo e hiperónimo: todos os pássaros são aves mas nem todas as aves são pássaros.

Consultando um dicionário da língua comum, como o Houaiss (2001), podemos verificar que na língua especializada da Ornitologia o termo ave designa um grupo taxinómico que constitui uma classe:

> **ave 1** ORN design. comum aos animais vertebrados, ovíparos, da classe Aves, de corpo coberto por penas, membros anteriores modificados em asas, e bico córneo, sem dentes

No mesmo dicionário, na segunda acepção da palavra também pertencente ao âmbito da Ornitologia, define-se a voz pássaro como a designação que recebem as aves da ordem dos passeriformes(2) :

> **pássaro 2** ORN design. comum às aves da ordem dos passeriformes, que possuem bico desprovido de cera e pés anisodátilos

Esta definição não se afasta muito da que aparece no dicionário da Porto Editora (2001):

(1) Na Galiza é mais frequente na fala a forma palatizada *páxaro*, mesmo que não se desconheça, quer na toponímia quer na antroponímia, a forma comum a toda a lusofonia.

(2) Ao final do trabalho incluímos um apêndice com espécies significativas da ordem dos passeriformes junto com uma listagem de espécies de aves não passeriformes.

> pássaro (ornit.) ordem de aves de tamanho pequeno ou médio, caracterizadas por possuírem polegar dirigido para trás, inserido ao nível dos restantes dedos e mais forte que o dedo anterior médio.

Disto poderíamos tirar a conclusão de que os conceitos que designam os significantes *pássaro* e *ave* na língua comum se correspondem a uma categorização que reflecte uma classificação natural. Estaríamos perante o que o objectivismo aristotélico denomina uma representação da realidade externa através de símbolos abstractos. Para esta visão, as entidades do mundo formam conceitos ou categorias com as seguintes características (Muñoz, 1995):

> a. Um conceito é o reflexo natural da apreensão das propriedades comuns, naturais e essenciais dos objectos.
>
> b. Um conceito é formado por todas as entidades que têm uma ou várias propriedades em comum.
>
> c. Essas propriedades são necessárias e suficientes para definir o conceito.
>
> d. Todos os conceitos satisfazem *a*, *b* e *c*.

A primeira impressão seria a de nos encontrarmos perante um exemplo *prototípico* de conceito no sentido aristotélico, mas.... nem tudo o que vem à rede é peixe.

À noite todos os pássaros são pardais

Se repararmos não apenas nas definições referentes à língua especializada, como também naquelas próprias da língua comum, veremos que o conceito de pássaro tem uns contornos bastante mais imprecisos do que assinalámos mais acima. No próprio dicionário Houaiss verificamos que o pássaro é uma:

> **1** ave pequena; passarinho

O dicionário Vox da língua espanhola não deita muita luz sobre a questão do conceito de pájaro:

> **1** Sustantivo masculino. Nombre genérico que se da a todo género de aves, y esp. a las del orden de los paseriformes

E o dicionário da RAE ainda é mais impreciso, se possível:

> *1.* m. Cualquier especie de ave, especialmente si es pequeña.

Temos destarte que aves de pequeno tamanho podem ser pássaros no sentido da acepção da língua não especializada do dicionário Houaiss, mas não no sentido da acepção do âmbito da ornitologia. O conceito de *pássaro* na língua comum é bastante mais difuso que na língua especializada, com uns limites muito imprecisos. Quão pequena deve ser uma ave para ser considerada pássaro? É condição necessária e suficiente que apresente uma série de características (ou *semas*) comuns a todos os pássaros? São todos os pássaros na mesma medida pássaros?

O modelo das condições necessárias e suficientes é incapaz de resolver estas e outras questões, devido a que a sua rigidez lhe impede explicar realidades que não se ajustem a moldes e não permite compreender a utilização dos termos fora do âmbito de especialidade. É por isso que surgiu a teoria dos protótipos como uma tentativa de superação deste impasse.

Segundo a Linguística Cognitiva (Vilela, 2002), o sistema de categorização lexicalizado nas línguas naturais não é determinado pela partilha, por parte dos membros de uma mesma categoria, de traços (as condições necessárias e suficientes), mas pelo grau de semelhanças com um exemplar representativo da categoria (o protótipo).

No caso que nos ocupa, a própria etimologia da palavra é elucidativa de como se constrói a categoria de *pássaro*. Mais uma vez recorremos ao dicionário Houaiss, que nos fornece uma informação bastante precisa:

> ETIM lat. *pāsser, ĕris* 'pardal', pelo lat.vulg. **passaru*, com mudança de declinação e alargamento de sentido; f. hist. sXIV *passaro*, sXIV *pasaro*

No entanto, é o dicionário etimológico de Joan Coromines (1991) que, num extenso artigo, nos oferece uns dados de especial relevo para a nossa pesquisa:

> En latín designaba el gorrión o quizá más exactamente el pardillo (así cat. *passerell*, fr. *passereau*, it. *pàssera*, etc.), pero en vulgar se encuentra la ac. ampliada 'ave pequeña, pájaro' (citas en Ernout-M., Walde-H y Oroz), que es la propia del rum. *pas_re*, el port. *pássaro* y el castellano.

A categoria constrói-se à volta de um exemplar típico, o pardal (*Passer domesticus*) ou o pintarroxo (*Carduelis cannabina*), que dá nome à própria categoria por alargamento da sua acepção. O grau em que as outras aves são pássaros depende da semelhança, ou ar de família, que estas apresentarem com o pássaro por antonomásia. É preciso não esquecer que o pardal é uma ave muito frequente e que, embora fosse granívora em princípio, vive agora associada ao homem. Originária da Ásia, distribui-se actualmente por quase todo o mundo.

Protótipos e tradução

Em Bernis (1995) informa-se-nos de que a palavra *gorrión* não aparece em textos castelhanos até ao século XVI, sendo «más que probable que las aves a que corresponde fueran denominadas anteriormente como *passaros*». O alargamento do sentido de *pássaro*, que passa a designar uma categoria constituída por diferentes espécies de aves, vai levar a que o nível subordinado tenha de ser preenchido por outra denominação. Temos assim que o *passer* latino deixa de ser utilizado, quer em português, quer em espanhol, para se referir a uma espécie em concreto, ao passo que em catalão e italiano a mesma etimologia é base da denominação de nomes específicos de aves, do mesmo modo que no latim (*passerell, passera*). No francês, a crescente utilização de *passereau* no sentido de ave passeriforme tem conduzido à perda do seu sentido de pardal, actualmente ocupado por *moineau*.

Nome científico	Português	Espanhol	Catalão	Italiano	Francês	Inglês	Alemão
Passer domesticus	Pardal	gorrión	pardal	passero	passereau*, moineau	house sparrow	Haussperling, Hausspatz
Carduelis cannabina	pintarroxo	pardillo	passerell	montanello, fanello	Linotte	linnet	Hänfling
Prunella modularis	ferreirinha	acentor	pardal de bardissa	pàssera	accenteur mouchet	dunnock, hedgesparrow	Heckenbraunelle

*actualmente o significado mais corrente de *passereau* é o de ave passeriforme, sendo utilizado **moineau** para se referir ao pardal

Em catalão, italiano, inglês e alemão (e em grande medida em francês), uma mesma palavra cobre na língua comum aquilo que em português e em espanhol representa dois níveis hierarquizados (mesmo que os limites sejam difusos):

Português	Espanhol	Catalão	Italiano	Francês	Inglês	Alemão
ave	ave	ocell	ucello	oiseau	bird	Vogel
pássaro	pájaro					

Repare-se em que nos estamos a referir à língua comum, dado que na língua especializada temos termos como *passerine bird* em inglês, *Sperlingsvogel* em alemão, ou *passeriforme* noutras línguas. São termos que em qualquer caso não são invocados de forma imediata pelo falante.

Além disso, as palavras *ocell, ucello* e *oiseau* estão relacionadas etimologicamente com *aucellus*, diminutivo latino de *avis*. Poderia interpretar-se este acréscimo do sufixo como um movimento de *ave* na direcção de *pássaro*, categoria de maior prototipicalidade?

Mesmo em português, para reforçar a ideia prototípica do pássaro como ave de reduzido tamanho, é muito frequente a utilização do diminutivo, de tal modo que o número de ocorrências de *pássaro* e *passarinho* na língua comum é muito semelhante. O que talvez viesse a explicar o facto de nalgumas regiões da Galiza se verificar o deslocamento do acento da primeira sílaba (PÁssaro) para a segunda (paSSAro), como se se considerasse a forma com diminutivo como a comum e originária a partir da qual se obteria por derivação regressiva *passaro* (Coromines, 1991).

Fraseologia, provérbios e estereótipos

A maior pregnância cognitiva que em português tem *pássaro* em relação a *ave*, vê-se reflectida no maior rendimento que o primeiro tem na fraseologia e nos provérbios, tal como se pode apreciar na lista que oferecemos a seguir (Barata, 1989), que, embora não seja exaustiva, reflecte em grande medida a realidade da língua. Isto é importante porque, não devemos esquecê-lo, a fraseologia e os provérbios agem como elementos fixadores de estereótipos sociais(3) :

Ave, onde muito pousa, tem o ninho.
Ave de arribação.
Ave rara.
Ave de mau agoiro.
Com boas aves.

(3) Para Vilela (2002), «o provérbio, os ditados, mesmo as máximas, as fraseologias, os "slogans", representam os estereótipos, as crenças, os mitos, a moral –o deve e o haver– de uma comunidade, de grupos sociais. A distinção dos conceitos veiculados por estes termos baseia-se, ou na sua antiguidade, na autoridade moral, ou em traços formais. Tudo se pode tornar cliché».

A voo de pássaro.
Deixar fugir o pássaro.
Fugir o pássaro da mão (a alguém).
Mais vale um pássaro na mão que dois a voar.
Pássaro-bisnau.
Pássaro de arribação.
Pássaro de bico amarelo.
Pelo gorjeio se conhece o pássaro.
Ter o pássaro na mão e deixá-lo fugir.
Morrer como um passarinho.
Não fazer mal a um passarinho.
Passarinho que com água se cria, sempre por ela pia.
Ver passarinho verde.

Os equivalentes de muitas destas expressões noutras línguas, nalguns casos não se preocupam com distinguir entre aves pequenas e grandes:

Un ucello in mano ne vale due nel bosco. (italiano)
A bird in the hand is worth two in the bush. (inglês)

Mas nos provérbios alemão e catalão encontramos uma oposição entre o protótipo de pássaro, o pardal, e uma ave mais grande, que num caso é o pombo e no outro o grou:

Ein Spatz [pardal] in der Hand [mão] ist besser als eine Taube [pombo] auf dem Dach [telhado]. (alemão)
Val més pardal a la mà que una grua enlaire. (catalão)

No francês há uma vacilação entre as aves e os pássaros, representados estes últimos, mais uma vez, pelo seu protótipo, o pardal:

Mieux vaut un oiseau en main, que deux en l'air
Moineau en main vaut mieux que pigeon qui vole.

Mas, dado o fundo greco-latino ligado a este tipo de provérbios, será que o *pássaro* que encontramos nas versões portuguesa e espanhola foi antes *pardal* do que *pássaro* no sentido actual e manteve a sua presença nos provérbios apesar da sua mudança de significado?

Conclusões

A teoria dos protótipos permite-nos explicar a mudança de significado da palavra *pássaro* como um processo de alargamento da acepção de um termo que se refere a um exemplar prototípico.

O pardal é uma ave muito frequente e que desde antigo convive com os seres humanos. Partilha com outra série de aves uma forte semelhança, um ar de família, constituindo-se à sua volta uma categoria a que acabou por dar nome. Este processo de prototipicalização pode-se rastejar noutras línguas em que, apesar de não disporem de um equivalente de *pássaro*, o pardal ocupa um lugar central na construção do estereótipo de *ave pequena*.

Com isto não estamos a descrever, necessariamente, uma sequência histórica, mas simplesmente a apontar o que poderiam ser linhas de investigação à hora de explicar os processos de mudança de significado no quadro da teoria dos protótipos.

APÊNDICE

ALGUMAS ESPÉCIES DE AVES PASSERIFORMES COMUNS NA GALIZA

Nome científico	Nome português	Nome espanhol
Passer domesticus	pardal	gorrión
Lullula arborea	cotovia	totovía
Alauda arvensis	laverca	alondra
Hirundo daurica	andorinha-dáurica	golondrina dáurica
Turdus merula	melro-preto	mirlo
Troglodytes troglodytes	carriça	chochín
Prunella modularis	ferreirinha	acentor
Erithacus rubecula	pisco-de-peito-ruivo	petirrojo
Luscinia megarhyncos	rouxinol	ruiseñor
Emberiza citrinella	escrevedeira-amarela	escribano cerillo
Fringilla coelebs	tentilhão	pinzón
Sturnus vulgaris	estorninho	estornino
Carduelis carduelis	pintassilgo	jilguero
Carduelis cannabina	pintarroxo	pardillo
Garrulus glandarius	gaio	arrendajo
Pica pica	pega-rabuda	urraca
Motacilla alba	alvéola, lavandeira	lavandera
Corvus corax	corvo	cuervo
Saxicola torquata	chasco, cartaxo	tarabilla

Cinclus cinclus	melro-de-água	mirlo acuático
Lanius collurio	picanço-de-dorso-ruivo	alcaudón
Corvus corone	gralha-preta	corneja

ALGUMAS ESPÉCIES DE AVES NÃO PASSERIFORMES COMUNS NA GALIZA

Nome científico	Nome português	Nome espanhol
Apus apus	andorinhão	vencejo
Phalacrocorax aristotelis	corvo-marinho-de-crista	cormorán moñudo
Ciconia ciconia	cegonha-branca	cigüeña
Anas platyrhynchos	pato-real	ánade real
Accipiter gentilis	açor	azor
Accipiter nisus	gavião	gavilán
Picus viridis	pica-pau-verde, peto-verde	pito real
Aquila chrysaetos	águia-real	águila real
Falco peregrinus	falcão-peregrino	halcón
Bubo bubo	bufo-real	buho real
Tetrao urogallus	tetraz, galo-montês	urogallo
Perdix perdix	perdiz cinzenta	perdiz pardilla
Coturnix coturnix	codorniz	codorniz
Phasianus colchicus	faisão	faisán
Athene noctua	mocho-galego	mochuelo
Tyto alba	coruja	lechuza
Numenius arquata	maçarico-real	zarapito real
Larus argentatus	gaivota-prateada-grande	gaviota argéntea
Uria aalge	arau	arao
Columba palumbus	pombo-torcaz	paloma torcaz
Streptopelia turtur	rola	tórtola
Cuculus canorus	cuco	cuco

Outra espécies de aves não passeriformes que não se encontram em estado natural na Galiza são os papagaios, os periquitos, as avestruzes, os quivis, os pinguins, as galinhas, os pavões, os beija-flores, os condores, etc.

Bibliografia

AA.VV. 1989 *Duden Deutsches Universalwörterbuch*. Dudenverlag, Mannheim.

AA.VV. 1995 *Atlas de Vertebrados de Galicia*. Tomo II. Aves. Consello da Cultura Galega, Compostela.

AA.VV. 1997 *Diccionario General de la lengua española*. Vox, Barcelona.

AA.VV. 1998 *The Oxford – Hachette French Dictionary*. Oxford University Press, Oxford.

AA.VV. 2001 *Diccionario de la lengua española*. 22 Edição. Real Academia Española.

ALCOVER e col. 1993 *Diccionari català-valencià-balear*. Editorial Moll, Palma de Maiorca.

BARATA, António Martins 1989 *Dicionário prático de locuções e expressões peculiares da língua portuguesa*. Livraria Apostolado da Imprensa, Braga.

BERNIS, Francisco 1995 *Diccionario de nombres vernáculos de aves*. Gredos, Madrid.

BRUUN, Bertel, DELIN, Håkan e SVENSSON, Lars 1993 *Aves de Portugal e Europa*. FAPAS, Porto.

COROMINAS, Joan e PASCUAL, J.A. 1980 *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Gredos, Madrid.

GHITESCU, Micaela 1997 *Novo dicionário de provérbios*. 2ª Edição. Fim de Século Lda., Lisboa.

HOUAISS 2001, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva Lda., Rio de Janeiro.

MUÑOZ Martín, Ricardo 1995 *Lingüística para traducir*. Teide, Barcelona.

ROBERT, Paul 1989 *Le Grand Robert de la Langue Française*. Dictionnaires Le Robert, Paris.

SEABRA, Manuel de e DEVI, Vimala 1985 *Diccionari português-català*. Enciclopèdia catalana, Barcelona.

VILELA, Mário 2002 *Metáforas do Nosso Tempo*. Livraria Almedina, Coimbra.

ZINGARELLI, Nicola 1998 *Lo Zingarelli, 10ª Edição*. Zanichelli editore S.p.A., Bolonha.

Recursos na internet

http://europa.eu.int/eurodicautom/ –Contém bastantes nomes científicos e vernáculos nas diferentes línguas da UE.

http://www.ieeta.pt/~pjf/Aves/aves.html –Sítio com nomes de aves de Portugal e a Europa. Denominação científica e nomes vernáculos em português e inglês.

http://www.termcat.net/ –Centro de Terminologia do catalão.

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 175 - 186 / ISSN 1130-3557

Um ambivalente amor: análise da canção "O quereres" de Caetano Veloso

Wilberth Claython F. Salgueiro

(Universidade Federal do Espírito Santo, UFES – Brasil)

Para Fábio Memelli, ondeando música

"Sócrates: Este discurso, ó Fedro, se queres, considera-o proferido como um encômio ao Amor; se não, o que quer que e como quer que te apraz chamá-lo, assim deves fazê-lo."

O Banquete – Platão[1]

"O quereres", de Caetano Veloso, estrela da Música Popular Brasileira, pertence, em primeira leva, a *Velô*, de 1984. Consta ser das mais belíssimas letras[2] do compositor, cuja relação vital com a palavra grafada – prosa, verso – culminou com *Verdade tropical*, memórias afetivas e críticas da cultura e do mundo musical brasileiro, desde a década de 60, quando aparece, para sempre, no cenário artístico nacional[3].

Caetano, comentando "Livros", de *Livro* (1997): "As palavras parecem dizer muita coisa relevante quando a gente canta. Quando a gente pensa

(1) PLATÃO. *O banquete ou Do amor*. 7 ed. Tradução: J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 176.

(2) Seguindo Luiz Tatit, "embora soe como designação imprecisa, adotamos "letra" como a forma mais direta – e consagrada pelo uso – de se referir ao componente lingüístico da canção popular." (TATIT, Luiz. *Semiótica da canção – melodia e letra*. 2ª ed. São Paulo: Escuta, 1999, p. 13.)

(3) Para conferir a presença indelével de Caetano na cena musical brasileira: CAMPOS, Augusto de. *Balanço da bossa e outras bossas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993; FAVARETTO, Celso. *Tropicália – alegoria, alegria*. 2 ed. SP: Ateliê Editorial, 1996; SANTIAGO, Silviano. "Caetano Veloso enquanto superastro". *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 146-163; SÜSSEKIND, Flora. "Caetano e seus irmãos". *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 265-267.

um pouco, nada é mesmo relevante. Depois a gente pensa mais e volta a desconfiar de que talvez seja tudo relevante"[4]. No recentíssimo *Letra só*, temos, em gesto inédito, dezenas de "letras revistas minuciosamente pelo próprio autor". Ali, podemos ver a estrutura do poema "O quereres": seis oitavas em decassílabo mais um refrão em redondilha maior (conferir ao fim do artigo). Isto é, conforme modelo adotado por Camões em *Os Lusíadas*, Caetano cria seis estrofes de oito versos; em cada verso, todos com dez sílabas poéticas, cai a tônica na sexta. Exceto na última estrofe, em que os versos 48 e 50 têm suas tônicas na sétima sílaba ("Bem a ti, mal ao quereres assim" e "E, querendo-te, aprender o total"), e o último verso ("Do querer que há e do que não há em mim") constitui-se como decassílabo sáfico. Mas percebe-se que, ao cantar a letra, em *Velô*, o poeta "acerta" a tônica, deslocando o acento forte para a sílaba anterior (de queREres para QUEreres, e de aprenDER para aPRENder), e transformando em tônico (ao alongar vocalmente) o "que" do último verso. Assim, todo o poema se realinharia e teria, na execução do canto, todos os versos decassílabos heróicos. O estribilho é torneado como um dístico heptassílabo, e intervém a cada 2 oitavas. Tudo isto, esta arquitetura, dá ao poema um caráter cabralino, no que este traço traz de rigor, medida, razão, projeto –derramamentos contidos.

Roberto Corrêa, revendo *O cinema falado*, em *Tais superfícies*, diz: "Ativado pela irresistível força de um modo variado, obsessivo e feliz de ver e expor, o artista é o que ultrapassa o domínio de uma forma de expressar. Sua conquista é a do domínio do domínio"[5] –e com isso antecipa, bastante, onde quero chegar com "O quereres" do poeta-pop em pauta. A proposição, então, sendo esta: a arte (logo: uma forma) organiza o que, na vida (uma força), carece por excelência de controle: a língua e o erótico, um e outro, eu e tu. "O quereres": jogo de desejos, jogo de esconder, jogo de xadrez. Se jogo, seu mecanismo se sustenta em regras. Tais regras é que quero, no meu limite, entender. Entendendo-as, passo adiante os pontos e as luvas.

Para tanto, recorro a Roland Barthes, preciso, quando apresenta mais uma das faces do amor, a partir do "método dramático" com que compõe seu *Fragmentos de um discurso amoroso*, método que privilegia a "enunciação e não a análise", amparado no próprio do *dis-cursus*, que é esta "ação de correr para todo lado", pouco importando que "a dispersão do texto

(4) VELOSO, Caetano. *Letra só; Sobre as letras*. Organização: Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 45.
(5) SANTOS, Roberto Corrêa dos. "Quem assina *O cinema falado*". *Tais superfícies: estética e semiologia*. Rio de Janeiro: R. C. dos Santos, 1998, s/nº.

seja rica aqui e pobre acolá", mesmo porque o "*dis-cursus* amoroso não é dialético; ele gira como um calendário perpétuo, uma enciclopédia afetiva". Preciso, pois, Barthes fala em "Signos": "Os signos não são provas, pois qualquer um pode produzir signos falsos ou ambíguos. Volta-se então, paradoxalmente, à onipotência da linguagem: já que nada assegura a linguagem, sustentarei a linguagem pela última e única certeza: *não acreditarei mais na interpretação*. Receberei toda palavra do meu outro como um signo de verdade; e quando eu falar, não terei dúvidas de que ele receberá como verdadeiro aquilo que direi. Daí a importância das *declarações*; quero constantemente arrancar do outro a fórmula do seu sentimento, e de minha parte digo a ele constantemente que o amo: nada fica para ser sugerido, adivinhado: para que se saiba uma coisa é preciso que ela seja dita; mas também, desde que ela é dita, ela é provisoriamente verdadeira."[6]

Toma-se então "O quereres" como pretexto para dis-cursar sobre a indomesticabilidade do corpo na vida, que é "real e de viés"; no corpo do poema, porém, o desconcerto do sujeito no mundo ganha ordem, regra, rimas, cálculos. A dispersão da vida (força) encontra na canção (forma) a harmonia alhures impossível. Em suma, como disse José Miguel Wisnik no *songbook* de Caetano, "O quereres" é "uma dessas canções que se oferecem ao deslizamento permanente do ser"[7], deslizamento que encontra barreiras num complexo sistema métrico e rímico (portanto: rítmico), com pletórica armação de antíteses e oxímoros e intrincada rede quiástica que mais lembram o conceptismo barroco, que qualquer hipotético "auto-elogio pós-moderno", como afirmou Pedro Alexandre Sanches, para quem, na canção caetânica, "verborrágica", "aparecem mais auto-referencialidade e proclamação anedótica de rebeldia" e onde o "narrador [*sic*] exalta sua própria imprevisibilidade e a sinuca interpretativa que ele representa para o mundo exterior e para si próprio"[8]. Antes, pode-se perceber nas composições de Caetano, com Eucanãa Ferraz, "uma economia do mínimo, mas também longas estruturas narrativas; construções próximas da poesia concreta e armações regulares quanto às estrofes e rimas; simplicidade extrema ao lado de grande sofisticação formal"[9].

(6) BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 13ª ed. Tradução: Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995, p. 179.
(7) WISNIK, José Miguel. "Apreciação crítico-criativa da obra de Caetano Veloso". *In:* VELOSO, Caetano. *Songbook*. Organizado por Almir Chediak. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1988, p. 16.
(8) SANCHES, Pedro Alexandre. *Tropicalismo: decadência bonita do samba*. São Paulo: Boitempo, 2000, p. 29. Para uma leitura mais específica e não ressentida da obra do compositor baiano, ver: DINIZ, Júlio C. Valladão. *Uns caetanos: estudos de composições*. Dissertação. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1987.
(9) FERRAZ, Eucanaã. "Cinema falado, poema cantado". *In:* VELOSO, Caetano. *Letra só; Sobre as letras*. Organização: Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 16.

Por exemplo primeiro, apontemos, desde já, o engenho do título da canção, que utiliza raro recurso de substantivar o verbo, flexionando o infinitivo e produzindo uma estranha combinação de um artigo no singular e um verbo tornado substantivo no plural, embora se refira à segunda pessoa do singular: o quereres, tendo um elíptico "tu" entre o artigo e o verbo. Não satisfeito em adotar a rara forma nominal do verbo, o artífice ainda multiplica o estranhamento, quando canta "infinitivamente pessoal" (v. 49), deste modo dizendo que o modo infinitivo pode, também ele, ser tratado de forma adverbial, injetando-lhe de fato uma pessoalidade inexistente na prática do, ainda que incorriqueiro, uso. Além do termo "quereres", resgatado dos limbos da língua, o verbo central do poema aparece em variação, ora projetando-se no gerúndio do "querendo" da estrofe final, ora no "querer" do estribilho, ora no "quero" ativo do sujeito, ora no anafórico "queres", que pontua toda a canção, conferindo-lhe uma batida – aliterativa e semântica – que induz o ouvinte a esperar a próxima comparação, para com ela exercer as conexões (se, como o poeta quer, for um leitor ativo). O ápice da palavra-chave em circuito acontece quando ao som reiterado do verbo se associa o sentido de outra – "Onde queres quaresma, fevereiro" –, cujos fonemas básicos se repetem: queres, quaresma. O verso reúne todos os estratos (fônico, sintático, mórfico, semântico), exuberantes em sua diferença pacificada. À quarentena pós-carnaval [quaresma], o poeta opta pelo fevereiro, mês marcado pela festa. Interessante que o verso seguinte (último verso da penúltima estrofe: "E onde queres coqueiro, eu sou obus") encerra o ciclo das comparações diretas, feitas através da estrutura "onde queres x, quero y". Atente-se, no entanto, que este verso "repete" o primeiro verso, invertendo a atitude do sujeito: "Onde queres revólver, sou coqueiro". Aqui, no início, o poeta põe-se "coqueiro", contra o "revólver"; ao fim, afirmando a reversibilidade incessante dos desejos, já se mascara fora do "coqueiro" de antes, para se querer "obus", que vem a ser uma espécie de morteiro ou a granada que dele se lança, portanto um "revólver", antes negado.

No livro *Sobre as letras*, que acompanha *Letra só*, Caetano escreve – pistas para os incontestes tietes e para os críticos que se tocam à poesia – em torno de "O quereres": "A estrutura é tirada de cordel. Mas também tem um pouco de 'It Ain't Me, Babe', de Bob Dylan, que diz: "'it ain't me you're lookin' for, babe". Lá é diferente, mas alguma coisa em 'O quereres' lembra esse tema, do homem que fala para a mulher: 'eu não estou onde você quer'"[10]. Com essa pista, partimos para um recorte inevitável:

(10) VELOSO, Caetano. *Sobre as letras*, p. 56.

o erótico desentranhado da vida cotidiana para a geometria do poema. No querer do cotidiano imperam os desencontros constantes; no querer da canção assimila-se a simetria, reinventando, via arte, a solidão da incorrespondência vital. Para aliviar as incompatibilidades e imprevisibilidades da força (vida) que tudo arrasta, a arte (forma) entra em cena, e faz do redemoinho conceito e concerto.

Por toda a letra, em seus 52 versos, equivalentes a quase 4 sonetos, circulam inúmeras questões, metaforizadas em imagens tão transparentes ("E onde queres eunuco, garanhão") quanto, quiçá, indecodificáveis ("Onde queres comício, flipper-vídeo"), ou, em sua maioria, ambíguas ("E onde buscas o anjo, sou mulher"). Mas, sem dúvida, duas isotopias destacam-se da "enciclopédia afetiva" da canção: a referência ao campo do corpo erotizado e ao campo da expressão poetizada. Mais uma vez, vale a fórmula de Octavio Paz: erotismo é uma poética corporal, e poesia é uma erótica verbal[11]. Fixemos alguns dos versos em que há referência mais direta e completa à relação de corporalidade entre o sujeito que fala e o Outro (mesmo em letra maiúscula, para lembrar esse grande outro que nos acompanha e do qual fazemos também parte):

3. Onde queres descanso, sou desejo
4. E onde sou só desejo, queres não (...)
12. E onde queres eunuco, garanhão (...)
20. E onde queres ternura, eu sou tesão (...)
22. E onde buscas o anjo, sou mulher
23. Onde queres prazer, sou o que dói (...)
27. Eu queria querer-te e amar o amor (...)
32. E vê só que cilada o amor me armou.

De um lado, daquilo que o Tu quer, temos "descanso", "eunuco", "ternura", "anjo", "prazer"; de outro, o que o Eu é: "desejo", "desejo" (reafirmado), "garanhão", "tesão", "mulher", "o que dói". Parece claro que há uma nítida divergência de vontades, estando o Eu no princípio das potências ativas, afirmadoras, dionisíacas. Quero aqui, está claro também, fazer ecoar (a marteladas) o pensamento de Nietzsche para, à frente, efetuar uma contraposição às difundidas idéias platônicas. Este Eu se expõe enquanto corpo –"desejo", "desejo", "garanhão", "tesão", "mulher", "o que dói"–, mas só encontra do outro lado uma espécie de abstração –"descanso", "eunuco", "ternura", "anjo", "prazer"[12]. Podería-

(11) PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução: Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 12.
(12) Considere-se, sempre, naturalmente, o par opositivo proposto, para se entender que "prazer" no contexto se opõe a "o que dói", indicando portanto algum ato que, embora prazeroso, preserva o corpo.

mos, cúmplices do poeta, propor: "Onde queres neblina, sou chuvisco / E onde queres a gota, sou trovão", num exercício solo de invenção.

Importa, pois, apontar, neste buquê da grande e bruta flor de Caetano, como a canção "O quereres", de certo modo, para além de qualquer leitura de caráter supostamente biografizante[13] – não é disso que se trata –, emblematiza a própria figura *pública* do compositor que, há décadas, vem alternando, com espantosa coerência, atitudes e estéticas diante de contextos os mais díspares: da estética tropicalista à fina estampa, de canções "concretas" a folclóricas, do falatório midiático ao silêncio programado, de campanhas éticas e cidadãs a certas amizades politicamente incorretas etc. O fato é que, com constância, ali onde se espera que o poeta aja ou reaja de um determinado modo, vem a surpresa e o bombástico – feito a canção se move. Em particular, a curiosidade pública acerca da figura de Caetano situa-se no campo da sexualidade: será Caetano homossexual, bicha, gay, perguntam-se os inseguros. A leitura do delicioso livro *Verdade tropical* põe lenha na fogueira: "A dubiedade que já intrigava os garotos no ginásio e que eu próprio tematizei em minha figura pública a partir dos anos 60 expressa conteúdos profundos relativos tanto à natureza dos meus desejos quanto à escolha de papéis. (...) Apesar de ter tido desde a pré-adolescência paixões intensamente sexualizadas por meninas (e a princípio exclusivamente por meninas), sei que nem a mulher nem o homem são, em princípio, antieróticos para mim. (...) Sei que o impulso amoroso pode revelar-se orientado tanto para homens quanto para mulheres, mas não indiferentemente. Porque essas inclinações são, a rigor, excludentes. E não há como pôr na balança esses dois pesos. (...) A idéia de bissexualidade é muito freqüentemente usada para mascarar tanto homossexuais pouco corajosos quanto homófobos envergonhados. Tendo a rejeitar o conceito. (...) Assim, aproximei-me, como figura pública, do que Andrew Sullivan chamou de clima 'ubíquo, vagamente homoerótico'. (...) Tendo tido uma freqüência muitíssimo mais alta de práticas heterossexuais (inclusive dois casamentos vividos com sincera tendência monogâmica), poderia dizer, a esta altura da vida, que me defini como heterossexual. Mas que nada. De todo modo, não há por que obstinar-se na busca de uma nitidez na orientação sexual se ela não se apresenta como evidência espontânea. O que importa é ter os caminhos para o sexo rico e intenso abertos dentro de si."[14]

(13) Ivo Lucchesi e Gilda Dieguez dizem que "O quereres" é "um típico exercício autobiográfico de Caetano" (Cf. LUCCHESI, Ivo & DIEGUEZ, Gilda Korff. *Caetano. Por que não? Uma viagem entre a aurora e a sombra*. Rio de Janeiro: Leviatã Publicações, 1993, p. 189).

(14) VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*.São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 475-478.

N'*O banquete*, Platão dá voz a Sócrates que diz narrar o que ouvira de uma sábia sacerdotisa, chamada Diotima: "Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo. Nesse ponto da vida, meu caro Sócrates, se é que em outro mais, poderia o homem viver, a contemplar o próprio belo."[15] Tais sabidas concepções que se popularizaram com o nome de "amor platônico" não encontram guarida na poética caetânica – em particular, cá em "O quereres". Em Platão, na versão socrática (que, por sua vez, passa a voz a outrem), há uma verticalidade ascensional no conceito e na prática amorosa, que guarda e estimula uma noção de integridade, de uniformidade e de profundidade, e há a supremacia da idéia – em essência inalcançável. A imagem do degrau evidencia o valor do "alto" que o amor idealizado adquire na configuração do tema em Platão.

Mas em "O quereres" não há degraus, só há planos. Desde os planos da harmonia e da regularidade formal, apenas indicados, aos planos do valor propriamente semântico dos versos, não há melhor nem pior, nem alto nem baixo. Embora diferentes, Eu e Tu não se distinguem pelo valor, mas pelas ações. O sujeito poético se plenifica mesmo é na instância da superfície, e sua possibilidade é a incessante metamorfose. Dito de outro modo, a canção de Caetano se faz antiplatônica na medida em que aposta no corpo real (este belo de primeiro degrau a que temos acesso): "desejo", "garanhão", "tesão", "mulher", "o que dói". Ainda, se em Platão o sujeito tende a uma certa uniformidade de princípios e de coerência, para perseguir com método os objetivos pretendidos, aqui, à moda de Nietzsche (este "filósofo ferozmente antiplatônico"[16]), o poeta é mutante, imprevisível, heteróclito, instável: ser de máscaras e de superfícies, sem verdades. Em Platão, idéia, alma, profundidade; em Nietzsche e em Caetano, representação, corpo, superfície. Não há conciliação: 'eu não estou onde você quer'. "Não sou eu quem você está procurando, babe", diria Dylan, na referida canção.

(15) PLATÃO. *O banquete ou Do amor.* 7ª ed. Tradução: J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 174-175.
(16) PESSANHA, José Américo Motta. "Platão: as várias faces do amor". *In: Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 83.

Acerca do tema (amor e subjetividade) e suas conexões, Maria Cristina Franco Ferraz escreveu *Platão – as artimanhas do fingimento*, de onde retiro um trecho de Michel Tournier bastante esclarecedor e envolvente: "Estranho preconceito, contudo, que valoriza cegamente a profundidade em detrimento da superfície e que pretende que *superficial* significa não de *vasta dimensão*, mas de *pouca profundidade*, enquanto que *profundo* significa ao contrário *de grande profundidade* e não *de fraca superfície*. E, entretanto, um sentimento como o amor mede-se bem melhor, ao que me parece, se é que pode ser medido, pela importância de sua superfície do que pelo grau de profundidade." Segue-se sintético e preciso comentário: "O processo de revalorização da superfície transforma-a em vasto espaço de disseminação extensiva em que o corpo, como pura exterioridade e terreno de experimentação, se deixa afetar e contaminar. Nesse movimento de contínua deriva desencadeado pelo uso de máscaras, que Platão identificava à arte dos poetas, dos rapsodos e dos atores, o filósofo não poderia ver senão uma inevitável ameaça para a constituição e estabilização do modelo da identidade. (...) A desqualificação platônica da superfície, das máscaras é, em última instância, o ponto de referência de todas essas operações modernas de revalorização do fingir, da própria ficcionalidade."(17)

Será justamente por intermédio do fazer artístico – logo: pelo arranjo formal que a ficcionalidade poética exige – que o sujeito inventará, se não a solução das incorrespondências de quereres tão diversos, o espaço específico da possível convivência. A "bruta flor do querer", que se fragmenta, se estilhaça, se dispersa, se multiplica, se fere, que mesmo se nega na comezinha e tacanha vida cotidiana, encontrará repouso e abrigo na construção poética, no fingimento medido, na máscara assumida como máscara e sempre máscara, mesmo porque, como disse Nietzsche, "tudo o que é profundo ama a máscara"(18): regular inconstância que para produzir sentido, na forma, obedece a leis internas (ainda que algumas dessas leis não se dêem a ler). Assim, "O quereres" se houve, desde os acordes iniciais, como um "encômio ao Amor": não o amor de um corpo belo, ou de corpos belos, nem da idéia mais alta de um belo em si, mas

(17) FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Platão: as artimanhas do fingimento*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p. 58-59. (Conexões; 3) Para uma leitura detalhada de todo o diálogo de *O banquete*, ,consultar: PESSANHA, José Américo Motta. "Platão: as várias faces do amor". *In: Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 77-103; SCHÜLER, Donaldo. *Eros: dialética e retórica*. São Paulo: Edusp, 1992. (Campi; v. 5); SOUZA, J. Cavalcante de. "Introdução". *In:* PLATÃO. *O banquete ou Do amor.* 7ª ed. Tradução: J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 11-85.

(18) NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 45.

sim o ponto ali onde o belo se torna pura representação, onde se torneia a plasticidade mesma da forma que se deseja, pura intransitividade que transita pelo outro para retornar a si, exercício a que os poetas se prestam para que a arte se signifique e, em silêncio, não se silencie.

Toda a canção é isto: o recolhimento compacto de vidas dissonantes. Separados, antes ["E onde queres eunuco, garanhão", "E onde queres ternura, eu sou tesão" etc.], os lances eróticos, separemos agora os versos que mais se confessam auto-referenciais (guarde-se, por evidente, o já dito: *toda* a canção ***È*** estruturada como uma metalinguagem, seta que aponta para si mesma):

29. Encontrar a mais justa adequação
30. Tudo métrica e rima e nunca dor (...)
33. Eu te quero (e não queres) como sou
34. Não te quero (e não queres) como és (...)
41. Onde queres mistério, eu sou a luz
42. E onde queres um canto, o mundo inteiro (...)

Para compensar e concertar a dor do mundo: a "justa adequação", o jogo perfeito de "métrica e rima"; para compor, simulando, as divergências entre Eu e Tu: o dístico que mimetiza a incorrespondência; para caracterizar a cena poético-musical do sujeito: a sutil remissão a outra canção "Luz e mistério" (1978), em que se diz em duo, com Beto Guedes: "Oh! meu grande bem / Só vejo pistas falsas / É sempre assim / Cada picada aberta me tem mais / Fechado em mim", e também a declaração que, afinal, mais que tudo (porque tão-somente), trata-se de uma canção: "E onde queres um canto, o mundo inteiro". A ambigüidade de "canto", que se espraia do seu sentido geográfico de "lugar" para o sentido poético de "lira", encontra perfeita ressonância no verso-chave do poema: "Onde queres o livre, decassílabo": ali onde o sujeito é cobrado numa identidade pública de inconstância, surge, imperiosa, a "justa adequação", a "métrica", a "rima", o "mundo inteiro" que cabe – e quer-se – num decassílabo. Noutras palavras: do livre (o desregrado, o desprendido) ao decassílabo (ciência de saber fazer o verso), uma vírgula. Em outros cantos e contextos, o verso livre terá sua hora e vez.

Querer-possuir: "Ao compreender que as dificuldades da relação amorosa vêm do fato de que ele está sempre querendo se apropriar de um modo ou de outro do ser amado, o sujeito decide abandonar a partir de então todo 'querer-possuir' a respeito dele."[19] Circular como o

(19) BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 13ª ed. Tradução: Hortênsia dos Santos.Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995, p. 163.

poema, só resta à interpretação, depois de tanta violência (que é esse querer-possuir o outro: o corpo, o poema), descansar. Esgotados, leitor e poeta, ensaio e canção, livres e decassílabos, todos deixamo-nos embalar por novos quereres.

Hoje, "querer" se traduz por, em síntese, "desejar". No entanto, etimologicamente, "querer" veio do latim "quaerere", que significa o que entendemos por "procurar, buscar". Então, entre o desejo e a procura, o poeta parece dizer ao leitor: "eu não estou onde você quer".

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 13ª ed. Tradução: Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

CAMPOS, Augusto de. "O passo à frente de Caetano Veloso e Gilberto Gil" [1967], "A explosão de 'Alegria alegria'" [1967], "Viva a Bahia-ia-ia" [1968]. *Balanço da bossa e outras bossas.* 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 141-177.

DINIZ, Júlio C. Valladão. *Uns caetanos: estudos de composições.* Dissertação. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1987.

FAVARETTO, Celso. *Tropicália – alegoria, alegria*. 2 ed. SP: Ateliê Editorial, 1996.

FERRAZ, Eucanaã. "Cinema falado, poema cantado". *In:* VELOSO, Caetano. *Letra só; Sobre as letras.* Organização: Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Platão: as artimanhas do fingimento*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. (Conexões; 3)

LUCCHESI, Ivo & DIEGUEZ, Gilda Korff. *Caetano. Por que não? Uma viagem entre a aurora e a sombra.* Rio de Janeiro: Leviatã Publicações, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo.* Tradução: Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PESSANHA, José Américo Motta. "Platão: as várias faces do amor". *In: Os sentidos da paixão.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

PLATÃO. *O banquete ou Do amor.* 7 ed. Tradução: J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SANCHES, Pedro Alexandre. *Tropicalismo: decadência bonita do samba.* São Paulo: Boitempo, 2000.

SANTIAGO, Silviano. "Caetano Veloso enquanto superastro". *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 146-163 [1972].

SANTOS, Roberto Corrêa dos. "Quem assina *O cinema falado*". *Tais superfícies: estética e semiologia.* Rio de Janeiro: R. C. dos Santos, 1998, s/nº.

SCHÜLER, Donaldo. *Eros: dialética e retórica.* São Paulo: Edusp, 1992. (Campi; v. 5)

SOUZA, J. Cavalcante de. "Introdução". *In:* PLATÃO. *O banquete ou Do amor.* 7ª ed. Tradução: J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 11-85.

SÜSSEKIND, Flora. "Caetano e seus irmãos". *Papéis colados.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 265-267 [1988].

TATIT, Luiz. *Semiótica da canção – melodia e letra.* 2ª ed. São Paulo: Escuta, 1999.

VELOSO, Caetano. *Letra só; Sobre as letras.* Organização: Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VELOSO, Caetano. *Velô.* Polygram, 1984. Faixa 7.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical.*São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WISNIK, José Miguel. "Apreciação crítico-criativa da obra de Caetano Veloso". *In:* VELOSO, Caetano. *Songbook.* Idealizado, produzido e editado por Almir Chediak. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, [1988].

O Quereres (Caetano Veloso)

Onde queres revólver, sou coqueiro
E onde queres dinheiro, sou paixão
Onde queres descanso, sou desejo
E onde sou só desejo, queres não
E onde não queres nada, nada falta
E onde voas bem alta, eu sou o chão
E onde pisas o chão, minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família, sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon, sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
Onde queres o sim e o não, talvez
E onde vês, eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo, eu sou o irmão
E onde queres cowboy, eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor, bruta flor

Onde queres o ato, eu sou espírito
E onde queres ternura, eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo, sou mulher
Onde queres prazer, sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido, sou herói

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-nos dulcíssima prisão
Encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor, bruta flor

Onde queres comício, flipper-vídeo
E onde queres romance, rock'n'roll
Onde queres a lua, eu sou o sol
E onde a pura natura, o inseticídio
Onde queres mistério, eu sou a luz
E onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro, eu sou obus

O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim[20]

Vila Velha, Brasil, 2004

(20) VELOSO, Caetano. *Velô*. Polygram, 1984. Faixa 7.

poesia italiana

(traduçom de todos os textos ao cuidado de Laura Scalambrin e Carlos Quiroga)

Veneza

À tarde, Veneza
é um grande espectáculo
percorres ruazinhas sombrias,
umha minúscula luz cá e lá.
Vou com o pensamento
atrás no tempo,
de improviso, de umha
das tantas ruas escuras
caminham lentamente;
a cabeça baixa, escondidos
nos negros tabardos
falam em voz baixa,
velhos mercadores venezianos,
embrulhados nos seus enredos.
Tudo isto me fascina
sendo cidade dos amores
permanece, sempre,
Veneza do mistério.

(in Per rivivere –Poesie)

Tu nom o sabes,
mas por ti se abriu
umha janela fechada
e por ela entrou
um cálido raio de sol,
para acalentar
um gélido coraçom
triste e sozinho.

(in Amore e Amore)

Venezia // Di sera, Venezia / è un gran spettacolo / vai per calli semibuie, / una piccola luce qua e la / Con el pensiero vado / indietro nel tempo, / all'improvviso, da una / delle tante calli buie / camminano lentamente; / la testa china, nascosti / nei neri tabarri / parlano sottovoce, / vecchi mercanti veneziani, / avvolti nei loro raggiri. / Tutto questo mi affascina / essendo città degli amori / rimane, sempre, / Venezia del mistero.

Tu non lo sai, / ma hai aperto / una finestra chiusa / ed è entrato / un caldo raggio di sole, / per riscaldare / un gelido cuore / triste e solo.

Ode ao cu feminino

Umbigo do mundo escondido,
lugar posterior do insólito nom visto,
centro de gravidade das mulheres,
encontro de linhas estéticas.
Forma rotunda da alma feminina:
Anda, move-se para acima e para abaixo,
grande, branco, bandolim:
às vezes inteligente, outras vezes louco:
Músculo que a vida impulsa,
corrida veloz, pedra feliz;
segura a espinha dorsal,
fecha a bacia, argola do amor,
travesseiro macio.
Pensa mil pensamentos, cai triste,
ancorado à cadeira de um trabalho chato.
Ágil e redondo, firme, feliz
em baixo dos vestidos atrai o olhar, acaricia.
Alma escondida: mostra ao espelho
[umha parte da sombra do íntimo teu.

(inédito)

Toupeira

Esperimento dobras macias
de lábios curiosos.
Maos compridas descobrem com calma.
Sorriem cúmplices
olhos cristalinos;
convergem de longe de um quarto feio,
onde a ternura dos gestos,
posta a nu pelas palavras,
afasta.
Um beijo no ventre nu,
é a última fantasia do desejo;
depois retira-se inacabado,
no covil da toupeira.

(inédito)

Ode al culo femminile // Ombelico del mondo nascosto, / posteriore luogo dell'insolito non visto, / centro di gravità delle donne, / incontro di linee estetiche. / Forma rotonda dell'anima femminile. / Cammina, si muove su e giù, / grande, bianco, a mandolino: / a volte intelligente, altre stolido. / Muscolo spinta della vita, / corsa veloce, sesso felice; / sorregge la spina dorsale, / chiude il bacino, maniglia dell'amore, / cuscino morbido. / Pesa di mille pensieri, casca giù triste, / ancorato alla sedia di un lavoro tedioso. / Scattante e rotondo, sodo, felice / sotto i vestiti attira gli sguardi, accarezza. / Anima nascosta: allo specchio mostra una parte dell'ombra del tuo intimo.

Talpa // Assaggio morbide pieghe / di labbra curiose. / Mani lunghe scoprono con calma. / Sorridono complici / occhi cristallini; / convergono lontano da una brutta stanza, / dove la tenerezza dei gesti, / messa a nudo dalle parole, / allontana. / Un bacio sul ventre nudo, / è l'ultima fantasia del desiderio; / poi si ritira incompiuto, / nella tana profonda di talpa.

Universo

Universo farto
de persianas abertas
a todos os caos
viste-te de júbilo:
esquece-me!

(in Fuga dalla memoria d'agosto)

Sobre a testa a sombra das bétulas
silenciosa cadência de umha nórdica fuga
da memória de Agosto.
Deixada a vela por outros litorais
debaixo da bonança
retoma o tempo e geme
umha cantilena ilustre
para mitigar a história.
Tu eras umha quinta-feira de festa.

(in Fuga dalla memoria d'agosto)

Cosmo // Cosmo saturo / di persiane aperte / a tutti i caos /
vestìti da giubileo: / dimenticami!

Sulla fronte l'ombra delle betulle / silenziosa cadenza di una nordica fuga / dalla memoria d'agosto. / Lasciata la vela per altre marine / sotto la bonaccia / riprende il tempo e geme / una cantafera illustre / per lenire la storia. / Tu eri un giovedì di festa.

Ai Beatrice
cálida demora
enchida figura gélida
havendo iniciado
ladainhas
murmurando
nas ondas
pregando quais
rochas
sagrados templos
usurparás
virgem
zingara

Ah Beatrice / calda dimora / empia figura gelida / hai intonato / litanie / mormorando / nelle onde / pregando queste / rocce / sacri templi / usurperai / vergine / zingara

IRLANDA: *MUDANDO A MODO*

por *António Allegue Leira*

A CAPITAL

Baile Átha Cliath ou Dublin vem sendo desde hai ano e meio o meu lugar de residência e desde onde percebo o que está a acontecer num país com o qual a Galiza guarda certas semelhanças, e ao que recentemente muita gente olha como um exemplo exitoso de naçom que passou da emigraçom, a pobreza, o submetimento e a fame hai só umhas décadas, a um *tigrino* deselvolvimento económico, umha integraçom europeia quase completa (apesar da negativa em referendo ao tratado de Nice no ano passado) e a ser umha naçom destino e nom ponto de partida para muitos emigrates.

Como qualquer capital, Dublin é umha cidade palpitante, plena de "alma" e com o ambiente e a actividade que se lhe pode supor a um núcleo de mais de milhom e meio de habitantes, que é via de entrada para os aproximadamente 28.000 estragei-ros que buscam umha oportunidade neste país cada ano. Umha emergente "*melting pot*", europeus comunitários e extra-comunitários, americanos, asiáticos ou africanos fundem-se na capital movidos por diferentes interesses, e seguramente todos eles som um dos factores que contribuíu para o rápido crescimento de Irlanda com a aportaçom daquelas habilidades e conhecimentos de que os nativos carecem. Diversidade cultural, música, cinema, teatro, museus, e, por suposto, umha "pinta" de Guiness servida num dos mais de 800 *pubs* capitalinos fam com que seja doado passá-lo bem.

Contodo, Dublin ainda tem que enfrentar e solucionar nesta década importantes assuntos estruturais, económicos e sociais que umha cidade que já foi capital europeia da cultura deve situar preferencialmente na sua agenda. Um problema que pode resultar-nos familiar é o desesperante caos circulatório que 255.000 condutores suportam cada manhá cando tratam de aceder ao centro urbano, algo que está notoriamente agravado polos centos de veículos pesados que, circulando por ambas as marges do rio Liffey, diariamente se dirigem ou partem do porto de Dublin. A soluçom, o Port Tunnel, nom se verá até ao ano 2004 no melhor dos casos. Devo apontar que Dublin carece de transporte subterráneo e a projectada linha de metro que vai unir o aeroporto e a cidade nom estará aber-

ta até ao ano 2008. Finalmente, poderia mencionar outra grande obra que ninguém sabe quando vai estar rematada, o Estádio Nacional ou *Bertie Bowl* (nomeado assi tras o primeiro ministro Bertie Ahern). Tanto o governo como a Federaçom Irlandesa de Futebol levam investido milhons somente em papelada e, quando se bota umha olhada aos 10 magníficos estádios que se construírom na Coreia do Sul em só 5 anos, muita gente começa a fazer perguntas.

Outro tema de actualidade, e sem dúvida motivo de preocupaçom para os dublinenses, é o preço da vivenda. Irlanda é um país no qual é importate possuir a vivenda que um habita, mais de 80% das famílias som donas das suas casas, umha percentage superior à de qualquer outro estado da Uniom Europeia. Mas esta situaçom assinha poderia ter que mudar, desde 1996 o preço dumha vivenda em Dublin incrementou-se numha média de 19% anualmente, e o custo dum apartamento de 100 metros quadrados numha boa zona do centro ronda os 360.000 euros. O plano do ano 2000 através do qual o Governo pretendia que 20% das novas vivendas fossem de carácter social nom está cristalizando e os construtores estám destinando só entre 5% e 10% das novas unidades aos planos de protecçom oficial, sendo a consequência que o número de famílias a aguardar por umha "casa barata" incrementou-se em 35% nos últimos três anos. Porém, todos estes dados podem nom resultar-nos demasiado impressionantes, já que Espanha ainda está por riba da Irlanda no que di respeito ao encarecimento da vivenda nos últimos 20 anos.

Mas, como está a afectar todo o anterior a vida dos dublinenses? Os últimos estudos assinalam que os residentes na capital som mais ricos e pretensiosos que o resto dos compatriotas, e tamém mais agros, indiferentes e difíceis de conhecer. A gente do rural parece ser máis feliz. Talvez se deva às exigências da vida moderna, quando se aceita a ideia de que é importante triunfar profissionalmente, mudar de carro cada ano, ir de férias às Bahamas e viver num palácio, pensar em um primeiro e depois nos demais, é a consequência lógica.

INSTANTÁNEOS SOCIAIS

Neste apartado vou tentar, brevemente, mencionar alguns dos temas que estám de actualidade ou que preocupam e singularizam a sociedade irlandesa no presente. A juventude, os novos padrons nas formaçons familiares, o aborto ou a dieta dos irlandeses configuram os próximos paragráfos.

Irlanda é a naçon mais nova da Uniom Europeia, 1.071.972 dos seus

habitantes, 29% da populaçom, som menores de idade. Isto poderia parecer, em princípio, umha circunstáncia mui esperançadora, mas umha importante percentage desta seiva nova vive numha situaçom muitas vezes penosa. Apesar da época de prosperidade que vive o país, 140.000 menores encontram-se num estado de pobreza crónica, com o conseguinte risco de cair na rede das drogas, a prostituiçom ou o crime. De facto, 40% de todos os crimes que se cometem som perpetrados por adolescentes de entre 14 e 17 anos, o número de moços sem-abrigo em Dublin está chegando a níveis alarmantes e mais de 4.000 nenos vivem em centros de acolhida. Este panorama desembocou em recentes propostas legislativas que teriam como objetivo a implantaçom do "toque de recolha" para os delinqüentes juvenis ou um bilhete de identidade obrigatório para todos os menores de 25 anos, propostas qualificadas como autoritárias ou discriminatórias polo Conselho Nacional da Juventude de Irlanda ou o Conselho Irlandês polas Liberdades Civis. A soluçom teria que vir através dum aumento de recursos, quer dizer, mais centros especializados focados para a re-educaçom, a prevençom e a mudança de certas atitudes e condutas como a cultura da bebida, orige dumha preocupante vaga de violência de rua.

O facto de a Irlanda ser umha naçom dinámica, que está cambiando a grande velocidade, tamém se reflicte na configuraçom dum número cada vez maior de famílias. Muitas parelhas decidem agora viver juntas sem estar enlaçadas através do matrimónio e incrementa-se rapidamente a percentage de mais que decidem criar os seus filhos sem umha figura paterna. Em 1994, um de cada quatro nenos nascia

fora do matrimónio, agora a razom elevou-se de tal forma que mais de um de cada três nenos é filho de mai solteira. Tamém é curioso o facto de que as mulheres tendem a ter filhos mais tarde na sua vida, em 1991 o grupo que mais dava à luz (31%) tinha entre 25 e 29 anos, dez anos depois um terço das mulheres parem quando tenhem entre 30 e 34 anos. Por outra banda, tamém e interessante sublinhar que a proporçom de gente divorciada ou separada é ainda pequena mas tamém medra velozmente. Em 1979 só 6'1 persoas por cada 1000 estavam divorciadas ou separadas, mas o censo de 1996 revelou que daquela já se encontravam nesta situaçom 59'7 pessoas por cada milhar. Todos estes e outros dados serám actualizados proximamente quando se revelem os resultados do último censo de populaçom de 28 de Abril passado.

O que nom mudou na Irlanda no passado 7 de Março foi a posiçom frente ao aborto. 50'4% dos votantes rejeitárom a proposta apoiada polo governo de restringir ainda mais as já de por si restritivas leis do aborto. A actual legislaçom, baseada numha sentença do Tribunal Supremo, só permite a interrupçom da gravidez se houver um risco real ou substancial para a vida da grávida porque esta poda suicidar-se. Os resultados mostrárom umha diferença de atitudes entre as cidades, que votárom maioritariamente "nom" á proposta, e o campo, onde o "si" foi fortemente respaldado. De todos os geitos, a participaçom foi baixa.

Fortemente conectado com o tema do aborto está o grave problema dos delitos de índole sexual. No mês passado lim de forma casual no *Irish Independent* um pequeno artigo de só seis parágrafos em que se mencioavam as conclusons dum estudo para cuja realizaçom fôrom entrevistados mais de três mil adultos. Os resultados poderiam qualificar-se de alarmantes se se derem por certos. Umha de cada dez mulheres e um três por cento dos homes entrevistados dixérom que, bem na sua infância, bem sendo já adultos, foram violados. 40% das mulheres manifestárom que experimentaram algumha forma de abuso ou violência sexual. Umha de cada cinco mulheres e um de cada seis homes sofrêrom algum tipo de abuso sendo nenos. Na maior parte dos casos, as vítimas nom atingiram a puberdade e o ofensor foi um home, que às vezes, segundo se vem revelando em escándalos cada vez mais freqüentes, foi ordenado num seminário.

O CENÁRIO POLÍTICO

O 17 de Maio passado foi a data escolhida polo Primeiro Ministro irlandês ou Taoiseach, Bertie Ahern, como jornada de eleiçons gerais. O

político mais popular na Irlanda e líder do partido maioritário Fianna Fáil, que governou durante a última legislatura em coaligaçom com umha pequena força de centro dereita (os PDs ou Democratas Progresistas) que, entre outros pontos centrais no seu programa, defende a privatizaçom de empresas estatais como a linha aérea nacional Aer Lingus, a empresa que canaliza o gas natural Bord Gais ou a companhia nacional de eletricidade ESB, convocava os irlandeses para escolher os seus representantes para os próximos cinco anos. Depois das votaçons para eleger, dentro das 42 circunscripçons do país, os 166 deputados que formariam o vigéssimo nono Dáil ou cámara de representantes, o *status quo* mantivo-se sem alteraçons significativas. O Fianna Fáil reforçou a sua posiçom com mais quatro assentos (81), mas nom atingiu a maioria absoluta, polo que vai seguir a governar em coaligaçom com os PDs que, apesar de perderem um 0'7% do seu apoio e estarem agora respaldados por só 3'7% dos votos, duplicárom o seu número de representantes e tenhem agora 8. No que di respeito a outras forças políticas, hai que sublinhar o descalabro do segundo partido em importáncia, o Fine Gael, que perdeu 23 assentos, passando de 54 a 31, e a situaçom estacionária do Partido Laborista, que com 21 deputados seguirá sendo a terceira formaçom mais votada do país. Porém, os grandes ganhadores nestas eleiçons segundo muitas pessoas fôrom dous partidos ainda minoritários, o Sinn Fein, que passou de ter um só deputado a ter cinco, e os Verdes, que subirom de dous a seis o seu número de representantes na Assembleia.

Durante a campanha eleitoral os partidos da oposiçom atacárom o governo em diferentes frentes que dominárom as suas agendas e manifestos. Segundo estes, a coaligaçom no poder prometera umha política de toleráncia cero em matéria de segurança cidadá, mas o crime e a violência nas ruas aumentou em 131%. Em 1997, o Taoiseach comprometera-se a reduzir as listas de espera nos hospitais mas de facto estas elevárom-se em 24% só em Dublin. A inflaçom interanual situa-se agora num 5'4%, dobrando a média dos países da zona euro e o preço dumha vivenda é quase o dobre que hai seis anos. A todas estas críticas, o chefe do governo respondeu que o período de bonança que está a viver o país vai ser recordado como umha era dourada para a Irlanda. Segundo ele, durante o seu mandato criárom-se mais de 400.000 postos de trabalho, a taxa de desemprego reduziu-se de 10'3 a 4'3%, o gasto em saúde incrementou-se em 70%, o crescimento económico é imparável e a emigraçom interrompeu-se. Como ocorre em toda a parte, quem está no poder

sublinha o que vai bem e a oposiçom magnifica o que vai mal.

Mas, agora que as eleiçons gerais som para Bertie Ahern umha prova superada, o Taoiseach enfrenta o que pode ser o maior repto na sua carreira política: reverter a negativa em referendo ao Tratado de Nice através da convocatória, provavelmente neste Outono, dum segundo referendo sobre a mesma matéria. De acordo com o máximo mandatário irlandês, nom se pode conceber umha retirada parcial da Irlanda da Uniom Europeia, o país poderia acabar sendo umha espécie de cabeça-de-turco se o "nom" volta a ganhar ainda que certos membros da Uniom, entre eles Espanha, poderiam sorrateiramente alegrar-se deste resultado, já que assi manteriam a sua posiçom como receptores de ajudas e fundos estruturais. Segundo o líder irlandês, a image e a reputaçom da Irlanda, dentro da Uniom e diante dos países do Leste que som candidatos a umha ampliaçom, foi danada polo resultado do referendo do ano passado. Os irlandeses poderiam ser vistos injustamente como cobiçosos pedichas que nom estám dispostos a repartir os despojos. Se a Irlanda votar "si", o Tratado de Nice seria ratificado e dez novos países passariam a fazer parte da Uniom, ainda que provavelmente, num período de dous anos, o Tratado passaria a ser obsoleto e um novo acordo, que já se começou a debater em Bruxelas, tomaria o relevo. A neutralidade militar de Irlanda, cuja limitaçom foi umha das razons para que triunfasse o Nom em 2000, teria que estar garantida.

Ainda que seja no último minuto, devo mencionar neste ítem o esforço de diversos grupos cada vez mais numerosos e consolidados que luitam por diferentes causas ainda que nom sejam formaçons políticas convencionais. *Globalise Resistance, Reclaim the Streets*, *Critical Mass* ou *Gluaisecht* (Movimento) manifestam-se e movilizamse por motivos tam diferentes como o encerramento da central nuclear de Sellafield, a escaseza de espaço verde urbano e possibilidades para os ciclistas, mais controlo sobre as multinacionais, a alteraçom dos preconceitos que fomentam o racismo, a déveda do Terceiro Mundo, etc. Mas estes grupos representam em certa medida umha ameaça para o *establishment* e, às vezes, a exibiçom do seu desacordo pode acabar em brutalidade policial, como ocorreu no passado 6 de Maio nas cêntricas ruas de Dublin, quando, durante as manifestaçons e festejos do Dia do Trabalho, grupos de activistas sofrêrom as feras reacçons dos guardas no que já se lembra como o *Bloody Monday*.

POUCO A POUCO

Penso que o leitor já entreviu que a Irlanda é sem dúbida umha naçom que, ainda que disposta a superar desvantages históricas e a apostar pola mudança com apoio externo, tamém é um povo cauto e em muitos aspectos tradicionalista. Neste último epígrafe simplesmente vou expor algumhas facetas em que os irlandeses som conscientes de que som necessárias acçons, ainda que estám por definir planos concretos, e duas destas matérias som a saúde e o ambiente.

À diferença doutros estados europeus, na Irlanda a assistência sanitária gratuíta nom está garantida para todos os cidadaos, e a tentativa de fazer este serviço mais universal dominou os programas da maior parte das formaçons políticas nas últimas eleiçons. A nível individual só as pessoas maiores de 70 anos ou com uns ingressos ínfimos tenhem direito a um cartom sanitário, o resto da populaçom está submetida a umha série de condiçons como o ter pessoas idosas a seu cargo, sofrer algum tipo de minusvalia ou outras excepçons. Como conseqüência, a maior parte dos cidadáns devem desembolsar umha quantidade cada vez que um problema de saúde os obriga a visitar um médico de família. Os facultativos tenhem certa liberdade à hora de fixar as suas tarifas, e exercem como médicos particulares. Desde qualquer ponto de vista, e quando se perseguem os objetivos dum Estado de Bem-estar, a atençom primária deveria ser gratuita e provir e estar sustentada por um serviço de saúde público, umha ideia que se tentou fazer realidade em finais dos anos quarenta, mas a oposiçom da classe médica e a igreja católica encarregárom-se de frustrá-la. Se um paciente requer umha atençom mais especializada, hospitalizaçom, cirurgia ou outra classe de tratamento mais complexo é quando o que se conhece como 'two-tier system', ou sistema de duas bancadas, entra em cena. Quarenta por cento da populaçom, mais de milhom e meio de pessoas, encontra a tranqüilidade e cobertura necessárias através dum seguro médico privado, o resto confia no sistema de saúde pública que possui a maioria de hospitais, ainda que problemas como um financiamento insuficiente, falta de camas ou longuíssimas listas de espera começam a ser realmente preocupantes.

A questom da protecçom ambiental está cada vez mais presente entre a sociedade irlandesa, e isto viu-se plasmado por exemplo na subida que os Verdes experimentárom nas últimas eleiçons. Os efeitos do cámbio climático tamém se percebem na Irlanda, onde, por exemplo, os veraos som agora mais cálidos mas tamém mais húmidos e chuvosos. Nos passa-

dos meses de Maio e Junho dérom-se as maiores precipitaçons desde que se elaboram registos meteorológicos, e a perda de colheitas inteiras foi a conseqüência. Os vertedoiros de lixo ilegais proliferam nos lugares máis insuspeitos. Falta legislaçom no que se refere à protecçom da paisage, limitaçom da especulaçom urbanística e um plano florestal concreto, isso segundo o Conselho Irlandês do Património. Ainda que a Irlanda, como signatária do Tratado de Kioto, está investindo em nova tecnologia para reduzir a emissom de gases contaminantes, a realidade é que neste momento o país contamina 24% mais que em 1990, e hai que ter em conta que o próprio tratado estabelece para o período 2008-2012 um limite de 13% superior aos níveis de poluiçom do ano 90. Contodo, está-se a fazer um esforço importante na direcçom certa e entre os exemplos que se poderiam citar estám a criaçom de instituiçons como a Agência de Protecçom Ambiental ou a posta em marcha do Programa de Protecçom Ambiental Rural no ano 94, um projecto que pretende fazer participar activamente milhares de gadeiros, e compensá-los por isso, na conservaçom do habitat especialmente através dumha gestom responsável das suas granjas de jeito que, por exemplo, o uso de fertilizantes, que tanto afectam a qualidade da água, se minimize num país que conta com centos de exploraçons agro-pecuárias intensivas.

Estas e outras qüestons em que limitaçons de espaço e conhecimentos me impedem aprofundar, som os temas de actualidade na República de Irlanda do século XXI. O que si gostaria de recomendar ao possível leitor é umha viage por estas terras, porque, para além de algumhas das circunstáncias problemáticas que citei previamente, Eire é um lugar único. Com Dublin normalmente como introduçom, ao visitante pode resultar difícil decidir por onde começar a descobrir o resto dum país que tem tanto para oferecer. História, pré-historia, património, tradiçom, religiom, música, natureza, paisage e identidade bridarám ao viajante o suporte que fará a sua estadia, se for suficientemente curioso, inesquecí-vel. E, por outra parte, a experiência e visom que poda forjar pessoalmente podem fazer do meu relato algo irrelevante. So podo terminar dizendo que, como galego, talvez Irlanda seja um dos lugares onde a saudade é mais levadeira; o mar, a chuva, o omnipresente verdor, as vacas, as igrejas, os cruzeiros, o gosto pola pataca e os nabos, a gaita e o humor retranqueiro dos irlandeses, ajudam-me a nom botar tanto em falta Galiza.

(Julho de 2002)

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 205 - 219 / ISSN 1130-3557

ENTREVISTA

JOSÉ DAVID SANTOS ARAÚJO

por Xavier Vasques Freire

"Há um namoro secreto entre a Galiza e Portugal"

Fruto de uma pesquisa ampla e demorada sobre todo o acontecer lusogalaico, o livro recentemente editado de José David Santos Araújo, *Portugal e Galiza: Encantos e encontros* (Ed. Laiovento & AGAL), constitui um trabalho lúcido, claro, didáctico e pedagógico sobre encontros e contactos entre intelectuais galegos e portugueses nos sécs. XIX e XX. David Araújo nasceu em Caracas (Venezuela) em 1961, filho de emigrantes portugueses. Tirou o título de Licenciatura na Faculdade de Filosofia de Braga e o Mestrado em Filosofia e Cultura Portuguesa na Universidade do Minho. Actualmente lecciona Filosofia na Escola Secundária de Vila Verde e é Presidente do Fórum de Amizade Galiza Portugal.

Como é que surgiu em você esse interesse pola Galiza?

Foi um interesse que surgiu lentamente. A primeira vez que me interessei pela Galiza foi por causa de um rapaz que era da Galiza e que estudava comigo quando andava na Faculdade. Ele falava-me muitas vezes da Galiza. Mais tarde, encontrei um livrinho sobre o nacionalismo galego, um livrinho escrito em Português padrão, e fiquei muito sensibilizado pela *Teoria do Nacionalismo Galego* de Vicente Risco, que continuo a pensar que é uma obra chave no Galeguismo daquela época e de agora. E depois também houve outro factor familiar: o meu pai foi emigrante na Venezuela e conhecia bem a realidade dos galegos com quem convivia. Chegou-me mesmo a dizer que na Galiza se falava uma língua diferente do Espanhol, uma coisa que eu na altura achei muito estranha porque também tinha a ideia, como a maioria dos Portugueses ainda hoje têm, de que o Estado espanhol era unitário e homogéneo, que não corresponde à verdade. Portanto, foi a partir destes três momentos que foi surgindo em mim este gosto pela Galiza. Posso dizer que tem algo de irracional. Como muitas coisas na vida, não foi pensado nem projectado, e que foi o encanto e encontro que tive pela Galiza. E assim foi como aos poucos fui conhecendo a verdadeira Galiza. E fiquei encantado com ela.

Qual é o porquê do título do livro, Portugal e Galiza: Encantos e encontros*?*

Bem, o livro de início não tinha esse título. O livro foi inicialmente uma tese de mestrado que foi apresentada na Universidade do Minho, e o título da tese era *Encontros e influências entre intelectuais galegos e portugueses no séculos XIX e XX*. Mas como era um título muito grande mudou-se e deu-se-lhe um título mais curto, e que dissesse alguma coisa sobre o conteúdo do livro ao comum dos leitores, que não são os especialistas em coisa nenhuma.

Quais são as origens do livro?

Eu já várias vezes tinha escrito e me tinha interessado por coisas da Galiza, e fui alimentando este projecto, este sonho de escrever um dia um livro sobre Portugal e Galiza, e sobre pontos de contacto. Ao inscrever-me numa tese de mestrado decidi que aquele era o momento de arregaçar as mangas e de começar a trabalhar naquele projecto. Contactei o professor Isaac Estraviz, que para mim foi uma pessoa fundamental na elaboração desta obra, porque me cedeu imensos livros, imensos documentos para eu poder levar avante este trabalho. E assim a obra foi surgindo. Convidei-o para ser o meu orientador de estágio. Foi um convite acertado porque ele assumiu muito bem o seu papel e entusiasmou-me para que o trabalho fosse levado avante. E o trabalho foi aparecendo e agora

lembramo-nos de o editar porque penso que é extremamente importante para o nacionalismo galego, que vive talvez no momento presente uma situação de alguma encruzilhada, e penso que até para o nacionalismo galego é importante para traçar novos horizontes e novas perspectivas.

Qual é a sua visão a respeito da problemática da língua na Galiza?

Bem, a língua da Galiza só tem uma solução, que é de facto aquilo que dizem os reintegracionistas. Os reintegracionistas estão correctos. Se a língua e o nosso idioma é o mesmo, deve ser escrito da mesma maneira em toda a parte do Mundo. Isto não diminui a língua da Galiza. Bem pelo contrário, fá-la projectar internacionalmente, e os livros e jornais que forem editados em Galego-Português padrão passam a poder ser lidos em toda a parte do Mundo, não só na Galiza e Portugal, mas também em países como o Brasil, Angola, Moçambique, e outros. E assim poderão ser lidos em todos esses países jornais e revistas da Galiza. Mas, se insistirem no isolacionismo, isso nem os Portugueses entendem o que lá está escrito, e é muito mau para a língua da Galiza. Estas ideias já vinham sendo desenvolvidas desde o Galeguismo do século XIX, que era de feição lusista. As pessoas mais importantes do Galeguismo eram e foram lusistas.

Que figuras é que acha básicas no lusismo na Galiza e quais as ideias fundamentais do ideário dessas figuras?

Toda a tradição do Galeguismo procurava o reencontro portugalaico. No fundo procuravam-no. Claro que uns tinham mais consciência, outros menos, mas todos eles sentiam ou intuiam que entre Galegos e Portugueses somos o mesmo povo, tivemos um passado comum muito importante na antiguidade, e possivelmente teremos um futuro destino comum na criação de uma nova civilização. Todos os intelectuais da Galiza tanto do século XIX como de parte do século XX tinham esta intuição e sabiam isto, tinham isto presente. Mas as perspectivas isolacionistas também eram muito fortes, como hoje continuam a ser fortes, e boicotaram este normal desenvolvimento do Galeguismo. Ao afastar a Galiza de uma cultura comum galego-portuguesa nós estamos a isolar a Galiza e a impedi-la que ela evolua naturalmente. E estamos a recortar o futuro, porque a Galiza não terá futuro se não abraçar esta cultura comum que irá de certa forma salvar a Galiza e abrir-lhe horizontes.

«Toda a tradição do Galeguismo procurava o reencontro portugalaico»

Que figuras abriram esse caminho de achegamento galego-português?

Muitas pessoas, desde Manuel Murguia e Eduardo Pondal já tin-

ham isto em mente. Depois, mais tarde, a família Carré, da Corunha, que eu acho que deveria existir um estudo específico sobre esta família, que criaram na sua livraria aquela tertúlia da *Cova Céltica*, foram pessoas determinantes e importantes nesta redescoberta do que temos em comum entre Portugueses e Galegos. Outra figura que também acho muito importante e de que falo no livro é o Marquês de Figueiroa, mais pelo papel de mecenas, de pessoa que patrocinava estes encontros, sendo ele próprio patrocinador de uma homenagem a Camões que se fez na Galiza. Isto também tinha o interesse de dar a conhecer Camões, porque na altura na Galiza descobrira-se que Camões era descendente de Galegos –os seus antepassados eram de Camos, Concelho de Nigrão, ali perto de Vigo–, e quando o descobriram viram que era uma figura chave de ligação entre Portugal e a Galiza. Depois, o nacionalismo galego dos anos 20 e 30 também teve um papel preponderante e as principais figuras também eram claramente lusistas. Claro que não deram passos mais assumidos porque havia as estátuas de sal de que falava Vicente Risco, e mais não eram do que preconceitos, do que estereótipos, do que receios, enfim, que havia nesse Galeguismo. Mas passado o tempo desde aquela altura penso que a maré, que a história, que a situação histórica do Mundo outra vez propicia a que haja este grande reencontro entre Portugueses e Galegos. Isto não deve passar apenas pelo mundo da língua. O mundo da língua deve ter o seu espaço próprio, mas há outros espaços como o da filosofia, o da cultura em geral, o mundo social, os encontros de pessoas, de paróquias, e de povos, que é fundamental também que se verifiquem.

«O isolacionismo vira-se contra a própria Galiza porque está associado ao poder galego que no contexto actual se vira contra a Galiza e não é verdadeiramente galego...»

Como é que explica então o sucesso do isolacionismo? Como é que afinal atingiu tanto poder e se acabou por impor como fórmula preponderante?

O isolacionismo vira-se contra a própria Galiza porque está associado ao poder galego que no contexto actual se vira contra a Galiza e não é verdadeiramente galego, e que serve os ideais imperialistas de Castela e que poderá pensar de uma forma pouco inteligente que se a Galiza for isolacionista que estará mais unida a Castela ou mais unida a Espanha, e eu penso que não é essa a razão nem é por aí nem se deve pôr nesses termos a problemática. O problema deve-se pôr em dar horizontes à Galiza, horizontes diferentes, como o próprio Castelão dizia, o povo da Galiza deveria conhecer línguas, tanto o Galego-Português como o

Castelhano ou outras línguas para lhe dar uma dimensão universal. Isso é que tem interesse. Mas transformar a língua universal da Galiza numa língua menor, isolada do mundo lusófono, isso é que é extremamente negativo, porque é diminuir a própria cultura da Galiza e retirar-lhe o sentido universalista que deve ter.

Qual é o momento actual no que tem a ver com os encontros entre a Galiza e Portugal?

Há sempre um passado, e na Galiza o Galeguismo foi e é um projecto privado. O Galeguismo não é oficial, não é público, quer dizer, foram figuras, foram personalidades da Galiza que abraçaram o Galeguismo e cada um por si foi desenvolvendo o seu Galeguismo e eu penso que na actualidade este achegamento entre Portugal e Galiza também é privado, também é mais de pequenas organizações, de pequenos movimentos, mas não é oficial. O que oficialmente se tem feito, que é o chamado EIXO ATLÂNTICO, entre a "Galicia" e o Norte de Portugal –eu insisto em "Galicia", para ver a diferença– não passa do folclore e não serve os reais interesses nem de Portugal nem da Galiza, nem da Península Ibérica, e que pode trazer alguns benefícios na União Europeia, mas que em termos sociais e das populações que aqui vivem, dos milhões de pessoas que aqui vivem, não é significativo, e vemos que a Galiza e Portugal continuam de costas voltadas, apesar de fazermos parte de uma eurorregião, mas não se vêem os devidos efeitos na vida das pessoas, e na maneira de pensar das pessoas, porque as coisas são feitas nas costas das populações contra elas mesmas, isto é, para eludir as populações que aqui vivem e para eludir também a própria União Europeia e o espírito da União Europeia, que está a ser alterado, porque não criamos social e popularmente uma verdadeira eurorregião que deveria ter sido criada, e já teve tempo suficiente para ter sido criada. A maioria dos Portugueses continua desconhecendo inteiramente a Galiza, como muita gente da Galiza continua a desconhecer Portugal. Portanto, este *Eixo Atlântico* não tem feito o seu trabalho nem tem cumprido o espírito para o qual foi criado dentro da União Europeia.

Quais são então os caminhos a seguir para achegar a Galiza e Portugal num futuro comum?

Bem, o futuro europeu será comum entre todos os europeus, e deve-se colocar também dentro da perspectiva europeia. Mas, claro, dentro de Europa há povos que estão destinados a viver mais em comum do que outros. Entre Portugueses e Galegos deve haver uma grande proximidade. Isso não significa que a Galiza deixe o Estado espanhol e se integre no Estado português. Não é necessário isto. O que é necessário é que haja um entendimento e um conhecimento entre ambas as mar-

gens do rio Minho, e que seja um conhecimento profundo. E penso que todas as iniciativas de geminações entre vilas e entre povos dos dois lados, a divulgação de livros comuns entre Portugal e a Galiza, a criação de programas diversos de informação, de rádio e de televisão em comum, e até de jornais, isto é fundamental para que possamos viver de facto mais em comum. Eu penso que isto passa pela criação de obras e pela produção de mais obras como esta que eu agora apresento, e a continuação de outros trabalhos como este, porque esta obra não tem por missão mais do que ser uma introdução à problemática. O tema não está esgotado, há muito que escrever sobre os contactos entre os intelectuais galegos e portugueses nos séculos XIX e XX. Ainda há muito que está por dizer. Portanto, este tipo de obras e os encontros entre os cidadãos dos dois lados do rio Minho são fundamentais para que se crie um contexto favorável ao conhecimento comum, como as próprias universidades deviam criar cursos ou disciplinas sobre esta influência mútua entre Galegos e Portugueses. E, porém, vemos que as escolas secundárias e as superiores não têm divulgado suficiente sobre a nossa cultura comum.

Porque é que continua Portugal de costas à Galiza?

Bem, a situação da Galiza é diferente da portuguesa neste aspecto. A Galiza porque é dominada por uma elite política pouco galeguista, ainda que o seja na aparência. Portugal porque historicamente teve um império e ficou chocado com a sua perda e ainda não se refez dessa perda. Por outro lado, historicamente também a elite política portuguesa sempre teve receio de Espanha e de Castela, e, claro, o fomentar as relações entre Galegos e Portugueses pode causar algum receio em Lisboa de que o Estado espanhol reaja negativamente. Mas há também um outro factor muito importante. Nós hoje somos governados por pessoas ignorantes. E há uma ignorância muito grande nas elites políticas, que sabem pouco, percebem pouco daquilo que fazem, que por mecanismos que provavelmente têm a ver com o próprio sistema partidário em que os lugares importantes são ocupados por pessoas ligadas aos partidos políticos que vencem, e muita dessa gente não está preparada para governar nem tem cultura suficiente. E isto também nos afecta, e tem afectado este intercâmbio cultural entre a Galiza e Portugal. E claro, é tam-

«...fomentar as relações entre Galegos e Portugueses pode causar algum receio em Lisboa de que o Estado espanhol reaja negativamente. (...) Nós hoje somos governados por pessoas ignorantes.»

bém necessário que as elites políticas sejam mais cultas e estejam mais informadas, que leiam livros, que desenvolvam a sua própria cultura, e isso é o que não tem acontecido.

Você é um grande dinamizador de encontros culturais galego-portugueses. Como têm sido essas experiências a nível social entre pessoas de ambos os lados da raia?

Têm sido muito bons, muito positivos. Tenho tudo a dizer de bom, correram todos bem. Houve de facto um reencontro entre irmãos que quase se desconheciam e o que tenho a dizer é que tanto Galegos como Portugueses devemos continuar a fazer isto, estes encontros entre pessoas dos dois lados, entre jovens e menos jovens dos dois lados da raia, e ao fim de uns momentos o que se nota é que há de facto um reencontro entre portugueses e galegos. Nota-se que as pessoas ficam amigas, que não precisam de intérpretes para falarem uns com os outros, as pessoas conhecem-se, passam a conviver uns com os outros, passam a conhecer-se melhor. Eu penso que estes encontros sociais e culturais são importantíssimos para o mundo que aí vem e para criarmos uma nova civilização, porque o que importa é abrirmos tudo, e o Mundo precisa de Portugal e da Galiza, e na medida em que os Portugueses e os Galegos se forem conhecendo melhor podem preparar a construção de uma nova civilização, como já era o ideário de Vicente Risco.

Nesses encontros tem-se falado sobre a questão ortográfica?

A questão ortográfica não é falada nesses encontros que são sociais e culturais na medida em que as pessoas conversam umas com as outras. A questão ortográfica deve ser deixada para os linguistas. Os técnicos da língua é que poderão debater mais esse tema. Nos encontros de que eu mais gosto de participar não se discute a questão da ortografia. Nestes encontros, as pessoas naturalmente falam como sabem, e do encontro nasce um verdadeiro relacionamento. A questão ortográfica é uma questão de técnicos, mas não só, porque também é de políticos, porque os políticos quando querem põem os técnicos a dizer asneiras, não é? Mas o que é preciso constatar é que há um grande desconhecimento e os Portugueses e os Galegos ainda contactam pouco, porque quando passarem a contactar muito mais, as pessoas naturalmente se apercebem que falam a mesma língua. Eu já estive em vários encontros de gente do povo dos dois lados do rio Minho em que as pessoas se aperceberam de que falavam de igual maneira, e de que tinham muitos termos e muitas palavras em comum. Aperceberam-se disso. Mas, claro, não chegaram ao ponto de debater a ortografia. Isso é já um outro nível, e que nem compete ao povo resolver isso. Quem tem que resolver isso são os linguistas, por um lado, e, por outro lado, os políticos, que

têm que deixar os linguistas trabalhar e resolver naturalmente o problema. Estes encontros são fundamentais para pôr as pessoas a conhecerem-se melhor.

Como é que começaram a interessar-se pola Galiza os diferentes escritores e filósófos de que você fala no livro?

O interesse de Portugal pela Galiza é menor do que o interesse dos intelectuais galegos por Portugal. Eu vou explicar isso. Isso tem uma razão de ser, que eu também digo no livro... Dos intelectuais portugueses, os primeiros que se interessaram pela Galiza foram os historiadores porque não se pode falar da independência de Portugal sem ir à Galiza. Portugal nasce de metade da Galiza. Metade da Galiza ficou para trás, e a outra metade avançou. Portugal não é mais do que o evoluir da independência do Reino Portucalense. O Reino Portucalense era sensivelmente metade da Galiza. E esses historiadores como Alexandre Herculano, Oliveira Martins e outros, tinham plena consciência disso. Depois também há um outro intelectual muito importante que foi Teófilo Braga, que contactou e conheceu intelectuais da Galiza, contactou nomeadamente com Manuel Murguia, com quem tinha uma boa amizade e uma grande admiração. E outro intelectual muito importante, etnógrafo, arqueólogo e filólogo, foi Leite de Vasconcelos. Conheceu a Galiza e viajou muito pela Galiza, e até escreveu um poema para entender os Galegos em Portugal e para que os Portugueses não se rissem dos Galegos. Isto acontecia num primeiro momento, no século XIX e princípios do século XX. E noutro domínio também houve viagens de portugueses que fizeram ao Estado espanhol e até à Galiza e nestas é que vão evoluir os conhecimentos a respeito da Galiza. Os primeiros que foram à Galiza tinham pouca consciência da Galiza, cheios de preconceitos e de estereótipos. Os outros foram-se apercebendo de que de facto a Galiza era uma terra muito parecida com a portuguesa e com uns falares iguais aos portugueses. E até Júlio Dantas, que era um intelectual português de renome, fez uma viagem à Galiza onde ele procurou encontrar o Galeguismo, e fala e dá soluções sobre a língua da Galiza e diz que a língua da Galiza não tem mais do que adoptar o Português padrão porque é o Galego evoluído, é o Galego universal, por ser a mesma língua e por servir perfeitamente a Galiza. Depois, houve duas figuras também importantes em Portugal, por um lado Teixeira de Pascoaes, onde também através das cartas que nós descobrimos de Teixeira de Pascoaes, que foram organizadas por Eloísa Álvarez e Isaac Estraviz, descobrimos muita correspondência que houve entre Teixeira de Pascoaes e os intelectuais da Galiza. O que acontece é que os principais intelectuais galegos consideravam Teixeira de Pascoaes um mestre, e, de facto, a vida de

Teixeira de Pascoaes é muita parecida com a do mestre iniciático que vive nas montanhas e que tem de facto uma vida de mestre. Teixeira de Pascoaes apresentou-se como uma espécie de iniciado que tinha uma filosofia para apresentar ao Mundo e que era o Saudosismo, e este Saudo-sismo de Teixeira vai influenciar num primeiro momento a Gera-ção de Vicente Risco e num segundo momento os intelectuais da Galáxia e da Filosofia da Saudade, que também ficaram fortemente influenciados por Teixeira de Pascoaes. E uma outra personalidade portuguesa importante foi Rodrigues Lapa. Este sim era um filólogo e um homem ligado à problemática das cantigas medievais, as cantigas de amigo, e que também esteve em Santiago de Compostela, que deu um curso de Português sobre literatura galaico-portuguesa nessa cidade, e que deixará imensos discípulos, sobretudo em gerações mais novas, no que hoje é conhecido como Reintegracionismo. Portanto, ultimamente tanto Teixeira como Lapa tiveram um papel importante no evoluir do Galeguismo lusista.

Poderia concretar alguma opinião a respeito da relação que mantém o nacionalismo galego com Portugal e a Língua Portuguesa?

Bem, eu não conheço a fundo a questão. Os políticos são políticos, mas eu pelas conversas que tive com alguns dirigentes do nacionalismo galego organizado apercebo-me que a questão ortográfica não rende votos e que provavelmente o nacionalismo galego tem que se interessar por outras questões mais importantes, que é a defesa da Galiza. Portanto, terá que focalizar mais a defesa da Galiza. Quer dizer, tem que ser pragmático e ir às questões que mais preocupam à sociedade galega e tentar dar-lhe resposta a essas questões. O nacionalismo vive hoje uma luta desigual porque tem menos apoios para fazer passar a sua mensagem e provavelmente porque algumas estratégias não estejam a ser talvez as melhores, mas compete ao nacionalismo galego redescobrir a sua função e não perder a ideia de Risco, que é a ideia civilizacional. O nacionalismo galego é importante para dar dignidade à Galiza, para defender os interesses do povo da Galiza e para ajudar a Galiza a criar uma nova civilização, porque o Mundo vive hoje encravado e sem soluções porque as questões ideológicas e políticas dos séculos XIX e XVIII que ainda hoje estão presentes já não dão resposta aos grandes problemas em que a Humanidade hoje está a viver.

«...a questão ortográfica não rende votos e provavelmente o nacionalismo galego tem que se interessar por outras questões mais importantes, que é a defesa da Galiza»

Falou antes em preconceitos e estereótipos na relação entre Galegos e Portugueses. Que tem a dizer sobre esses preconceitos e estereótipos?

Bem, os preconceitos são produto da ignorância, onde há ignorância, onde há uma má informação, uma falta dela, surgem os estereótipos e os preconceitos. Os preconceitos são prejuízos. Eles nascem quando formamos uma ideia de qualquer coisa antes de tempo, antes de termos uma verdadeira informação. A maneira de os combatermos, portanto, é, enfim, através da informação, e as escolas e a comunicação social têm um papel muito importante no que tem a ver com o combate dos preconceitos. É importante que tanto em Portugal como na Galiza se façam mais visitas de estudo de galegos a Portugal e de portugueses à Galiza, e que os órgãos de comunicação social falem mais sobre a outra parte da raia, e é importante que haja associações comuns que promulguem diversas actividades. Isso é que é muito importante. Fazendo isto os preconceitos acabam. Eu já estive em encontros populares com pessoas de aldeias, do mundo rural, entre galegos e portugueses onde o entendimento foi perfeito. À volta de uma mesa a comer e a beber e a conversar tudo isso se debate e as pessoas ficam a conhecerem-se muito melhor.

No ano passado debateu-se no Parlamento Galego a proposta do BNG de se incluir a Língua Portuguesa como língua optativa, embora como "língua estrangeira" (sic), nos planos de estudo das escolas secundárias da Galiza, proposta que afinal foi rejeitada. Qual é a sua opinião a este respeito?

Do meu ponto de vista é muito mau que essa proposta tenha sido rejeitada, e também é mau que os governos portugueses nada façam por isso. Portugal também tem dificuldades, também tem maus governantes por não ser governada por nacionalistas. Todas as nações ibéricas deviam ser governadas por nacionalistas, e grande parte dos problemas da Península Ibérica iriam-se resolver. Agora falando da questão da Língua, devo dizer que estas propostas ainda não têm o devido peso, ou seja, ainda não têm às vezes o apoio popular suficiente porque existe um grande desconhecimento, mas, à medida que entre Portugueses e Galegos se vão conhecendo melhor penso eu que o interesse pela língua portuguesa na Galiza irá aumentar, como em Portugal não há qualquer obstáculo a que se estude a língua castelhana ou outra, nem deve haver. Conhecer línguas é importante, e que exista respeito pelas línguas também, e nos contextos geográficos do Mundo em que vivemos há umas línguas mais importantes do que outras. Penso eu que a língua portuguesa na Galiza é conveniente e é importante ser estudada.

O que pretende com Portugal e Galiza: Encantos e encontros*? Quais são os objectivos do livro?*

O livro pretende ser um livro de divulgação e pedagógico. De divulgação da cultura comum entre Galegos e Portugueses, e dos momentos comuns. E, por outro lado, pedagógico, porque pretende dar pistas que possam ser exploradas e implementadas, na prática, nas escolas, nas universidades, etc. E é esse o principal objectivo. Mas este livro não diz tudo a esse respeito porque há muito para dizer, é uma porta que se abre. Há uma grande quantidade de informação que ainda não foi tratada. Muita dela eu tenho, e outra não. Mas não foi tratada e não está suficientemente explorada e divulgada. Mas eu também tinha um outro objectivo com este livro. É assim: em tempos eu li um artigo numa revista galega que dizia que os Portugueses não foram sensíveis ao Galeguismo lusista. Isso não é certo. Eu pretendo dizer que houve e há em Portugal algum certo interesse pela Galiza, ainda que seja do ponto de vista privado, de personalidades, de certas organizações, como uma de que eu faço parte, do Fórum de Amizade Galiza Portugal, que pretende incrementar e aumentar a relação entre Galegos e Portugueses. Portanto, não é certo dizer que Portugal viveu esquecido e de costas com a Galiza. Isso não é certo. Mesmo o Reintegracionismo actual deve muito ao trabalho de intelectuais portugueses, que ajudaram o movimento reintegracionista. Houve ajuda clara de portugueses. Não podemos dizer que houve um abandono dos portugueses em relação à Galiza. Isso não corresponde à verdade. Nomeadamente no que tem a ver com o trabalho de Lapa e de Teixeira de Pascoaes. Na revista *Nós* encontramos muita colaboração portuguesa. Nas revistas portuguesas também houve alguma colaboração de galegos. Portanto, o que eu pretendo no livro é mostrar alguma coisa em relação a isso. Não pretendo mostrar tudo porque há ainda muita coisa a dizer.

«Não podemos dizer que houve um abandono dos portugueses em relação à Galiza. Isso não corresponde à verdade. Nomeadamente no que tem a ver com o trabalho de Lapa e de Teixeira de Pascoaes»

Como Presidente do Fórum de Amizade Galiza Portugal, poderia contar-nos quais são os objectivos e projectos deste Fórum?

O Fórum de Amizade Galiza Portugal é uma associação que tem a sede em Lisboa, e é uma associação que pretende fomentar o intercâmbio cultural e social entre Galegos e Portugueses. Já realizámos algumas actividades como encontros diversos em parceria com Câmaras Municipais tanto em Portugal como na Galiza. E ultimamente colaborámos activamente com a plataforma NUNCA MAIS e com grupos ecologistas da Galiza, nomeada-

mente a ADEGA, na divulgação de problemáticas ambientais, que nos têm assolado nos últimos tempos, porque infelizmente a Galiza nos últimos anos já foi assolada por várias marés negras de grande gravidade. E tentámos, através desses encontros e exposições que foram feitos aqui em Portugal, alertar a sociedade civil para os perigos ecológicos. Futuramente pretendemos fazer mais uma exposição em Lisboa, juntamente com a Câmara Municipal de Lisboa, e em Setúbal com uma Escola Superior de Setúbal, também com a colaboração de grupos ecologistas portugueses. E fomos nós os que pusemos em contacto uns com os outros, porque não havia grande intercâmbio entre Galegos e Portugueses no domínio das associações ecologistas.

Como podem ajudar as novas tecnologias nesse reencontro entre Galegos e Portugueses e nesse futuro comum?

Pela Internet já se estão a fazer coisas interessantes no que diz respeito a esse reencontro entre Galegos e Portugueses. A Internet pode usar-se no bom sentido. E acho que há que continuar a usar esses meios para que o reencontro portugalaico seja mais efectivo.

E a música, alguns músicos portugueses e galegos –embora não muitos– têm ultrapassado a fronteira de Estado entre a Galiza e Portugal, qual o papel da música galega e portuguesa no âmbito do reencontro portugalaico?

Tirando os encontros de música celta, os Galegos são sempre bem representados, mas não tem havido maior divulgação. Eu penso que os encontros de músicos e de música ainda não frutificaram o suficiente porque o desconhecimento ainda continua a ser grande, quer dizer, isto é uma lei da percepção, da psicologia, se nós não formos preparados para ver as semelhanças, nós não as vemos. Se não houver um trabalho prévio, académico, teórico, –e aí a escola e a comunicação social têm um papel prioritário– estes encontros do mundo musical ficam um pouco pela superfície, e para serem mais profundos tinha que ser feito previamente um trabalho em que Portugueses e Galegos sejam alertados de que falam a mesma língua, têm a mesma cultura, têm o mesmo espírito colectivo, e o mesmo inconsciente colectivo, como dizia o psicanalista. Ao tomarmos consciência disto todos os encontros serão muito mais profícuos, muito mais rendáveis.

E na actualidade, quais seriam essas figuras que ocupariam um segundo volume deste livro que você apresenta agora?

A família Carré, essa família da Corunha, como mesmo algumas figuras de que ali falo, todas aquelas personalidades portuguesas que fizeram parte da Real Academia Galega, o que esteve ligado também aos Congressos Galaico-Lusitanos, que tiveram lugar tanto em Braga como na Corunha.

Que papel tem jogado a filosofia comum entre Galegos e Portugueses?

A Filosofia da Saudade, que é uma filosofia galaico-portuguesa, foi muito desenvolvida sobretudo pelos Galegos. Foi apresentada em Braga também em 1958 num Congresso de Filosofia por Ramom Pinheiro. E também importante ser investigada, divulgada e fazer com que ela evolua. Mas também há obstáculos: todos nós estamos inundados de cultura estrangeira, nomeadamente da cultura norte-americana, e que nos impede de nos olharmos para nós próprios, de nos conhecermos melhor. O desconhecimento da Galiza por parte do português também tem a ver com um grande desconhecimento do próprio país. Nós hoje somos governados por ideologias desérticas e do século XVIII e XIX, mas que têm pouco a ver connosco, e que estão ultrapassadas, e que não respondem a muitos dos nossos problemas de hoje. E neste momento em que vivemos os povos têm que se voltar um pouco todos para si próprios e descobrir nas suas raízes muitas das soluções a problemas para os quais o globalismo norte-americano não tem soluções. E os povos têm que se virar um pouco para si próprios, e não estou a falar em fecharem-se sobre si próprios, mas em conhecerem-se, porque existe um grande desconhecimento identitário.

Que espera da recepção do livro?

Gostaria de que o livro fosse lido especialmente pelo maior número de Galegos, mas também de Portugueses, e que o livro fosse lido de facto por toda a intelectualidade actual da Galiza. Esse seria um grande objectivo. E gostaria de que este livro que agora apresento fosse continuado por outros investigadores, por outras pessoas, porque ele é apenas um início, uma porta que se abre, e porque todos os capítulos podem ser ainda desenvolvidos numa maior profundidade.

Eu acho que o livro pode ser um contributo para o nacionalismo galego porque ele é importante para que o nacionalismo galego conheça melhor os seus grandes autores. Grandes autores como Vicente Risco, Castelão, e Vilar Ponte devem ser mais divulgados.

«O desconhecimento da Galiza por parte do português também tem a ver com um grande desconhecimento do próprio país»

Quais são os encantos e quais os encontros de Portugal e Galiza: Encantos e encontros*? O que quer dizer com esse jogo de palavras no próprio título do livro?*

Enquanto tem a ver com o namoro. Há um namoro secreto entre Galegos e Portugueses. Esse é o encanto. Eu quando vou à Galiza fico encantado. Gosto de

ver aquela terra, de falar com os Galegos, de estar na Galiza. E penso que com os galeguistas se passa a mesma coisa. Esse é o encanto, é o fascínio. Dos encontros portugalaicos, das viagens à Galiza e Portugal de Portugueses e Galegos surge o encanto. O encontro portugalaico é um encontro e um encanto. Notamos isso nas cartas que Teixeira de Pascoaes recebia. O fascínio: tratavam-no por mestre. Era muita coisa especial o que sentiam por ele, era uma mística. E nas viagens que os portugueses fizeram à Galiza também há um encanto.

E na actualidade, esses encontros e encantos estão a incrementar-se?

Sim, eu penso que estão a aumentar, e que há um grande caminho por aí, porque, voltando a Risco, esse caminho de encontros está aí para ajudar o Mundo. O Mundo precisa de que Portugal e a Galiza se reencontrem, e também a própria Península Ibérica. Há uma visão muito centralista da Península Ibérica e a própria Península precisa de ser livre.

Nos últimos anos tem-se espalhado muito socialmente a visão não separatista da língua galego-portuguesa na Galiza, o chamado Reintegracionismo. Qual é a sua opinião do Reintegracionismo?

O Reintegracionismo vai acabar por vencer. Tem gente capaz para isso. O Reintegracionismo não acabou com Carvalho Calero. Tem hoje uma figura tão importante ou mais do que ele que é Isaac Estraviz. E gostava de dizer que Isaac Estraviz merece uma homenagem de todos os Galegos e que merece ser ouvido, e que é uma figura chave no Reintegracionismo actual, e que ainda não ganhou o protagonismo que devia ter. O Reintegracionismo terá sucesso porque tem os galegos mais inteligentes do seu lado, e todos eles com capacidade de criarem novas obras literárias e de escreverem e de editarem livros. O importante é que o Reintegracionismo trabalhe nesse sentido, o de mostrar trabalho, e de mostrar trabalho inovador à sociedade. E gostaria também de dizer que seria importante que o Reintegracionismo se libertasse mais das ideologias. Há um livro de Marcial Gondar que se chama *A crítica da razão galega*, que devia ser também lido por todos os Galegos, em que diz que a sociedade galega –e no fundo a sociedade portuguesa é muito parecida– não é maniqueísta, não há os bons e os maus. E nós temos que perder esta visão maniqueísta. Não há *bons* nem *maus*. E nós não devemos construir um mundo que seja dualista, onde haja os *bons* para um lado e os *maus* para outro, os *brancos* para um lado e os *negros* para o outro, os *ricos* para um lado e os *pobres* para o outro, os da *direita* para um lado e

os da *esquerda* para o outro,... Devemos ultrapassar este dualismo. Isto é importante porque não é justo haver discriminações ideológicas. Se se acaba com as discriminações raciais e étnicas, também devemos acabar com as discriminações ideológicas, que são muito graves e também produziram muitos mortos ao longo da História. Portanto, tanto o Galeguismo como o Reintegracionismo devem libertar-se deste maniqueísmo ideológico para poderem evoluir. Quando se libertarem irão evoluir, e vão ter muita mais aceitação na sociedade galega. Porque o comum do povo não tem nada a ver com os problemas do maniqueísmo, porque os problemas do povo são os problemas concretos, como o nacionalismo galego deve falar de problemas concretos, e o Reintegracionismo também. Quando se libertar o Reintegracionismo deste maniqueísmo terá muito espaço para caminhar, e vai com certeza vencer, porque tem pessoas capazes, inteligentes e tem gente produtiva, o que tem é que produzir mais. E tem que pôr a render os talentos que a natureza concedeu.

(Maio, 2004)

NOTAS

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 223 - 224 / ISSN 1130-3557

A língua portuguesa e a UE alargada

J. Chrys Chrystello

Dizem as estatísticas que Portugal não está preocupado com a expansão da UE, e os poucos que se pronunciam queixam-se da perda de subsídios que daí pode advir. Ainda ninguém perguntou que vantagem haverá para a língua e cultura portuguesas, provavelmente, fruto da falta duma política nacional da língua.

A capacidade que temos em adicionar aritmeticamente os habitantes dos PALOP's não se traduz numa politica de edição de traduções de consagradores autores para os leitores ávidos dos novos estados membros da UE, talvez por desconhecermos a cultura e hábitos de leitura desses povos. Para preservarmos a nossa versão da língua portuguesa é preciso mantê-la viva, e esta é uma oportunidade ímpar de atrair leitores para as nossas obras. Mais tarde viriam os que prefeririam ler as obras na sua língua original, bem fácil aliás de aprender para todos os falantes de línguas eslavas...

Se bem que seja importante, o contributo dado por entidades oficiais e para-governamentais tem de haver iniciativas dos sectores privados para criar a necessidade da língua portuguesa. Existe uma potencialidade enorme nesses novos mercados de produtos portugueses, que terão de ser traduzidos pelo que prevejo o aparecimento de novas necessidades nos campos de tradução, incapazes de serem satisfeitos por meros aparelhos mecânicos de tradução consabidas as suas limitações.

Como catapultar a língua e os livros portugueses da sua semi-obscuridade para um cenário de ribalta? Quem se lembrou já de incluir roteiros turísticos literários a locais celebrizados pelos monstros sagrados da literatura dos séculos XIX e XX? Alguns constam já dos vulgares roteiros paisagísticos, havia apenas que organizar a leitura de livros desses autores, e a divulgação de novos escritores nesses locais [um pouco como foi feito em Abril 2003 com a atribuição do prémio Camilo Castelo Branco a Mega Ferreira]. Disponibilizavam-se traduções já existentes ou faziam-se ree-

dições (económicas e sem grandes luxos) para os milhares de turistas desses novos países que quererão vir a Portugal. Lucravam o país, os editores, os operadores turísticos e a língua.

Podíamos começar com o José Saramago e um roteiro às suas terras de origem acompanhado de leitura de obras suas, disponibilizadas em línguas dos novos países aderentes UE, passando por locais evocados em *A Cidade e as Serras* e tantos outras paisagens dos Açores de Nemésio, à Brasileira de Pessoa ou à Monsanto de Fernando Namora.

Convidavam-se professores jubilados que amam a Língua Portuguesa para falarem das mil e uma *nuances* de cada autor, pedia-se a cada um dos autores ainda vivos que disponibilizasse um dia do calendário para falar da sua obra ou lê-la num cenário apropriado. Estou certo de que a organização de tais eventos custaria menos do que muitas das funções oficiais já agendadas.

A Europa alargada aí está, iremos continuar de costas voltadas com a nossa desculpa atlântica ou vamos descobrir novos mundos? Não precisamos de subsídios, tão só de vontade para esta revolução que continua por fazer, não precisamos de comissários mas apenas de pessoas que amem a língua e cultura e que a achem sua.

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 225 - 229 / ISSN 1130-3557

A "gorjeta" de Freixeiro Mato

Luís Gonçales Blasco

(I.E.S. Arcebispo Gelmírez I, Compostela)

Quando críamos rematada a *Gramática da lingua galega* de Freixeiro Mato, surpreende-nos com um tomo IV: *Gramática do texto*[1]. Esta espécie de gorjeta[2] pom a bibliografia lingüística do galego à altura de qualquer outra língua de cultura.

O livro está estruturado em onze apartados precedidos de umha nota introdutória. Falarei primeiro desta. Nela Freixeiro Mato, para além de justificar a publicaçom deste novo tomo, fala da aprovaçom pola RAG das mudanças da normativa di que *ven a pôr fin a un longo e estéril conflito* adoptando-a, isto resulta um passo atrás a respeito do que eu chamava normativa Freixeiro Mato. Pode-se estar de acordo que esta mudança[3] é um passo adiante ou, melhor dito, um passo atrás por parte do isolacionismo; mas o conflito nom está, nem muito menos, resoluto. Contodo o "passo astrás" de Freixeiro Mato poderia estar, em certa medida, compensado por alguns pormenores que verei mais adiante.

Como reintegracionista julgo necessária a persistência da norma galega (AGAL). Já há anos que a AGAL oferecera, junto com outros colectivos reintegracionistas um acordo para o ensino e o uso oficial da língua que nom empeceria um uso privado da norma histórica em livros, revistas, etc., umha situaçom em que eu daria, com gosto, as minhas aulas nessa normativa de consenso, mas continuaria a utilizar a norma histórica nos meus escritos públicos e privados sem ser descriminado. Infelizmente os reintegracionistas nom fomos chamados para colaborarmos nessa normativa de consenso (e nom falo apenas da AGAL mas também do sector mais reintegracionista do departamento de galego da universidade de Compostela) e umha das conseqüências que poderiam traguer tais mudanças e tal "consenso" seria a de contribuir ao isolamento social dos reintegracionistas. Felizmente a aceitaçom que tem a norma galega

(1) Edicións A Nosa Terra. Vigo. 2003.
(2) O próprio autor confessa na nota introdutória que o projecto inicial só constava dos três primeiros tomos.
(3) Especialmente se se colherem as opçons mais avançadas da mesma, como fai Freixeiro Mato.

(AGAL) e outras normativas reintegracionistas entre sectores minoritários mas muito activos[4] dos utentes do galego.

O resto da obra está formado, como dixem, por onze apartados: *1. A lingúistica textual* (dividido em quatro subapartados); *2. Discurso e texto*, *3. A diversidade dos xéneros discursivos*, *4. Tipoloxía de textos* (dividido em cinco subapartados), *5. Texto e contexto* (dividido em três subapartados), *6. A organización da información* (dividido em três subapartados, dos quais o último com três subapartados), *7. A cohesión* (dividido em quatro subapartados), *8. Os marcadores discursivos* (dividido em cinco subapartados), *9. A coherencia* (dividido em três subapartados), *10 Referencias bibliográficas* e *11. Índices*.

O primeiro apartado está dividido nos seguintes subapartados: Antecedentes; Análise do discurso e análise da conversa; Fases na evoluçom da lingüística textual; e A gramática do texto. Freixeiro Mato ocupa-se neste apartado da história deste ramo da lingüística que se remonta à década dos sessenta do passado, alcançando grande desenvolvimento na seguinte década; ainda que haja antecedentes, como um artigo de Coseriu de 1955. Cumpre sinalar, como em todo o livro, a ampla utilizaçom da bibliografia portuguesa e brasileira, original ou traduçons, o próprio Bakhtin é citado no livro de Freixeiro Mato por umha traduçom brasileira. Neste apartado apenas sinalarei negativamente que na página 24 di:

> A gramática do texto ten, pois, como obxectivo (...) como unha parte da gramática dunha lingua, no noso caso o galego, onde podemos falar dunha gramática da palabra, dunha gramática da cláusula e dunha gramática do texto, pois este representa un dos diferentes niveis con que opera a gramática dun idioma concreto (palabra, frase, cláusula ou oración, texto).

Considero que ao falar de gramática em geral e nom de gramática do texto, o autor nom devia esquecer os níveis inferiores à palavra (morfema e fonema). Todo o resto do apartado é excelente e constitui umha magnífica introduçom ao problema levantado por este ramo da lingüística.

O segundo apartado é muito breve. Nel Freixeiro Mato ocupa-se da tradicional diferença entre discurso (oral) e texto (escrito) chegando à conclusom de que nom tem relevância, pois pode haver textos orais ou discursos escritos; trata-se, mais bem, de umha diferença entre níveis mais

(4) Entre os que salientam a maioria dos independentistas políticos, partidários, também, da independência da norma galega.

ou menos formais da língua. O autor introduz os conceitos de conectividade, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade necessários para a comunicaçom entre os parceiros do discurso (texto) lingüístico.

O terceiro apartado analisa a diversidade dos géneros discursivos passando revista às diferentes propostas de classificaçom dos mesmos.

O quarto apartado estuda a tipologia dos textos classificando-os em: argumentativos, explicativos descritivos, narrativos e conversacionais.

O quinto apartado está dividido em três subapartados: O contexto de situaçom, O contexto cognitivo e O contexto sociolingüístico. De particular interesse para a nossa língua resulta o terceiro; o autor acrescenta-lhe ao titulá-lo "Diglosia e texto" indicando que retoma o título do interessante livro de Antón Figueroa, obra que, confessa, lhe vai servir de guia nesta alínea; certo, mais também utiliza amplamente –citando-o, por suposto- alguns trabalhos de Celso Álvarez Cáccamo.

O apartado 6 do livro está dividido em três subapartados: Estrutura da informaçom; Tema e rema, tematizaçom e topicalizaçom; e A informaçom conhecida e a nova; este último subdividi-se em três: O dado e o novo; A progressom temática e Foco e focalizaçom. A posiçom dos clíticos. Neste apartado 6 salientaria o tratamento da posiçom dos clíticos; Freixeiro Mato já trata o problema no segundo tomo da obra mas agora volta sobre o tema servindo-se do magnífico trabalho de Domingos Prieto.

O sétimo apartado trata da coesom e está dividido nos seguintes subapartados: Definiçom, Tipos de coesom, A coesom referencial e A coesom seqüencial. Neste apartado o autor considera a coesom e a coerência como noçons basilares para a análise do texto e para o estudo do processo de construçom textual; trata o primeiro dos conceito mentres que o segundo será analisado no apartado nono.

O oitavo apartado está dedicado aos marcadores discursivos e está dividido em cinco subapartados: Definiçom e caracterizaçom, Alguns critérios de classificaçom, Multifuncionalidade e interferência, e Conclusom.

Freixeiro Mato começa por lamentar a escasseza de bibliografia no nosso ámbito lingüístico (galego-português-brasileiro) e parece recorrer com pesar à bibliografia sobre o espanhol, onde o estudo sobre os marcadores discursivos está mais avançado. Porém, aproveita ao máximo todo o que acha no nosso sistema lingüístico

No uso da bibliografia galega aproveita amplamente as tam desprezadas, polo isolacionismo, gramáticas de Carré e de Carvalho. A de Carré tem, certamente, muitos defeitos mas foi ferozmente criticada por razons nom estritamente lingüísticas e o mesmo ocorreu com a de Carvalho, os ataques que sofrêrom ambas. deveu-se ao carácter mais ou menos "lusitanizante" das mesmas.

O autor explica que, a nível geral, ainda há problemas sobre a definiçom, caracterizaçom e classificaçom dos marcadores discursivos. Se calhar é por isto que, dentro da sua grande valia, achei o quarto tomo da *Gramática da lingua galega* de Freixeiro Mato, algo menos "redondo" do que os anteriores.

O respeito pola norma oficial por parte do autor tem algum limite já que, na nota 122 (página 172), aceitando a forma oficial *bo* para o adjectivo, postula o uso de *bon* como marcador.

Devo dizer que a minha intuiçom lingüística aceita com muitas dificuldades (ou nom aceita em absoluto) a deslocaçom de *porém* para o final que se fai nos exemplos das páginas 141-143, em geral resulta-me dura e nalguns casos nom a considero gramatical.

Dentro deste apartado é de muito interesse todo o subapartado 8.4. Freixeiro Mato partilha a preocupaçom polo que eu chamo "morte doce" do galego: a sua conversom num dialecto espanhol ou num crioulo de base portuguesa. Infelizmente, esta preocupaçom nom é partilhada por muitos defensores do galego, cuja única preocupaçom é que nom se deixe de falar o galego, mas quê galego? Freixeiro Mato leva esta preocupaçom a limites quase impróprios de umha obra puramente lingüística, introduzindo-se de cheio no campo da política lingüística. Freixeiro utiliza as formas flexionadas do infinitivo e o futuro de subjuntivo constantemente; teoricamente, tal utilizaçom poderia ser considerada abusiva mas, na prática, acho-a correcta e justificada: a ver se se lhes dá metido na cabeça a muitos utentes cultos da língua e que se dim seus defensores.

O apartado nono, dedicado à coerência, está dividido em três subapartados: Definiçom e caracterizaçom, Tipos de coerência e Microestruturas, macroestruturas e superestruturas.

O décimo apartado está consagrado às referências bibliográficas. Repetirei, apenas que, dentro da exaustividade da bibliografia citada salienta a ampla utilizaçom da bibliografia portuguesa e brasileira, original ou traduçons e de autores galegos reintegracionistas.

O undécimo apartado remata a obra de Freixeiro Mato com dous valiosos índices de matérias e de autores.

Vou falar agora dos exemplos de Freixeiro Mato. É sabido, ainda que negado muitas vezes, que nom existe nengumha ciência neutra; e por suposto, a lingüística nom o é. No caso de Freixeiro Mato é nos exemplos, mas nom só, onde isto transparece mais, além do seu valor explicativo, neles está patente umha maneira de pensar nacionalista, progressista, ecologista, pacifista e anti-imperialista. Vejam-se as páginas 49, 74, 75, 93, 94, 113, 120, 125, 127, 130, 133, 134 e163 (a relaçom nom é exaustiva) onde a ideologia do autor fica bem patente. Apenas na página 87 achei um exemplo desafortunado: *O galego, a nosa lingua milenaria, singularízanos no mundo*. A utilizaçom do verbo *singularizar* pode levar a umha leitura isolacionista que se contradi em muitas outras páginas do livro como as 97 e 98 onde fala de galego-português e, em geral, ao falar da posiçom dos clíticos onde Freixeiro Mato di textualmente: *Isto, evidentemente, á marxe das interferencias do castelán, que nos levan a rexeitarmos en galego posicións dos clíticos habituais no galego-portugués falado no Brasil.*

AGÁLIA nº 77-78 / 1º SEMESTRE (2004): 231 - 235 / ISSN 1130-3557

Reintegracionistas com ortografia espanhola ou como querem vender-nos gato por lebre

Maurício Castro

(E.O.I. de Badajoz, Espanha)

A recente aprovaçom, em 12 de Julho de 2003, de umha reforma das *Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego* tem obrigado a umha paralela reforma do discurso por parte do sector até agora chamado "de mínimos", que nas últimas décadas configurou junto do isolacionismo e o reintegracionismo umha das três orientaçons actuantes na Galiza quanto a padronizaçom do idioma próprio.

Lembremos como preámbulo que, em 1982, a Junta de *Alianza Popular* (hoje *Partido Popular*) descartou a aprovaçom de umha norma escrita para o galego que pudesse consensualizar as tendências isolacionista e reintegracionista em torno da Comissom presidida por Ricardo Carvalho Calero. Essa Comissom, dous anos antes, tinha proposto um acordo que, sem romper ainda com a ortografia espanhola, dava passos sérios na reintegraçom lingüística galego-portuguesa. O consenso nom foi possível ante a intransigência do isolacionismo, no seu intuito de consagrar a ruptura da unidade lingüística entre as variantes faladas a Norte e Sul do Minho. Como o reintegracionismo diagnosticou na altura e como a realidade confirma hoje, nada de bom procurava AP com aquela orientaçom anti-reintegracionista imprimida ao galego. Pouco antes, em 1981, o nascimento da AGAL supunha a posta em prática de um dos velhos anseios do nosso nacionalismo histórico: a defesa da unidade lingüística galego-portuguesa.

Da mesma forma que o isolacionismo reflectia a pulsom política do espanholismo de direitas governante, interesses políticos ligados ao nacionalismo galego de esquerdas condicionárom que as forças sociais defensoras do idioma nom aderissem de maneira unánime à coerente proposta reintegracionista apresentada pola AGAL. O sector maioritário do nacionalismo galego, politicamente ligado ao BNG, continuou a recon-

(*) Artigo enviado a *A Nosa Terra* –que recusou a sua publicaçom–, com o intuito de apresentar umha visom diferente sobre o novo acordo normativo à oferecida polo professor X. R. Freixeiro Mato no mesmo semanário em semanas sucessivas

hecer "filosoficamente" a unidade lingüística, sim, mas sem dar o passo nessa direcçom que a história exigia. Igual que Carvalho Calero apelava para dar esse passo numha altura em que o galego acedia pola primeira vez ao ensino, mesmo que fosse de maneira precária, agora, mais de vinte anos depois, som alguns relevantes vultos do próprio oficialismo lingüístico quem recordam, com o aval da história, que a proposta chamada "de mínimos" tem respondido apenas a um interesse partidista. Um interesse, acrescentamos nós, que conjugou durante duas décadas os "princípios" com um alegado "tacticismo" que só agora podemos confirmar em que estratégia ficava enquadrado. Parafraseando as palavras com que X. M. Beiras explicou recentemente[1] o papel do BNG no seio da sociedade galega desde a sua fundaçom, podemos afirmar que, no ámbito lingüístico, os mínimos tenhem servido de verdadeiro "dique de contençom", obstaculizando um avanço maior do reintegracionismo nestes anos por alegados motivos "tácticos", para acabar por se incorporar ele próprio ao "consenso" oficialista.

O único reintegracionismo realmente existente era, agora o verificamos, o nucleado primeiro pola AGAL e a primeira AS-PG, posteriormente alargado e socializado de maneira relativa em ámbitos juvenis e culturais, bem como a nível político por parte do minoritário independentismo. Um reintegracionismo que hoje continua a existir e a crescer, embora infelizmente nom ao ritmo necessário para combatermos eficientemente o grave estado em que se encontra a comunidade lingüística galega.

Os "mínimos", inicialmente apresentados como primeiro passo num prudente e progressivo avanço em direcçom aos "máximos", acabárom por assinar a sua carta de capitulaçom no ano recém concluído. Com a bençom do seu promotor político, o BNG, os representantes universitários desse sector culminárom duas décadas de oposiçom à filosofia e prática oficiais aderindo a essa mesma prática, que nega explicitamente a unidade lingüística galego-portuguesa. O oficialismo, que agora os acolhe no seu seio, ofereceu-lhes em troca umha mínima reforma que nem de longe aproxima o "novo" padrom da verdadeira norma de consenso: a da Comissom Lingüística presidida por Carvalho Calero em 1980 a pedido da Junta Pré-Autonómica.

Alguns representantes do sector chamado "de mínimos" tenhem reconhecido publicamente a derrota histórica da estratégia possibilista patrocinada polo BNG frente ao isolacionismo (e subsidiariamente face ao

(1) Xosé Manuel Beiras: "A estratéxia da dinamita". *El Faro de Vigo*, 5 de Novembro de 2003

espanholismo). Essa foi a digna postura de Francisco Salinas Portugal já em 2001, ao reconhecer nesta mesma publicaçom que a proposta de "acordo normativo" era "unha digna escusa ao noso descanso dos que estamos vencidos e derrotados"[(2)].

Outros, como o professor Freixeiro Mato no artigo publicado no número 1.112 deste semanário[(3)] [ANT] sob o título de "Sermos reintegracionistas con ortografía oficial", procuram agora autojustificaçons vendendonos gato por lebre. Inscrevendo-se numha nova modalidade chamada "reintegracionistas com ortografia oficial" (?), insistem em falar de "norma de consenso" para denominarem um acordo de rendiçom incondicional por parte do sector representante dos mínimos face ao oficialismo lingüístico, deixando à margem da "negociaçom" mais umha vez o reintegracionismo.

Se já antes era discutível a existência de um suposto "reintegracionismo nom praticante" oculto atrás dos mínimos, continuar a repetir grandes palavras sobre a unidade lingüística ao tempo que se pratica e fortalece a tendência contrária é, no melhor dos casos, um discurso esquizofrénico.

Sendo legítima a confluência a que finalmente acedêrom uns e outros, nom é aceitável pretenderem negar a existência de umha verdadeira dissidência lingüística frente ao oficialismo. E Freixeiro semelha jogar a isso no seu artigo quando fala de "norma de consenso" (sic) e dá a entender que o reintegracionismo está incluído no mesmo. Mas fai mais do que isso, ao afirmar que as novas normas "poden ser consideradas reintegracionistas", umha vez que, segundo ele, reconduzem o galego "cara á súa plena autenticidade, liberándoo das interferencias foráneas". Será que as escassas cedências com que se retocárom as normas de 82 já as transformárom de espanholistas (como eram antes chamadas polos próprios promotores dos mínimos) em "reintegracionistas"? Será que mudárom assim tanto as normas, ou será mais bem que mudárom os seus antigos críticos?

Ferreiro parafraseia no citado artigo o discurso com que tantas vezes os oficialistas tenhem combatido o reintegracionismo, quando tenta desacreditá-lo afirmando que "a ortografía é unha convención que se pode mudar de modo relativamente doado, mais as estruturas internas da lin-

(2) Francisco Salinas Portugal: "De normas e concórdias... de tempos e destinos". *A Nosa Terra* nº 1012, 13 a 19 de Dezembro de 2001.
(3) Xosé R. Freixeiro Mato: "Sermos reintegracionistas con ortografia oficial". *A Nosa Terra* nº 1112, 15 a 21 de Janeiro de 2004.

gua non se poden mudar coa mesma facilidade". Contradizendo a suposta facilidade das mudanças ortográficas, a realidade é que precisamente a mudança da ortografia representa a possibilidade que mais veementemente tenhem rejeitado nas últimas décadas o oficialismo e os seguidores dos mínimos (a níveis diferentes, é claro), apesar de ser a que mais visivelmente nos afastaria do campo cultural espanhol, reintegrado-nos de facto no lusófono e abrindo-nos assim a um espaço de imensas potencialidades na regeneraçom do nosso deteriorado espaço cultural.

De resto, nom semelha Freixeiro Mato estar tam convencido do carácter reintegracionista das "novas" normas quando, já no primeiro parágrafo do seu artigo, escreve que "unha cousa é acatar unha norma lingüística e outra moi distinta é renunciar ás propias ideas ou inclusive deixar de traballar por elas". De que ideias será que fala Freixeiro? das reintegracionistas? Mas afinal nom som já reintegracionistas as novas normas?

Os que recentemente abraçárom a ortografia dita oficial som oficialistas, e nom reintegracionistas. Nom esqueçamos que eles próprios chamárom assim durante muitos anos os que a partir de agora passam a ser novos companheiros de viagem para nengures. Quando o próprio Bloque afirmou nestes dias ante os meios de comunicaçom que "o BNG apostou e ganhou", tentando dar a volta ao resultado da sua renúncia histórica, deveríamos responder-lhe que, mais umha vez, confunde os seus interesses de grupo com os da Galiza como colectividade nacional ameaçada. Porque, se o BNG ganhará comodidade e reconhecimento por parte do regime espanhol dominante, a Galiza perderá com a cada vez maior indiferenciaçom entre as diversas forças políticas do sistema.

Quanto à língua, seguramente nem antes dependia nem agora depende o seu futuro das decisons partidárias do BNG, mas da capacidade da nossa comunidade lingüística para se articular como tal e dar os passos necessários que lhe garantam a viabilidade futura.

24 de Janeiro de 2004

[P.S. Com posterioridade à redacçom deste texto, alguns dados ajudárom-nos a confirmar a estrita manutençom do rumo oficialista em matéria lingüística apesar do "acordo normativo":

1. A RAG, por meio do seu secretário, Manuel González, colaborou com um julgado em Compostela dando-lhe "argumentos científicos" para dous galegos serem discriminados mediante o rechaço de um recurso de defesa por, segundo o magistrado, nom estar escrito em nengum dos dous idiomas oficiais.

2. As mesmas normas resultantes da reforma estám a servir tanto para que Freixeiro Mato faga a sua particular leitura "reintegracionista" das mesmas, como para outros, como Ernesto G. Seoane e, fazerem o contrário[(4)], salientando num artigo na revista *O Cartafol* que "respectan escrupulosamente os principios inspiradores" das normas de 82. Mesmo assim, Seoane prefere a escolha das formas lingüísticas teoricamente arrumadas pola reforma de Julho de 2003.

3. A Mesa continua a promover iniciativas acordes com os "princípios inspiradores" a que Seoane se refere no seu artigo, como a que dirigiu a *Microsoft* requerendo a adaptaçom para o galego da RAG de *Windows XP* e *Office*, sem sequer apresentar qualquer consideraçom sobre a existência de *software* nas variantes portuguesa e brasileira da nossa língua.

Com efeito, nada de significativo parece ter mudado.]

(4) Ernesto G. Seoane: "A reforma das normas". Revista *O Cartafol* nº 9, Outubro de 2003.

RECENSONS

ZURGAI

EUSKAL HERRICO OLERKIAREN ALDIZKARIA

POETAS POR SU PUEBLO

A magnífica revista de Bilbao, com direcçom de Pablo Glez. de Langarika, dedica o seu último número (Dezembro de 2003, 21x30, 130 pp) à poesia comprometida ou *Poesia da Consciência*, como exibe a capa de Francisco Herrero del Rey, que também assina os desenhos. O aspecto gráfico desta publicaçom, que vale infinitamente mais do que custa (6 €), brilha especialmente no papel de qualidade e nas pintura a toda cor (Fernando Eguidazu) que ilustram o quaderno central, onde se reúnem poemas de Carlos Álvarez, Blas de Otero, Ángela Figuera, José Agustín Goytisolo, Jesús López Pacheco, Concha Zardoya e Antonio Gamoneda. Também leva presença galega na secçom seguinte (*"Poesía de la conciencia. Poemas, opiniones, notas, dibujos..."*), com dous poemas de Chus Pato (traduçom para espanhol de Iris Cochón), a que se refere igualmenteo poeta Miguel Casado no seu ensaio *"Hablar contra las palabras –Notas sobre poesía y política–"*, colocado na primeira parte dos conteúdos. É precisamente nestes estudos iniciais onde se acham os elementos necessários para emoldurar um monográfico como este, resultando substanciosas tanto as aportaçons de Casado como as de Josu Montero (*"Breve génesis de la poesía política española actual: subversión lingüística y realismo crítico"*), Jorge Riechmann (*"Empeños"*) y Mª Victoria Reyzábal (*"Corrimiento poético: de la lucha social a la conciencia de otras marginalidades"*).

De tanta consciência presente, passou-me pola cabeça que na atençom à subversom lingüística até podia haver notícia vaga da nossa posiçom crítica, a do reintegracionismo resistente à devoraçom da ortografia espanhola do galego, nas páginas do exemplar. Mas quem podia levar recado nom tivo a oportunidade de explicar ou nom está precisamente para ter consciência disso. Esperemos que a lente passe em casa com calma e de novo a nom tardar, o que nom seria raro, pois a dedicaçom que o seu director coloca na preparaçom dos números consta-nos minuciosa. E já no último número de 2001 estava Chus Pato, no meio de umha nutrida presença galega conformada por Ferrín, Pepe Cáccamo, Claudio Rodríguez Fer, Pilar Pallarés, Manuel Outeiriño, Baixeras e Fernán-Vello. Pallarés voltaria estar no número de Dezembro de 2002 e Pepe Cáccamo no de Julho de 2003. Outros números haverá...

De interesse aos navegantes em revista será seguramente saber que a história de *Zurgai* (e a publicaçom

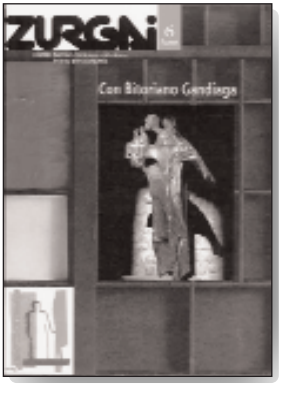
tem umha página web, www.zurgai.com, que fala dela), remonta a um colectivo procedente da Sociedade Poetico-Literária Aralar que, após falidas iniciativas, começou a elaborar umha revista mural de poesia nos anos 1976-1977, pendurada cada semana nas paredes da *Gran Vía bilbaina*, entre o Corte Inglês e o que na altura era Banco de Vizcaya. O colectivo, cujos animadores eram José Ramón Blázquez, Rafael Martínez, Karmele Larrabe, Toty de Naverán, Eduardo Rodrigálvarez, Roberto Albandoz, Gontzal Diez del Hoyo, Inmaculada Melchor, Elsa G. Belastegui, Araceli Vallarta, Nieves G. Ordoñez e Pablo Glez. de Langarika, assinava de forma anónima como ***POETAS POR SU PUEBLO***, e a sua acçom logrou chamar bastante a atençom. No fim de 1977 tentárom editar *Yambo*, um poemário composto inicialmente por folhas fotocopiadas e agrafadas que vendêrom a 25 pesetas, para em segunda instância editar a *Yambo* de modo mais cuidado e em de 3 números, os únicos numerados, durante 1978. No Outono desse mesmo ano, o colectivo, que tinha os-

cilado tempestuosamente no número dos seus integrantes (na Primavera chegara a rondar o meio centenar de pessoas e as suas tertúlias tornaram-se assembleias de difícil governo) reorganiza-se e comprime-se. É aí, como continuaçom a *Yambo*, que aparece na Primavera do 79 o primeiro número de *ZURGAI*, título *Poesía y Ecología*. Este número de 24 páginas superava aquela *Yambo*, vendia-se por 60 pesetas, e incluía algumhas das recentes incorporaçons ao grupo, como Mikel Estankona (que cointinua presente no conselho de redaçom da revista) e José Mª Castañares. Tambem contou com colaboraçom de Gabriel Celaya, Antonio Gala e José Agustín Goyti-olo, este na revista até à sua morte em 1999.

À volta de *Zurgai* foi reunindo-se gente cuja consagraçom particular foi dando também dignidade à revista. No início dos anos 80 incorporaram-se Severino Calleja, que seria Prémio *Ignacio Aldecoa* de contos em 1981 e *Lizardi* de Literatura Infantil em 1985; e Amalia Iglesias, Prémio *Adonais* de 1984. Nessa altura também entraria José Fernández de la Sota. O seu

director, Pablo Glez. de Langarika seria Prémio de poesia *Alonso de Ercilla* do Governo Vasco em 1985, e Prémio *Imagínate Euskadi* dos anos 92, 94 e 96. Gontzal Diez del Hoyo teria também o *Alonso de Ercilla* em 1986, igual que Amalia Iglesias no 1987, e José Fernández de la Sota no 1988. Para este último foi também o *Antonio Machado* de 1997 y o Prémio *Euskadi de Literatura* em 1998, entre outros.

Em Novembro de 1988, com um colectivo reduzido, e com um número especial e monográfico dedicado a Blas de Otero, subvencionado polo Dpto. de Cultura da Diputaçom Foral de Bizkaia, *Zurgai* culmina a sua primeira etapa. Com um total de 25 números publicados, variável de extensom, preço, colaboradores e desenho, sendo 6 os nom numerados, entre o total, por estar dedicados a poetas vascos: Miguel de Unamuno, Gabriel Aresti, Juan Larrea, Roberto Albandoz, Ángela Figuera e Blas de Otero. A partir de 1.989 a publicaçom inicia umha nova etapa, graças ao apoio decidido do Dpto. de Cultura da Diputaçom Foral de Bizkaia. É

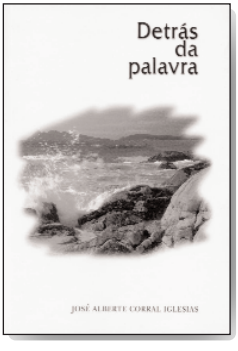


assim que se explica a actual estabilidade, que já permitiu editar mais de duas dúzias de números diferentes. A revista, de entre 124 e 156 páginas de extensom, em papel de qualidade e excelentes aportaçons tanto nos conteúdos poéticos ou literários como no aspecto gráfico, tem preferência pola monografias. Destacam polo seu refinamento, como já indicamos, os seus quadernos centrais nos que se recolhem, para além de poemas seleccionados segundo tema ou autor, reproduçom a cor de pintores de reputado prestígio. Certos números, como os dedicados a Blas de Otero, José A. Goytisolo, José Ángel Valente, *Poetas vascos*, *Postismo*, e *Poesía para con/ de/... los niños*, tornaram-se já de referência. Na actualidade, o seu Conselho de Redacçom está constituído por Rafael Martínez, José Fdez. de la Sota, Seve Calleja, Mikel Estankona e Eduardo Rodrigálvarez.

Vale a pena segui-la com atençom.

Carlos Quiroga

Detrás da palavra, poesia da madureza de José Alberte Corral Iglésias



Nas primeiras páginas deste volume encontramos formulaçons como "Nom sabem os oncólogos que som um suicida" (p. 15), "a loucura engatilha-se na minha mente" (p. 17), "a noite do nosso desterro" (p. 18), "na minha soidade" (p. 19), "epitáfio de umha tumba esquecida" (p. 20), "vou perdido" (p. 21), "Quisera ser um velho sepultureiro/ que sabe da morte como ofício" (p. 22), "Vivo coutado na palavra dos cadáveres" (p. 24), "é o home vencido" (p.26), por indicar alguns exemplos que nos colocam perante um produtor com um discurso próprio, bem diferenciado no panorama do campo literário galego dos inícios do século XXI. Já antes do "Limiar" umha dedicatória dupla nos dá a chave deste livro (p.7): "A Lola" e "À maioria dos picarinhos do mundo, esses que já ao nascer tenhem por companheiros: a fame, a miséria, e a morte".

Diga-se, para os nom avisados, que estamos perante o quarto título de poesia de Corral Iglésias, todos editados nos doze últimos anos: *Del amor y la memoria* (Venezuela, 1993, 123 páginas; com reediçom na Catalunha), *Palavra e memória* (1997, 156 páginas, com posterior ediçom em catalám), *Acarom da brêtema* (1999, 91 páginas) e este *Detrás da palavra* (2004, 89 páginas), os três últimos publicados sob a chancela da AGAL. Nos quatro é de salientar importante coerência temática, exprimida de modos bem diferenciados, com a solidariedade e o amor como assuntos centrais, sempre com a pessoa em primeiro plano e com sentido testemunhal.

Tem Corral Iglésias (A Corunha, 1946) umha intensa biografia. Próximo da casa dos 60 anos, partilhou as realidades da Venezuela, o Chile, a Argentina, Suíça ou Catalunha; para além da Galiza natal, onde desenvolveu importante labor no campo cultural, com dous instantes que vale a pena frisar: a sua relaçom de privilégio com o ámbito da associaçom cultural corunhesa O Facho antes da sua partida para o exterior; e colocando-se decididamente na linha do Galego-Português ao retornar para se inserir activamente como ensinante nos últimos tempos. Mas também estamos perante alguém que mergulhou em múltiplas manifestaçons da poesia e as suas técnicas: dos trovadores ou da tradiçom de povos indígenas, até os produtores coevos do campo literário galego; e assim o demonstra com referências nas epígrafes dos seus textos e com outros apelos com os que surpreende a leitura do seu trabalho; muitos deles tirados de produtores de agora que porventura nunca

a ele o citarám, nem o lerám. Embora na formaçom deste poeta ocupem também lugar leituras como a Comuna de París, e produtores árabes, da Europa do Leste, orientais, ou Fernando Pessoa e outros ibéricos, entre outros, que demonstram interesses muito amplos, e que se reflectem na sua produçom.

No "Prólogo" de *Acarom da brétema*, escreveu Rafa Villar, outro dos nomes da poesia galega desta altura: "Durante a década passada —e repete-se ciclicamente em todo o mundo— a poesia *única* de Galiza, a realmente existente (quer dizer, a que se editava, se promovia, se premiava e se aplaudia sem recato), considerava crime de lesa modernidade escrever poemas que fossem motivados polo compromisso social e político do poeta". Corral Iglésias situa-se nos antípodas dessa moda. Porque o que oferece nas suas propostas poéticas é antes de mais compromisso, empatia para com os perdedores, os silenciados, os censurados, aqueles que nom tenhem visibilidade social por ocultados propositadamente. Mas com confiança última no ser humano, da qual é prova a atençom ao amor. É umha poesia de diálogo, polifónica mesmo, que reclama o seu lugar num campo literário como o galego, onde se procura antes de mais o sucesso comercial, campo que assume como "marca de qualidade" o imposto polos poderosos desde o exterior; em que a imitaçom ocupa lugar preferente e ainda se crê na "genialidade", nos "essencialismos", nos "estilos originais" de "universos" particulares, anestesiantes e reprodutores, antes que na literatura como elemento social que ajude a construir, a transformar e a comunicar.

Isto leva a repensar o papel da poesia com perspectiva de hoje, porque nom sempre foi o mesmo, apesar da tendência a geralizar que se observa por vezes entre a crítica. Assim, ao revisitar como foi valorizada no século XX segundo a consideraçom dos próprios poetas, o ensaísta brasileiro Cristovão Tezza, em estudo de recente publicaçom[1], inclui depoimentos a tomar aqui em conta: o de Mário de Andrade, para quem "Poesia é uma arte, quero dizer, é uma construção humana, um fruto da vontade humana, uma criação *dependente*. Ao passo que o lirismo independe de nós"; este de Octávio Paz: "Como a poesia não é algo que possa ingressar no intercâmbio de bens mercantis, não é realmente um valor. E se não é um valor, não tem existência real dentro do nosso mundo"; ou ainda, na esteira do defendido por Bakhtin, estoutro: "O poeta não pode contrapor a sua própria consciência poética, suas próprias intenções, à linguagem que ele usa". Corral conhece bem as técnicas da poesia (mesmo o demonstra: veja-se, v. gr., o uso do refrám no poema da p. 61 deste volume). Mas reivindica outra funcionalidade, diferente da centralidade que se lhe tem dado nas décadas finais do século XX, e ainda se lhe dá, no campo literário galego. Parte de que o

(1) Tezza, Cristovão, *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2003. As citaçons que se indicam encontram-se nas páginas 62, 71 e 271, respectivamente.

homem enfrenta problemas semelhantes em toda a parte: na pequena vila de Corcubiom (p. 43) ou na grande capital venezuelana Caracas (p. 52), que dam título a dous dos poemas deste volume; em Washington e em Buenos Aires (p. 54), na Grande Avenida (p. 60), ou em Fisterra, Ancares e Maceda (p.61). Encon-tramos um poema (p. 66) "Na lembrança dos meus amigos torturados e desaparecidos pola civilizaçom cristiana ocidental" ou outro intitulado (p. 68) "10 de Março", em homenagem de data tam significativa para o movimento operário galego, que lembra os mortos em Ferrol, num confronto durante o franquismo.

Ao ler Corral Iglésias, conhecemos alguém que se define e autopresenta (p. 77):

mas já som o moucho desarraigado
que sempre fica só nas desvalidas palavras
para logo me perder entre os pupitres velhos
das velhas aulas.

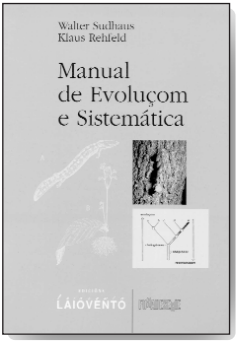
Ou que confessa (p. 84)

Sempre
rio
para que ninguém saiba
da minha soidade.

No roteiro que se marca este produtor resulta igualmente um acerto o bom uso da língua. *Detrás da palavra* leva um "Limiar" de Sérgio Iglésias; como o poemário de estreia de Corral tinha "Prólogo" de Armando Hernández Quintero —produtor canario muito apreciado por ele e muito presente na sua poesia—, ou o primeiro título editado pola Associaçom Galega da Língua levava um posfácio de A. Gil Hernández; textos todos eles importantes, como o antes assinalado de Rafa Villar, que suponhem um diálogo e o anelo de integraçom deste produtor, por mais que deva luitar por ultrapassar os entraves que imponhem as forças dominantes do campo literario galego desde as suas posiçons de privilégio, que tentam condenar ao silêncio os opositores; mesmo a alguém como José Alberte Corral Iglésias (quem na Galiza publicou também um volume de narrativa, e mais recente um texto prefacial a um livro sobre Gramsci, entre outras produçons suas a ter em conta) que tanto grita para fazer-se ouvir com umha poesia em que transparece madureza, coerência e vontade positiva.

Joel R. Gômez
(Grupo Galabra-USC)
Milhadoiro, Maio de 2004

Manual de Evoluçom e Sistemática
Walter Sudhaus e Klaus Rehfeld
Edições Laiovento
Tradução de Carlos Garrido



Como reza a contracapa do livro, "todos os achados da investigaçom biológica podem ser interpretados à luz da teoria da evoluçom". E foi baseando-se nela que Willi Hennig desenvolveu na década de cinquenta uma metodologia de reconstrução filogenética que permite a formulação de hipóteses verificáveis. Esta Sistemática Filogenética tem por objectivo a realização de uma classificação dos seres vivos baseada no estudo dos graus de parentesco entre grupos taxonómicos e que reflicta a história evolutiva das diferentes linhagens, para o qual propugna a utilização exclusiva para a inferência filogenética de sinapomorfias, isto é, de concordâncias entre as unidades filogenéticas mais estreitamente aparentadas num carácter comum e exclusivo a elas (Garrido, 1997).

É neste quadro teórico que o presente manual universitário nos oferece explicações teóricas bem como sugestões de realização de exercícios práticos que nos permitam –em palavras dos próprios autores–, "apreender a ligaçom histórica subjacente à diversidade de organismos que nos rodeiam". Ao longo de doze capítulos, em que não se descuram aspectos de carácter epistemológico, expõem-se os princípios teóricos da Evolução e da Sistemática, acompanhados no fim de cada capítulo de sugestões de trabalhos práticos relativos aos assuntos tratados e se propõem questões e exercícios teóricos a que deve dar-se resposta a partir do estudo do texto. Este carácter didáctico da obra deriva-se do facto de a presente obra ser o resultado da experiência docente dos autores do texto como professores de "Fundamentos de Filogenia e Sistematização" na Freie Universität de Berlim.

Do nosso ponto de vista os dois últimos capítulos são especialmente reveladores do potencial que os princípios desenvolvidos no livro detêm para o esclarecimento de determinadas questões de Biologia Evolutiva. No capítulo 12, por exemplo, aborda a emergência de novos planos estruturais (tipogénese), que está na origem da polémica entre as teorias do *gradualismo* e do *equilíbrio pontuado* (ou *interrompido*, de acordo com a tradução de Garrido, mais fiel ao sentido original em inglês de *punctuated equilibrium*). Segundo o modelo *gradualista*, as diferentes espécies iriam adaptando-se progressivamente às mudanças ambientais, transformação governada pela selecção natural e que se processaria em pequenos passos até acarretar com o passo do tempo grandes divergências. Pelo contrário, segundo a hipó-

tese do *equilíbrio interrompido*, apresentada no famoso artigo de Eldrege e Gould (1972: *Punctuated equilibrium: an alternative to phyletic gradualism*), as espécies possuem uma pequena capacidade de se adaptarem às mudanças das condições ambientais, pelo que as transformações importantes seriam o resultado de processos de especiação (rápidas cisões consecutivas). Para os autores do Manual, a teoria da *tipogénese aditiva* poderia conciliar ambos os pontos de vista, ao não precisar de fazer nenhuma afirmação a respeito da velocidade evolutiva ou as cisões específicas. Segundo esta última teoria, os caracteres derivados não surgem todos ao mesmo tempo mas sucessivamente um após o outro, de tal modo que os grupos que se originaram a partir de sucessivas cisões terão portanto diferentes conjuntos destes caracteres (menos apomorfias se surgiram antes e mais se surgiram posteriormente). A evolução num grande número de pequenas populações independentes teria um importante papel na adição de passos tipogenéticos, e consequentemente nas transformações rápidas e profundas.

Por outro lado, o facto de este ser o primeiro livro científico traduzido na Galiza do alemão para a nossa língua, dá-lhe um especial relevo como tradução, pelo que é de agradecer que, ao contrário do que costuma acontecer, o tradutor tenha optado por acrescentar um prólogo à edição galego-portuguesa. Nele, o professor Carlos Garrido torna explícitas as estratégias que adoptou na tradução do texto original, bem como as orientações seguidas quanto à terminologia empregada, que são essencialmente aquelas já delineadas no seu *Manual de Galego Científico* (Garrido e Riera, 2000). Em todo o momento foi a sua intenção manter-se fiel quanto possível ao texto original, afastando-se dele apenas:

> Naqueles trechos em que a vinculaçom do texto de partida com realidades culturais ou ecológicas alheias às nossas coordenadas –galego-portuguesas e ibéricas– aconselhava umha intervençom […]. Esta intervençom […] consistiu, as mais das vezes, no acréscimo de notas de rodapé explicativas e, nuns poucos casos, na substituiçom de algumhas espécies centro-europeias mencionadas na secçom de exercícios práticos por espécies ibéricas.

Deparamos, portanto, com numerosas notas explicativas, que apenas um tradutor com a sólida formação de um doutor em biologia poderia ter acrescentando. É o caso, por exemplo, da nota de rodapé número 69, em que o tradutor alarga a informação aparecida no texto a respeito da presença da neurotoxina tetrodotoxina nos polvos:

> Segundo algumhas fontes (cf., p. ex., Garrido [1997: 318, s.v. *tetrodotoxina*], que recolhe informaçom contida em Brusca e Brusca [1990: 733], a presença de tetrodotoxina no polvo *Hapalochlaena maculosa* seria devida à sua secreçom por parte de bactérias do género *Vibrio* alojadas nas glândulas salivares do cefalópode, de modo que ela representaria um mero carácter transferido (cf. 6.3), e o mesmo aconteceria com a tetrodotoxina isolada no veneno dos quetognates). (N. do T.)

O professor Garrido já tinha exposto os seus pressupostos teóricos a respeito da tradução científico-técnica em trabalhos anteriores, em que descreve as estratégias seguidas na tradução comunicativa e na adaptação de textos científico-técnicos no plano pragmático. Nesta tarefa tem-se auxiliado da teoria desenvolvida, entre outras, por Göpferich, conforme a qual entenderíamos por tradução comunicativa…

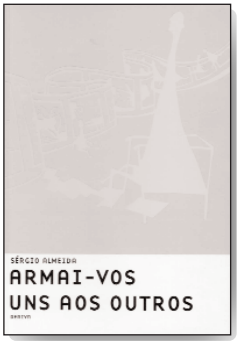
> … aquela que conserva o tipo textual original e reproduz no texto final os conteúdos do texto original procedendo a umha adaptaçom às convecçons da cultura final das circunstâncias textuais e extralingüísticas específicas da cultura inicial (o que pode supor a eliminaçom ou modificaçom de parte dos conteúdos originais). Além disso, a traduçom comunicativa própria do campo científico técnico, para optimizar a sua funçom informativa, nom transfere ao texto final as deficiências factuais e formais que se registam no original, de modo que o tradutor deve proceder a saneá-las. (Garrido, 2001)

Mas Garrido não se tem limitado a teorizar, como também tem tentado pôr em prática esses pressupostos, ao nosso ver com enorme sucesso, do qual é uma amostra a presente tradução. Tudo isto envolvido numa língua muito cuidada em que praticamente não temos detectado qualquer erro, para além de algumas gralhas tipográficas. Apenas a discutível colocação enclítica do pronome que aparece na página 228 na frase "a capacidade das espécies para adaptarem-*se*" ou a utilização do verbo *resultar* com um significado frequente em espanhol mas muito raro em português com que deparamos na página 38 em "isto nom *resulta* factível". De resto, podemos afirmar sem exageros que nos encontramos na presença do português galego mais apurado que se tenha utilizado num texto de carácter científico-técnico até ao dia de hoje.

Enfim, temos perante nós, numa magnífica tradução, um texto didáctico de inestimável valor para estudantes e professores, o qual vem preencher na Galiza e no resto da lusofonia uma incompreensível lacuna num campo de tanto interesse para o desenvolvimento da Biologia como é o da Sistemática Filogenética. Graças à iniciativa da editora Laiovento de dar ao prelo um livro tão necessário e valioso, é que podemos contar com mais um exemplo das potencialidades que encerra uma concepção extensa e útil da Língua.

Salvador Mourelo

Armai-vos uns aos Outros, de Sérgio Almeida



Há pouco tempo que apareceu no Porto umha pequena editora, a Deriva Editores, que deverá dar que falar, especialmente por estas bandas. Para já, a presença de vários autores galegos, finalmente bem escritos, como por exemplo Xavier Queipo ou o próprio Gonzalo Navaza, que mencionávamos no número anterior desta revista, a propósito de *Erros e Tanatos* (o catálogo pode ser testado na www.derivaeditores.pt). De estarmos tam pendentes da atençom que em Portugal se rende ao detalhe floral galego, nom acabamos de apercebermo-nos ou acreditar na repentina floresta que aqui se inaugurou. Mas está aí.

E a vocaçom da editora nom fica na aparente tentativa de colocar diante do público português literatura galega, mas também de distribuir e apresentar os livros do catálogo na Galiza. É o que sugere o último esforço que nos obrigou a um encontro feliz com esta obra. Aconteceu na Feira do Livro de Junho em Lugo, onde, com desastrado apoio da organizaçom, foi lançado *Armai-vos uns aos Outros*, de Sérgio Almeida, com ilustraçom de Paulo Moreira (22 X 14,5 cm, 200 pág.). Tanto o autor como o ilustrador, e ainda o compositor da música da curta-metragem realizada a partir do primeiro relato do livro, «Die, Cabrón!», para além dos seus acompanhantes e apresentador, ficamos defraudados por nem o DVD nem a música ser possível utilizar, e ainda atmosfericamente comprimidos por no digno espaço disposto estarmos sujeitos ao bombardeamento de um barulho desconcertante. Mas tudo bem, e até a propósito do carácter do livro. Digna e fresca e bombardeantemente desconcertante, como se poderá provar.

O autor do texto, Sérgio Almeida, reside em Espinho mas nasceu em Luanda (1975), licenciado em Jornalismo e jornalista efectivo do "Jornal de Notícias" desde 1999, tem experiência na escrita de argumentos televisivos, que algumha influência deve ter no ritmo da sua narrativa. Também foi professor de Teoria da Comunicaçom, e, para além de ter

colaborado em revistas literárias, é autor de *Análise Epistemológica da treta* (Edições Quasi, 2003), a que segue este *Armai-vos uns aos Outros* na Deriva. Ainda em 2004 espera publicar *Como ficar louco e gostar disso*, nas Edições Eterogémeas.

Armai-vos uns aos Outros, com dous maxi-contos (ou duas mini-novelas, consoante a perspectiva e/ou tara, como indica a nota editorial), "apresenta-nos uma galeria dos espelhos e das deformidades, dos tiques e dos clichés da irrelevância humana". Na primeira história, "Die, Cabrón!", numha estrutura decrescentes de capítulos que vai 18-0, deparamo-nos com FUC, nome artístico de um tal Felisberto Urbano da Conceição, um detective que trabalha regularmente com escritores fazendo espionagem bibliográfica, e que nos guia por umha hilariante pesquisa empenhada em descobrir o assassino de Rute Vinhas T., a modelo mais badalada do momento.

Na investigaçom de FUC vam-se esplanando so submundos que se ligam ao *glamour*, como o da moda, "em que a masculinidade só não é um bem em vias de extinção, porque já desapareceu há muito". E ainda o da crítica de costumes, onde Charles C. Astro exerce de cronista ou 'cornista' no seu trono de director da *Lixo*, dando conta do "retrato sórdido, e frequentemente mal-cheiroso, do panorama scripto-áudio-pseudo-visual dos dias de hoje".

Ao lado do anterior, ou mais bem no oposto, está o incomparável Lobo Tó Mia, disléxico, por sua vez director da *Fronhas*, cujo hábito de alterar a lógica sêmica das frases alcança achados de mérito (sequências do tipo "Desculpe por avisar sem entrar", ou "Pode usar essa investigação no decurso da sua informaçñao", ou "...a *Lixo* estava roubada em apostar-nos o exclusivo", ou ainda "ameaçou estranhos recebimentos nos últimos dias").

O gume nom fica gasto nos nomes das personagens mencionadas, pois o resto nom tem desperdício: para além dos Lobo Tó Mia e da Rute Vinhas T. (para os frequentadores da vida social portuguesa talvez tenha mais interesse até o de Charles C. Astro), temos o L. Fant, funcionário que tinha sido ao lado da Rute; os amigos do FUC, Tó Linha e Manecas; a ascética madame Di Piuta; o guarda prisional Prepúcio. O registo corrosivo alcança o auto-flagelo, pois é sugerida inclusive a leitura do próprio livro que temos nas maos como instrumento de tortura do L. Fant –para cujo interrogatório, por certo, acaba por ser parodiado um desses bobos testes dos apresentados tipicamente aos famosos.

Do mesmo modo que FUC afirma provocar no sexo oposto ora o desencanto ora a hilaridade, mas jamais a indiferença (p.116), podemos afirmar o mesmo, entre tiques de tamanho de letra e interrupçons bizarras, acerca desta primeira história do *Armai-vos uns aos Outros*. E só para catar um bocado do "Die, Cabrón!":

> Conhecem certamente a sua história: Rute era apenas o mais recente exemplo da típica loira de inteligência superior que virara costas a uma carreira superficial na área da investigação e desenvolvimento (I&D para os íntimos) para se

> dedicar à ingrata missão de provar que a moda era intelectualmente mais exigente do que a descoberta de uma qualquer teoria da relatividade, criada por gajos que não sabiam sequer fazer a distinção entre ovos mexidos e uma omelete.
>
> Oh, imaginem só a cena: um sujeito irresistivelmente bem parecido como eu, corpulento e de nariz afilado sempre à banda, vestido conforme mandam as Sagradas Paneleirices. A saber –camisa de marca desabotoada até à bílis, calças brancas como um rabiosque imaculado, melenas negras embebidas em gel rançoso e um cacho de fios dourados ao dependuro, iguais aos célebres vegetais do Padre Inácio. Impossível resistir.

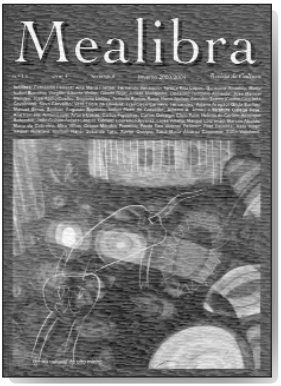
Quanto á segunda história, "Crítica da ração pura", a proposta é a de umha biografia do raquítico Hans Serôdio, fiel e obscuro secretário particular de Immanuel Kant, cujo pensamento pode ser sintetizado à seguinte máxima:

"Existirá vida depois da morte?
E se existir será que poderemos
levar os nossos chinelos favoritos?"

Enquanto Hans serve com dedicaçom os caprichos do Mestre e constata a sua loucura crescente, ele próprio escreve umha obra paralela àquela que cedeu fama mortal ao filósofo, e que será justamente *Crítica da ração pura*. Entre iniciais manobras da mae (Arnaldo) e do pai (Hansa), mas sobretudo da mae (insisto, Arnaldo), para levar o seu rebento a Konigsberg a pé do grande pensador, e excertos do diário de Hans, mensagens e-pombo, o narrador vai desenhando com maior continência, mas com igual efectividade, um retrato tam cativante como na primeira história. *Armai-vos uns aos Outros* é, no seu conjunto duplo, umha refrescante narrativa do século XXI que, nom perdoando nada no actual horizonte das letras portuguesas, toma partido por registos ligados a umha banda desenhada do mais *fashion* e ainda sem inventar, só ficando a dever-se a si própria. O Sérgio Almeida, e os seus camaradas músicos e actores e encenadores de vídeo que se lhe ligam em projectos comuns, ainda podem estar presentes nos seus melhores momentos.

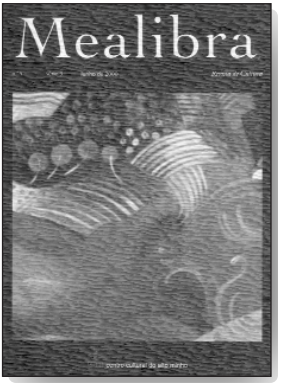
Carlos Quiroga

MEALIBRA
nº 13, série 3. Semestral
Inverno 2003/2004



A *Mealibra* está a ocupar um primeiro lugar a cada vez de mais alta dignidade no espaço das revistas literárias de Portugal. Longe vai aquela etapa de "revista Galaico-minhota" que comentávamos no número 12 da *Agália*, em 1987, aquando o nascimento do projecto, já na segunda série. Já na altura, sendo director José Nogueira Gil, estava ligada ao Centro Cultural do alto Minho de Viana do Castelo, mas, se de início reclamava umha certa especificidade regional, sem assumir "bairrismo ou regionalismo de campanário", para poder "atingir um âmbito mais basto e justificar a sua existência", a área geográfica e cultural de que agora se reclama, com direcçom de Fernando Canedo, continua mantendo certa fidelidade ao esquema, e ainda assim o conjunto da publicaçom abriu-se completamente e como nunca ao mundo. O tamanho continua sendo aproximadamente o mesmo (21x29), mas das sessenta páginas daquela primeira *Mealibra* tem-se passado às 180 neste último, e alguns números, como o do segundo semestre do 2001, atingírom as 244. Costumam participar nos seus volumes, agora semestrais, os mais prestigiosos escritores da lusofonia, e se nom veja-se como abre o presente, com um "Conto Inédito de Fernando Pessoa" apresentado pola escritora e pessoana Teresa Rita Lopes. Seguem contributos de Ana Maria Freitas (também sobre o policial em Pessoa), Fernando Venâncio desde a Holanda, Germano Almeida desde o Cabo Verde, Maria Isabel Barreno, Vergílio Alberto Vieira, Olinda Beja, Julieta Monginho, o incomparável Onésimo Teotónio desde Providence, José Manuel Mendes desde a Madeira, José Abílio Coelho, Eugénio Lisboa, António Ramos Rosa, Nuno Júdice, Amadeu Torres, Inês Cavalcanti, Silvia Carvalho, Vera Lúcia de Oliveira, Francisco Carneiro Fernandes, Ariana Aragão, entre outros...

Interessa resaltar, como em vários meios da Galiza se divulgou na altu-



ra da ediçom, a publicaçom do amplo bloco de 63 páginas dedicado à literatura galega. Vai precedido de umha introduçom, "Al-khuarizmi –...de literatura galega", a modo de breve história (que eu tenho chamado de *portátil*) das nossas letras explicadas a portugueses, e segue umha Antologia de textos de 26 autores, na maior parte dos casos inéditos, com as fotografias e notas biobibliográficas. A lista de autores representados é a seguinte: Ana Romaní, Antón Lopo, Arturo Casas, Carlos Figueiras, Carlos Quiroga, Chus Pato, Helena de Carlos, Henrique Rabunhal, João Guisan Seixas, Joel R. Gómez, Lourenço Álvarez, Luísa Villalta, Manuel Lourenzo, Marcos Abalde, Maria do Cebreiro, Miro Villar, Oriana Méndez Fuentes, Paula San Vicente Pellicer, Pilar Pallarés, Rafa Villar, Raquel Miragaia, Román Raña, Suso de Toro, Xavier Queipo, Xosé Maria Álvarez Cáccamo e Xúlio Valcárcel.

A antologia, como também indiquei na altura, tem um carácter "caprichoso" e "casual", tendo ficado fora textos por chegarem tarde e estando ausentes outros que já nom foram pedidos à vista do elevado número dos já recebidos, e até por causa dos limites de espaço que concedera a revista –a ideia visava alargar o pedido de textos a outros nomes. O volume dos contributos recebidos e a exigência de entregar o trabalho também dificultou as consultas com os autores, assim como aprimorar ao gosto de toda a freguesia o resultado. Em todo o caso, nunca pretendeu ser representativa ou exaustiva de umha suposta totalidade do campo literário, como todo o mundo pareceu entender. O que pareceu menos compreensível para a miopia de alguns olhos reintegracionistas é que os textos aparecessem em português europeu ou norma AGAL, seguindo o critério de empregar primeiro a forma reintegrada galega quando nom era indicado polo autor que preferia a lusitana padrom; salvo no aparato introdutório e nas notas biográficas onde se acatou a preferência da direcçom da Revista lusa. Leiam bem, porque esse foi o critério, bem mais difícil de acometer e propor aos participantes do que o globalizante e suposto internacionalismo de campanário. E até em Viana parecem aceitar melhor a legitimidade de um galego orgulhar-se de aparecer como tal...

Vale a pena indicar ainda que este número da *Mealibra* foi apresentado em Santiago de Compostela em irmandade histórica com a *Agália*, o 16 de Março de 2004, às oito e meia da noite, na *Sala Nasa*, e com marionetas de Alexandre Vorontsov e Saabath Passos. Pouca gente, mas

estiveram presentes os directores das duas publicaçons, Benjamim Moreira e colaboradores dos últimos volumes de ambas. Houvo um breve acto de fraternidade e atendimento dos meios, com exposiçom de conteúdos e entrega de exemplares aos autores de trabalhos publicados que estavam presentes. E passou-se ao deleite de um espectáculo único. Porque, furtando-se a eventos aborrecidos do género, aproveitou-se o acto social da apresentaçom dos volumes para umha festa de marionetas. "Dança comigo" era o título da peça (para maiores de 6 anos), escolhido a partir de umha música de Leonard Cohen, que encenárom Alexandre Vorontsov e Saabath Passos. Vorontsov, discípulo de Serguei Obraztsov, é actor/marionetista da Companhia Estatal de Marionetas de Moscovo (dispensado para colaborar com o *Grupo de Marionetas, Actores & Objectos de*

Viana do Castelo), e possue umha exímia técnica de manipulaçom .

A peça conta histórias sobre os encontros e desencontros que sucedem no nosso quotidiano, tendo como cenário os mais variados cantos do planeta, sempre com umha pitada de humor e de ironia à mistura, e com músicas de todos os quadrantes. O espectáculo vive em exclusivo do trabalho dos dous actores e da respectiva manipulaçom de múltiplas marionetas, construídas através das mais variadas técnicas, em alguns casos técnicas inovadoras com base no trabalho e na destreza manual. A estrutura desenvolvia-se em vários quadros com apoio musical muito sólida que elimina à partida toda necessidade de diálogo. Nessa base, a partir de um biombo no centro do palco e apenas algum outro elemento, como umha pequena caixa, os actores levárom-nos a viajar polo mundo inteiro.

Do 1º quadro, com um ambiente de sensualidade típico das danças egípcias e música provavelmente do Líbano, a bailarina oriental e a sua dança do ventre, deu passo a um espaço público de umha sala de espera onde duas personagens se sentiam mutuamente atraídos. O terceiro *sketche* fazia-nos remontar aos extraordinários *shows* televisivos mais conhecidos, e assistíamos à dança de duas coristas efectuada unicamente a partir do trabalho das maos de Vorontsov. A história seguinte seria a mais conseguida em termos artísticos: a técnica vocal dos actores e a manipulaçom das marionetas foi levada ao que há de mais precioso nas artes do palco, se consideramos este como umha fábrica de ilusom. Atrás do biombo, acabámos transportados até à longínqua China e, tal como se estivéssemos diante de um clássico filme chinês, assistímos a um episódio humorísta que nos contava a história de umha cantora lírica e de um par de aprendizes de artes marciais. E aí, tal como se assistíssemos a umha simples parábola, a liçom de amor. Os dous aprendizes de Kung Fu manipulados por Alexandre Vorontsov, luitavam ao som de tambores por conquistar o amor da corista que cantava com umha voz melodiosa, acabando no fim da luita extenuados e sem forças para levar a sua avante. No final da cena surgia entom o mestre das artes marciais que era quem obtinha os favores da corista. Extraórdinário trabalho de voz de Saabath Passos neste número.

As cenas seguintes desenrolárams-se num café ao som da música de Leonard Cohen, a seguir um "gag" clássico do Teatro de Marionetas de Moscovo em que se nos transporta para umha cena de um tocador de balalaica e de um bêbado (exemplar como umha simples camisa enfiada até ao joelho constitui já por si umha marioneta), e depois ao calor carioca e ao som da música de umha célebre artista brasileira, e finalmente um soberbo número ao som do "Ne me quitte pas" de Jacques Brell, entre umha marioneta e a actriz, alusom irónica à soledade humana, em que dispositivos mecânicos introduzidos na própria marioneta a faziam verter, por momentos, rios vertiginosos de lágrimas...

Ninguém saiu deste espectáculo sem sentir vontade de rever... E foi um modo extraordinário de unir as duas revistas em Compostela, passando por Moscovo.

Carlos Quiroga

percurso

Comissom Lingüística da AGAL

Resoluçons em matéria de toponímia galega adoptadas pola *Comissom Lingüística* [CL] na sua reuniom de 24 de Janeiro de 2004:

a) Tomando em consideraçom a documentaçom disponível, a [CL] recomenda as seguintes formas toponímicas: *Berzo, Cee, Corunha, Monterroso, Ordes, Rianjinho* (POG: *Rianxinho*), *Rianjo* (POG: *Rianxo*).

b) A [CL] resolve a generalizaçom, nas formas toponímicas pertinentes, das terminaçons *-eia(s)* e *-eio(s)*, que mostram incorporado um **i** epentético. Exemplos: *Ceia, Ponte Areias* (POG: *Ponte-Areas*), *Teio*.

c) Quanto aos topónimos galegos que incluem o nome de um rio antecedido pola preposiçom *de*, a [CL] estabelece que, como regra geral, o nome do rio irá precedido do artigo definido, excepto no caso daqueles topónimos que desde o Medievo se documentam sem artigo. Exemplos: *Barra do Minho* (actual *Comissom de Toponímia da Junta da Galiza* [CTJG]: *Barra de Miño*), *Castrelo do Minho* (CTJG: *Castrelo de Miño*), *Nogueira do Minho* (CTJG: *Nogueira de Miño*), *Parada do Sil* (CTJG: *Parada de Sil*), *Salvaterra do Minho* (CTJG: *Salvaterra de Miño*). Mas, por exemplo: *Ribas de Sil*.

d) Revisom dos topónimos relativos a comarcas que aparecem no programa informático **Topogal** (elaborado pola *Comissom de Informática* da AGAL). A [CL] resolve aprovar todas essas formas toponímicas, excepto nos seguintes casos, em que resolve a sua modificaçom: *Corunha* (última versom do **Topogal**: **Crunha*), *Berzo* (**Bérzio*).

e) Revisom dos topónimos relativos a concelhos que aparecem no programa informático **Topogal** (elaborado pola *Comissom de Informática* da AGAL). A [CL] resolve aprovar todas essas formas toponímicas, excepto nos seguintes casos, em que resolve a sua modificaçom: *Somoças* (última versom do **Topogal**: **So-Moças*), *Valdovinho (*Val do Vinho), Pedra Fita do Zevreiro (*Pedra Fita do Zebreiro), Messia (*Mesia), Tabuadela (*Tavoadela), Carvalheda do Ávia (*Carvalheda de Ávia), Castrelo do Minho (*Castrelo de Minho), Parada do Sil (*Parada de Sil), Vereia (*Verea), Sam Martim de Oscos (*Sam Martim de Ozcos), Santalha de Oscos (*Santalha de Ozcos), Vila Nova de Oscos (*Vila Nova de Ozcos), Priarança do Berzo (*Priarança do Bérzio), Vila Franca do Berzo (*Vila Franca do Bérzio), Perançaes (*Perançaens), Ponte-Cesso (*Pontecesso), Pungim (*Punxim), Santo Amaro (*Sam Amaro), Sam Cristovo de Ceia (*Sam Cristovo de Cea), Tabuada (*Tavoada), Ponte Areias (*Ponte Areas), Salvaterra do Minho (*Salvaterra de Minho), Bergondo (*Vergondo), Corunha (*Crunha)*.

f) As fórmulas "de Arriba" e "de Abaixo" que figuram nalguns topónimos no Topogal serám substituídas por "de Riba" e "de Baixo", respectivamente.

AGÁLIA, 77-78 - 1º SEMESTRE 2004

Portal Galego da Língua ultrapassa as 100.000 visitas em 2003

O sítio da AGAL mantém a saúde em progressom espectacular. Dezembro foi o mês com mais páginas vistas, quase 200.000. Os últimos quatro meses do significárom um espectacular salto qualitativo na audiência do PGL, sempre superando as 12.000 visitas e os 4.000 visitantes distintos, segundo os dados fornecidos polo serviço de hospedagem.

Ainda sem conhecer com total certeza de onde é que procedem todos os visitantes, os diferentes contadores instalados permitem afirmar que quase um 20% das visitas procedem do Brasil e de Portugal. Numha percentagem similar. Isto mostra o grande trabalho informativo e pedagógico que o PGL está a desenvolver na Lusofonia. Desde a comunidade galega no exterior também chegam numerosas visitas. Só assim podemos explicar o facto de receberem desde Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Argentina, Suíça, França, México e Holanda, no seu conjunto, por volta dum 5 % das visitas.

E é que os dados do PGL neste 2003 podem qualificar-se como um grande sucesso: 101.200 visitas e 1.394.097 páginas vistas. Isto significa umha média de 277 visitantes ao dia. Cifra que no último terço do ano supera as 400 visitas ao dia. No mesmo ano, o PGL colocou um total de 625 notícias, o qual significa quase duas notícias ao dia. Outra secçom estrela é a dos Foros de discussom, 20 % das visitas.

O sítio na rede da AGAL está tornando no grande centro de relacionamento da família reintegracionista, com umha comunidade de usuários registrados que ascende a 646. Além disto o Portal conta com 117 ligações a outros webs e já fôrom colocados mais de 1.000 comentários às notícias. Dados que reflectem a interactividade do Portal como umha das chaves do seu sucesso♦

◇ www.agal-gz.org ◇

Falares sem cancelas em Rádio Alhariz

Desde o 9 de Janeiro realizou-se em Rádio Alhariz o programa *Falares sem Cancelas*, fruto da colaboraçom entre essa rádio e a AGAL-Ourense. Com horário de 17:00 a 18:00 horas e saindo ao ar na frequência 107.2 da FM, o programa começou a abordar todas as sextas-feiras temas relativos à nossa língua galego-portuguesa na Galiza e no mundo. Entre outras, destacam as seguintes secçons: *Noticiário da Língua*: a situaçom da nossa língua ou quaisquer outra línguas da Europa ou do mundo. *Falar com Jeito*: pequenas aulas sobre assuntos técnicos relativos aos usos da língua, apontamentos sobre correçom, maus usos, etc. *Conversas com...*: entrevistas com personagens sobre temas em questom relacionados sempre com a nossa língua. *Músicas lusófonas*: criaçons musicais e autores em galego-português dos países da nossa fala, Galiza, Portugal, Brasil, PALOPs, Timor, etc... *Você que opina?*: secçom destinada a envolver aos ouvintes com piadas, perguntas, jogos, cantigas, etc..., onde o público pode participar. O *Portal Galego da Língua* colocou na *Galeria PGL* os programas emitidos para serem ouvidos em qualquer lugar da Galiza e do mundo♦

Jornadas da Língua em Vilar de Santos

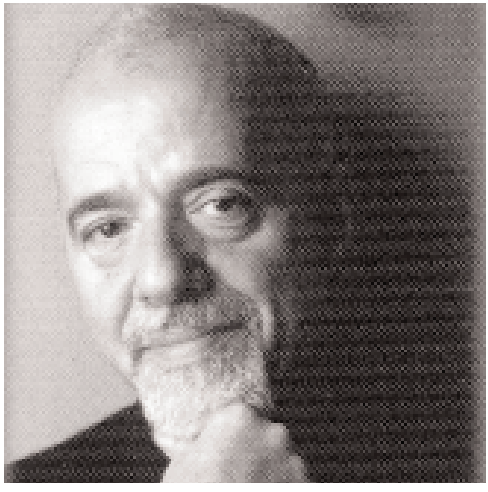
O Portal Galego da Língua, o lexicógrafo Alonso Estraviz e o académico Bernárdez Vilar forom os protagonistas das *Jornadas da Língua* que em Vilar de Santos realizárom conjuntamente a AGAL, Juventude pola Autodeterminaçom, Associaçom *O Covelo* e Câmara Municipal de Vilar de Santos, celebradas em 26 e 27 de Dezembro.O PGL foi o protagonista do primeiro dia com "Internet: Comunicaçom e Língua –PGL como exemplo". Vítor Manuel Lourenço e Miguel R. Penas, almas do Portal Galego da Língua, mostrárom as potencialidades da nossa língua no mundo e como a partir de umha óptica nom regional podíamos obviar o espanhol quanto a *software* ou quaisquer realidades existentes na rede. Apoiando o seu colóquio em elementos aúdio-visuais, nomeadamente *Internet*, o acto tornou-se de grande amenidade. Na recta final, o público assistente, por volta de 45 pessoas de idades entre 18 e 25 anos, exprimiu as suas curiosidades e dúvidas♦

casar em galego

A primeiros de Dezembro produziu-se mais um caso de indefensom diante dumha discriminaçom lingüística, desta volta no Registro Civil de Santiago. Um casal compostelano solicitou poder casar em galego, diante da inexistência de documentaçom redigida na nossa língua os funcionários propugerom-lhe que fossem os próprios moços os que traduzissem os impressos, senom teriam que esperar até três meses para que chegasse a traduçom oficial. Por se fosse pouco, forom informados que de pretenderem fazer a cerimónia em galego poriam-lhes um intérprete pois o juiz correspondente nom era galego. Finalmente, depois de mês e meio de espera, o casal poderá casar sem mais demora e à integra em galego... na Galiza♦

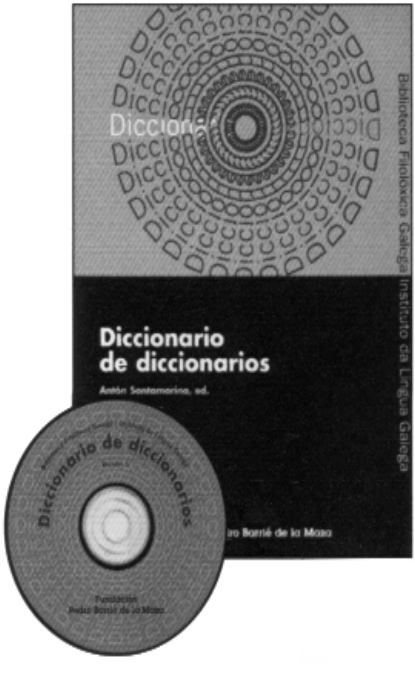
na nossa língua o livro mais vendido em 2003

O brasileiro Paulo Coelho foi apontado pola revista *Publishing Trends* como o escritor que mais livros vendeu durante o ano de 2003. *Onze Minutos*, livro mais recente do autor e imortal da Academia Brasileira de Letras, teria superado até ao fenómeno editorial *Harry Potter e a Ordem da Fénix*. Tendo como protagonista Maria, uma prostituta brasileira que vive na Suíça, Paulo Coelho discute o amor e o lado sagrado do sexo. Maria acredita que é possível haver um encontro perfeito entre corpo e alma num relacionamento, e sai em busca desse ideal. ♦



dicionário de dicionários

O Instituto da Língua Galega (ILG) lançou em internet o *Tesouro Informatizado da Língua Galega* (TILG), banco de dados de mais de 90.000 palavras significativas (conhecidas como *lemas*) que integram numha só entrada as variantes dialectais e gráficas e mais as derivaçons combinativas (plurais, desinências verbais...). Na realidade, umha espécie de recopilaçom de diversos textos, só galegos, publicados desde 1612 até à actualidade, pensado como córpus para a fabricaçom de dicionários. Pode-se já consultar em internet, embora esteja sem completar a cento por cento para verificarmos se os textos produzidos polo reintegracionismo também forom tidos em conta, mesmo que o critério normativo empregue fosse o do isolacionista *Vocabulário Ortográfico* do próprio ILG♦



Galician People speak Portuguese !

Eis o lema da própria *Xunta de Galicia* num documento publicitário do IGAPE, *Instituto galego para a promoción do emprego*, inserido num especial que o jornal estadunidense *The New York Times* dedica ao Reino de Espanha. A publicidade encoraja a investir na Galiza por múltiplos motivos mas o que mais chama a nossa atençom tem a ver com o aspecto lingüístico. Segundo este documento há imensa facilidade para encontrar pessoal bilingüe espanhol-português com capacidade para atender desde a Galiza a clientes nas duas línguas. Esta informaçom coloca algum interrogante que nom fomos capazes de resolver:

* Se o português nom está nas cadeiras ministradas na educaçom obrigatória como é que há tanto pessoal *bilíngüe*? Ou

* Será que os galegos somos os únicos *trilíngües* do mundo (português, espanhol e galego) a nom ter consciência do seu *trilingüismo*? Estaremos perante um caso de *trilingüismo inato* que a comunidade científica nos quer poupar?

* Que leis aritméticas provocam que quando os nossos dirigentes agem no estrangeiro falamos umha língua de 200 milhons e quando na Galiza ficamos nos 3...? Nom temos resposta mas teimaremos na sua procura. Só nos resta animar o Governo Galego para nom ser assim tam forreta e espalhar a descoberta do trilingüismo inato por estes pagos!♦

galeguizaçom do ensino

O Colectivo de *Nais e Pais polo Ensino en Galego* (NPEG), numha reuniom nacional dos seus membros, tomou a decisom de dirigir-se à Conselharia de Educaçom para lhe demandar o cumprimento de imediato do *Decreto 247/95*. Desde NPEG consideram que o Governo deve garantir que os estudantes possam finalizar este ano académico recebendo a docência mínima em galego que indica a legislaçom vigente. Assim também consideram de importáncia que a Conselharia de Educaçom tome medidas mui especialmente para o referido a Educaçom Infantil e Primeiro Ciclo de Primaria. Há que lembrar que, nestes momentos, os pais que queiram escolarizar os seus fi-lhos em galego nom tenhem a opçom real de o fazerem. Este mesmo colectivo quer lembrar-lhe à *Xunta* que um informe do Conselho da Cultura Galega acha "clamoroso" o incumprimento do *Decreto 247/ 95* na Educaçom Infantil e no Primeiro Ciclo da Primária♦

aparece *Gentalha do Pichel*

Museu do Povo Galego, 31 de Janeiro, a *Gentalha do Pichel* culmina o seu processo de fundaçom. Após dous meses de preparaçom as pessoas que promovem este projecto, que pretende agrupar o compostelanismo pronto ao activismo cultural na cidade e comarca, derom por finalizado o processo de constituiçom com a celebraçom da Assembleia Fundacional. Em pouco mais de dous meses a *Gentalha do Pichel* já tem 30 sócias e sócios. O tempo precedente à assembleia serviu para somar esforços, empenho e vontades no lançamento do ambicioso projecto cultural para Compostela. ♦

AGIR polo galego

Agir, a organizaçom do estudantado independentista, promoveu umha campanha, coincidindo com o periodo oficial de exames nas universidades galegas, animando o estudantado galego a redigir os exames em galego e frear destarte a progressiva espanholizaçom do ensino. "Na rua, nas aulas, nos exames... sempre em galego!" é a mensagem escolhida para promover o uso da língua no ensino♦

teatro de Joel Gomes

Em 19 de Fevereiro, aula nobre do Liceu de Ourense, representaçom teatral *Quanto vales tu, meu tentador?*, obra de Joel Rodrigues Gomes representada polo grupo "Para si". A iniciativa remonta à oferta da AGAL aos actores para representarem esta peça recolhida no *Teatro a medida e pronto para si*, livro publicado pola nossa associaçom em 1998. Era a primeira vez que se representava a obra após tê-lo tentado Manolo Vidal, morto quando se estava a recuperar de umha inesperada enfermidade. Desta volta, os companheiros do grupo local da AGAL de Ourense decidírom encená-la com a ajuda da Universidade de Vigo♦

Luviám em galego

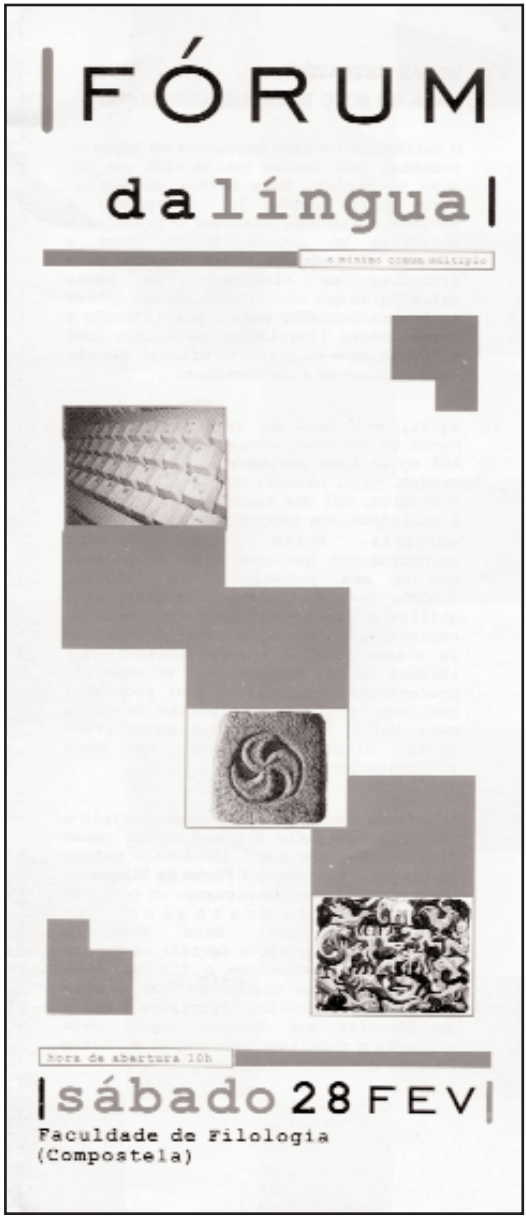
Potenciar o uso da língua galega e fomentar a relaçom entre as duas localidades, com actividades culturais e programaçom conjunta de eventos, som os objectivos da geminaçom já aprovada entre os municípios de Rianjo e a localidade de Luviám, sita nas Portelas, sob administraçom castelhano-leonesa. O município de Luviám, conta apenas com uma populaçom de 400 pessoas, noventa por cento das quais fala uma variante da língua galego-portuguesa, e tem-se destacado pola defesa da língua embora ao nom fazer parte do limite administrativo da Comunidade Autónoma Galega esta nom tem o grau de oficialidade♦

Fórum da Língua

"O reintegracionismo deve rachar com a imagem de marginalidade e sectarismo e somar esforços de toda a gente comprometida com a língua"

O Sábado 28 de Fevereiro, na Faculdade de Filologia de Compostela, foi umha festa do reintegracionismo, a partir do lema "O mínimo comum múltiplo" e organizado polo MDL. Foi todo um sucesso. E a AGAL tivo presença activa na voz de vários dos seus associados, o mesmo que o PGL nas mesas das novas tecnologias e internet.

Tratava-se de oferecer um espaço de debate sobre a situaçom actual do reintegracionismo linguístico na Galiza e as suas estratégias para o futuro. Mais de um cento de pessoas participaram neste foro no que se pus de manifesto a necessidade de rachar com a imagem de marginalidade à que se costuma associar os colectivos que apostam por um galego reintegrado no espaço linguístico da Lusofonía (Portugal, Brasil, Moçambique, Angola...etc), para o qual houve uma coincidência geral em abrir-se a todas as pessoas comprometidas em acabarem com a situaçom de progressivo retrocesso do galego. O Fórum da Língua finalizou com a intençom de celebrá-lo de novo o vindouro ano com um movimento reintegracionista mais unido e fortalecido para conseguir o objectivo comum de fazer do galego uma lingua de uso normal, sem complexos no seu próprio país. No final do evento, Irene Veiga do MDL leu um texto em que se criticou as "normativas da sua concórdia" e a "pax lingüística", e apelou à "prática com sentidinho". O ambiente de satisfacçom pola presença do numeroso público e pola altura das intervençons, é uma amostra do grande



sucesso deste evento. Os mais veteranos do reintegracionismo galego felicitavam-se das numerosas caras novas, polo que representam de renovaçom do movimento em favor do Galego-Português.

Na sessom de manhá no Bloco de Experiências Eugénio Outeiro apresentou brevemente o trabalho e a trajectória da nossa Associaçom. Começou com um breve relato da História da AGAL para depois centrar-se nas actividades e projectos actuais. Na primeira palestra do Fórum, também de manhá, participárom a escritora Raquel Miragaia e o livreiro Xavier Paz, ambos associados da AGAL. A palestra intitulou-se Novas estratégias para um novo reintegracionismo. Já de tarde o director do "Novas da Galiza" e associado da AGAL Ramom Gonçalves tomou parte da mesa de mass-média. Simultaneamente, desenvolveu-se a mesa de ensino obrigatório, com umha abultada representaçom de associados da AGAL. Participárom o professor de português na EOI de Ourense Valentim Rodrigues Fagim e a professora de língua Rosário Fernandes-Velho. Na moderaçom da mesa estivo a também sócia a professora Sílvia Capom. Na segunda parte da tarde, na mesa de novas tecnologias participárom dous membros da Comissom informática da AGAL: o professor da USC Ramom Flores e mais o Miguel R. Penas em representaçom do PGL. O encerramento dos actos correu por conta do director da *Agália*, Carlos Quiroga, que propujo umha contundente narrativa audiovisual♦

proposto o *Instituto Castelao*

Para *"Termos mais cultura galega no mundo, termos mais Galiza no mundo"*, em palavras de Anxo Quintana, proferidas em Rianjo no dia 7 de Janeiro. Quintana acrescentou que com ele se quer *"dotar as instituiçons galegas de umha ferramenta de que actualmente carecem para projectar a nossa cultura e para pôr no mapa a figura do grande patriota de Rianjo"*. *"Impulsionar e gestionar uma rede de centros de estudo e investigaçom que espalhem e defendam o nosso idioma e a nossa cultura polo mundo adiante"*, seriam os objectivos básicos que o novo líder bloquista salientou para o instituto♦

A norma RAG instala-se

O BNG assumiu desde o seu Conselho Nacional (20/01/04) a *Normativa Oficial* aprovada pola Real Academia Galega. Como primeira consequência, a propaganda eleitoral das eleiçons Gerais do mês de Março apareceria nessa normativa.

A Mesa pola Normalización Lingüística adoptou também a norma RAG: a *Comissom Permanente* da MNL, em reuniom de 28 de janeiro, decidiu que esta organizaçom assumiria desde já a norma RAG. Ainda assim desde esta mesma organizaçom pretende-se defender, embora dum jeito mui testemunhal, que o debate sobre a estandardizaçom do galego permanece aberto♦

Morreu Luísa Villalta

A escritora Luísa Villalta, nascida na Corunha em 1957, morreu em dia 6 de Março, na sua residência da cidade herculina. Licenciada nas filologias Galego-Portuguesa e Hispánica, e titulada em violino, a sua obra abrange volumes de poesia (*Ruído, Música Reservada, Rota ao interior do ollo*), ensaio (*O Don Hamlet de Cunqueiro: unha ecuación teatral; O outro lado da música, a poesía*), teatro (*Concerto para un home só, O representante, O paseo das Esfinxes* e *As certezas de Ofelia*), e narrativa (*Siléncio, Ensaiamos; Teoria dos xogos* e *As Chaves do Tempo*). Na revista *Agália* publicou a nota "A língua dos sons" (n.º 6) e a selecçom poética "O oco da palavra" (n.º 10). Em janeiro passado foi laureada co XII Prémio Espiral Maior de Poesia polo livro *En Concreto*♦

X ediçom *Ponte... nas ondas!*

Desde 1995 um grupo de docentes da Galiza e do Norte de Portugal realizam esta experiência educativa que visa, através de umha jornada de rádio elaborada polos alunos e alunas das escolas participantes, mais um ponto de uniom entre a Galiza e Portugal. Esta aventura de rádio inter-escolar atingiu já a sua X ediçom o 7 de Maio passado, mostrando a viveza e a presença da cultura imaterial mais próxima às escolas. O projecto "Ponte... nas Ondas", que está a receber um amplo re-conhecimento, foi apresentado à Candi-datura do Património Imaterial Galego-Português, um património comum vivo, evolutivo e transfronteiriço.

Várias estaçons de rádio de Galiza e Portugal, das Câmaras Municipais dos Concelhos próximos, gente do mundo da cultura e ainda a Companhia Telefónica de Espanha, que fornece a infra-estrutura técnica para a emissom, colaboram na experiência que nos últimos anos também pode ser ouvida através de internet, aproximando desse jeito escolas, professores e personagens da cultura de diferentes países, como a França, Holanda, Finlândia e, nomeadamente, a incorporaçom da "área lingüística mais próxima", como as escolas do Brasil ou Moçambique.

Como referenciam no seu sítio em internet *PONTE...NAS ONDAS!* é umha ponte de comunicaçom entre os jovens, os professores, os jornalistas e a gente da cultura, que podem comunicar numha língua comum a partir da sua realidade social, educativa e cultural partilhando umha experiência multicultural"♦

Com esta ideia, lançou-se a campanha "Associa-te à AGAL e ganha livros". Umha campanha que convida a associar-se à AGAL e conseguir livros editados pola associaçom. Entre outros, obras de: Guerra da Cal, Carvalho Calero, João Guisán ou Joel R. Gómez. Além disto, as sócias e sócios da AGAL tenhem direito a um desconto de 30% nas publicaçons da associaçom e a um endereço de correio-e pessoal do tipo *oteunome@agal-gz.org*

Para mais informaçom sobre esta campanha, pode-se contactar escrevendo ao apartado de correios 453, Ouren-se, ou ao endereço de correio-e

info@agal-gz.org ♦

campanha associativa agálica

Nos últimos anos, a AGAL e o reintegracionismo todo passárom por momentos em que a sua força e presença social fôrom mínimas, beirando o desaparecimento. Mas desde há algum tempo, a associaçom iniciou um novo caminho de reorganizaçom e fortalecimento. Um dos primeiros frutos desse trabalho é o Portal Galego da Língua. Posteriormente, iniciou-se um processo de formaçom de grupos locais, com grupos que já funcionam em cidades como Ourense, Compostela, Lugo, Corunha ou Vigo. Além disto, também se retoumou a iniciativa editorial e com sucesso.

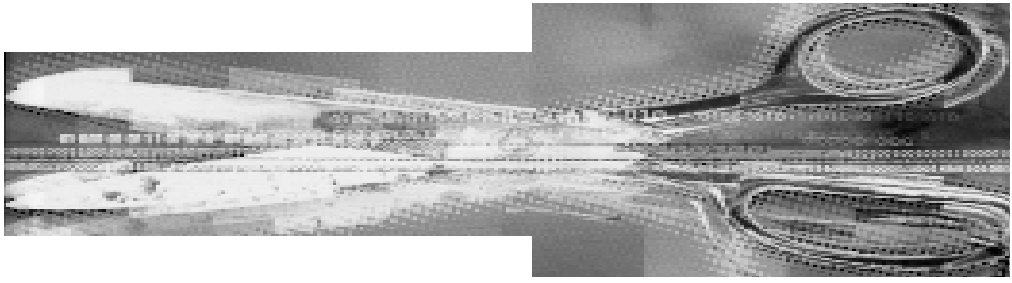
Nesta nova etapa da AGAL, o Conselho é consciente de que a presença pública e a força do movimento de normalizaçom reintegracionista dependerá directamente do número de pessoas envolvidas nele. É por isso que se considera muito importante que todas as pessoas que estamos por estes objectivos podamos trabalhar juntos para avançar na sua consecuçom. A plena normalizaçom da língua dependerá do trabalho de todos.

ao Parlamento castelhano-leonês

Fala Ceibe reclama a execuçom da Carta Europeia das línguas regionais no respeitante à língua galega no Berzo e nas Portelas da Alta Seabra sob administraçom samorana. O colectivo berciano insta às Cortes de Castela e Leom a que aprovem umha resoluçomn de reconhecimento expresso do conteúdo da *Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias* (Estrasburgo, 5 de novembro de 1992), que inclua a declaraçom de executá-la em todo o que afecte á protecçom e fomento do idioma galego dos seus falantes nessa Comunidade Autónoma♦

Portugal Indymedia

O núcleo português do projecto *IMC-Portugaliza,* portugal.indymedia.org lançou o Domingo dia 6 de Junho um editorial no corpo central do portal sobre a situaçom da língua na Galiza espanhola. No texto: *Galiza: a resistência lusófona a um genocídio linguístico*, fala-se do informe da UNESCO que apontou a alarmante situaçom em que se encontra a nossa língua na Galiza, que *"só nos últimos 25 anos, tem perdido mais utentes do que nos cinco séculos precedentes"*. Também se explicam sumariamente as razons coloniais e estruturais da dominaçom do castelhano na Galiza, ainda quando o galego-português segue sendo a língua maioritária. Além disso, fazem-se referencias explícitas no artigo à ausência de direitos linguísticos do povo galego na referência à escassa presença da nossa língua no ensino obrigatório e às barreiras que o Estado espanhol está a pôr para que se possam receber os sinais de TV e Rádio portuguesas. Finalmente no texto faz-se apelo "*à solidariedade do resto de comunidades lusófonas no mundo (nomeadamente em Portugal e no Brasil) com o povo galego e a defesa da lusofonia ao norte do rio Minho*". O editorial inclui umha ligaçom ao MDL e à AGAL através do PGL♦



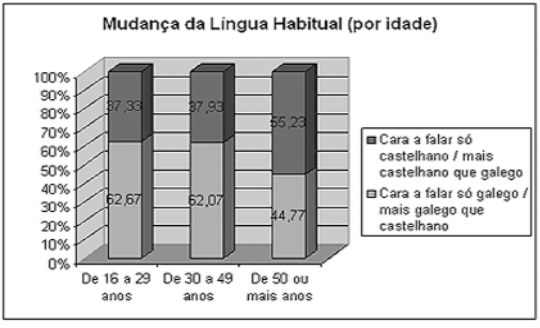
Mesa pede galego aos eurodeputados

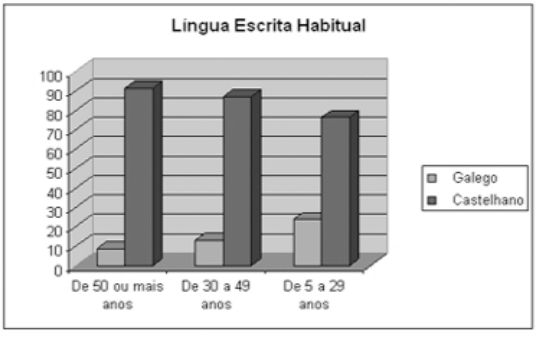
A Mesa dirigiu-se aos grupos políticos e aos principais candidatos galegos ao Parlamento Europeu propondo que usem neste foro o nosso idioma. *"O galego como tal nom é oficial dentro deste organismo, mas sugerimos que se use, dada a semelhança do nosso estándar com o português, que si é reconhecido plenamente"*. Tendo em conta que galego e português som códigos pertencentes ao mesmo sistema lingüístico, A Mesa considera oportuno que nom se renuncie a usar a nossa língua no Parlamento Europeu. De facto, nos últimos anos já ficou demostrado que é totalmente inteligível e integrável dentro do trabalho dos serviços de traduçom e taquigrafia existentes♦

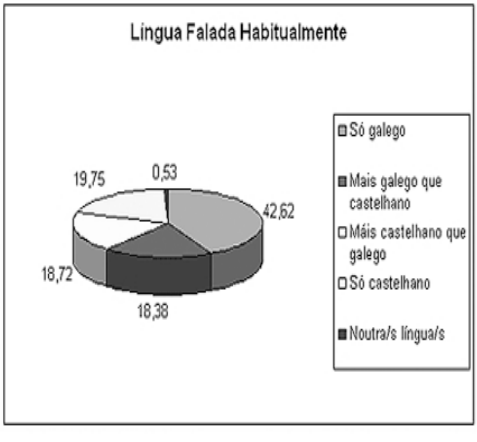
RETROCESSO DO GALEGO NA GALIZA:

O Instituto Galego de Estatística (IGE) vem de publicar um módulo específico de conhecimento e uso do galego que continua a reflectir, como era facilmente esperável, a existência de um processo de substituiçom linguística em andamento. O módulo em questom centra-se nas capacidades e usos da língua falada e da língua escrita, nom fornecendo dados significativos no que di respeito a aspectos como a capacidade real de leitura em galego (subsumida num ambíguo "compreensom do galego escrito") ou a prática habitual da leitura nesta língua, o que teria sido mui interessante.

Como no caso de inquéritos anteriores, a situaçom que se mostra numha primeira análise poderia convidar ao optimismo, pois revela que do ponto de vista sincrónico o galego continua a ser ainda língua maioritária no País.

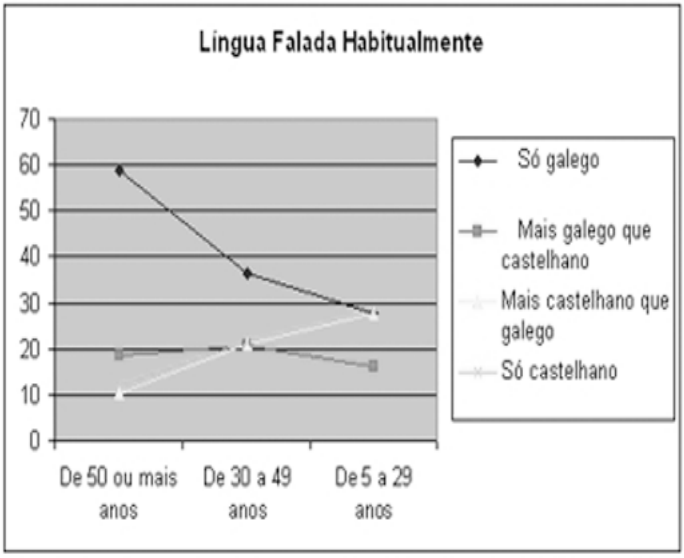






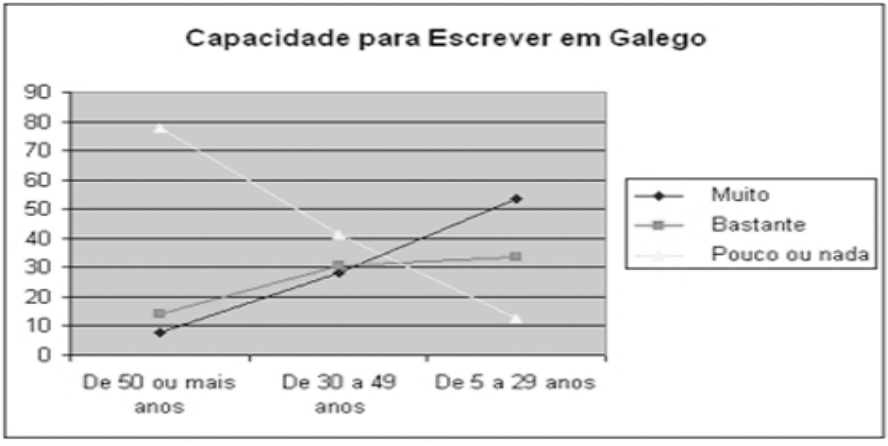
No entanto, umha análise que tenha em conta as diferenças de uso intergeneracionais, mostra-nos um panorama muito mais pessimista. No seguinte gráfico percebe-se claramente como se está a produzir um decréscimo brutal do monolinguismo em galego, acompanhado na geraçom mais nova de um decréscimo também significativo do número de pessoas que afirmam falar habitualmente mais galego que castelhano. Entretanto, o número de monolíngues em castelhano e de pessoas que afirmam falar habitualmente mais castelhano que galego avança parelho e praticamente triplica-se nas novas geraçons.

No que tem a ver com a capacidade para escrever o idioma, vemos que mesmo entre os mais novos se registra um número realmente baixo de pessoas com habilidades plenas para fazer uso do galego escrito. E apesar de que se tem produzido umha certa evoluçom positiva a respeito de geraçons anteriores, esta melhora parece nom se acompanhar de um aumento de usos suficientemente significativo.



Já no que tem a ver com a mudança de língua, o inquérito mostra-nos algum aspecto positivo, como é a tendência de que as pessoas mais novas a mudarem de língua o fagam preferentemente para o galego, ao invés das pessoas mais velhas.

Mas, como noutros casos, estas pequenas perspectivas positivas carecem de suficiente significatividade, umha vez que só 5,47 da populaçom galega afirma ter mudado de língua habitual.



Em suma, estamos perante mais outro inquérito a retratar o processo de substituiçom da língua polo castelhano, com metodologia, resultados e conclusons similares às de inquéritos anteriores♦

manifestaçom unidade da língua

Sob o lema «Agora é reintegracionismo» e com assistência de umhas 500 pessoas decorreu polas ruas de Compostela a manifestaçom pola língua convocada no domingo 16 de maio por diferentes colectivos de todo o País como *AGAL, Alto Minho, Artábria, Galeguiza, A Gentalha do Pichel, MDL, Reviravolta, Revolta* e *Novas da Galiza*. Da Alameda à praça de Maçarelos e num ambiente totalmente festivo, os assistentes nom deixárom de gritar lemas alusivos à normalizaçom e unidade da língua. Já na praça de Maçarelos Carlos Quiroga, director da revista *Agália*, lia o "Manifesto" da VA-CA "polo galego cerrado", no meio dos cúmplices sorrisos do público. Com isto ficava encerrado o acto em si da manifestaçom para dar passo a umha série de actividades, como conta-contos ou diferentes actuaçons musicais que nom teriam fim até às 3 da madrugada do dia 17♦

Raquel Bello

prémio Carvalho 2004

O ensaio de Raquel Bello Vázquez intitulado *Mulher, nobre, ilustrada, dramaturga. Teresa de Mello Breyner no sistema literário português do último quartel do século XVIII*, ganhador do prémio Carvalho Calero na ediçom deste ano, concede ao certame projecçom internacional e fai dele umha referência da crítica lusófona. Raquel Bello pesquisa sobre Teresa de Mello Breyner, que nom está no cánone português e é citada apenas tangencialmente nos trabalhos sobre o seu tempo relacionando-a com a Marquesa de Alorna. Resgata-se assim umha figura que, entre outras realizaçons, participou na fundaçom da Academia de Ciências de Lisboa e é autora de *Osmia*, título de relevo para a dramaturgia portuguesa do seu tempo, que Raquel Bello Vázquez edita como parte do seu interessante contributo premiado no Ferrol♦

Reintegracionismo *Letras 2004*

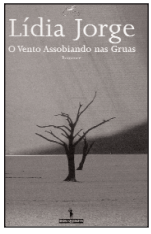
Do 17 de Maio, Dia das Letras na Galiza, a 10 de Junho, Dia de Camões, o reintegracionismo galego uniu-se para oferecer conjuntamente umha espectacular "Temporadas das Letras 2004" por toda Galiza. Cinema, palestras, exposiçon, música, gastronomia... e muito mais para tender pontes com a nossa língua. O programa completo das actividades agendadas alargou-se de Compostela, Condado, Corunha, Límia, Lugo, Ourense, Ponte Vedra e Vigo♦

ESTANTE RECENTE

por Carlos Quiroga

EDUARDO LOURENÇO
Destroços (Gradiva, Lisboa, 2004, 202 pp)

Ao título acresenta-se "O Gibão de Mestre Gil e Outros Ensaios", que o explica tudo. Escritos acerca do conceito de "barroco", "adolescentismo da moderna literatura portuguesa", ignorância do estrangeiro acerca da literatura lusa, etc., por umha das cabeças mais brilhantes da cultura portuguesa, e até com certa vontade polemista ♦



LÍDIA JORGE
O Vento Assobiando nas Gruas (D. Quixote, Lisboa, 2002, 538 pp)

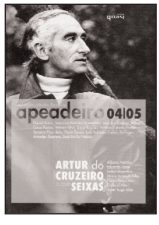
Ela é umha consagrada bem em activo. Foi *Prémio Correntes d'Escrita* este ano. O livro é umha daquelas histórias sólidas, com família numerosa recém-chegada de África e umha velha fábrica, um amor, um crime, um silêncio. E dous mundos em contraste♦

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA
Viagens na Minha Era (Temas e Debates, Lisboa, 2001, 196 pp)

Crónicas do quotidiano, frescas, inteligentes, rápidas, do presente. O autor é açoriano que vive há quase trinta anos em Providence, leccionando na Brown University, director do Departamento de Estu-dos Portugueses e dividindo o seu talento entre o escritor o professor. Quem conhece o ser humano fica para sempre com ele no coraçom. E só quem ainda nom leu pode deixar de adorar o escritor♦

Ensaio sobre a Lucidez (Caminho, Lisboa, 2004, 330 pp)

A estas alturas do jogo todo o mundo ficou sabendo de que vai este livro, e até já leria. O que choca é o autor predicar a fugida do voto no lançamento e insistir na mensagem deixando-se ir nas listas do PC português, tudo nas mesmas datas, segundo ele por "fidelidade" aos camaradas. Eles nom ficárom muito felizes. A Caminho mais♦



Apeadeiro, 4-5 Inverno 2004 (Quasi, Vila Nova de Famalicão, 230 pp)

Diferente das outras, esta "Revista de atitudes literárias", nas maos dos fundadores da jovem Quasi de Vila Nova de Famalicão. Pelada quase como o livro mais austero. Aparentando mesmo sem pudor ser um livro legal, gris e grosso. Apresenta um dossier sobre Artur do Cruzeiro Seixas, com entrevista, depoimentos de amizade e comentários sobre a sua obra e significaçom. Poemas inéditos dele, Cinco cadáveres esquisitos dele com Eurico Gonçalves e Dalila d'Alte. E poesias, Conto, Ensaios, Crítica, e até umha arroutada final contra Pedro Mexia. Realmente, um passar revista a atitudes. Literárias♦

DANIEL FARIA

Poesia (Quasi edições, Vila Nova de Famalicão, 2003, 450 pp)

O rapaz que tanto está a dar que falar, desaparecido aos 28 anos (1971-1999), finalmente publicado no seu conjunto, seis livros: *Uma cidade com Muralha, Oxálida, A Casa dos Ceifeiros, Explicação das Árvores e de Outros animais, Homens que são como Lugares mal Situados* e *Dos Líquidos*. Também textos inéditos. Imprescindível♦

JOÃO PADRÃO, ***Poemas para Cynara***, Cadernos do Povo, Revista Internacional da Lusofonia, 43-53 (Braga, 2000, 54 pp)

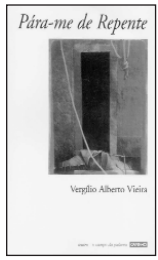
Um livro de poemas com o pseudónimo de João Padrão, assumido e esclarecido tanto polo editorial do director da publicaçom, José Luís Fontenla, presidente das Irmandades da Fala, como na apresentaçom apologética de Orlanda Marina de Nóbrega Correia. O livro cobre o período da revista que vai de 1998 a 2000 (e dez números?) com exagero de "aparato": para além de editorial, segue apresentaçom, umha inicial nota do autor, e outra final "Carta aberta sobre a Lusofonia", a entalar o conjunto dos versos apenas nas 28 páginas e no longo poema que constitui a matéria poética. Difícil entrar depois des-sas camadas verbais, para além de nada predispor para o verso o sabor daquelas, como a do editorial da direcçom –portanto do autor ou pseudoautor– que nom deixa de bater prescindivelmente na Galiza e nos galegos que nom empregam o português padrão. Na apresentaçom também é prescindível muita cousa, como a ingenuidade do adjectivo "belíssimos" a abrir na primeira linha e referindo-se aos poemas que apresenta. De resto, eis um longo poema de amor e ausência, escondido por trás de tanta barricada, onde maciça e discursivamente aflora a saudade da amada –e seguramente de umha pátria perdida, mas também por isso ainda querida♦

PEDRO SERRA

Um nome para isto (Angelus Novus, Coimbra, 2003, 152 pp)

O autor é docente de literatura portuguesa contemporânea na Faculdade de Filologia de Salamanca, e já contribuiu com achegas importantes para o conhecimento das letras vizinhas. Apresenta-nos agora estas "Leituras da Poesia de Ruy Belo", ao total seis ensaios, precedidos de um texto introdutório com três notas amplas altamente esclarecedoras dos modos e natureza da abordagem, quatro deles anteriormente publicados na *Colóquio/Letras* e no jornal electrónico *Ciberkiosk*, outro na revista *Relâmpago* e o último procedente da síntese de duas conferências anteriores sobre o mesmo tema. Completa-se o livro com um levantamento bibliográfico das primeiras ediçons dos livros de Ruy Belo, da sua poesia completa, da bibliografia Crítica sobre ele, e um último bloco de "vária" em se apoiam as leituras. Ensaios, com o discurso crítico de Joaquim Manuel Magalhães assumidamente no horizonte das conjecturas, que consagram definitivamente o autor português, ao tempo que a Pedro Serra como principal especialista e exegeta da sua obra♦

VERGÍLIO ALBERTO VIEIRA
Pára-me de repente (Caminho, Lisboa, 2004, 74 pp



Teatro português com prefácio do galego Manuel Lourenzo, um dos nossos dramaturgos e encenadores de cabeceira, que conclui a sua introduçom escrevendo: «Livro aberto e necessário que nos leva, correndo devagar, pelo interior da noite, da nossa universal noite escura da notícia sanguinária, terra adentro e mar adentro. Livro, também, das intimidades corrosivas do nosso mundo mais próximo, e por isso mais vulcânico, mais ferozmente amado-odiado, mais traidor. Livro, por outra parte, destinado, como profundo e carnal teatro que é, a ser despojado do seu peso de papel para gritar valente, desde o palco, a sua verdade. A sua poesia.»

E nom deve surpreender a precedência galega, para quem sempre nos dedicou o seu olhar de anos. Anos antes de conhecê-lo pessoalmente já ele tinha dado notícia e enviado textos para aquela revista *O Mono da Tinta*. Hoje é todo um escritor feito e direito no panorama português. Porque Vergílio Alberto Vieira (1950, Amares, Braga), formado em Letras na Universidade do Porto, passou a leccionar em Lisboa a partir de 1993, e nos últimos anos veio a afirmar a sua polivalência com várias obras. Reuniu quase toda a sua poesia no volume *A Imposição das Mãos* (1999) e parte da sua actividade crítica em *A Sétima Face do Dado* (2000). No domínio da ficçom publicou, entre outros, os livros: *Chão de Víboras* (1982), agora em reediçom corrigida, *O Navio de Fogo* (1993) e *A Biblioteca de Alexandria* (2001). Está representado em várias Antologias, a do *Conto Português Contemporâneo* (Lisboa, 1984), em *A Imagem de Marrocos/Relatos Portugueses de Viagens* (Fez, 1998), *Antologia da Poesia Portuguesa Contemporânea* (Rio de Janeiro, 1999), *Vozes Poéticas da Lusofonia* (Lisboa, 1999), *Antologia da Ficção Portuguesa Contemporânea* (Budapeste, 2000) e *Antología del Cuento Portugués del Siglo XX* (México, 2001). Está traduzido para castelhano, francês e búlgaro, línguas em que acaba de ser publicada umha antologia poética — *Peregrinação ao Sul* (Sófia, 2004). Autor de doze títulos (poesia, narrativa, teatro) no domínio da literatura infantil e juvenil, editou *As Palavras São Como as Cerejas* (2001), experiência criativa levada a cabo no âmbito de um Projecto de Oficinas de Escrita. Escreveu sobre livros no *Diário de Lisboa*, revista *África*, *Jornal de Notícias* e semanário *Expresso*. Integrou o júri dos principais prémios literários portugueses (APE, PEN Club, Eixo-Atântico, Correntes d'Escritas, etc.). Depois de *Cidade Irreal e Outros Poemas*, publicou *O Voo da Serpente* (2001), *Coágulos* (2002) e *Crescente Branco* (2004), também de poesia.

Sobre este livro devo dizer, em primeiro lugar, que invejo a escolha desse verso de Àngelo de Lima, que sempre admirei como um dos mais contundentes da Literatura ("Pára-me de repente o pensamento/ Como se de repente refreado/ Na doida correria em que levado/ Anda em busca da paz do esquecimento"). E essa sugestom de raio de lucidez vai sobrepor-se a um texto teatral em cinco partes ("Desembarque nocturno", "Terras sem nome", "Ronda das casernas", "Morrer de

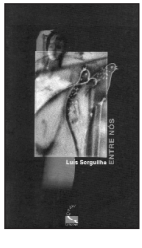
véspera", "E depois do fim", mais um "*Registo*"), de militares, viúvas, jesuítas, estropiados, até repórteres de televisom, para além da algumha alta dignidade histórica, que elevam um sonho com morte na estaçom dos caminhos-de-ferro, e que algum dia os palcos merecerám. ♦

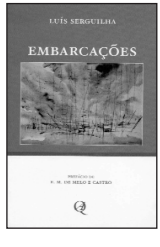
Estudios Portugueses 3
(*Revista de Filología Portuguesa*, Salamanca, 2003, 260 pp)

Com direcçom de Ángel Marcos de Dios, e docentes de Filologia Portuguesa da Universidade de Salamanca no seu conselho de redacçom, mais umha entrega deste cada vez mais sério contributo ao estudo da Lingüística, Literaturas Portuguesa e Brasileira, e da Cultura Lusófona em geral. Se no número de estreia havia trabalhos sobre Garrett, Vergílio Ferreira, as *Cartas do Japão*, António Dinis da Cruz e Silva, Lorca no Brasil, Portugueses na Universidade de Salamanca, os 500 Anos, correspondência entre Rodrigues Miguéis e Saramago, Bibliomania portuguesa de Unamuno, recensons, etc., indicavam a orientaçom polifónica da revista, no último concede-se especial atençom aos estudos sobre o Barroco. Exemplar aventura editorial♦

JOÃO DÉCIO
Vergílio Ferreira (Edifurb, Blumenau, 2001, 127 pp)

Conjunto de trabalhos escritos em épocas diferentes, todos eles debruçados sobre a figura e obra de Vergílio Ferreira. Certo primarismo nalguns tratamentos críticos e vários aspectos prescindíveis, nos conteúdos e nas formas, nomeadamente aquele de aparecer a silhueta do autor abrindo cada um dos ensaios♦





LUÍS SERGUILHA

Entre nós
(Quasi edições, Vila Nova de Famalicão, 2000, 76 pp)

O Externo Tatuado da Visão
(Ausência. V. N. de Gaia, 2002, 94 pp)

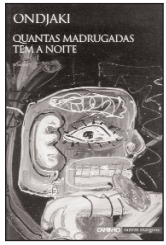
O murmúrio livre do pássaro
(Ausência. V. N. de Gaia, 2003, 174 pp)

Embarcações
(Ausência, V. N. de Gaia, 2004, 167 pp)

Luís Serguilha é pseudónimo literário de Filipe Araújo, nascido em 1966 em vila Nova de Famalicão. *Entre nós* é conto, os outros títulosaqui indicados recolhem poesia de versificaçom longa, recitaçom de matriz oral e muitas vezes torrencialidade de vocabulário.

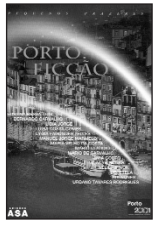
ONDJAKI

Quantas Madrugadas Tem a Noite (Caminho, Lisboa, 2004, 208 pp)

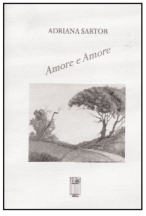


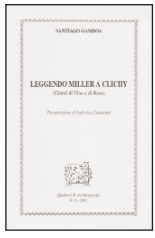
Ondjaki é pseudónimo de Ndalu de Almeida, nascido em Luanda em 1977, licenciado em Sociologia, cursado em interpretaçom teatral, algo agora em cinema... Já o tivemos por cá, já o falamos e brincamos, e já nos ficou para sempre no coraçom a todos. Sabemos que se dedica à ficçom (*Pulp Fiction*), à poesia, à pintura e ao teatro. Que publicou muita cousa para a sua idade (*Momentos de aqui, O Assobiador, Actu sanguíneu, Há Prendisajens com o Xão, Bom Dia Camaradas*), e que há de publicar muito mais. Já lhe chamaram «Mia Couto angolano», e também levamos o Mia no mesmo lado, mas há espaço para mais e para diferente. Porque Ondjaki afirma-se como um escritor incomparável do século XXI, que nos vai dar umha Luanda viajada e ao tempo de aldeia, na sua mistura de kimbundu com tiques do cinema americano, no seu gozo da palavra. *Quantas Madrugadas Tem a Noite*, que tivemos a sorte de ver em ainda em bruto, que tivemos a sorte de pegar entre os primeiros três exempalres que lhe deram de mostra, é umha consagraçom ou confirmaçom, "destinado a ser um marco na literatura angolana e na literatura de língua portuguesa em geral", alguém já escreveu. Terá o problema de registo lingüístico na linguagem coloquial, das falas elevadas a literatura, que nom será suficiente para deixar-nos de fora da extraordinária mestria narrativa, da história de fulgurante imaginaçom, da apreciaçom dos tipos e situaçons, do humor do peito, também do aspecto trágico da vida, tudo exposto com a fluência do contador da história na Luanda de hoje que eu imagino. Vejam: *«Num tenho dinheiro, num vale a pena te baldar. Mas, epá, vamos só desequilibrar umas birras; sentas aí, nas calmas, eu te pago em estória, isso mesmo, uma pura estória daquelas com peso de antigamente, nada de invencionices de baixa categoria, estorietas, coisas dos artistas: pura verdade, só acontecimentos factuais mesmo. A vida não é um carnaval? Vou te mostrar alguns dançarinos, damos e damas, diabo e Deus, a maka da existência. Transformo só o material pra lhe dar forma, utilidade. O artista molha as mãos pra trabalhar o destino do barro? Eu molho o coração no álcool pra fazer castelo das areias em cima das estórias... Uma noite, quantas madrugadas tem?»*♦

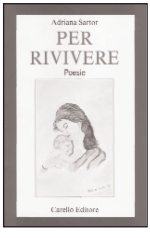
A Poesia é tudo –Antologia I (coordenador Francisco Guedes, 2004, 109 pp)

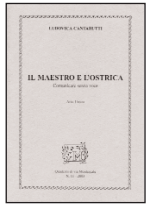


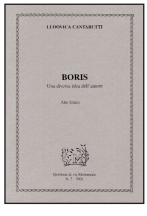
Também está aqui o Ondjaki, e o Serguilha, e o Peixoto, e o Ivo Machado, o Aurelino, a Ana Paula Tavares, o Patraquim, a Maria do Rosário Pedreira, o Vergílio, o Luís Adriano Carlos, o Vasconcelos, o Barreto Guimarães, até o Sérgio Godinho, e muita muita mais gente, todos os que passámos polas Correntes d'Escritas da Póvoa do Varzim, ou quase. Mas é só o princípio. Porque Francisco Guedes promete mais. O resultado é limpo e já polifónico, porque até o Mario Delgado Aparaín vai modulando já o castelhano neste volume. Algumhas gralhas, mas nada a entontecer um conjunto de alta qualidade♦



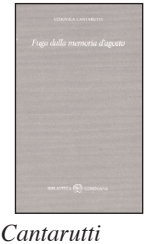


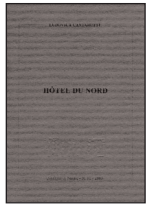


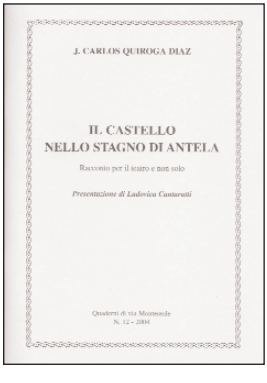




Ludovica Cantarutti







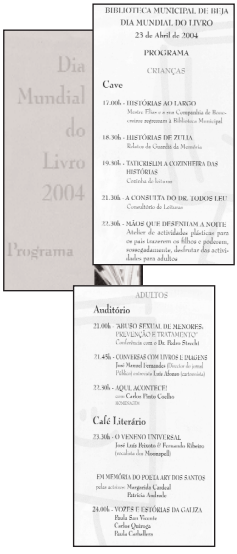
Para além de um par de capas de Adriana Sartor, temos aqui boa parte da obra pessoal de Ludovica Cantarutti, autora de umha biografia em verso da *Teresa d'Avila*, de quadernos de retratos de personagens pordenoneses, de teatro do social em *Boris* e *Il Maestro e l'Ostrica*, da poesia quase primeira dos anos setenta em *Fuga dalla memoria d'agosto*, dos breves quadernos de Natal, com nomes de pessoas, de hotéis, de Paris, dos seus *Signori della Memo-ria* parisinos, de livros a quatro maos... Mas também capas de autores que editou a partir da Associaçom *Via Monte-reale*, de que é presidenta em Pordenone, perto de Veneza. Esta Associaçom está empenhada em trazer maior (ou algumha) sensibilidade pola cultura da diversidade, promover encontros com autores de países longínquos, aprofundar nas características dos outros, difundir o conhecimento e o diálogo entre as pessoas que te-

nhem em si umha diversidade, considerada como umha riqueza. E passárom por lá Maria Chiara Coco, Santiago Gamboa, Tom Petsinis, Louis-Philippe Dalembert, Giacomo De Nuccio... E foi assim que o galego Carlos Quiroga recebeu um convite no presente ano, publicando em galego e italiano, com traduçom de Laura Scalambrin, a peça *O Castelo da Lagoa de Antela*, lançada e divulgada em Pordenone e Sacile, ao tempo que falava da cultura galega.

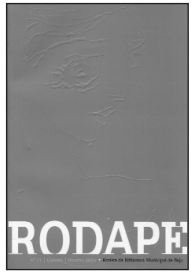
A Associaçom emprega basicamente a actividade editorial como meio de sensibilizaçom e interculturalidade, com a publicaçom dos quadernos, mas também a apresentaçom dos livros, as palestras dos convidados, os cursos de formaçom em Comunicaçom Facilitada, etc. A origem de tudo isto devemos procurá-la na dedicaçom da Ludovica escritora e jornalista à sua filha autista, Scilla, para promover também os escritos de gente empenhada na Comunicaçom Facilitada. A *Associazione* começou a publicar umha colecçom de *Quaderni* originados inicialmente para dar saída a *Le parole del silenzio* escrito por Scilla com o método da Comunicaçom Facilitada. O que está acontecendo depois tem um horizonte já bem mais alargado. No caminho de volta desta experiência também ficam conhecimentos de que o presente número da *Agália* dá amostras para este lado do mundo♦

Casahamlet 6 –Revista de Teatro (Maio 2004, 88 pp)

A revista de teatro dirigida por Francisco Pillado Maior dedica este número aos monólogos. Muita gente ligada ao meio, mas nom só; maior ou menor efectividade cénica nos textos, sempre ligados ao assunto de um úicio actor, seja no teórico (os menos) , seja nos textos para teatro (os mais); e também variável qualidade de matéria verbal, ainda que no ortográfico a uniformidade quase única para um único lado, salvo na presença no elenco de João Guisan Seixas ("Monólogo do homem invisível")♦



Rodapé, 11
–Revista da Biblioteca Municipal de Beja
(Outono/Inverno 2003, 170 pp)



Mais bela do que nunca, mais rica e colorida, mantendo secçom aberta para "Vozes da Galiza", com Paula S. Vicente e C. Quiroga, convidados no dia Mundial do Livro à Biblioteca sem sono da Cidade acordada, Beja, também presente nessa noite a Paula Carballeira contando histórias. E o Peixoto, o Fernando Ribeiro dos *Moonspell*. A revista do Joaquim Mestre é cada vez mais umha maravilha, à que acaba de aparecer-lhe umha prometedora irmá, a

Pé de Página, 1

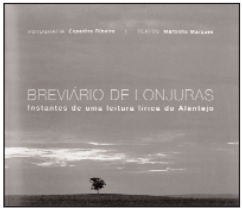
...52 pp e toda a atençom colorida para as crianças. Alguém sabe de cidade onde os malandros passem tomar o último copo na biblioteca?

JOAQUIM FIGUEIRA MESTRE
Beja –Olhares sobre a Cidade
(Edição da Câmara Municipa de Beja, 1991, 136 pp)

Reuniom das crónicas, mais de cinquenta, de Figueira Mestre publicadas anteriormente nas páginas do *Diário do Alentejo*. Estilo apaixonado, didáctico e directo, como afirma o presidente da Câmara, para conhecer o passado, os becos, a cidade sem sono♦

ALFREDO SARAMAGO
Convento de Soror Mariana Alcoforado
(Colares Editora, Sintra, 1994, 194 pp)

Belíssima ediçom de um ensaio historiográfico sobre a importância do Mosteiro, com quatrocentos anos de história ligados a Beja. E ainda finais consideraçons sobre a figura de Mariana Alcoforado♦



EXPEDITO RIBEIRO (fotografia) e MARTINHO MARQUES (textos)
Breviário de Lonjuras (Câmara Municipa de Beja, 2000, 79 pp)

Daqueles livros de que sempre gostamos nas montras caras. Fotos deslumbrantes da deslumbrante paisagem alentejana. Poemas/textos a ir-lhe atrás mergulhando nas fotos♦

ALICE VIEIRA
Canção de Outono (Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 2004)

Magnífica ideia. No dia 23 de Abril, dia mundial do livro, raparigas repartindo na porta da Biblioteca Nacional de Lisboa alguns dos 60.000 exemplares deste conto de 16 páginas. Comemoremos♦

JORGE REIS-SÁ, ISABEL LHANO, VALTER HUGO MÃE
Afectos e outros afectos
(Quasi edições, Vila Nova de Famalicão, 2004, 450 pp)

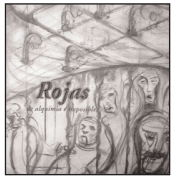
E para comemorar, a Quasi, 5 anos. Com um livro especial. Quase um daqueles catálogos de papel inalcançável. As pinturas dela mereciam, reproduzindo acrílicos sobre tela absolutamente estonteantes. Os textos deles também, dedicaçom e envios de afecto e amizade. Até o prefácio de Mário Soares♦

Para ver também é a exposiçom "Viver Timor", que entre outras cidades se viu em Viana. Promovida pola AMI, Assistência Médica Internacional, de cujo catálogo tiramos amostra. Os jornalistas que durante os anos da ocupaçom indonésia pas-

saram pola antiga colónia portuguesa ôrom quase sempre fulminados polos olhares de autenticidade que Adelino Gomes, no prefácio, chama de "alams e estados de alma". Eles contavam a tragédia. A foto que recolhemos é de Daniel Marques Rocha, actualmente Reporter Fotográfico do diário *Público*♦

viver TIMOR

Rojas, de alquimia e imposible (2004, 104 pp)



Também um catálogo, esta vez de um pintor, emigrante em México, estabelecido em La Paz. E para além da pintura, o texto do seu filho, Eduardo Rojas, que na difícil tarefa de falar da arte do pai equilibra um relato e peripécia de amizade que até passa no Portugal amigo♦

A Esmorga (variável!)

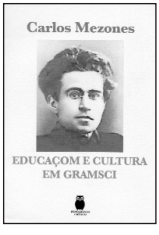
Anda a infantaria das escolas na sua procura, *Gata-Tola* compostelana e naqueles lugares onde se acha de borla. Nom é fácil buscar responsabilidades para preservar a frescura e a irreverência deste formato CD com música atenta ao presente do nosso dia-a-dia, e com letra libertada dos subsídios da ortografia espanhola. Talvez devíamos calar a boca e deixar que continuassem aplicando clínicos sorrisos nas caras de quem leia. Mas sabemos-lhes os nomes e invejamos nom poder fazer o mesmo da *Agália*♦

KIKE BENLLOCH, ***Longe tão perto*** (Laiovento e AGAL, Compostela, 2004, 125 pp)

O corunhês Kike Benlloch acabou de ver publicado o seu livro de contos *Longe, tão perto*, com 16 histórias, que supom a sua estréia como escritor em prosa, acompanhadas de fotografias de Brais Rodríguez. O livro faz parte da colecçom "Criaçom" da AGAL, e da colecçom "Vento do Sul" da editora Laiovento, que mais uma vez publica em parceria com a Associaçom Galega da Língua. Kike Benlloch desenvolve a sua actividade em diferentes campos. Tem trabalhado como redactor para muitos meios electrónicos e como produtor para *Culturagalega.org*, o portal de Internet do Conselho da Cultura Galega. ♦

CARLOS MEZONES

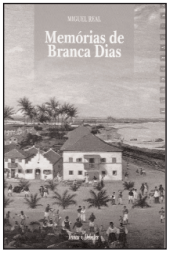
Educaçom e Cultura em Gramsci (Pensamento Crítico, Vic, 2004, 116 pp)



Com o objectivo de dar a conhecer o pensamento dialéctico de António Gramsci relacionado com o rol da cultura na sociedade civil e, além disso, comemorar o centenário (1891-1991) do nascimento desse grande pensador, foi que o educador e escritor venezuelano Carlos Mezones escreveu *Educaçom e Cultura em Gramsci*, publicaçom que desde já pode ser lida em versom galego-portuguesa graças à traduçom de Mário J. Herrero Valeiro♦

MIGUEL REAL

Memórias de Branca Dias (Temas e Devates, Lisboa, 2003, 170 pp)



Miguel Real é Professor de Filosofia em Sintra e, em 1999, professor do seminário de "Cultura Portuguesa" do *Curso de Estudos Portugueses para Estrangeiros* e do Curso de verao da Faculdade de Letras de Lisboa. Integra actualmente, após a defesa da tese de mestrado em Estudos Portugueses, o Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares da Universidade Aberta. Ganhou o *Prémio Revelação de Ensaio Literário* da *Associação Portuguesa de Escritores* com *Portugal –Ser e Representação*... E estivemos o 23 de Janeiro no lançamento em Viana, *Caféteatro*, às 18:00, onde convinha verdadeiramente a este livro. Porque Branca Dias, a dama a que se refere a obra, era oriunda de Viana do Castelo. Denunciada pola mae e pola irmá e presa pola Inquisiçom, embarca para o Brasil com sete filhos, juntando-se ao marido, Diogo Fernandes, para ter umha existência entre a História e a Lenda. Branca Dias é considerada umha das matriarcas do Pernambuco e, no Brasil do século XVI, é a primeira mulher a praticar «esnoga», a primeira «mestra laica de meninas» e umha das primeira «senhoras de engenho». E esta é a sua história romanesca, onde a protagonista rememora a sua vida, da infância no Minho à velhice em Olinda. Um romance histórico minuciosamente documentado que recria com inteligência umha grande história humana♦

XVII Festival da Poesia

Verbas para nom esquecer... (S. C. D. Condado, 2003, 156 pp)

Eis o livro comemorativo do último Festival da Poesia de Salvaterra de Minho, que decorrera entre 3 e 6 de Setembro do passado ano, com palavras de ordem na capa contra a guerra e contra o desastre do *Prestige*. As fotografias interiores referem também a catástrofe. Limiar poético de Manuel Rivas, apresentaçom recopilatória de frases "notáveis" dos padrinhos dos anteriores festivais (o deste era Carlos Blanco), e amostras poéticas de 14 poetas da Galiza, 1 de Euskadi, 1 de Portugal e 1 de Brasil, com algum dado fotobiográfico. Conta-se que o melhor é a festa, mas também é meritório que fique recordaçom♦

Raquel Miragaia

Diário Comboio (AGAL e Laiovento, Compostela, 2002, 98 pp)

A Associaçom Galega da Língua e a editora Laiovento distribuem já a nova ediçom da narrativa *Diário Comboio*, de Raquel Miragaia, que publicam de parceria, e que debutou no mercado nos inícios do ano passado. É este o primeiro volume em Galego-Português do novo século que atinge reediçom. O livro inclui como ilustraçom fotografias de Luz Castro. *Diário Comboio* foi livro muito valorizado pola crítica galega que, apesar da censura e silenciamento sistemáticos que costuma dedicar aos textos em Galego-Português, nesta ocasiom reconheceu os méritos e acertos de um trabalho literário muito singular e original, que representa mesmo umha renovaçom respeito ao medíocre e recorrente panorama da narrativa no subsidiado Galego-Castelhano♦

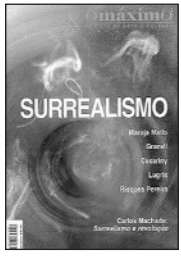
Novidades Lusófonas na ***Biblos***

O clube de leitores galego *Biblos* vem de assinar acordos com as editoras portuguesas Dom Quixote e Caminho. Entre as ediçons que oferecerám destaca umha biblioteca fundamental de literatura. Durante um ano, cada bimestre serám oferecidos dous autores da Dom Quixote, editora com umha boa selecçom de obras portuguesas♦

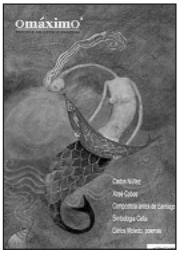
GZe-ditora e o *Fórum da Língua*

A editora de e-books da AGAL, GZe-ditora, volta para trazer-nos as conclusons do "I Fórum da Língua", que decorreu em Compostela o 28 de Fevereiro, organizado polo MDL, e com a participaçom de praticamente todo o reintegracionismo galego. Subordinado ao título *Um espaço para o debate sobre a situaçom actual e as estratégias de futuro do reintegracionismo. Conclusões do Fórum da Língua*, apresenta as análises de actuaçom realizadas em cada umha das palestras e as propostas de actuaçom futuras♦

OMÁXIMO 2, 3, 4



O número 2 da revista de arte e cultura OMÁXIMO dedicou as suas páginas ao surrealismo galego e português, abrindo com a reproduçom de umha entrevista que Mário Cesariny dera para o *MilFolhas* do *Público* em Janeiro de 2002 e que ainda continua vigente. Também os poemas e desenhos de Risques Pereira se recolhem da publicaçom recente da sua obra completa por parte da Quasi, e do catálogo da exposiçom que lhe brindou a Fundaçom Cupertino de Miranda. Um dos poemas, por certo, já estava no *Um gato partiu à aventura* que comentamos na *Agália* 69-70 de 2002, relativa aos quadernos de poesia surrealista traduzidos por Perfecto Cuadrado. A este se deve, sem dúvida, o maior ineditismo dalgumhas páginas polo que se refere às fotos, especialmente com Cesariny, que facilitou do seu arquivo particular. De resto, o ensaio sobre surrealismo de Carlos Machado mantém o nível de profundidade e divulgaçom, que convém a umha publicaçom como esta, acerca do movimento em questom. Já a cartografia de algumhas figuras sobre Lisboa range, ao pôr a olhar desde dentro estrangeiros como Kegler ou Tabajara, ainda que tem piada a frase do brasileiro, como tem que sejam os galegos, umha Yolanda Castaño e um Camilo Franco, a representarem o olhar de fora. Enfim, as secçons habituais da revista nas suas 48 páginas, e a alta qualidade da ilustraçom de Carmen González Otero.



O número 3 dedica especial atençom a Compostela. Entrevista ao gaiteiro Carlos Núñez: *"o galego, o português, o brasileiro, é o mesmo (...) quando estás na música, na língua, reparas em que as fronteiras nom existem"*, e ainda acrescenta que *"estamos num império, mas temos a sorte de fazer algo diferente que nos fai livres, porque nos fai sonhar com cousas diferentes"*. Na secçom *Radar* contributo de Paulo Castelo-Melhor com os apontamentos "Compostela antes de Santiago". Também interessante encontro-entrevista com Xosé Tobas, pintor e ilustrator, e um estudo sobre a simbologia celta, sob o título de "Caminho simbólico", e ainda poemas de Carlos Moledo que acompanham todo o exemplar. Para além disso, as habituais *Eros festivo*, com o relato "Cânticos", ou *Filosofias controversas* e a *Roleta* completando o número.

Quanto ao número 4, que acaba de sair, escolhe-se como motivo monográfico **O Mar/ a sua gente**, o mar como meio de vida e relacionamento, tema que haverá de voltar no próximo número. No presente, poemas de Roque Torres, Ignacio Castro na "Visom" do medo, ondas, linha do bordo, a continuaçom das Filosofias controversas, etc. Como vem sendo habitual, a parte visual, esta vez apoiada na obra pictórica de Xabier Castro, umha atmosfera do abissal oceánico, mas também nas aportaçons de Carmen González Otero, Carlos Mosquera e Javier Sanvicente, outorgam a distinçom à publicaçom, que se está tornando umha revista para ver. De qualquer modo, há também reflexons e narraçons do ponto de vista da actividade pesqueira, da biologia marinha ou da construçom naval♦